



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS**

Louis-Jacksonne Lucien

ESQUEMAS DE PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS PELAS CLASSES POPULARES E A ORDEM SOCIAL NO HAITI DE 1986 A 2018: Uma explicação da inexistência de um "Movimento Popular" no campo político haitiano.

**Cuiabá/MT
Fevereiro 2020**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS**

Louis-Jacksonne Lucien

ESQUEMAS DE PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS PELAS CLASSES POPULARES E A ORDEM SOCIAL NO HAITI DE 1986 A 2018: Uma explicação da inexistência de um "Movimento Popular" no campo político haitiano.

Dissertação apresentada à Insituto de Ciências humanas e sociais da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de pesquisa: Sociedade, cultura e poder (PPGS/UFMT).

Orientador: Dr. Edson Benedito Rondon Filho

Cuiabá/MT

Fevereiro 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

L937e LUCIEN, Louis-Jacksonne.
 ESQUEMAS DE PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS PELAS CLASSES POPULARES E A ORDEM SOCIAL NO HAITI DE 1986 A 2018: Uma explicação da inexistência de um "Movimento Popular" no campo político haitiano. / Louis-Jacksonne LUCIEN. -- 2020
 268 f. ; 30 cm.

Orientador: Dr. Edson Benedito Rondon Filho.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Cuiabá, 2020.
 Inclui bibliografia.

1. Campo político haitiano. 2. movimento popular. 3. classes populares. 4. esquema de percepção. 5. estruturalismo genético.. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - Cuiabá/MT
Tel : (65) 3615-8478 - Email : posociologiaufmt@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "ESQUEMAS DE PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS PELAS CLASSES POPULARES E A ORDEM SOCIAL NO HAITI DE 1986 A 2018: Uma explicação da inexistência de um "Movimento popular" no campo político haitiano."

AUTOR : Mestrando LOUIS-JACKSONNE LUCIEN

Dissertação defendida e aprovada em 28/02/2020.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador Doutor(a) Edson Benedito Rondon Filho
Instituição : FACULDADE CATÓLICA RAINHA DA PAZ / FCÁRP

Examinador Interno Doutor(a) Telmo Antonio Dinelli Estevinho
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Externo Doutor(a) Marinete Covezzi
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

CUIABÁ, 28/02/2020.

AGRADECIMENTOS

Eu nunca teria conseguido de conduzir individualmente ao seu ponto culminante, que é esta dissertação, esse projeto de pesquisa que elaborei. Aqui gostaria de expressar minha gratidão a todos aqueles que me acompanharam durante esse momento.

Primeiro, a primeira pessoa a quem devo o privilégio de realizar esses estudos, o professor Edson Benedito Rondon Filho, por confiar no meu projeto e por escrever o relatório favorável que me beneficiou da bolsa de estudos do programa de bolsas do PAEC OEA-GCUB do ano de 2018 para este mestrado. E, é claro, a orientação constante e extraordinária que recebi do professor para levar a cabo essa pesquisa foi essencial para a qualidade do resultado.

Também devo ao professor e a toda sua família, sua esposa Maria Izabel Ferreira e seus enteados (Tiago e Diego), uma dívida inestimável por ter me recebido como membro da família durante meus dois primeiros meses no Brasil, pelo apoio durante os procedimentos administrativos que tive que empreender e durante os dois anos de estudo.

Em segundo lugar, um agradecimento especial aos membros da minha família, meus pais, meus irmãos e minha irmã que, seja no Haiti e em outro lugar, nunca deixaram de me apoiar e encorajar.

Esses anos de estudo certamente teriam sido mais difíceis sem a compreensão e o apoio de todos os membros do Programa de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Mato Grosso, os professores e de todos os meus colegas de estudo.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilitou essa pesquisa ao me conceder uma bolsa.

Agradeço o meu amigo Peterson Anténor e o professor Etzer Émile, cujo apoio foi decisivo para tornar possível essa aventura. Finalmente, um grande obrigado aos meus compatriotas Antoniel Joseph Louis e Réginal Exavier por sua presença, a amizade deles é um dos principais presentes que guardarei desses anos.

« O objeto da ciência social é uma realidade que abrange todas as lutas, individuais e coletivas, destinadas a conservar ou transformar a realidade, e em particular as que estão em jogo na imposição da definição legítima de realidade e cuja eficácia propriamente simbólico pode contribuir para a preservação ou subversão da ordem estabelecida, isto é, da realidade ».

Bourdieu (1980a, p.244).

« [...] todo sistema de esquemas percepção e de pensamento exerce uma censura primordial, na medida em que não pode dar origem a pensar e perceber o que dá para pensar e perceber, sem produzir *eo ipso* um impensável [...] ».

Bourdieu (2000, p.305).

RESUMO

Este trabalho de pesquisa busca analisar a interferência dos *esquemas de percepção* das relações sociais estabelecidas pelas classes populares na constituição de movimento popular de transformação da *ordem social* no Haiti de 1986 a 2018. Em síntese, trinta anos atrás, sob a liderança de vários fatores e uma forte presença das categorias sociais populares, a sociedade civil haitiana enfrentou a ditadura dos Duvalier, enquanto reivindicava a construção de uma sociedade democrática e menos desigualitária. Segundo a leitura majoritária, mais do que a queda da ditadura que ocorreu em 1986, esse movimento visou uma transformação total da estrutura social que produz a exclusão em massa na sociedade haitiana. No entanto, hoje muitos pesquisadores fazem, por um lado, uma declaração de fracasso e falam, por outro lado, da falta de um movimento social progressista no Haiti. Com efeito, apesar da permanência da crise societária e do agravamento de suas condições de vida, as categorias sociais populares não conseguem constituir um "movimento popular" com vistas a uma transformação de relações estruturais desiguais. A questão problema a ser respondida é: Como os esquemas de percepções das relações sociais das classes populares do Haiti interferiram / interferem na constituição de um movimento político, entre os anos 1986 e 2018, que transformasse a ordem social naquele país? Assim, formulamos a hipótese de que as *classes populares* do Haiti (os pequenos camponeses haitianos, a maioria das categorias urbanas), em sua maior parte, excluídas do mercado formal do trabalho e *sem um capital escolar significativo* apresentam *esquemas de percepções* das relações sociais, herdadas da vida camponesa, reforçadas pela moralidade religiosa - despossuídas da possibilidade de conceber a sociedade como um *espaço de lutas objetivas*. A abordagem é qualitativa, com uma fase exploratória seguida de descrição. A pesquisa bibliográfica deu suporte para coleta de dados indiretos e para os dados diretos se desenvolveu um roteiro de entrevista semiestruturada realizada com diferentes sujeitos das classes populares para coletar e analisar as suas percepções de relações sociais, lutas políticas e sociais. O suporte teórico é o estruturalismo genético de Pierre Bourdieu, sobretudo as categorias de *habitus* e campos sociais. Nossos dados confirmam que a maioria dos entrevistados concebe relações sociais com base na apropriação *doxica* das relações estruturais entre classes e da evidência de sua humanidade, cujo pedido de reconhecimento é a base de suas críticas às classes dominantes. Suas opiniões sobre lutas políticas e sociais revelam um desconhecimento dos antagonismos dos campos sociais, expressa pelo seu apelo à unidade, entre políticos e classes sociais. As declarações demonstraram que o apelo à unidade das classes pelas categorias populares reflete acima de tudo uma crítica ao individualismo das classes dominantes e uma percepção comunitária das relações sociais em total afinidade lógica com a norma da sociedade tradicional haitiana que queria banir qualquer espírito individualista dos agentes socializados dentro de suas estruturas, priorizando estratégias educacionais que inculcassem uma valorização total do espírito comunitário nos indivíduos para a preservação dessa comunidade. Privadas dos meios de produção cultural do mundo social, essas classes mobilizam seus esquemas comunitários de relações para formular seus julgamentos de lutas sociais e políticas. Seu *ethos* de classe é totalmente estranho à lógica prática das sociedades capitalistas. Esses esquemas interferiram na constituição de um movimento popular na medida em que essas classes populares preferiram rejeitar, em vez de legitimar os discursos heréticos que tentam desvendar a conflitualidade estrutural que os une à oligarquia haitiana, pois são contrários ao seu senso comum. Em suma, isso interferiu na constituição de um movimento popular de transformação da ordem social haitiana, pois a partida de julgamentos éticos dessas classes populares das lutas fez com que estas se tornassem incapazes de se constituir em uma classe efetiva, isto é, mobilizada em confronto com a oligarquia como uma classe adversa contra a qual é necessário lutar.

Palavras-chave: Campo político haitiano – movimento popular – classes populares – esquema de percepção – estruturalismo genético.

ABSTRACT

This research work has as a general objective to analyze the interference of the perception patterns of social relations by the popular classes in the difficulty of constituting a popular movement for a transformation of the social order in Haiti from 1986 to 2018. Thirty years ago, under the impetus of various factors, and a strong presence of the popular social categories, the Haitian civil society confronted the dictatorship of the Duvaliers, while claiming the construction of a democratic society and less inegalitarian. According to the majority reading, more than the fall of the dictatorship that will occur in 1986, this movement aimed at a total transformation of the social structure producing mass exclusion that is Haitian society. However, today many researchers make, on the one hand a statement of failure and even speak on the other hand, the lack of a progressive social movement in Haiti. Indeed, in spite of the permanence of the societal crisis and the worsening of their living conditions, the popular social categories do not manage to constitute a "popular movement" with a view to a transformation of unequal structural relations. The problem question to be answered is: How did the perceptions of social relations perceptions of the popular classes of Haiti interfere / interfere in the constitution of a political movement between 1986 and 2018 that would transform the social order in that country? Thus, we formulate the hypotheses that: The Haitian peasantry, the majority of the urban categories, largely excluded from the formal labor market and without significant school capital showed patterns of perceptions of social relations inherited from peasant life reinforced by religious morality - deprived of the possibility of conceiving society as a space of objective struggles. The approach of this research will be qualitative, with an exploratory phase followed by a description. The literature search will support the collection of indirect data. For the direct data, we will develop a semi-structured interview guide to interrogate different subjects of the popular classes in order to collect and analyze their perception of social relations, political and social struggles. The theoretical support is Pierre Bourdieu's genetic structuralist, in particular the categories of habitus and the social fields. Our data confirm that most respondents conceive social relations based on the doxical appropriation of structural relations between classes and the evidence of their humanity, whose request for recognition is the basis of their criticism of the ruling classes. Their views on political and social struggles reveal a lack of awareness of the antagonisms of social fields, expressed by his appeal to unity between politicians and social classes. The statements demonstrated that the appeal to the unity of the classes by the popular categories reflects above all a critique of the individualism of the ruling classes. A community perception of social relations in total logical affinity with the standard of traditional Haitian society that wanted to ban any individualistic spirit from socialized agents within its structures, prioritizing educational strategies that inculcated a full appreciation of the community spirit in individuals for the preservation of this community. Deprived of the means of cultural production of the social world, these classes mobilize their community relations schemes to formulate their judgments of social and political struggles. Its class ethos is totally foreign to the practical logic of capitalist societies. These schemes interfered with the constitution of a popular movement to the extent that these popular classes preferred to reject rather than legitimize heretical discourses that attempt to unravel the structural conflict that unites them with the Haitian oligarchy because they are contrary to their common sense. In short, this interfered with the constitution of a popular movement of transformation of the Haitian social order, because the departure of ethical judgments of these popular classes of struggle made them unable to constitute an effective class, that is, mobilized in confrontation with the oligarchy as an adverse class to fight against.

Keywords: Haitian political field - popular movement - popular classes - perception scheme - genetic structuralism.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - A EVOLUÇÃO DOS IMPOSTOS DIRETOS E INDIRETOS NAS LEIS FINANCEIRAS ENTRE 2014-2019 (EM GOURDES).	72
TABELA 2 - A EVOLUÇÃO DAS RECEITAS DO GOVERNO EM RELAÇÃO AOS DIFERENTES TIPOS DE IMPOSTOS ENTRE 2014-2018.	73
TABELA 3 - GASTOS SOCIAIS DOS GOVERNOS HAITIANOS PER CAPITA DE 2000-2001 A 2005-2006.....	74
TABELA 4 - OCUPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.	129
TABELA 5 - OS ENTREVISTADOS DE ACORDO COM SEU NÍVEL DE EDUCAÇÃO.	131
TABELA 6 - DENOMINAÇÃO RELIGIOSA AUTODECLARADA PELOS ENTREVISTADOS.....	131
TABELA 7 - GÊNERO DOS ENTREVISTADOS.....	131
TABELA 8 - OS ENTREVISTADOS DE ACORDO COM O GRUPO DE SUA IDADE	132
TABELA 9 - OS ENTREVISTADOS DE ACORDO COM SEU LOCAL DE RESIDÊNCIA E SUA REGIÃO.	132
TABELA 10 - OS ENTREVISTADOS DE ACORDO COM O MODO DE JULGAMENTO DELES DA POLÍTICA.....	155

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS SOBRE A SITUAÇÃO SOCIAL DO PAÍS.....	133
QUADRO 2 - PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS DO PRINCIPAL DETERMINANTE DA SITUAÇÃO SOCIAL DO PAÍS.	136
QUADRO 3 - PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS DOS POLÍTICOS.....	141
QUADRO 4 - PERCEPÇÕES DAS LUTAS POLÍTICAS.....	144
QUADRO 5 - O COMPORTAMENTO IDEAL ENTRE OS POLÍTICOS	158
QUADRO 6 - PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS À RESPEITO DA BURGUESIA HAITIANA.....	173
QUADRO 7 - DETERMINANTES DO COMPORTAMENTO DOS BURGUESES.	178
QUADRO 8 - O COMPORTAMENTO IDEAL DOS BURGUESES SEGUNDO OS ENTREVISTADOS.	193
QUADRO 9 - PERCEPÇÕES DOS DISCURSOS HERÉTICOS PELOS ENTREVISTADOS.	215
QUADRO 10 - PERCEPÇÕES DA PERSPECTIVA DE LUTA ENTRE OS GRUPOS SOCIAIS.	219
QUADRO 11 - PERCEPÇÕES DO DISCURSO UNITÁRIO PELOS ENTREVISTADOS.....	234

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGD	-	Administration Générale des Douanes
APN	-	Autorité Portuaire Nationale
BRH	-	Banque de la République d'Haïti
CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CASEC	-	Conseil d'Administration de la Section Communale
CEPALC	-	Comisión Económica para América Latina y el Caribe
CFPB	-	Contribution foncière et des propriétés bâties
CIRAD	-	Centre de coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement
CIST	-	Conférence Internationale de Statistique et du Travail
CNUCED	-	Conférence des Nations Unies sur le Commerce et le Développement
CSC/CA	-	Cour Supérieure des Comptes et du Contentieux Administratif
DGI	-	Direction Générale des Impôts
DSNCRP	-	Document de Stratégie Nationale pour la Croissance et la Réduction de la Pauvreté
EEEI	-	Enquête sur l'emploi et l'économie informelle
EUA	-	États-Unis d'Amérique
FAMV	-	Faculté d'Agronomie et de Médecine Vétérinaire
FASCH	-	Faculté des Sciences Humaines
FNE	-	Fonds National de l'Éducation
IDEA	-	Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale
IHSI	-	Institut Haïtien de Statistique et de l'Informatique
IR	-	Impôt sur le revenu
KOPI	-	Konbit Peyizan Ilavach
MARNDR	-	Ministère de l'Agriculture des Ressources Naturelles et du Développement Rural
MEF	-	Ministère de l'Économie et des Finances
MENFP	-	Ministère de l'Éducation Nationale et de la Formation Professionnelle
MPCE	-	Ministère de la Planification et de la Coopération Externe
NDLR	-	Note de la Rédaction
ONA	-	Office National d'Assurance-Vieillesse
ONG	-	Organisation non-gouvernementales
ONU	-	Organisation des Nations Unies
OP	-	Organisation Populaire
ONPES	-	Observatoire National de la Pauvreté et de l'Exclusion Sociale
PAIN	-	Parti Agricole et Industriel National
PCH	-	Parti Communiste Haïtien
PCV	-	Programme de coopération volontaire
PDEF	-	Plan Décennal d'Éducation et de Formation (PDEF). Planifier l'éducation, préparer le futur
PIB	-	Produit Intérieur Brut
PSP	-	Parti Socialiste Populaire
PSUGO	-	Programme de Scolarisation Universelle, Gratuite et Obligatoire
RGA	-	Recensement Général de l'Agriculture
RSFEEDP	-	Rapport sur la situation financière de l'État et l'efficacité des dépenses publiques
SACAD	-	Systèmes Agraires Caribéens et Alternatives de Développement
TKL	-	Ti Komite Legliz
UEH	-	Université d'État d'Haïti
UNESCO	-	Organisation des Nations Unies pour l'Éducation, la Science et la Culture
WBG	-	World Bank Group

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	LUTAS SOCIAIS, MOVIMENTOS POPULARES, ORDEM SOCIAL NO HAITI (1986-2018)	29
2.1	O FRACASSO DOS MOVIMENTOS POPULARES DE 1980 A 1994	29
2.2	DEIXANDO DE LADO O POVO EM LUTA PARA PERPETUAÇÃO DA ORDEM SOCIAL	33
2.2.1	A ascensão da plebe e sua retirada	34
2.2.2	Do movimento social pela mudança para uma democracia liberal sob liderança internacional	35
2.3	PERPETUAÇÃO DA ORDEM SOCIAL	37
2.3.1	Ideologia da modernização e lutas populares	38
2.3.2	Movimentos populares e o fim de crise	40
2.3.3	Elementos para outras hipóteses	43
2.4	O SISTEMA PARTIDÁRIO HAITIANO DE 1986-2018	63
2.4.1	A ordem social haitiana de 1986-2018	68
2.4.2	Os movimentos populares de 1986-2018	76
3	A SOCIOLOGIA DE BOURDIEU, SUA VISÃO DA POLÍTICA: CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DE UM "MOVIMENTO POPULAR"	87
3.1	O CONHECIMENTO PRAXIOLÓGICO, O <i>LUGAR GEOMÉTRICO</i> DE PIERRE BOURDIEU	88
3.2	ESPAÇO SOCIAL E CLASSES SOCIAIS NA SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU	93
3.3	SOCIOLOGIA POLÍTICA DE PIERRE BOURDIEU: CAMPO POLÍTICO, DELEGAÇÃO E REPRESENTAÇÃO	99
3.3.1	Uma crítica da filosofia implícita da democracia liberal	99
3.3.2	Campo social e campo político	104
3.3.3	Delegação e representação	106
3.4	CATEGORIAS DE ANÁLISES	111
3.4.1	Esquemas de percepção	111
3.4.2	Classes populares.....	118
3.4.3	Ordem social	124
3.4.4	“Movimento popular”.....	124
4	ANÁLISE DOS DADOS: Leitura da realidade política e relações sociais pelas classes populares	126
4.1	APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS PROFISSIONAIS ENTREVISTADAS	126

4.2	APRESENTAÇÃO DA LEITURA DA SITUAÇÃO SOCIAL E OPINIÕES SOBRE A REALIDADE POLÍTICA	130
4.2.1	Observação dos problemas sociais, decepção, falta de esperança	131
4.2.2	Decepção, falta de confiança e rejeição dos políticos	139
4.2.3	Crítica da política e tentativa de fazer uma ligação com as classes dominantes	150
4.3	O APELO À UNIDADE NA SOCIEDADE LANÇADO PELAS CLASSES POPULARES HAITIANAS	155
4.3.1	Apelo à unidade e formas de se relacionar com o mundo	157
4.3.2	Apelo à unidade entre os políticos pelas classes populares	161
4.3.3	Percepções das relações sociais pelas classes populares haitianas	170
4.3.3.1	Percepções e crítica da burguesia pelas classes populares haitianas	171
4.3.3.2	Críticas, esquemas comunitários e clamor pelo reconhecimento	179
4.3.3.2.1	<i>Críticas e aceitação tácita das desigualdades entre classes</i>	180
4.3.3.2.2	<i>O dever de solidariedade das categorias privilegiadas e a sociedade tradicional haitiana</i>	190
4.3.3.2.3	<i>Visões comunitárias e pedido de reconhecimento</i>	201
4.3.3.3	Esquemas de percepção das relações sociais e discursos heréticos .	209
4.3.3.3.1	<i>Julgamentos éticos, julgamentos comunitários e rejeição de discursos heréticos</i>	213
4.3.3.3.2	<i>Esquemas de percepção das relações sociais e discurso unitário ...</i>	232
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	245
	REFERÊNCIAS	250
	APÊNDICES	265

1 INTRODUÇÃO

Passaram-se mais de 30 anos desde que a sociedade civil embrionária haitiana fez a escolha por enfrentar a ditadura dos Duvalier e exigir, com toda a sua força, a liberdade de construir uma sociedade democrática e menos desigual. Depois de 29 anos de governo total (pai e filho), o ditador Jean-Claude Duvalier, que sucedeu seu pai, François Duvalier, em 1971, foi forçado a deixar o poder em face de uma mobilização popular multiforme, sem precedentes, sob o impulso de diferentes fatores, como observou Jean-Baptiste Chenet (2011, p.7):

[...] interno (crise econômica e mobilização social) e externo (pressão do governo americano presidido por Jimmy Carter relacionado à política do direito humano), o regime é forçado a iniciar uma "tímida abertura democrática". Durante este período, de 1977 a 1980, foi observada a emergência de uma mídia de impressão independente, a retomada limitada da atividade política partidária e da ação sindical.

Franklin Midy (2017) resume o período com estas palavras:

O final dos anos 1970 e início dos anos 80 viu, em uma cena política ainda embrionária, dois partidos políticos afirmando seu direito de existir dentro da estrutura da ditadura vitalícia, por um lado, e mais significativamente, um movimento social emancipatório exigindo uma mudança radical na sociedade da desigualdade e da exclusão, por outro lado.

A crise econômica, trazida a reboque desses fatos, foi reforçada por vários fatores, como o aumento da população camponesa e consequente aumento do êxodo rural, sendo que vários autores a situam anos antes da ditadura, o que lhes permite afirmar que dessa crise decorreu a "solução totalitária" de uma "burguesia haitiana" incapaz de propor um projeto político. Analisando o período anterior à ditadura, Michel-Rolph Trouillot sublinha que "[...] O desastre ecológico e o crescimento da população rural, por sua vez, reforçam a migração para os centros urbanos e mais particularmente para Porto Príncipe, cuja a população cresce a uma taxa enorme de 6% ao ano 1950-1955" (1986, p.151). Diante da crise, as autoridades públicas aumentaram o imposto sobre o café produzido pelo campesinato e um dos principais produtos de exportação. Michel-Rolph Trouillot observa que: « [...] a parte do governo [...] passou de 16% em 1953 para 24% em 1954 e 27% em 1955-56: o campesinato está encurralado. O déficit orçamentário está crescendo; a dívida pública do mesmo (61 milhões em 1957). François Duvalier herdou uma dívida externa que alcançou, um mês antes de seu juramento, "seu nível mais alto na história econômica do Haiti" » (PIERRE CHARLES,

1967, p.151; TROUILLOT, 1986, p.152). A leitura de Sauveur Pierre Etienne (2012, p.27) não é diferente, ao observar que:

Para compreender a extensão da crise social haitiana, deve ser lembrado que, de 1950 a 1988, a produção de cereais (arroz, milho, sorgo) aumentou apenas 8%, enquanto a população duplicou, atingindo cerca de 7.000.000 de habitantes. Em 1986, a produção de alimentos per capita diminuiu 13% desde 1979. A participação da agricultura no produto interno bruto diminuiu de 44% em 1950 para 28% em 1988.

A ditadura foi apenas uma solução totalitária para a crise, mas a situação econômica continuou em declínio. Jean-Claude Duvalier, sucedendo seu pai no início do ano de 1971, propôs o objetivo de alcançar uma "revolução econômica", após a "revolução política" que teria realizado seu pai. Durante a implementação de seu projeto, o país se torna um local especial para o setor de subcontratação (CHENET, 2011, p.73)¹. Em parte, aconteceu o desenvolvimento econômico, pois "[...] de 1970 a 1980, o país vive um período de crescimento estável cuja taxa média anual é estimada em 4,7%" (CHENET, 2011, p.73). No entanto, nota também, Jean-Baptiste Chenet que "o embelezamento [...] permanece artificial [...]; por três razões principais: [...] o crescimento não mudou a estrutura econômica do país; estagnação da produção agrícola e destruição do meio ambiente; e, finalmente, a corrupção e as desigualdades sociais" (2011, p.75-76). De fato, "De 1978 a 1984, o Banco de Compensações Internacionais (BRI) estimou os depósitos totais do Haiti em bancos estrangeiros em US \$ 1.262 milhões, ou uma média anual de US \$ 180 milhões" (CHENET, 2011, p.77). No mesmo período "[...] o Banco Mundial estabelece que 60% da população tem 20% da renda nacional. E cerca de 1% detinha quase 44%. A diferença de renda entre a fração da população mais pobre e a minoria mais rica é de cerca de 176%" (CHENET, 2011, p.77). Assim, essa crise levará, a partir do início da década de 1980, ao agravamento da crise econômica (CHENET, 2011, p.79)², o se explica, em certa medida, a extensão da mobilização popular.

¹ « [...] as indústrias de montagem, em número de 13 em 1966, aumentaram para 55 em 1971, chegando a cerca de 200 em 1984, empregando cerca de 60.000 trabalhadores. Este setor de subcontratação também teve uma importância progressiva nas exportações líquidas totais do país: de 6,5% sua contribuição aumentou para 15% em 1977 e 25,3% em 1980 (Fred DOURA. **Economie d'Haïti : dépendance, crises et développement**. Tome I. Montréal. Editions DAMI, p. 141-145, 2001) ».

² « O déficit orçamental estimado em 7,5% do PIB de 1976-1980 aumentou para 13% do PIB entre 1981 e 1986. A inflação, estimada em 9,7%, atingiu 18,1% em 1980. Ao mesmo tempo, o desconto da moeda nacional (la gourde) está se acelerando e o país é drenado de suas reservas cambiais. No nível setorial, a indústria de enclaves de mineração explorando bauxita terminou suas operações em 1982. E a indústria manufatureira extrovertida que mantém um certo dinamismo não excedeu em 1984 mais de 60.000

De 1980 a 1985, o protesto dinâmico não enfraquece e no contexto deste concerto de lutas, a Igreja Católica escolhe seu lado e "entra oficialmente na luta contra a ditadura com a tomada de posição de religiosa (Conferência Religiosa do Haiti) em 4 de dezembro de 1980, contra a campanha repressiva lançada pelo governo; em 1983, a hierarquia da Igreja se afastou publicamente do poder [...]" (PAULCÉNA, 2007, p.62 ; MIDY, 1991a, p.80). A Igreja não apenas expressou oposição à repressão, mas esteve abertamente envolvida na luta pela mudança. Seja nas comunidades de base ou em seus congressos, a instituição religiosa mobilizou uma campanha de promoção para a mudança. Francisco Paulcéna (2007, p.107) observou que « Os TKL "[Ti Komite Legliz]" ou pequenos comitês eclesiais participam ativamente na conscientização das categorias sociais marginalizadas do campesinato e dos bairros pobres ». Além dessas mudanças na posição dessas instituições (a imprensa e a Igreja Católica), o peso desse "movimento social" foi praticamente medido pela forte mobilização de vários setores populares, conforme observado em várias obras, « A grande originalidade dessa conjuntura de mudança de regime reside na natureza desta ousadia popular, que finalmente desafia o poder por um investimento maciço no espaço político » (BUTEAU, 2016, p.15). Franklin Midy afirma que « [...] na primavera da organização popular: grupos camponeses, sindicatos, comitês de bairro, associações de estudantes e professores, associações de mulheres e jovens surgiram em todo o país [...] » (1991b, p.68). Aos olhos de Sabine Manigat: « através destas várias associações e grupos de categorias populares, de 1986 ... [são] todas as aspirações e projetos confinados durante trinta anos de ditadura [que] surgiram » (2011, p.180).

De certa forma, essa multiplicidade de associações e organizações que expressaram a entrada no cenário político do "povo", segundo Michel Hector, comprova « [...] [testemunha] um processo de "deslegitimação" do regime político e das autoridades que afirmam liderá-lo » (2006, p.69). Jean-Baptiste Chenet diagnosticou dois tipos em movimentos populares: « o primeiro baseado em atores sociais de classe é composto de movimentos trabalhistas e camponeses; o segundo tipo de movimento

trabalhadores e empregados. E no que diz respeito ao setor agrícola, a queda do preço do café no mercado mundial acompanhada por uma queda significativa na produção [...] provocou uma queda de 67% nas exportações. Em 1982 e 1983, a seca levou a uma escassez de alimentos ». (Charles Cadet. **Crise, paupérisation et marginalisation dans l'Haïti contemporaine**. Port-au-Prince, Imp. Le Natal. p.20. Fred Doura. **Economie d'Haïti : dépendance, crises et développement**. Tome I, Montréal, Editions DAMI, p.144, 2001) ».

pluriclassista refere-se a movimentos dos bairros vizinhança, particularmente jovens estudantes e mulheres » (2011, p.112).

Entretanto, para além dessa diversidade e da natureza "reivindicatória", as orientações políticas e ideológicas desses movimentos fizeram a diferença dessas mobilizações coletivas na história nacional haitiana (CHENET, 2011, p.137-142). Essas orientações foram expressas nesses temas:

a) A estigmatização da dependência do país, com uma denúncia permanente e virulenta da predominância da dominação imperialista norte-americana [...]; b) A rejeição das relações sociais oligárquicas; c) Oposição ao modelo de democracia representativa. A estratégia do desafio girava em torno da promoção de uma transformação radical do sistema político conhecido como "chanjman total kapital" (transformação social radical); d) Antagonismo radical contra partidos políticos, duvalierismo e o macoutisme³ [...].

Esse movimento social foi categoricamente destinado a impulsionar a mudança em uma escala social global, pelo menos é a leitura quase unânime dos pesquisadores. Mudança de uma ordem social, consignada numa herança de duzentos anos, em continuidade ao sistema colonial de Saint-Domingue que foi agravado pela ocupação americana do Haiti (1915-1934). Este último, particularmente, marcado pela expropriação dos camponeses e pela centralização do país, criando a República de Porto Príncipe, consequentemente, houve a perda de autonomia das províncias, o que contribuiu em grande parte para o fortalecimento dos problemas estruturais. O professor Fritz Dorvilier observa que: « O movimento social pós-86 está provando ser uma estratégia para construir um novo espaço público. A criação de atores coletivos e as mobilizações coletivas que o estabelecem, em termos de questões sócio-políticas, [...] é tanto um marco quanto um vetor que facilita a mudança social » (2014, p.229). Mudança, na verdade desta ordem social que Franklin Midy descreveu como [...] uma *sociedade de exclusão* (1991a, p.76)⁴, ou como Jean-Jacques Honorat (1991, p.33) fala :

[...] do *endocolonialismo* haitiano ... em outras palavras, por um lado, uma sociedade, uma população urbana reunida nas várias atividades especulativas ou de serviços em torno do capital de importação-exportação e, por outro lado, uma sociedade camponesa formada por agricultores cada vez mais marginalizados, condenados a produzir lucros e lucros excedentes necessários para a acumulação de capital.

³ [O tema *macoutisme* refere-se a "Tonton macoute", nome dado aos agentes da milícia duvalierista; os principais atores das sangrentas repressões da ditadura].

⁴ Este sistema social hierárquico baseado na separação / articulação entre, por um lado, uma minoria rica que se doa pela "elite" [...] do outro lado, a maioria operária, especialmente camponesa, excluída e representada como um todo, "massa" não cultivada, indiferenciada [...].

Em outras palavras, manifesta-se por uma polarização econômico-espacial total que leva Michel-Rolph Trouillot a considerar que « há apenas uma questão haitiana: a do campesinato. O campesinato como recurso; o campesinato como questão [...] ». É na luta desigual deste campesinato e não produtores [...] » (1986, p.17-18). No final, Michel Hector, analisando a realidade dos movimentos populares a partir de 1986, afirma que « [...] pela primeira vez na história do país, exceto as lutas naturalmente pela independência, que um movimento popular, no quadro de uma crise sistêmica foi capaz de derrotar a coalizão conservadora das classes tradicionais dominantes e assumir a responsabilidade de garantir a saída da crise » (2006, p.107).

No entanto, nos últimos anos, na perspectiva de uma revisão analítica do período de 1986 até o presente, conhecido como "transição democrática", além da possibilidade de uma « [...] crítica da falta de perspectiva teórica da crise sócio-política contemporânea » (BUTEAU, 2016, p.15), vários pesquisadores haitianos rapidamente perceberam um fracasso. Claramente: « o movimento social pós-86 foi certamente baseado em uma politização associativa, [...] mas não resultou em uma vitória sobre as instituições estatais tradicionais de acordo com Fritz Dorvilier » (2014, p.219-220). Até recentemente, vários atores da sociedade civil têm se perguntado abertamente: « Conseguimos uma estabilização da democracia em nossa sociedade? [E se] a tentação ditatorial não nos ameaça? » (SUZY *et al.* 2012, p.7). Devido à situação política com a chegada de Michel Joseph Martelly no poder, em 2011, Fritz Dorvilier fala da *falta de um movimento social progressista* no Haiti (2012, p.106-107)⁵.

De fato, se na vida estritamente política podemos, hoje, gozar de certos direitos que foram negados à população durante a ditadura, no plano da ordem das relações econômicas, de 1986 até hoje, globalmente nada mudou. Para confirmar tal assertiva, basta compararmos alguns dados do tempo da ditadura com os de hoje (TROUILLOT, 1986, p.199-200):

O governo de Jean-Claude Duvalier gastou anualmente três dólares e quarenta e quatro centavos (US \$ 3,44) por habitante para a saúde da Nação, e três dólares e setenta centavos (US \$ 3,70) por sua educação (LAB 1985). [Além disso] a extrema polarização do corpo social cria uma diferença

⁵A eleição do novo sedutor populista Michel Martelly, em 2011, é o exemplo dessa ausência de movimentos sociais haitiano, uma vez que este apoiou abertamente o sangrento golpe militar de 1991, [...] sob a bandeira de um partido pseudo-político, havendo, [...] não só o esgotamento, até mesmo a *inexistência de um movimento social progressista* no Haiti, especialmente em áreas urbanas, mas também e, sobretudo, o absoluto desencantamento político-econômico das massas populares haitianas.

fundamental entre uma minoria rica e a maior parte da população: 0,4% da nação (cerca de 21.000 de um total de 5,3 milhões) goza de quase 43% da renda nacional. O próprio Instituto Haitiano de Estatística sugere que, no final da década de 1970, dois terços da população rural viviam com US \$ 60, enquanto 700 famílias privilegiadas desfrutavam de mais de US \$ 50.000 por ano.

E hoje as estatísticas descrevem uma realidade pior, nos termos de Dorvilier (2012, p.23) :

Como indicado por DSNCRP⁶ 56% dos haitianos são relegados abaixo da linha de extrema pobreza fixada em US \$ 1 por pessoa por dia; 76% deles vivem com menos de US \$ 2 PPP / dia. [...] com um coeficiente de Gini (índice de concentração de renda) de 66%, [...] há um crescente conteúdo de desigualdades socioeconômicas entre os cidadãos haitianos. De fato, mais da metade da renda nacional, ou 54%, vai para os 10% dos indivíduos mais ricos; pelo menos 70% da renda nacional vai para os 20% mais ricos, enquanto os 10% mais pobres recebem apenas 0, 37% e os 20% mais pobres só recebem 1,39%.

Essas estatísticas atestam, em grande parte, a perpetuação da ordem socioeconômica expressa na concentração e centralização da economia haitiana, fruto de mecanismos (relações econômicas, políticas e fiscais) estruturais muito particulares. De fato, « Enquanto toda a população paga até 27% pela entrada de certos produtos no país, grupos privilegiados nunca excedem 5% » (FLECHER, 2016, p.20). Além disso, certos atores da oligarquia haitiana não se sentiram mais satisfeitos em se beneficiar de vantagens fiscais, mas teriam investido diretamente no controle de certas instituições estatais (JEANTY, 2018)⁷, o que se transformou, nesse sentido, em preocupação compartilhada por diferentes pesquisadores que tentaram entender o fracasso desses movimentos e explicar a perpetuação dessa ordem desigual, apesar da história de luta das categorias populares haitianas⁸ e fortes mobilizações populares dos anos 1980 a 1994.

Assim, também começamos a nos perguntar sobre as razões que poderiam explicar isso até os nossos dias. Embora as classes dominantes haitianas não possam construir projetos para atender à integração das categorias populares, estas últimas, apesar do agravamento da sua condição de vida, continuam incapazes de construir um movimento popular para resposta à repregunta sobre como transformar a ordem social

⁶ DSNCRP (Documento de Estratégia Nacional para o Crescimento e Redução da Pobreza).

⁷ «[...] a relação entre o estado e os operadores econômicos mudou em 2015. "Os grupos não pedem favores, pegam o aparato estatal e o dirigem", observou o ex-governador do BRH. "Por exemplo: a Autoridade Nacional de Seguro contra a Velhice (ONA), a Autoridade Portuária Nacional (APN) e a Administração Geral de Alfândega (AGD) pertencem a alguém" ».

⁸ Ver HECTOR, Michel. **Crises et mouvements populaires en Haiti**. 2. ed, Port-au-Prince: Presses Nationales d'Haiti, 2006.

existente. Não afirmamos por essas observações que as categorias populares sejam totalmente inativas, mas simplesmente observamos que elas não superaram as lutas locais, isto é, para além das lutas por um serviço público específico, permanecem na defensiva quando se trata de lutar contra uma decisão política e econômica contrária ao seu interesse imediato por manifestações espontâneas, tumultos ou manifestações contra a corrupção⁹.

Nesse sentido este trabalho de pesquisa tem como tema os esquemas de percepções das relações sociais pelas classes populares e a ordem social no Haiti de 1986 a 2018, com vistas a analisar a inexistência de um "movimento popular" no campo político haitiano. Por "Movimento Popular" entende-se um movimento pelo qual as categorias populares (pequenos camponeses, artesãos, desempregados, pequenos comerciantes, pequenos funcionários etc.) levariam em conta a situação antagônica das relações sociais, constituindo uma identidade própria, ao mesmo tempo em que considerariam a oligarquia haitiana como uma classe contra a qual se deve lutar, modificando assim o equilíbrio de poder na sociedade e no campo político, com vistas a transformar a ordem social.

Os movimentos de protesto do início dos anos 1980 que levaram à queda da ditadura de Duvalier em 1986 foram os mais importantes da história recente do Haiti. E o advento das classes populares na cena política durante este período também foi sublinhado, por diferentes pesquisadores, como um dos principais pontos da singularidade deste momento de luta. Além disso, segundo alguns pesquisadores, esse movimento, mais do que uma luta contra a ditadura, carregava fortes demandas sociais por uma transformação da sociedade. Mas a maior parte do trabalho feito neste período lida particularmente com o ângulo da transição democrática, portanto, há muito pouca pesquisa sobre lutas populares e determinantes sócio-históricos que poderiam explicar seus fracassos, na medida em que é isso que a declaração geral expressa. Por outro lado, até agora são poucos os trabalhos que tentam explicar as razões da quase-inércia das classes trabalhadoras, apesar do fato de as classes dominantes serem incapazes de atender suas principais demandas e o agravamento de suas condições de vida. Nesse sentido, nosso trabalho será útil, desse ponto de vista, para agregar aos trabalhos

⁹ Veja, LOUIS, Ilionor. 6 et 7 juillet 2018: ce n'était qu'un rêve, un cauchemar. **Le National**, 16 juillet 2018. ALPHONSE, Roberson. "PetroCaribe Challenge", sit-in... et maintenant ? **Le Nouvelliste**, 24 août, 2018

existentes outra leitura sobre essa realidade. Além disso, por causa da perspectiva teórica e do fato de partir das visões de mundo das classes trabalhadoras, os resultados deste trabalho podem conter o suficiente para permitir que os elementos das categorias populares em luta realizem uma análise reflexiva de sua diversidade e percebam, ao menos de maneira mais significativa, a relação entre os padrões de percepção das relações sociais dessas classes sociais e o equilíbrio de poder no campo político com as categorias conservadoras.

A questão problema a ser respondida é: Como os esquemas de percepções das relações sociais das classes populares do Haiti interferiram / interferem na constituição de um movimento político, entre os anos 1986 e 2018, que transformasse a ordem social naquele país?

Formulamos, como parte deste trabalho, a seguinte hipótese: As classes populares do Haiti (os pequenos camponeses haitianos, a maioria das categorias urbanas), em sua maior parte, excluídas do mercado formal do trabalho e sem um *capital escolar* significativo apresentaram esquemas de *percepções* das relações sociais, *herdadas* da vida camponesa, reforçadas pela moralidade religiosa e despossuídas da possibilidade de conceber a sociedade como um *espaço de lutas objetivas*.

O objetivo geral é compreender como os esquemas de percepção das relações sociais pelas classes populares do Haiti interferiram / interferem na constituição de um movimento popular de transformação da ordem social no Haiti. Como objetivos específicos temos : 1) Descrever o quadro social e a composição e configuração das classes populares do Haiti de 1986-2018. 2) Interpretar a ordem social haitiana. 3) Explicitar os movimentos populares e existentes no Haiti de 1986-2018. 4) Estudar os esquemas de percepções das relações sociais das classes populares haitianas.

A abordagem deste trabalho de pesquisa é qualitativa, com uma fase exploratória seguida de descrição. A pesquisa bibliográfica deu suporte para coleta de dados indiretos e para os dados diretos desenvolvemos um roteiro de entrevista semiestruturado para aplicação junto a diferentes sujeitos das classes populares para coleta de suas percepções sobre as relações sociais, lutas políticas e sociais. Essas escolhas metodológicas foram feitas porque foram consideradas as mais eficazes para uma melhor exploração de nosso tema de pesquisa.

Qualquer pesquisa com pretensão científica tem como uma de suas primeiras obrigações estabelecer sua investigação com base metodológica sistemática e sólida. Tal fundamento não só deve garantir um melhor resultado do trabalho, mas também contribuir para uma avaliação mais favorável de seus resultados pela comunidade acadêmica e, também, facilitar qualquer processo de reprodução da pesquisa, uma vez concluída. Mas, dependendo do problema, das hipóteses e das condições de realização do trabalho, os pesquisadores podem recorrer a diferentes práticas e ferramentas de investigação disponíveis. A pesquisa bibliográfica e / ou documental é uma dessas técnicas de exploração. Por pesquisa bibliográfica e / ou documental, a comunidade científica primeiro concordaria em considerar todos « Estudos baseados em documentos como material primordial, sejam revisões bibliográficas, sejam pesquisas historiográficas, extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta » (PIMENTEL, 2001, p.180). E, de fato, fundamentada apenas em documentos disponíveis onde o pesquisador não terá que se constituir, mas apresentar os pontos mais relevantes identificados por essa técnica.

"Trata-se de um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência [...] do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados, anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida". (SÁ-SILVA ; DOMINGOS DE ALMEIDA ; GUINDANI, 2009, p.5).

Assim, Grawitz também observa que « [...] o pesquisador não tem controle sobre a maneira como os documentos foram estabelecidos e deve selecionar o que lhe interessa, interpretar ou comparar materiais para torná-los utilizáveis » (2001, p.573-574).

Sempre houve, no entanto, entre pesquisadores e metodologistas certa divergência na definição do que deve ser considerado como "os dados" a serem avaliados como documentos pesquisáveis. É assim que « Para Langlois e Seignobos, a noção de documento se aplicava quase exclusivamente ao texto, e, particularmente, aos arquivos oficiais » (CELLARD, 2012, p.296). Diante dessa visão muito limitada, outros pesquisadores partirão de uma perspectiva mais global para ampliar a consideração do documento. Para esses últimos:

« tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou "fonte". Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou

de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc. » (CELLARD, 2012, p.296).

De fato, para falar sobre documentos como dados de pesquisa, essa leitura mais global teria se tornado quase unânime entre os pesquisadores que preferem falar sobre fontes de documentação. Para Madeleine Grawitz « Há um grande número de documentos de vários tipos e formas. Podemos distinguir documentos escritos e *orais*, documentos *oficiais* e documentos *particulares* » (GRAWITZ, 2001, p.573). Mas a discussão sobre essa prática metodológica não se limita ao que deveria ser definido como documentos, mas também ao valor científico desses dados documentais e bibliográficos a serem tomados como objeto de investigação e além dessa consideração de outros pesquisadores farão alguma distinção entre pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Para alguns, de fato, como é o caso de « Appolinário (2009), pesquisa documental e pesquisa bibliográfica são sinônimas. [E são, as duas] pesquisas que se restringe à análise de documentos » (SÁ-SILVA; DOMINGOS DE ALMEIDA ; GUINDANI, 2009, p.5). Para outros, alguma distinção deve ser feita entre pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Para « Oliveira (2007) a pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos » (SÁ-SILVA ; DOMINGOS DE ALMEIDA ; GUINDANI, 2009, p.5). Mas, de acordo com a mesma pesquisadora: « [...] "a documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação" » (SÁ-SILVA ; DOMINGOS DE ALMEIDA ; GUINDANI, 2009, p.5-6). Essa consideração do fato de que esses dois métodos devem ser distinguidos não seria exclusiva dessa pesquisadora, outros pesquisadores apontam que :

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32)

A partir dessa distinção anterior, de fato, outra questão precisa ser destacada com relação à exploração de documentos como parte de uma pesquisa. Primeiro, por

basear-se em uma coleção diversa e variada de documentos (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.37):

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Isso é válido para pesquisas bibliográficas, como pesquisas de documentos. De fato, como observado por outros pesquisadores (SÁ-SILVA, DOMINGOS DE ALMEIDA, GUINDANI, 2009, p.5):

A pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas - ou não - são quase sempre a base do trabalho de investigação. Dependendo do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa, pode se caracterizar como principal caminho de concretização da investigação ou se constituir como instrumento metodológico complementar.

Mas, em segundo lugar, o conjunto desses documentos utilizados como a principal fonte de dados a serem analisados ou não, ou como um método complementar, eles podem ser analisados em si mesmos, ou seja, eles mesmos o objetivo da pesquisa em questão sob diferentes perspectivas de pesquisa e contando com metodologias de análise específicas, como a análise de conteúdo. De outra perspectiva, esses documentos podem ser usados exclusivamente como fonte de informação para tentar analisar o relacionamento entre várias variáveis em vários ângulos. É nesta última lógica que falamos no contexto deste trabalho de pesquisa documental e bibliográfica.

A partir desta última visão da pesquisa documental, exploraremos diferentes tipos de documentos escritos: livros, artigos de periódicos, outras teses de pesquisas acadêmicas, relatórios de organizações ou instituições internacionais e nacionais, relatórios e documentos oficiais, artigos de jornal para explicar a realidade e a perpetuação da ordem social haitiana, por um lado, e por outro lado, os diferentes tipos de movimentos populares que surgiram na cena política no Haiti durante o período estudado. Em outras palavras, falando em pesquisa bibliográfica ou pesquisa documental, não pretendemos realizar análises textuais de certos documentos, mas queremos simplesmente usá-los como fontes de informação para refletir essas duas realidades mencionadas acima em análise sistemática.

Falar sobre uma entrevista em geral pode se referir a vários tipos de relações de comunicação que são totalmente diferentes entre si, dependendo da realidade e da situação. Mas, apesar das diferenças entre eles, por exemplo, uma entrevista concedida a um jornalista, uma entrevista de emprego ou uma entrevista de paciente durante uma reunião com um psicólogo, todos esses tipos estão mais próximos de um aspecto, o que é « o fato de que é [em todos esses] casos individuais e um relatório oral entre duas pessoas, uma delas transmite informações para a outra » (GRAWITZ 2001, p.643). É nesse sentido que as entrevistas de pesquisa « [...] como condição a interação direta entre entrevistador e entrevistado na coleta de dados, seja ela face a face, seja mediada por algum meio de comunicação, [e essas entrevistas] podendo ser aberta, semiestruturada ou estruturada » (JÚNIOR, 2011, p.175). Essa classificação resulta de dois fatores particulares: o *grau de liberdade* concedido aos dois interlocutores e o *nível de profundidade* dos dados que se pretende coletar sobre a realidade em questão no âmbito desta comunicação, que é totalmente determinada pelo equilíbrio que é mantido entre esses dois fatores (GRAWITZ, 2001, p.643).

Primeiro, chamamos de entrevista aberta ou livre o tipo de entrevista « que atende muito bem às necessidades de pesquisas exploratórias, trazendo elementos para o detalhamento de questões e para a formulação mais precisa de conceitos relacionados ao tema estudado » (JÚNIOR, 2011, p.191). Esse primeiro tipo de entrevista teria a característica particular de oferecer maior liberdade a ambos os interlocutores, o pesquisador na formulação de perguntas e o entrevistado em sua maneira de responder. A seguir vem a entrevista semidiretiva ou semidirigida para falar sobre elas (JÚNIOR, 2011, p.192):

[...] que combinam perguntas abertas e fechadas, sendo dada ao entrevistado a oportunidade de discorrer sobre o tema proposto. Embora o pesquisador deva seguir um conjunto de questões previamente definidas, pode alterar a ordem das perguntas e lançar mão de questões adicionais que lhe ocorram no momento da aplicação - a fim de ampliar a discussão ou elucidar algo que não tenha ficado claro.

Este último, por sua vez, oferece menos liberdade ao pesquisador em particular, que terá de seguir um guia de perguntas já elaboradas para que possa modificar apenas a ordem em que são apresentadas, a fim de melhorar a comunicação e formular outras com vistas a aprofundar certas declarações do entrevistado. E finalmente a entrevista estruturada ou dirigida para mencionar que « se apoia em um

questionário fechado, ou seja, todas as perguntas devem ter sido elaboradas previamente sendo vedado ao pesquisador alterar o conteúdo das questões ou mesmo sua sequência no momento da aplicação » (JÚNIOR, 2011, p.191). Ainda chamada de entrevista fechada neste tipo de entrevista os dois interlocutores não têm mais liberdade do que nos outros tipos anteriores.

No que diz respeito a este trabalho, o tipo de entrevista aberta ou gratuita, mais apropriada para a pesquisa exploratória para fornecer informações, com vista a um melhor desenvolvimento de elaboração de entrevistas para futuras investigações, não pode ser nossa base de pesquisa. Também, a entrevista direcionada que apresenta um conjunto de perguntas fechadas com pouca liberdade para os entrevistados, o que consequentemente empobrece o conteúdo coletado, não pode ser base para nossa investigação. Nesse sentido, a entrevista semidiretiva é a mais apropriada em razão das condições e adequações de sua realização. Além disso, o conjunto de objetivos visados pela entrevista semidiretiva é a melhor ferramenta para cumprimento dos objetivos e coleta de dados desta pesquisa.

Para Lorraine Savoie-Zajc, de fato, a entrevista semidiretiva atende a vários objetivos, incluindo: « tornar explícito o universo do outro; a compreensão do mundo do outro; permite aprender sobre o mundo do outro e dos interlocutores, organizar, estruturar seus pensamentos » (2009, p.342-343). Lorraine Savoie-Zajc ressalta que a condição de realização desse tipo de entrevista permite acesso a « [...] que o outro pensa e que não pode ser observado: sentimentos, pensamentos, intenções, motivos, medos, esperanças; também possibilita identificar vínculos entre comportamentos passados e o presente, dando acesso a experiências de vida reservadas de outra forma » (2009, p.343). Por outro lado, Duchesne Sophie afirma, apesar de muitas críticas endereçadas à entrevista semidiretiva¹⁰, que:

¹⁰ « A entrevista "não diretiva" - em todas as suas formas - já foi objeto de muitas críticas e, em termos de prática, o estudo sistemático, em particular nos Estados Unidos, sobre o chamado "efeito investigador" - estudo das influências do investigador nas respostas ou, mais amplamente, no discurso coletado - há muito tempo rompeu o mito da não-diretividade e se questionou a confiabilidade desse tipo de entrevista" (p.191). "No capítulo "Entender" de **A miséria do mundo**, Pierre Bourdieu expõe os princípios que sustentam a prática das entrevistas publicadas neste livro e os opõe aos princípios que, segundo ele, orientam conjuntamente a prática de entrevistas não-diretivas. Ele recorda primeiro que a relação de manutenção é uma relação social. A neutralidade, que é o princípio da "não-diretiva", é um absurdo ou uma ilusão que mascara a construção social da relação de manutenção. A relação de manutenção tem duas características: é artificial e inigualitária, é artificial no sentido de "romper a reciprocidade das trocas

A entrevista não pré-estruturada, que muitos continuam chamando de "não-diretiva", é apenas uma técnica entre outras que pode ser usada como parte de uma estratégia de pesquisa voltada ao estudo dos sistemas de representações. E continuamos a pensar que, nesse contexto, poucos métodos contribuem também para a construção e análise desse objeto (1996, p.205).

Dado que este trabalho de pesquisa tem como objetivo principal analisar os padrões de percepção das relações sociais pelas classes populares haitianas, as entrevistas semidiretivas seriam, portanto, mais bem adaptadas para nos permitir descobrir esses esquemas de pensamento. Ao nos ajudar a descobri-los por meio de conversas em que nossas unidades de pesquisa são livres para se expressar e apresentar suas opiniões, as entrevistas semiestruturadas também possibilitaram explicar os elementos que esses indivíduos mobilizam para formular suas opiniões, isto é, a estrutura de seus pensamentos.

Na medida em que nosso objetivo geral é compreender a interferência dos esquemas de percepção da classe popular (seu ethos de classe) nas relações sociais e na constituição de um movimento popular, estudando seu julgamento a respeito das lutas políticas e sociais, a entrevista semidiretiva nos parece ser a melhor ferramenta metodológica para a coleta desses tipos de dados. As questões fundamentais foram orientadas no sentido de coletar a história de vida desses sujeitos, suas experiências e valores. Também foram entrevistados sobre a representação das categorias dominantes, relações sociais, lutas sociais e o que deve ser do seu ponto de vista as perspectivas de soluções para a crise da sociedade e as difíceis condições de vida em que ocorrem localizado.

Nessa perspectiva metodológica, nossas principais categorias de análise¹¹ são: a percepção dos indivíduos da realidade social geral, sua percepção do campo político [e discursos políticos de lutas], sua percepção das relações entre os grupos sociais. Durante a exploração de nossos dados de pesquisa, procuramos enfatizar sistematicamente os julgamentos sobre essas diferentes realidades e todas as lógicas percebidas, bem como o conjunto de raciocínios que serviram de base de compreensão. Em outras palavras, tomando como categoria de análise as representações dos indivíduos sobre a realidade social e econômica, listamos suas leituras de suas condições de vida e as analisamos para destacar os motivos lógicos que as apoiam. Fizemos o mesmo trajeto com a

habituais", não estando o investigador lá para trocar seu ponto de vista com o do investigado, mas para estudar o último (p.194) ».

¹¹ Ver no final do terceiro capítulo uma apresentação mais ampla de nossas categorias de análise.

percepção sobre a realidade política, isto é, relações [de lutas] entre os principais agentes [políticos] e instituições [partidos políticos] mais determinantes da evolução das questões políticas e suas visões das relações entre as classes sociais [entre elas e a oligarquia haitiana], a fim de explicar as lógicas específicas de suas posições e da formulação de suas opiniões, configurando o *habitus* e a luta travada no campo político.

Falar das classes populares, na perspectiva teórica que este trabalho de pesquisa implica, é considerar a população de estudo segundo dois critérios fundamentais de inclusão: 1) sua condição econômica de existência, as categorias sociais com menos capital econômica, e 2) o nível muito baixo de educação, que reflete a deficiência de capital cultural e social. Assim, a partir desses dois critérios de inclusão, nossa população geral em análise inclui: desempregados (sem qualificações, com um nível educacional muito baixo), pequenos agricultores, pequenos comerciantes, pequenos revendedores, revendedoras e todas as categorias que vivem da economia informal, pequenos artesãos, pequenos funcionários públicos e privados e trabalhadores nas indústrias de subcontratação.

No entanto, a partir dessa população geral, tivemos que excluir certas categorias por várias razões. Primeiro, uma vez que estamos analisando o período de 1986 a 2018, não consideramos integrantes das categorias sociais populares os sujeitos abaixo de 25 anos, uma vez que para o critério de idade, nossa opção foi por sujeitos que já tinham 30 anos ou mais, pois, dessa forma coletamos dados de pessoas que durante o período determinado de pesquisa (1986 a 2018) não eram crianças ou se menores apresentavam relativa capacidade de memória para relato de suas vivências. Em segundo lugar, os trabalhadores das indústrias de subcontratação ou montagem orientadas para a exportação cumprem ambos os critérios gerais. Eles são muito vulneráveis economicamente com um salário de 420 gourdes (LE MONITEUR, 2018, n. 18, p.3)¹² e muitas vezes com um nível muito baixo de educação, mas não foram considerados como parte deste trabalho, pois que inseridos no mercado de trabalho formal e sempre em luta com os patrões, pode-se encontrar objetivamente neles uma certa consciência de sua posição antagônica com a dos patrões, mas são, todavia, pouco representativos em relação às demais classes populares. De fato, no Haiti, « em nível

¹² A Gourde é a moeda nacional (o salário de 420 = 5,6 dólar dos EUA 1 dólar = 75 gourdes). O Monitor é o nome do jornal oficial do Haiti, o nº 18 ao qual nos referimos foi o último a ser publicado em 2018 sobre a questão salarial.

nacional, os empregos de instituições privadas formais respondem por apenas 1,9% do emprego total » (IHSI, 2010, p.73) e não teriam mais de 41.000 empregos no país das indústrias de montagem (MARKENSON, 2017).

Ainda, de acordo com uma pesquisa do Instituto Haitiano de Estatística e Informática, nada menos que 57,1% dos empregos seriam informais e com uma distribuição « [...] entre o ambiente urbano (49,7%) e a área rural (50,2%) » (IHSI, 2010, p.73). Por outro lado, se podemos encontrar em algumas atividades informais indivíduos com um nível de educação significativo, e mesmo alguns acadêmicos, « Os empregados ativos dos estabelecimentos privados informais são, depois dos que trabalham no setor primário e nos agregados familiares, os indivíduos com menor escolaridade » (IHSI, 2010, p.83). Como resultado, pode-se concluir que, em relação aos trabalhadores empregados, nas indústrias de montagem voltadas à exportação, os setores informal e primário (agricultura, pesca, silvicultura, residências) agrupariam as categorias mais representativas das classes populares. De fato, não são menos de « [...] 57,8% dos ativos ainda estão trabalhando na agricultura em 2014) » (VAN VLIET *et al*, 2016, p.7), e o mundo rural pode abraçar, pelo menos, « 74,9% de 58,5% Haitianos que estão abaixo da linha da pobreza » (VAN VLIET *et al*, 2016, p.10). Lembramos que o Haiti é um dos países « com [...] as taxas de matrícula escolar mais baixas do mundo, 76% no nível primário e apenas 22% no nível secundário » (FALLON e MAZAWI, 2014, p.10), e onde « [...] as famílias apóiam cerca de 70% do financiamento total da educação » (MENFP, 2018, p.21). Essas disparidades econômicas são reproduzidas em termos de acesso à educação diferente quando comparamos o mundo urbano com o rural, resultado de uma população rural muito carente de capital cultural.

Em última análise, as categorias sociais que seriam as mais representativas das classes trabalhadoras e que serão as unidades de análise de nosso trabalho são aquelas que são as mais privadas de recursos econômicos e culturais, idealmente uma faixa etária de trinta anos, de ambos os sexos, e que evoluem particularmente nas várias atividades da economia informal que mencionamos anteriormente e nos setores primários da economia haitiana. Esses sujeitos das classes populares vivem tanto no mundo urbano quanto no mundo rural. Cada categoria foi representada em nossa amostra proporcionalmente à sua significância estatística na população total. Nesse sentido, categorias que se reproduzem a partir de atividades informais (pequenos

varejistas, pequenos comerciantes), taxistas (individuais e coletivos), pequenos artesãos e agricultura (pequenos agricultores sem terra ou proprietários) foram mais numerosos. Para realizar essas entrevistas com esses indivíduos, entramos em contato com eles aleatoriamente nos seus domicílios, em suas pequenas atividades e na rua, e essa população foi entrevistada a partir do nosso roteiro de entrevista semiestruturado. Com relação às regiões específicas, essa pesquisa foi realizada na área metropolitana de Porto Príncipe, que concentra 81% dos assentamentos informais privados (IHSI, 2010, p.72); isto é, a capital haitiana e suas cidades vizinhas. Também realizamos entrevistas em duas cidades secundárias, a primeira foi Jacmel, principal cidade do sudeste do país, e a segunda foi a cidade de Léogâne, uma planície onde a maioria das classes trabalhadoras vive da agricultura, pesca, artesanato e pequenas atividades informais.

Este trabalho de pesquisa sobre as percepções das relações sociais das classes trabalhadoras e da ordem social haitiana construído para explicar a falta de um movimento popular no campo político haitiano é dividido em quatro partes ou capítulos. Antes de tudo, esta introdução é considerada como o primeiro capítulo do trabalho, através do qual realizamos uma apresentação do contexto do nosso questionamento, a apresentação da nossa pesquisa e sua problemática, seguida pela hipótese, pelos objetivos e a orientação metodológica da pesquisa. No segundo capítulo, apresentamos a realidade geral do Haiti, os principais trabalhos realizados sobre nosso tema de pesquisa, uma exposição dos elementos que orientaram a formulação de nossa hipótese e uma pesquisa bibliográfica e documental para explicar a perpetuação da ordem social haitiana, apresentar o sistema partidário haitiano e as principais mobilizações populares que investiram na cena política no período de 1986 a 2018. O terceiro capítulo consiste na revisão teórica da perspectiva do trabalho e uma explicação mais ampla de nossas categorias de análise. Por fim, no quarto capítulo, apresentamos e analisamos os dados coletados durante nosso trabalho de campo.

2 LUTAS SOCIAIS, MOVIMENTOS POPULARES, ORDEM SOCIAL NO HAITI (1986-2018)

Os trabalhos realizados sobre os últimos trinta anos do Haiti, de 1986 a 2018, anos marcados: pela queda da ditadura de Duvalier (1986), o poder dos militares e suas manobras para controlar os primeiros processos eleitorais (1986-1990), o golpe de estado em 1990 contra o primeiro presidente democraticamente eleito, o embargo imposto pelos Estados Unidos e a ONU no Haiti (1990-1994), o retorno ao poder, de uma intervenção militar dos EUA, o presidente Jean Bertrand Aristide em 1994, finalmente os retrocessos e crises políticas recentes, podem ser apresentados em três categorias. Primeiro, encontraremos um conjunto de reflexões que tratam desse intervalo histórico do ponto de vista da "transição democrática"¹³ que não vamos abordar neste trabalho. Segundo, outros que tentam explicar as razões que levaram ao fracasso dos movimentos populares dos anos 1980 a 1994, isto é, em certo sentido, a perpetuação da ordem social que mais ou menos enfatizamos na introdução. Em terceiro lugar, algumas reflexões através das quais os autores tentam analisar a situação atual, ou seja, os determinantes que poderiam explicar a incapacidade ou restrições que impediriam certa insurreição das categorias populares em face da perpetuação da ordem social não igualitária e produtora de exclusão. Fazemos neste capítulo uma revisão, mais ou menos detalhada, dessas duas últimas categorias, o fracasso dos movimentos populares e os determinantes da incapacidade ou restrições que impediram a insurreição das classes populares. A partir de nossa própria leitura da realidade social geral, também formulamos nossas considerações sobre esses trabalhos com o objetivo principal de destacar nossa diferença de visão, ou seja, a peculiaridade do presente trabalho em distinção aos demais. Em outras palavras, essas considerações particulares devem ser entendidas como uma tentativa de explicar o significado de nossa hipótese de pesquisa.

2.1 O FRACASSO DOS MOVIMENTOS POPULARES DE 1980 A 1994

Considerando as reflexões de diferentes autores que se distinguiram em análise a esse período, fora das teorias da transitologia, encontramos várias respostas não

¹³ Veja, entre outros, HURBON, Laënnec. (Dir). **Les transitions démocratiques. Actes du colloque international de Port-au-Prince, Haïti**. Paris : Les Éditions Syros, 1996 ; DUMAS, Pierre Raymond. **La transition d'Haïti vers la démocratie: essais sur la dérive despotico-libérale**. L'imprimeur II. Collection "Pacte pour la réforme et la démocratie". L'imprimeur II.

exclusivas entre si, sobre a explicação do fracasso dos movimentos populares de 1980 a 1994.

Jean-Baptiste Chenet seria um dos pesquisadores que teria realizado, até então, a pesquisa mais sistemática sobre esse momento da história recente do país, não se contentando em se distanciar das perspectivas teóricas sobre o período, do ângulo da transição democrática. Do seu ponto de vista devemos « perceber que o paradigma "transitológico" confrontado com a realidade haitiana é pura ilusão » (CHENET, 2016, p.30). A partir dessa posição, afirma que aqueles que continuam a usar o paradigma da transitologia para explicar a realidade haitiana simplesmente « deram lugar a um efeito de moda [...]. [Para isso] a grade teórica é inadequada. E o desafio fundamental que aparece continua sendo uma verdadeira crise de alternativas » (CHENET, 2016, p.33). Nesse sentido, ele adota « uma crítica da natureza radical que toma uma dupla direção: uma proclamando o fim do paradigma das transições e a outra de inspiração marxista » (2016, p.31).

A linha de resposta priorizada em sua reflexão para explicar o fracasso das mobilizações dos anos 1980 a 1994, onde se observou a perpetuação da atual ordem social, é « [...] a interação entre movimentos populares e partidos políticos dominados por uma oposição radical [que teria contribuído] para comprometer a evolução política iniciada em 1986, levando notavelmente ao fracasso (comprovado em 1996) da reestruturação da ordem política moribunda de 1934 » (CHENET, 2011, p.11). Por um lado, ele observa: « [...] os partidos nunca aspiraram a se tornar canais de expressão para as lutas e demandas das massas populares. Respondem acima de tudo aos objetivos dos projetos das eleições presidenciais [...] » (CHENET, 2011, p.170). Em outras palavras, « a vida partidária foi afirmada como projetos políticos pessoais e numa submissão quase total aos interesses oligárquicos e à excessiva permeabilidade à influência externa » (CHENET, 2011, p.170). Enquanto « [...] o objetivo da transformação radical do Estado representava o cimento da unidade político-ideológica dos movimentos populares de 1986 » (CHENET, 2011, p.199). Desta situação segue-se que (CHENET, 2011, p.179) :

[...] a guerra posicional entre movimentos populares e partidos políticos [...] por um lado, não favoreceu na situação uma melhor compreensão por parte desses dois atores das principais questões relativas ao triplo dilema da simultaneidade do esgotamento regimes, sistema e ordem política. Por outro lado, isso os torna incapazes de realmente ou concretamente apreciar seu peso respectivo no processo de mudança que está ocorrendo.

No final, « os [...] movimentos populares não poderiam ser estruturados como um assunto político [...] real capaz de favorecer mudanças estruturais relativas à reestruturação da ordem política de 1934. [...] e as partes as políticas se mostraram incapazes de assumir o desafio de "uma verdadeira democratização da vida política" no país » (CHENET, 2011, p.327). Assim, o retorno da influência americana em 1994 levou a um afastamento das possibilidades de transformações.

Por seu turno, Sauveur Pierre Etienne, na verdade, não forma uma análise totalmente removida da perspectiva de transição e não teria feito um trabalho sobre os movimentos populares especificamente, mas se questiona, sobretudo, a respeito da natureza do Estado, sua crise e as capacidades das elites haitianas. Assim, ele acredita que o « [...] duplo colapso [do Estado] em 1994 e 2004 reflete a incapacidade das elites [...] de fornecer uma resposta adequada à crise do Estado e à crise da sociedade do período pós-Duvalier. Também destaca seu desamparo diante da necessidade de integrar as massas urbanas e rurais no desenvolvimento de um projeto nacional de refundação do Estado » (2012, p.28). Como resultado, a realidade atual reflete a incapacidade da elite haitiana de fornecer uma alternativa ao atual requisito social de uma verdadeira fundação do estado-nação.

Fritz Dorvilier, por sua vez, enfocará, por um lado, os limites dos regimes de engajamento, isto é, os diferentes mecanismos utilizados por esses movimentos populares e, por outro lado, sua falta de autonomia para explicar seu fracasso. Ele enfatiza que « [...] [as organizações [...] populares (OPs) ainda são incapazes de se fortalecer em relação ao poder e certas instituições derivadas (ONGs), e especialmente para definir bem o que impor à autoridade estatal e outras entidades supranacionais sua própria lógica e práticas de governabilidade » (DORVILIER, 2014, p.220). Essa falta de autonomia levou à sua instrumentalização, cooptação e, ainda pior, à sua "gangsterização"¹⁴ pelas autoridades de Lavalas¹⁵ (MANIGAT, 2011, p.181). Sabine Manigat, como Jean-Baptiste Chenet, também enfatizou essa distância entre as

¹⁴A autora fala de "gangsterização" para descrever o fato que o poder *Lavalas* ter armado vários jovens líderes de OP (organizações populares), dos principais bairros da capital haitiana e algumas cidades provinciais, durante a crise pós-eleitoral dos anos 2000 para mantê-lo ao poder reprimindo manifestações contra ele. "Gangsterização" significa nesse sentido transformar em milícias ou gangues.

¹⁵ Partido político criado pelo ex-presidente Jean-Bertrand Aristide sob cuja bandeira liderou o país durante dois mandatos (em 1990 e 2001), mandatos encurtados por um golpe militar (1991) e por mobilizações populares (2004) que teriam sido apoiado por elementos da burguesia e das embaixadas estrangeiras.

organizações representativas e os movimentos de mobilização que os levam a permanecer em um dilema entre: « [...] por um lado, manifestar uma força de protesto contra um interlocutor estatal inexistente; por outro, desempenham um papel de proposição e não de demanda, limitado pela fraqueza das mediações partidárias e organizacionais » (MANIGAT, 2011, p.182).

Ainda no contexto deste interrogatório, outros pensadores consideram necessário levar em conta, não apenas a repressão sofrida pelo movimento, após o golpe de estado de outubro de 1991 e durante o regime militar (1991-1994), mas também « [...] táticas mais sutis de destruição do movimento que foram desenvolvidas pela Embaixada dos EUA para desestabilizar o movimento popular » (LOUIS, 2009, p.157). Para Saint-Armand, a resposta estaria preferencialmente no regime de engajamento no qual é registrado o comportamento eleitoral pós-1986 das massas populares, sintomático do movimento social haitiano, estaria na origem de sua incapacidade de garantir uma sociedade emancipatória (SAINT-ARMAND, 2017)¹⁶.

Ao final, numa primeira categoria de reflexões, os autores analisaram as dinâmicas institucionais e/ou associativas, observando as dificuldades de colaboração entre os atores dos movimentos populares e os partidos políticos com vistas à realização de ações comuns. Para outra categoria de análise, é especialmente importante entender a perda de autonomia das organizações do movimento diante do poder ou dos partidos políticos como um todo, uma vez que a repressão destruiu o movimento ao aprisionar seus principais atores utilizando-se de práticas "reacionárias" de certas instituições conservadoras, como as embaixadas estrangeiras particularmente a embaixada dos Estados Unidos no Haiti. Finalmente, uma leitura final mostra que as mesmas agendas de engajamento escolhidas pelo movimento social seriam responsáveis pela incapacidade desse movimento social de construir uma alternativa emancipatória. Essas declarações, tomadas em conjunto, foram mais ou menos explicadas pelo fracasso das mobilizações ou do movimento social iniciado desde a década de 1980 contra a ditadura

¹⁶ « O comportamento eleitoral das massas populares desde o período pós-1986 continua a ser um caldeirão de emoções retransmitido por insultos, atos de sabotagem, atos de "decoupage" [desenraizamento], ameaças de extermínio, etc. Das eleições presidenciais de 1991 àquelas que favoreceram a chegada de Jovenel Moïse ao poder (2017), o comportamento eleitoral continua prisioneiro do paradigma da refutação, do paradigma do assombro do comportamento egoísta e predatório dos dominantes. Finalmente, o salto em direção à emancipação deve ir além do desprezo sistêmico pelas elites e do ódio às massas ».

e que continuará depois de 1994. Como parte dessa pesquisa, temos uma consideração especial para as outras obras que tomaram como objeto principal, não especificamente esses movimentos em si mesmos, mas a totalidade do período, nós os apresentamos nas linhas que seguem e é exclusivamente sobre eles que levamos nossas considerações.

2.2 DEIXANDO DE LADO O POVO EM LUTA PARA PERPETUAÇÃO DA ORDEM SOCIAL

Nesta seção revisaremos as principais reflexões que tentam encontrar uma explicação para a perpetuação da ordem social, a saber, a ausência de uma perspectiva de integração das categorias sociais populares pelas categorias políticas e sociais dominantes, crescimento econômico e aumento das desigualdades sociais. Assim, listamos duas modalidades diferentes de leitura da situação atual, por um lado, os pesquisadores tentam explicar as mobilizações populares, colocando o povo como sujeito político; de outra banda, uma análise da "realidade em si", inspirada na perspectiva teórica do filósofo Jacques Rancière. Em outras palavras, de uma expressão política, de um questionamento da ordem pela parte "sem-parte", por um lado, e apontando, por outro lado, para as ações das autoridades estatais e instituições internacionais que tentam negar esse conflito que expressa o surgimento da plebe e um sistema de partido incapaz de servir como um canal de expressão. Ainda, encontramos primeiro em uma leitura marxista, uma tentativa de explicar a inexistência de uma luta, uma proposta alternativa popular à crise por causa da ideologia predominante de modernização em todo o país, todas as esferas da sociedade haitiana, o discurso desenvolvimentista que levaria vários líderes de organizações camponesas, entre outros, a se engajarem, até o ponto de exaustão, em projetos que beneficiem apenas os líderes dessas organizações ao invés de se construir em oposição aos grandes latifundiários e ao Estado oligárquico. Encontramos uma análise dos vários momentos de crise que se inrromperam na sociedade haitiana, incluindo a mobilização de 1986, onde o autor (HECTOR, 2006) está tentando especialmente explicar os determinantes que permitiram que o sistema político permanecesse o mesmo estruturalmente, apesar de algumas mudanças superficiais. Finalmente, uma formulação de algumas hipóteses relacionadas à condição das categorias populares e que explicariam que essas últimas não conseguem se elevar em bloco em sua totalidade e diversidade.

2.2.1 A ascensão da plebe e sua retirada

Nesta primeira perspectiva encontramos Pierre Therme que considera que: « as revoltas populares da década de 1980 constituem uma nova expressão política e se baseiam na exigência do reconhecimento de um direito à palavra por um poder que não pode ser reduzido a uma dominação » (2014). Assim, « [...] levantes - [da] massa não contados - marcam o questionamento, principalmente, entre a fronteira do aceitável e inaceitável, até então subtraída do questionamento » (THERME, 2014). O autor considera, acima de tudo, relatar contra a tendência da comunidade internacional que, em sua missão de "reforçar" a democracia no Haiti, tende a representar os conflitos em uma lógica instrumental, « [...] manifestações massivas de 2003- 2004 que levaram à queda de Aristide e aos "distúrbios da fome"¹⁷ de 2008 como expressões políticas, para apreendê-los como uma "realidade em si" » (THERME, 2014). Assim, seu objetivo, em face dessa negação do conflito, é:

[...] reabilitar a dimensão política desses momentos de protesto para questionar a "interpelação plebéia", mantendo-nos "nas margens do político", a fim de que isso aconteça em sua precariedade, além das desigualdades reduzidas à patologia de "pobreza", da referência *ad nauseam* à "resiliência" do povo haitiano e à redução da cidadania a um status (THERME, 2014).

Nesse sentido, ele tenta mostrar que a realidade dessas revoltas populares não pode ser reduzida à vontade dos chamados grupos de "sociedade civil" compostos especialmente pelo Grupo 184¹⁸ em oposição ao poder do Lavalas, nem à opção militar que estava prevista em outro lugar. A própria heterogeneidade dos sujeitos sociais que compõem essas mobilizações comprova, do seu ponto de vista, que os partidos políticos, tanto quanto as associações de "sociedade civil", não podem ser colocados na origem das ações empreendidas pelos desencantados com o poder Lavalas. Ele fará a mesma leitura com respeito aos distúrbios de 2008¹⁹ e certamente indicará que partidários do ex-presidente Aristide, no exílio, participaram desses movimentos. No

¹⁷ Distúrbios da fome significa protestos espontâneos e violentos contra o um aumento repentino do preço de produtos básicos que as pessoas precisam para alimentar-se. Com o aumento do preço desses produtos um número ainda mais significativo de pessoas vão correr o risco de passar fome, assim chamam esses protestos de "distúrbios da fome".

¹⁸ « Grupo 184: Plataforma da "sociedade civil" reunindo 184 organizações em torno do empresário haitiano-americano Andy Apaid. O agrupamento dessas organizações foi baseado em sua oposição a Aristide; a plataforma não sobreviveu à sua partida e as diferenças foram, além disso, muito profundas ». (Pierre Therme, 2014) Nota 11.

¹⁹ Os motins de 2008 referem-se às revoltas para protestar contra o aumento dos preços das necessidades básicas, resultado, de fato, de um aumento dos preços no mercado internacional.

entanto, argumenta que a violência percebida pelos observadores para afirmar a existência de um desvio político dessas manifestações não nos permite reduzir esses momentos a uma mera instrumentalização partidária (THERME, 2014)²⁰.

Em conclusão, de acordo com essa análise, duas razões principais explicariam a situação atual, por um lado, a visão das elites locais e internacionais que ainda apresentam conflitos não como uma "demanda por direitos, mas como uma demanda por um melhor status", o que levá-los a considerar a realidade sob o ângulo de pobreza e não conflitos estruturais; por outro lado, a segunda razão está do lado das estruturas partidárias. De fato, « a impossível mediação das demandas populares por um sistema de partidos incapazes de construir uma ligação orgânica com o povo parece mostrar a fragilidade de um processo em que as demandas populares ainda não podem ser dirigidas ao Estado » (THERME, 2014). Franklin Midy questionou o tipo de democracia que poderia criar raízes no Haiti, à medida que as estruturas sociais tradicionais permanecem inalteradas, realizando uma leitura semelhante.

2.2.2 Do movimento social pela mudança para uma democracia liberal sob liderança internacional

Em sua análise, Franklin Midy compartilha, como muitos outros pesquisadores, o fracasso do chamado período de transição democrática. Ele apontou que « [...] a partir dos anos 2000, [...] a experiência haitiana de "transição democrática" parecia um tanto "caótica" para S. P. Étienne (2000), "difícil" para F. Midy (2001), "interminável" para R. Fatton (2002), enquanto L. Hurbon (2001) cunhou a expressão "democracia não encontrada". Mais explicitamente, S. Castor julgou que os "objetivos essenciais buscados" não foram alcançados » (MIDY, 2017). Os "objetivos desejados" foram, de fato, para Suzy Castor « "[...] a institucionalização democrática, a consolidação do Estado de Direito, a redução das desigualdades socioeconômicas e o início econômico" (2006: 112) » (MIDY, 2017). No entanto, sua finalidade não foi ver a questão como

²⁰ « A esse respeito, violência refere-se à plebe cuja emergência excede às formas clássicas de reivindicação; não é a assertividade como vítima do aumento dos preços, mas um desafio à linha entre o aceitável e o inaceitável. O uso da violência não é, no entanto, intrínseco à condição plebéia que se caracteriza, em primeiro lugar, pela exclusão social e política. Diante da negação do direito de falar, a violência se torna visível. A situação é, estritamente falando, "inabitável" para essa "população" que não tem outra alternativa senão afirmar sua recusa através da violência para ser ouvida ».

outras, em outras palavras, cansou-se de tentar diagnosticar o que impediria o sucesso dessa transição para a democracia, mas mostra que, desde o início, a democracia buscada pelas instituições internacionais, como o que buscam os partidos políticos no Haiti, caminhava na direção oposta aos objetivos do movimento social pela mudança e da luta contra a ditadura.

Ele realizou uma revisão histórica do conceito de democracia como poder das *demos* para demonstrar que a perspectiva de democratização no Haiti é um programa cuja implementação é concedida aos partidos políticos, que já estavam longe das *demos*, das pessoas. Na verdade, ele sublinha: « A ditadura evacuou o lugar para a *transição democrática*! Este foi o programa político adotado desde o início e entendido no contexto da teoria da democratização como a transição do regime autoritário para a democracia representativa, cujos agentes são os partidos políticos » (MIDY, 2017). Assim, « este é o programa que os partidos políticos disseram que queriam alcançar, sem dizer ou até mesmo perguntar qual é a natureza da sociedade e do Estado para se tornarem democráticos » (MIDY, 2017). E este é o *hiatus*, pois o movimento social de mudança que levou à queda da ditadura teve um programa muito diferente e segundo Franklin Midy (2017):

[...] apelou à democratização da sociedade oligárquica exploradora, à transformação do Estado autocrático opressivo, à reconquista da independência nacional, à refundação da República fabricante da exclusão e do *mundo exterior* e ao reconhecimento universal da humanidade dos habitantes do país. Ele exigiu "o fim da sociedade onde o burro trabalha e o cavalo desenha os galões" para uma sociedade igualitária, "o fim do estado de massacre", para que seja criada a possibilidade de construção de uma comunidade de solidariedade com "o fim das políticas de liquidação nacional", com vistas a reivindicar a soberania nacional.

Nesse sentido, falar em democratização no Haiti, na perspectiva "republicana" americana, que evacua o povo, é propagar pura e simplesmente um termo perturbador, mentindo, em sua opinião. Para Franklin Midy (2017):

Em uma sociedade de apartheid que produz um mundo à parte (*moun andeyò*)²¹ não cidadão, como o Haiti; em um estado autocrático dependente,

²¹ « *Moun andeyò*, categoria social dominada econômica, política e socialmente, considerada como uma classe de não-cidadãos quase estrangeiros em uma sociedade de exclusão massiva e de apartheid ». Nota 27. Este termo foi cunhado principalmente para descrever a situação do campesinato haitiano que desde a independência foi excluído, em outras palavras, nunca tomou decisões, subordinando-se às elites haitianas. Veja, BARTHÉLÉMY, G. **Le pays en dehors. Essai sur l'univers rural haïtien**. Port-au-Prince/ Montréal, Editions Henri Deschamps/ CIDIHCA, 1989

sob controle estrangeiro aceito, como o estado haitiano; em que consiste a "transição democrática" e o que ela pode levar? Em tal situação, não é um objetivo atingível, do ponto de vista teórico, a menos que a própria situação seja revolucionada.

Claramente, sua reflexão consiste na exposição desse período dos últimos trinta anos, como resultado de uma operação tríplice que concretamente constitui uma repressão do povo fora da rua. Estas operações podem ser resumidas nestas observações:

[...] contra-ofensiva do exército e paramilitares, apoiados pela oligarquia e seus aliados internacionais, com o objetivo de empurrar as *demos* para fora da cena política; estratégia de instrumentalização do povo na rua, para fins de autolegitimação política, pelos partidos políticos; discurso de "espectralização" de heróis nacionais por "líderes" nacionalistas que buscam uma audiência com os excluídos; políticas multifacetadas de intervenção de "países amigos", ansiosas por importar para o Haiti a democracia correta; a desestruturação da economia camponesa e a autoconfiança da oligarquia haitiana no curso da economia e da política americana; minimizar o papel social do Estado haitiano no PAS (programa de ajuste estrutural); falência do Estado, privado de meios de ação e papel social; colocado sob tutela do "estado falido" (MIDY, 2017).

São estas diversas operações que, a seu ver, explicam a situação atual, ou seja, a perpetuação da ordem social desigual.

2.3 PERPETUAÇÃO DA ORDEM SOCIAL

Apresentaremos outras três reflexões que partiram quase do mesmo questionamento do nosso trabalho. A primeira é, sobretudo, uma análise crítica do discurso dominante da modernização na sociedade haitiana, que seria uma tentativa de desviar as classes populares das lutas sociais e evitar qualquer revolta das últimas, e assim essa reflexão tenderia a entender como suas categorias em lutas não conseguem formular uma alternativa. A segunda diz respeito aos movimentos populares, ao seu surgimento em períodos de crise e às razões pelas quais as saídas de crises levam sempre a uma perpetuação dos fundamentos do sistema. E a última é a formulação de certas hipóteses em busca de uma explicação da incapacidade das categorias populares de constituir uma unidade para lutar por uma melhoria/transformação de sua condição.

2.3.1 Ideologia da modernização e lutas populares

Franck Séguy parte da questão fundamental²² que se segue : « Por que, no seio do capitalismo neoliberal que está ameaçando até a própria existência das classes populares, elas não conseguiram, até agora, se organizar numa luta, cuja intenção de romper com a ordem vigente ficaria clara? » (SÉGUY, 2009a, p.22-23). Para evitar más interpretações, ele afirma que isso não significa que as classes trabalhadoras no Haiti estariam totalmente passivas. No entanto, a sua saída na rua também não traduz, segundo as suas opiniões, que se estaria numa situação revolucionária, porque estas últimas podem ser instrumentalizadas no quadro de objetivos totalmente contrários aos seus interesses (SÉGUY, 2009a, p.23). E esta é a sua leitura dos dois últimos grandes momentos de mobilização de categorias populares no Haiti, a luta contra a ditadura, dos anos 1980 a 1994 e as lutas de 2004 contra o presidente Aristide e argumenta : « As classes dominantes também podem querer mudar o regime político a partir do momento em que o vigente não atende mais as suas necessidades do momento. Foi isso o que aconteceu com a queda da ditadura, em 1986. Também foi o caso em 2004, com a queda de Aristide » (SÉGUY, 2009a, p.26).

A partir da perspectiva materialista dialética, ele estudará as ideologias desenvolvidas pelas classes dominantes no Haiti, a fim de desviar as classes trabalhadoras da luta estrutural responsável por sua situação. A partir daí, ele formula a hipótese de que : « [...] o desenvolvimentismo pregado pela sociedade civil haitiana, ao favorecer a reprodução intra-sistêmica dos dirigentes das organizações do setor popular, acaba drenando as energias das mesmas organizações para os projetos de desenvolvimento que consolidam a ordem vigente que pretendem combater ». (SÉGUY, 2009a, p.28). Seu objetivo foi:

Estudar as condições de existência das populares haitianas no contexto do capitalismo neoliberal globalizante, do final do Século XX até os dias de hoje. Estudar as possibilidades para classes populares, simultaneamente oprimidos, dominadas e exploradas, de identificar no seu quotidiano, os recursos para se capacitarem a desenvolver respostas alternativas à ordem do capital (SÉGUY, 2009a, p.29).

²² Em seu mestrado em serviço social, realizado em 2009, sob o título **Globalização neoliberal e lutas populares no Haiti: Crítica à modernidade, sociedade civil e movimentos sociais no estado do crise social haitiano**, à Universidade Federal de Pernambuco.

Para começar, ele listou alguns exemplos para demonstrar como, nos últimos anos, conceitos como sociedade civil, modernidade, modernização se tornaram dominantes no discurso social no Haiti. Sejam nos discursos de acadêmicos, líderes de partidos políticos ou na administração pública, ele enfatiza que todos os setores não expressam outros discursos que a necessidade de modernização das instituições nacionais. E, do seu ponto de vista, essa questão da modernização não constitui um discurso simples, mas um elemento de luta das classes dominantes. Nesse sentido, ele afirma que (SÉGUY, 2009a, p.37):

No Haiti, a pretensão de tudo fundamentar na modernidade ou tudo modernizar atende à preocupação ideológica de desnortear as lutas populares, cuja contribuição à queda da ditadura foi inegável. E cuja vontade e esperança para a transformação social eram radicais. Essas ideologias vigentes no Haiti desempenham o papel de impor suavemente, nas massas, uma compreensão invertida da sua realidade a fim de fazer abstração das suas verdadeiras condições de vida.

Na sua crítica a esse discurso, atestando a necessidade de trazer o Haiti para a modernidade, ele quer demonstrar que de certa forma esse discurso nega que o Haiti esteja na modernidade (SÉGUY, 2009a, p.44). Em outras palavras, retomando a crítica das perspectivas de descolonização do conhecimento, ele enfatiza o fato de que é impossível falar de modernidade sem falar de colonialidade, então a realidade do país não pode ser entendida fora da relação que tem estabelecido com as potências estrangeiras colonialistas no curso de sua história. Por outro lado, esse discurso também negaria o fato de que a luta pela independência do Haiti, liderada pelos trabalhadores das plantações, era em si mesma contra a modernidade e contra a colonialidade. Em outras palavras, esse discurso não pode ser separado da luta que opôs e ainda se opõe a dois projetos de sociedades da história haitiana, de um lado, o projeto do individualismo moderno e de outro o projeto do pai fundador (Dessalines) que baseava a felicidade na liberdade de todos. Em suma, do seu ponto de vista, esse discurso desenvolvimentista é uma ideologia que « [...] tem, no Haiti, o papel primordial na estruturação das consciências e na orientação tanto das ações "privadas" como das "públicas" » (SÉGUY, 2009a, p.127) em vista de um projeto neo-colonial.

Levando em conta o objetivo desse discurso, ele fará uma breve história da chegada de organizações da sociedade civil e ONGs que seriam seus principais propagadores. Além disso, ele apresentará o papel desempenhado por essas organizações da sociedade civil no Haiti durante as lutas sociais, particularmente

destacando as lutas das categorias sociais conservadoras contra o presidente Aristide em 2004. Este último presidente tentou, segundo Seguy, sem ruptura completa com a tradição patrimonialista, compartilhar o monopólio econômico tradicional da oligarquia haitiana (SÉGUY, 2009a, p.153) com « [...] o Grupo dos 184. O nome desse grupo vem da sua composição inicial: 184 organizações, de 12 setores de atividades da sociedade civil, reunidas nessa grande plataforma *grandonburguesa* [foi o principal instigador da luta contra o presidente] » (SÉGUY, 2009a, p.152). De lá, ele se inclina a considerar a concepção da sociedade civil no Haiti como a do liberalismo. Além do envolvimento direto das chamadas organizações da sociedade civil nas lutas conservadoras, ele destaca a presença de ONGs e seu discurso de desenvolvimento comunitário, no Haiti rural, como outro elemento da ideologia das classes dominantes. Esse discurso de desenvolvimento comunitário sublinha « [...] transforma toda mulher e todo homem em indivíduo egoísta e todo membro de classe social em cidadão. Acaba por diluir o caráter político dos problemas sociais fundamentais transformando-os em questões econômico-técnicas [...] » (SÉGUY, 2009a, p.159). Finalmente, incluirão algumas ONGs e outras associações/organizações que se apresentariam como um "movimento social" e carregariam um discurso esquerdista, no que ele chama « [...] o complexo ideológico-filosófico responsável pelo distanciamento político das classes populares das suas lutas históricas » (SÉGUY, 2009a, p.160). Em suma, essas diferentes questões seriam os elementos explicativos do fato de que, apesar das atuais condições de existência, as classes populares haitianas não podem liderar uma luta política pela transformação de sua situação e propor uma alternativa.

2.3.2 Movimentos populares e o fim de crise

Michel Hector inicia sua discussão dos movimentos populares e crise, notando que desde o século XIX haitiano ou 1843, a história do país é dominada por importantes mobilizações políticas de repetição para alcançar três objetivos. Essas ambições têm a ver fundamentalmente com o regime político, com o modo de produção econômica e com a natureza do Estado. Na verdade, ele argumenta que « O estabelecimento de um sistema democrático, modernização econômica e uma verdadeira integração na comunidade nacional da grande maioria das pessoas pobres nas cidades e no campo formam três grandes objetivos expressos nos principais conflitos políticos e questões sociais de ontem e de hoje » (HECTOR, 1998, p.68). E apesar deste longo período de

mobilização, se « inegavelmente, algum progresso foi feito durante essas lutas, [...] do ponto de vista do modo geral de funcionamento da sociedade, essas mobilizações ainda estão longe de produzir os resultados esperados » (HECTOR, 2011, p.108). Desse quadro brota a questão:

Como, apesar de todas essas comoções dramáticas que acompanham uma transformação substancial de sua orientação e práticas, o sistema político conseguiu manter os aspectos fundamentais de seu modo arbitrário e autocrático de operação ao serviço exclusivo das oligarquias tradicionais, enquanto ao mesmo tempo aqui e ali algumas modificações de circunstância? (HECTOR, 1998, p.69)

Esta questão, assim formulada, refere-se a uma dupla preocupação na reflexão do autor. A primeira tem a ver com a natureza desses momentos de crise e a segunda com a dinâmica própria das estruturas políticas dominantes para superar os problemas causados por esses momentos de perturbação no impulso das categorias populares e finalmente recuperar sua lógica de funcionamento anterior. A partir daí, a pergunta a ser respondida é: « que tipo de crise e como, em cada caso, ela foi superada? » (HECTOR, 1998, p.69). Assim, no curso de sua análise, o autor apresentará os diferentes tipos de crise e suas características fundamentais, mas nesta apresentação enumeramos apenas as razões para a continuidade do funcionamento do sistema social em seus fundamentos. Como primeiro ponto, ele revela que « A construção pelas classes dominantes de uma forte coalizão política, derrotando todas as perspectivas de realização e fortalecimento de uma aliança popular, tem provado historicamente ser um elemento chave na saída de algumas dessas conjunturas críticas [das] grandes crises » (HECTOR, 1998, p.81).

Para explicar a continuidade do sistema político em seus aspectos mais estruturais na base das relações sociais, ele denota três questões. Em primeiro lugar, ele menciona o confronto violento, a repressão em larga escala contra as classes populares. Mas também revela que a repressão, apesar de gerar grandes dificuldades às classes populares para se manter organizada e perdas consideráveis, nem sempre permitem uma vitória das coalizões dominantes. Este foi o caso das grandes crises, primeiro de 1908 a 1915, quando « [...] foram necessários cinco anos de guerra e atos de violência liderados pelo exército estrangeiro e seus deputados (1915-1920) para alcançar a meta, a aniquilação da mobilização camponesa, [...] à custa de milhares de mortes e, assim, facilitar o estabelecimento da dominação norte-americana » (HECTOR, 1998, p.86). Então, durante a crise dos anos 1980, « o [...] massacre de milhares de cidadãos mais

uma vez no golpe de estado de setembro de 1991 e o terrorismo de estado que está em vigor desde 1994, no entanto, os grupos dominantes não conseguiram derrotar o movimento popular » (HECTOR, 1998, p.86). O que traz em jogo, em segundo lugar, é a necessidade de reformas e concessões. No entanto, essas últimas estão sempre ocorrendo « no quadro [nas condições] da preservação da essência arcaica do sistema social, do ponto de vista econômico, político e social » (HECTOR, 1998, p.87). E ele finalmente invoca, em terceiro lugar, o peso do *habitus*. De fato, ele diz que o *habitus* seria muito eficaz na sustentabilidade do sistema. E estes são « modelos políticos de práticas, comportamentos, modos de pensar, trajetórias sociais, profundamente enraizados nos indivíduos, esses *habitus* são naturalmente produtos históricos » (HECTOR, 1998, p.88-89). Em conclusão, segundo Michel Hector, a repressão contra movimentos populares, reformas, concessões em um marco limitado pelo sistema e finalmente o *habitus* explicam a permanência do sistema político apesar das muitas mobilizações que se cruzaram.

Ilionor Louis, observando a realidade haitiana, o desenvolvimento de diferentes "movimentos sociais" em diferentes setores de atividade²³, separadamente, começa a questionar esses movimentos que ele considera que « [...] têm em comum a substituição das reivindicações de classe por reivindicações setoriais de acordo com seus interesses particulares » (LOUIS, 2017a). Essa realidade traduziria de seu ponto de vista certa fragmentação social e, a partir daí, se pergunta: « 1. Por que os pobres aceitam seu destino no Haiti? 2. Por que eles não estão indignados [...]? 3. O que eles esperam? » (LOUIS, 2017a). Com base em suas observações e discussões sobre cidadãos em trânsito público, ele formulará as seguintes hipóteses (LOUIS, 2017a):

Primeiro, [...] a incapacidade dos pobres de se unirem para transformar a sociedade é explicada pela sua divisão. Várias instituições alimentam essa

²³ « Em junho de 2010, cerca de seis meses depois do terremoto de 12 de janeiro no Haiti, vários milhares de agricultores organizaram um protesto contra a suposta distribuição de sementes pela empresa multinacional Monsanto. Em outra nota, em Ile-à-Vache, no sul do Haiti, a organização "Konbit Peyizan ilavach" (KOPI) começou uma mobilização contra a decisão do governo haitiano para desenvolver referido projeto de desenvolvimento chamado "Destino Turístico Ile-à-Vache". No setor da educação, 23 de abril de 2014, os professores entram em greve por tempo indeterminado e anunciam uma mobilização para o dia 28 do mesmo mês. Eles exigem o pagamento integral dos salários em atraso dos professores, um salário base de 50.000 (cinquenta mil) gourde [a moeda nacional de Haiti], que foi incluído no orçamento nacional, a criação de cantinas em todas as escolas, trinta e quatro por cento (34%) do orçamento nacional dedicado à educação e seguro para professores. No setor de subcontratação, maio de 2017, trabalhadores de diferentes fábricas de montagem realizaram nas "fábricas" de Carrefour e Porto Príncipe uma paralisação para exigir um reajuste salarial de 800 gourdes por dia um pouco mais de doze (12) dólares (moeda dos EUA) ».

divisão. Em segundo lugar, existe uma correlação entre a miséria social e a incapacidade de quem é vítima de indignar-se. [...] a extrema pobreza e até indignância não podem, por si só, contribuir para a transformação radical. Em terceiro lugar - e é uma hipótese transformadora - penso que a agregação política das classes trabalhadoras é uma das condições da insurreição social que deve levar a outra formação social e econômica ou mesmo a outro sistema.

Falando da divisão entre os pobres, Ilionor Louis refere-se a várias realidades. Em primeiro lugar, o fato que a maioria dos indivíduos das classes menos favorecidas ganhar a vida principalmente com o pequeno comércio informal, em sua opinião, levaria à competição entre eles, o que os impediria de se organizarem juntos. Em segundo lugar, vem uma divisão baseada em denominações religiosas. De fato, a prática religiosa contempla o desenvolvimento do individualismo religioso a partir da expressão de que a salvação é pessoal e que a felicidade é para o futuro e não para este mundo. Finalmente, os partidos políticos existentes, também, teriam sido utilizados para dividir os pobres e a corrupção, a traição dos profissionais da política alimentaria um desencantamento dos pobres. Além disso, a extrema pobreza enfrentada pelos pobres, a necessidade de gerenciar constantemente a vida cotidiana, teria feito com que perdessem toda a capacidade de se tornar um sujeito político (LOUIS, 2017b). Ilionor conclui, no entanto, que « [...] as reivindicações de trabalhadores, professores, estudantes, pequenos comerciantes e camponeses teriam maior probabilidade de sucesso se tivessem raízes partidárias; raízes que constituiriam um denominador comum, uma caixa de ressonância de todos e daqueles que lutam para realmente mudar nossa sociedade » (LOUIS, 2017b). Por enquanto, precisamos apresentar nossas considerações sobre essas obras, nossas divergências de nossa própria leitura da realidade.

2.3.3 Elementos para outras hipóteses

Esta última parte responde a dois objetivos fundamentais. Pretendemos revelar certos limites dessas diversas reflexões sobre a realidade social geral em torno dos movimentos populares no Haiti, sua incapacidade de constituir uma alternativa e a consideração sobre a perpetuação da ordem social. E essas considerações servirão ao mesmo tempo como elementos explicativos de nossa hipótese de pesquisa.

O primeiro aspecto que nos divide desses trabalhos diz respeito à maneira de abordar as categorias populares e ligá-las a uma perspectiva de "transformação da sociedade". O que eles querem dizer com classes populares? Para Franck Seguy, que

adota a perspectiva marxista, se ele não considera com isso apenas os trabalhadores, no entanto ele as apreende a partir de sua posição econômica, então ele vê que o discurso da modernização é dominante e oferecido pelas categorias dominantes, assim seriam os únicos óculos de percepção da realidade para as classes populares. Como resultado, segunda a leitura que ele fez, poderíamos pensar na medida em que esse discurso estaria ausente, as classes trabalhadoras lutariam por uma transformação da sociedade ? De uma perspectiva diferente, mas não totalmente oposta a esta última, Franklin Midy, citando Balibar, que adotou a posição de Gramsci, sustenta que para « [...] as classes sociais não existem formas prévias de organização política, mas existem tendencialmente à organização da ação política de massa (BALIBAR, 2009, p.23) » (*apud* MIDY, 2017: nota 38). Em outras palavras, classes não são uma realidade dada anteriormente, mas que se daria na luta política, isto é na dinâmica da luta que eles iriam encontrar uma certa existência. Contudo, longe dessa diferença entre essas duas concepções de classes, os autores apresentam uma visão totalizante e homogênea ou, pelo menos, dando muito pouca importância à heterogeneidade das classes populares e às implicações dessa heterogeneidade nas lutas sociais. De fato, para Franklin Midy, elas não existem objetivamente, mas encontram sua existência na ação política, desde que não sejam totalmente passivas, ou não tenham permanecido passivas até certo ponto, certas etapas da luta (que é constante na sociedade) e que devemos parar de olhar em sua direção para focar seus oponentes (as classes dominantes) ou os aliados que deveriam ter (os partidos políticos). E claro, uma análise espontânea é o grande risco de tal concepção e que pode levar a « [...] uma visão dicotômica projetando as principais dificuldades do lado das instituições partidárias » (CORCUFF e MATHIEU, 2009, p.69). Não apenas Franklin Midy, mas essas análises, em sua totalidade, não escaparam ao perigo que as esperava.

Compartilhamos a visão de que as classes não têm existência em si mesmas. No entanto, a constituição de uma multidão, durante um momento considerado e que certamente poderia compartilhar publicamente certa vontade de mudança, especialmente em tempos de grande crise, como é o caso da atual crise no Haiti, segundo Michel Hector, ao mesmo tempo, não elimina a diversidade das trajetórias sociais desses indivíduos que a compõem e, conseqüentemente, o peso de suas diferentes visões de mundo que elas carregam, o que não nos permite afirmar que elas, uma vez mobilizadas, são uma classe plenamente consciente de seus interesses e que

dominam os mecanismos do jogo social. Embora tenha sido uma das demandas expressas por *alguns movimentos populares*, a insistência de que o movimento social de 1986 queria uma transformação total da sociedade eclipsa a necessidade de levar em conta as percepções das relações sociais pelas classes populares, para uma análise aprofundada da complexidade da situação atual, em outras palavras não leva em conta as implicações dessas divergências na percepção das relações sociais sobre a possibilidade efetiva das classes populares de constituir um movimento permanente com vista a uma transformação da sociedade.

As mobilizações populares do início dos anos 1980 até a primeira metade da década de 1990 certamente exigiram mudanças sociais. Mas será que esse apelo à mudança reflete o mesmo objetivo de acordo com a leitura da diversidade de sujeitos sociais que compõem as classes populares? Na verdade, as primeiras reivindicações populares após a queda da ditadura foram « [...] a luta contra a corrupção, o julgamento de grandes criminosos e recuperação de fundos públicos roubados por Duvalier, seus ministros e os "Macoutes" e eleições organizadas por uma instituição independente do Governo Provisório » (HURBON, 2001, p.70). Além disso, esse movimento, para emprestar novamente as palavras de Franklin Midy chamava « [...] para a democratização da sociedade exploradora oligárquica, estado de processamento autocrático opressivo, a reconquista da independência nacional, a revisão da fabricação da república de exclusão » (2017). No entanto, sobre esses mesmos objetivos e os meios para alcançá-los, não tinha um ponto de vista totalmente dominante, para não dizer sem conflitos de visão, nem mesmo dentro das organizações populares no campo de batalha, menos ainda nas diferentes categorias populares. Devemos, portanto, em nossa opinião, considerar fundamentalmente os determinantes dessa situação para uma análise mais ambiciosa das dificuldades de movimentos populares, ou como nós queremos, a atual falta de um Movimento Popular no Campo político haitiano.

Uma das características das grandes crises que abalaram o sistema político haitiano « [...] está na súbita deterioração da situação econômica das classes trabalhadoras nesses tempos muito conturbados », diz Michel Hector (1998: 76). E como foi observado por vários autores, e nós o tomamos novamente na introdução, a crise social haitiana tem, por um dos seus fundamentos, uma crise econômica que antecede a ditadura dos Duvalier. E, em nossa opinião, é completamente normal

encontrarmos nesses momentos movimentos populares e até alguns atores pedindo uma transformação total. Além disso, outra constância « [...] que se encontra em nossa conjuntura de grandes mobilizações do século XX reside na diferença de fase entre, por um lado, as fases de fluxo e refluxo da agitação coletiva e, por outro lado, necessidade imperativa de configurar o processo de organização dos atores sociais » (HECTOR, 2016). E vários fatores sociológicos poderiam explicar esses defasamentos e as dificuldades de acordo com Michel Hector (2016) :

Esses tipos de obstáculos residem, por exemplo, no analfabetismo, na divisão linguística entre o mundo dos alfabetizados e as classes trabalhadoras (Gauvin). Eles pesaram todo o seu peso nesta repetida ausência de sincronização entre a mobilização popular e a existência de capacidade organizacional real das várias correntes político-ideológicas de caráter progressivo que cruzaram esses movimentos.

E no quadro das mobilizações do movimento social contra a ditadura e até esses dias, esses fatores sociológicos naturalmente influenciaram e revelaram essa fratura, essa distância existente nas várias categorias das classes populares haitianas e em sua conexão com outras categorias progressistas, classes médias (acadêmicos entre outros). De fato, essa distância entre os atores em luta sobre os objetivos de sua luta e os meios para alcançá-los, não seria encontrada apenas entre partidos políticos e organizações populares.

Com base nas pesquisas realizadas nas próprias organizações populares, foram encontradas "diferenças de sensibilidades" que devem ser ligadas a esses fatores sociológicos mencionados por Michel Hector. Em primeiro lugar, os principais atores dessas organizações populares desses movimentos, isto é, seus líderes, não eram cidadãos ordinários comuns. De fato, « em geral, os membros dessas organizações são bastante jovens [...]. Muitas vezes os líderes são ex-ativistas de partidos políticos, principalmente os de esquerda e estudantes » (SMARTH, 1998, p.31-32). E « [...] muitos dos líderes se consideram "marxistas-leninistas" » (SMARTH, 1998, p.31-32). Claro, esta diferença na trajetória social dos líderes de organizações populares e o resto das classes trabalhadoras não impede de se mobilizar uma grande parte da população, especialmente, deve ser lembrado, num momento de crise, normalmente coincidindo com o agravamento das condições de vida das classes trabalhadoras. No entanto, quando se trata de formular os objetivos e os meios para permitir a "transformação da

sociedade", as diferenças entre as trajetórias influenciam fundamentalmente o curso dos acontecimentos. Como foi apontado por Luc Smarth, se as organizações expressaram uma:

[...] luta sem trégua contra o Estado haitiano e contra todos os inimigos do povo, uma reviravolta total de todo o sistema político; [um] confronto aberto com o imperialismo dos EUA, que seria o verdadeiro apoio deste sistema político e obstáculo histórico para qualquer processo de mudança política no país em favor das massas deserdadas. Deve-se salientar que *são apenas os líderes e alguns ativistas de base - que consistentemente apoiam essa posição**. (*Nós que sublinhamos) (1998, p.79-80)

Em conclusão, durante as grandes mobilizações contra a ditadura, o objetivo fundamental, para a maioria, foi a construção de uma sociedade democrática (SMARTH, 1998, p.80)²⁴. Apesar de essas organizações e movimentos populares terem se constituído de forma *pluriclassista*, ou seja, agrupando camponeses, trabalhadores, estudantes e outros profissionais, eles não constituíam nenhuma identidade de classe na luta contra outra classe. Sobre os próprios eventos da década de 1990, Alain Gilles falou nesses termos « [...] cidadãos marginais são muito mais sensíveis a interpretações religiosas ou messiânicas a respeito dos problemas sociais do que àquelas baseadas em relações sociais. É difícil para eles analisar a sociedade em termos de conflito de grupo » (1991, p.109). Em outras palavras, para a grande maioria o oponente da luta não era diretamente a oligarquia nacional. Eles podem certamente reconhecer que o Estado sempre trabalhou no interesse dessa oligarquia, mas podemos nos permitir afirmar que, apesar de tudo, uma consideração do aspecto antagônico das relações sociais não foi emitida objetivamente, durante essas lutas, pela maioria das classes populares. De fato, « [...] o sentimento anti-duvalierista [parecia] ser o elemento mais visível e intratável das organizações populares, bem como o elo mais forte entre elas. Representaria, inclusive, em muitos casos, seu princípio de identidade mais clara e sua principal razão de ser » (SMARTH, 1998, p.72-73). Finalmente, não vamos negar que « o terror militar-macoute, que foi praticado, enfraqueceu consideravelmente os movimentos » (CHENET, 2011, p.140), mas qualquer tentativa de explicação das dificuldades dos movimentos ou a inexistência de um movimento popular que visaria uma transformação da ordem social, o que necessariamente significa levar em conta as lutas entre classes

²⁴ [...] enquanto a grande maioria está direcionada a transformações estruturais profundas no nível político e social ... um pequeno grupo delas [as organizações populares] são, no entanto, parte do quadro mais amplo da construção de um estado "*meramente*" democrático *. Para isso, seria fundamentalmente exigir o banimento da repressão e da corrupção e o fim da exclusão social, econômica e política dos imensos estratos pobres da população. (* Nós que sublinhamos).

sociais, não pode deixando de questionar a composição das classes populares e o envolvimento de suas trajetórias e, portanto, suas visões das relações sociais que encontram e o impacto dessas visões na busca de tal luta e seus resultados.

É fundamental, do nosso ponto de vista, partir das trajetórias sociais dessas diferentes categorias e suas visões das relações sociais por duas razões particulares. Por um lado, porque acima de tudo, as diferenças entre elas e especialmente com os líderes dos movimentos não são apenas o resultado da realidade atual que enfrentam, mas também refletem visões do mundo e percepções diferentes das relações sociais, tão mais ou menos sustentáveis que devem ser ultrapassadas para se conseguir construir uma organização sustentável. Por outro lado, a persistência dessas divergências determinará sempre, de uma maneira ou de outra, o estado do equilíbrio de poder com as categorias dominantes. E, afinal, uma verdadeira transformação da ordem social dependerá sempre do equilíbrio de poder entre as classes sociais em luta. Por um lado, concordamos nesse sentido com a afirmação de que, enquanto o *habitus* « [...] não impede, em tempos de efervescência coletiva, tomar iniciativas criativas de mudança social, elas em momentos de apaziguamento ou refluxo, um poderoso fator de reprodução do sistema » (HECTOR, 1998, p.88-89). Mas, no contexto de sua análise, permaneceu, por nossa leitura, uma hipótese simplesmente, na medida em que não forneceu qualquer explicação significativa em que sentido esses *habitus* levaram à reprodução social. Por outro lado, certamente compartilhamos a leitura de que nunca teve um *contrato social* no Haiti. E por causa disso, « o problema do Haiti não é apenas um problema político. O problema está na estrutura de classes do país, [e que] o Haiti vive desde [sempre] um apartheid social mascarado pelas teatralidades republicanas » (TROUILLOT, 1996, p.278). Mas dizer que « a inclusão da maioria, por sua vez, exige o reconhecimento pelas elites urbanas e seus parceiros estrangeiros de que o Haiti continua a ser fundamentalmente um país de camponeses pobres » (TROUILLOT, 1996, p.278) é afirmar, como Carlo Avierl Célius (1998, p.26) apontou, que ele poderia:

[...] resultar do *consentimento voluntário e unilateral*. No entanto, os grupos sociais dominantes não aceitam mudar as relações de poder sem serem obrigados por uma mudança no equilíbrio de poder. Isso significa que um novo modo de organização social é possível se o estado das relações de poder o permitir, isto é, se cria as condições para negociações entre grupos sociais antagônicos.

É por isso que formulamos nossa hipótese, pondo em relação as percepções das relações sociais pelas classes populares e seus julgamentos sobre as lutas políticas e sociais. E na medida em que o Haiti teve um passado camponês como indicado por Michel Rolph Trouillot (1996, p.279) e que a maioria das categorias populares das favelas das grandes cidades são de origem camponesa, consideramos necessário retornar às visões do mundo os padrões de percepções herdadas da vida comunitária de *lakou*²⁵, com base na cooperação, solidariedade e inaceitabilidade da conflitualidade.

Nesse sentido, devemos fazer dois esclarecimentos sobre a hipótese. Primeiro, reconhecemos que o *coumbitisme*²⁶ (ZIDOR, 2017) que tinha sido, por um longo tempo, a relação de trabalho dominante no Haiti rural, não estaria mais em vigor e que estudos já demonstraram, através dessas relações de trabalho, que além da visão "idealista" de uma igualdade que foi construída em torno dessas relações de trabalho, há « [...] estratégias que permitem a criação e a manutenção de redes de dependência e, portanto, de desvio da força de trabalho em benefício dos detentores do fator de produção mais raro: terra » (SACAD/FAMV, 1993: 246).

No entanto, nós simplesmente consideramos que, por um lado, o fato de certas categorias privilegiadas em áreas rurais terem se beneficiado dessas relações para estabelecer e explorar relações de dependência em detrimento de outras, não refletiu uma mudança na visão de mundo da maioria dos camponeses pobres. Além disso, teríamos que nos perguntar como essas relações de dependência beneficiando particularmente os grandes proprietários de terra persistiram no mundo rural haitiano? E na medida em que essas relações de trabalho foram constituídas em um espaço social, desprovido das principais instituições modernas, para responder, talvez deva ser lembrado que em tal situação « [...] os dominantes [os privilegiados] devem dedicar-se a um trabalho de contínua criação de relações sociais, reduzido a relações pessoais »

²⁵ «A palavra crioulo haitiana *Lakou*, derivada do substantivo francês "la cour" (dispositivo espaço-político das monarquias da Europa) designa uma bio-espacialização civil. Assim, refere-se a um lugar onde os membros da mesma família estendida são agrupados. Essa bioespacialização responde à lógica econômica e política. De fato, ela não apenas possibilita que toda a família seja mobilizada para o trabalho agrícola, mas também fornece uma defesa civil quase infalível contra ameaças externas (civis e políticas). » (DORVILIER, 2012, p. 88, note 44).

²⁶ « O *coumbitisme* é uma das maiores manifestações de solidariedade no Haiti rural. De fato, essas organizações fundadas na base do comunitarismo pregam a ajuda mútua em seu modo de operação. Dentro desses grupos, os agricultores trabalham seus próprios campos de acordo com um princípio de mutualidade e em uma base rotativa, que poupa a todos os pesados despesas de trabalho. Eles também celebram em convívio as grandes oportunidades do ano ».

(BOURDIEU, 1994, p.9), e deste postulado questionar as disposições e as visões do mundo adotadas pela maioria dos pequenos camponeses cuja realidade de exploração foi possibilitada pelos haitianos e foi reforçada em detrimento desses últimos durante as relações de trabalho perpetuadas exclusivamente pela contínua revitalização das relações interpessoais. E mais ainda, segundo « "O Censo Geral da Agricultura (RGA), realizado em 2012 pelo Ministério da Agricultura, [para] uma enumeração abrangente de todas as fazendas do país (1.018.951 fazendas), não somente a maioria dos agricultores do país (96,5%) aprenderam a trabalhar como agricultor principalmente com os pais, mas ainda hoje a força de trabalho é composta de 57,7% dos membros permanentes da família e 40,3% dos cuidadores familiares, enquanto funcionários permanentes representam apenas 2% » (MARNDR, 2012, p.7-20-54). O que significa que, ainda hoje, as relações de trabalho, num dos setores que tem o número mais considerável de empregados, não são relações comerciais, isto é de compra e de venda das força de trabalho, mas relações familiares e de vizinhança, portanto comunitárias, não capitalistas.

Por outro lado, o próprio fracasso das classes dominantes no Haiti ou a natureza do Estado haitiano para alguns não permitia uma « diferenciação baseada em uma divisão social do trabalho organizado em um mercado » (CORTEN, 1996, p.346). E, na ausência dessa diferenciação social « no período contemporâneo, as relações rentistas se desenvolveram através do envio de divisas de imigrantes haitianos estabelecidos [fora do país] » (CORTEN, 1996, p.346). Em segundo lugar, essas relações rentistas, resultadas sobretudo de um fortalecimento das relações interindividuais e dos laços comunitários e familiares, permanecem dominantes no Haiti. Pesquisadores que realizaram pesquisas sobre mentalidades e religiões no Haiti, argumentaram que « [...] para os pobres, a família é a unidade econômica básica e isso é verdade, inclusive entre os pequenos agricultores que nas cidades, onde há enorme desemprego [...] o que faz da família a solução do problema da sobrevivência » (HOUTART e RÉMY, 2000, p.74). Outro pesquisador sustentou, de forma semelhante, que "A característica essencial desta sociedade", diz o economista Frédéric-Gérald Chéry, « é que as necessidades das pessoas são resolvidas dentro da pequena propriedade familiar e não são apresentadas como necessidades coletivas cuja satisfação depende da política do Estado » (2005, p.25-26). Nossa suposição central aqui não é que as necessidades das pessoas não sejam apresentadas na visão delas como necessidades

coletivas de responsabilidade do Estado, mas é a sociedade que seria concebida pela maioria das classes populares através esquemas de relações familiares ou comunitárias. Além disso, o fracasso das classes dominantes é também expresso no fato de que a migração das populações rurais tem levado a uma "favelização" das cidades, onde a promiscuidade impede qualquer possibilidade de intimidade. Essa demanda coletiva levaria, do nosso ponto de vista, ao reforço dos laços comunitários por todo tipo de práticas entre as pessoas nesses bairros (veja GERBIER, 2014). São aspectos da realidade histórica e sociológica que consideramos cruciais, mas que são ignorados ou não recebem a mesma apreciação por outros pesquisadores.

O segundo aspecto, a partir do qual nossa leitura da realidade difere das anteriores, é sobre a maneira de abordar a questão dos partidos políticos. Nosso objetivo é ir além da tendência lamentável de apresentar todos os partidos políticos como um todo homogêneo, como um instrumento usado para expulsar as pessoas do cenário político ou para usá-las. Estimamos, além da propensão de uma leitura redutora, que a luta no *campo* (no sentido bourdieusiano do termo), como uma luta exclusivamente interpessoal, pode nos ensinar mais sobre a sociedade haitiana. A estrutura das relações nesse campo torna-o relativamente autônomo, mas sem ser sua reflexão pura, também reflete o estado das lutas de classes na sociedade e, portanto, as lutas sobre como conceber as relações entre as classes. A partir daí, só podemos entender parcialmente o estado das lutas na sociedade, considerando a luta entre os partidos políticos de acordo com a mesma visão que é tratada nos jornais, isto é, como totalmente interpessoal e subordinado aos interesses dominantes. De um modo ou de outro, infelizmente, é assim que vários trabalhos tentaram analisar os partidos, apesar de reconhecerem a necessidade de as classes populares serem representadas no campo político. É imperativo, nesse sentido, sair dessa exploração quase superficial que resultaria de uma distância insuficiente da atualidade, que é, no entanto, em nossa opinião, uma necessidade de uma melhor investigação das condições de possibilidade de existência de um partido antisistema no campo político. É claro que estamos longe de ignorar a corrupção de alguns políticos ou de afirmar que a imagem que é dada do campo político haitiano é uma triste caricatura de um olhar externo totalmente ignorante de sua realidade. Mas nós argumentamos que está longe de ser instrutivo ver só isso, pois corremos o risco de não perceber o que essas lutas poderiam nos ensinar sobre a luta na sociedade de maneira geral. A fim de explicar as razões pelas quais devemos observar o

campo político de maneira diferente, voltaremos a uma anedota que nos revelou as lutas sociais em andamento no Haiti. Esta anedota, de fato, nos permitirá apontar para uma questão abordada de uma maneira muito rudimentar por alguns e totalmente ignorada por outros.

No final de 2013, dois anos após a posse do Presidente Michel Joseph Martelly²⁷, durante algumas manifestações populares, contra a sua gestão, organizada por um partido político chamado *Pitit Dessalines*, os manifestantes, vindos de uma área popular (Bel-air) da capital de Haiti (Porto Príncipe), começaram a cantar slogans dizendo que *Pitit Dessalines*²⁸ (os filhos de Dessalines) tinham que encontrar os *Pitit Pétion* (os filhos de Pétion) enquanto se dirigem para Pétion-Ville (uma cidade ao leste da capital, onde se encontram as residências e os principais investimentos dos membros da oligarquia, particularmente na indústria hoteleira). Essas manifestações foram repetidamente reprimidas pela polícia e os organizadores acabaram mudando seu curso até abandonarem a lógica. Mas o mais importante ainda do nosso ponto de vista foi o tratamento desses slogans na mídia e no resto da sociedade. O líder do partido político *Pitit Dessalines* foi repetidamente questionado por jornalistas para explicar o significado desses slogans, enquanto o significado e as palavras dos manifestantes sugeriam identificação às categorias desfavorecidas da sociedade (os filhos de Dessalines) em oposição aos membros da "burguesia", os privilegiados (os filhos de Pétion).

Observamos particularmente três intervenções muito significativas nos jornais do país, uma, de um sociólogo e um professor de universidade, outra de um membro bem conhecido de uma organização da chamada "sociedade civil" haitiana, e o último de um grande editorialista de uma rádio da capital. As três intervenções criticaram os slogans que para eles não tinham lugar na sociedade. Na intervenção do professor, ele

²⁷Michel Joseph Martelly chegou ao poder em 2011, após uma eleição que foi fortemente influenciada pela comunidade internacional. Além disso, neo-duvalierista, ele apoiou o golpe de Estado de 1990 contra o primeiro mandato do Presidente Aristide. Perto de certos setores da oligarquia haitiana, ele teria estado muito ativo nas manifestações contra o presidente Aristide em 2004. Esse último, ex-padre salesiano, chegou ao poder pela primeira vez em 1990, tendo sido um dos principais opositores da ditadura do Duvalier e continua a ser muito popular em algumas áreas da capital haitiana.

²⁸ Dessalines e Pétion são dois pais fundadores da República do Haiti, mas eram de diferentes origens sociais (Dessalines é um negro que viveu a escravidão e Pétion era mulato e sempre foi livre) e propuseram projetos políticos totalmente diferente na esteira da independência do país em 1804. Além disso, Dessalines foi assassinado e, no imaginário coletivo, Pétion teria tido algum envolvimento neste ato.

simplesmente mostrou que não havia compreendido o simbolismo dos slogans, tomando-os literalmente, começou a se questionar sobre as questões de cor, de relações de classe, e finalmente concluiu que ele não via os motivos pelos quais os dois ancestrais deveriam estar envolvidos naqueles assuntos. Do seu ponto de vista « Se é um problema de classe, há realmente uma necessidade de encontrar Pétion e Dessalines neste lugar? Eu me perguntaria, disse ele, não sem certa perplexidade entre proletários e burgueses, entre dominantes e dominados, de que lado contamos os descendentes de cada um dos nossos dois protagonistas? » (BERTHONY, 2013). A segunda intervenção, a do membro da "sociedade civil" foi mais clara. Na verdade, na sua opinião « Esses [discursos] são demônios antigos que estão ressurgindo, [e] esta situação, ele continuou, pode perturbar o país seriamente, [não sabemos] o que poderia acontecer diante do *ressurgimento desses discursos baseados na luta de classes* » (DARIUS, 2013). Assim, ele apelou aos políticos para que tivessem mais racionalidade, pois, seria irracional, na sua opinião, falar sobre as lutas de classes no Haiti - um dos países mais desiguais do mundo. Na intervenção do editorialista, ele destacou o fato que desde sempre o país viveu com preconceitos raciais, da parte dos mulatos que compunham as categorias dominantes do país e que prejudicaram a convivência entre os diferentes grupos sociais. Assim, ele viu os slogans como uma resposta do líder político e das classes populares às classes dominantes. Rapidamente ele fez um apelo à unidade nacional notando que « Para conquistar a independência, os pais fundadores transcenderam o veneno que representava a questão racial para selar a unidade dos Negros e dos Mulatos e vencer as forças expedicionárias francesas » (JEAN-FRANÇOIS, 2013). Nesse sentido, « Hoje, no Haiti, o discurso de oposição entre Dessalines e Pétion se releva pura hipocrisia » (JEAN-FRANÇOIS, 2013). Na visão dele, « [...] se a luta de classe » está alimentada pelo poder da época e pelas classes dominantes, « não deveríamos perder nossa serenidade e nos deixar mobilizar a partir de instruções falsas para permitir que pessoas más defendam causas pessoais e ocultas e nos conduzam a antigos caminhos que fizeram no passado tão mal à unidade nacional » (JEAN-FRANÇOIS, 2013).

Nas três intervenções relatadas percebe-se mais ou menos que o que estava em questão era uma luta discursiva entre as categorias, ou seja, uma luta política baseada em palavras, os autores, como membros dos *campos de produção cultural* (mídia, universidade e sociedade civil) da sociedade haitiana, caíram na tentação de entrar « [...] nesse jogo, [e] dar a última palavra nas querelas, dizendo o estado real das coisas »

(BOURDIEU, 2004, p.73). Em outras palavras, sem se dar conta disso, essas três intervenções, como discursos dos campos de produção cultural, não estavam mais analisando, mais estavam tomando posição na luta política.

E desde então, tornou-se bastante comum perceber nas redes sociais e nos jornais, membros da classe média e/ou das classes populares, para as quais não haveria: "nem Pitit Dessalines, nem Pitit Pétion", cujos discursos não seriam nada mais do que estratégias advindas do exterior (os estrangeiros) para dividi-los e, por isso, passaram a pedir a reconciliação ou a necessidade de uma "unidade nacional" para tirar o Haiti da crise. Em outras palavras, a miséria e a desigualdade não resultaram da divisão da sociedade entre categorias com interesses antagônicos, mas da luta daqueles que gostariam de transformar as relações em desigualdades. Por isso, falar de luta de classes é brincar com fogo, pois a união é a saída « [...] desse estado de subdesenvolvimento da assistência crônica » (GOUSSE, 2016, p.38).

Essa passagem foi reveladora para nós, pois nos permitiu perceber, como outros pesquisadores já haviam apontado, que o conflito civil « [...] tem sempre sido evitado na sociedade haitiana » (DORVILIER, 2012, p.37). Franck Séguy estava bem ciente desta recusa de conflito civil pelas categorias dominantes, no entanto, enfocando a questão da modernização e o discurso desenvolvimentista, abordou esses conflitos de maneira superficial. Ele enfatiza, « Para dificultar e impedir a dissolução de todas as classes, a ideologia dominante dilue a sua existência no discurso tóxico "*nou tout fè youn/ todos somos um*" [...] » (SÉGUY, 2009a, p.189). De nosso ponto de vista, esse discurso seria mais significativo que o da modernização, porque longe de explicitamente estabelecer um modo de relação entre as classes, esse objetivo de desenvolvimento da sociedade sempre deixa para os agentes "progressistas" e categorias dominadas a possibilidade de definir a orientação desse "desenvolvimento", até mesmo a possibilidade de pensar em subversão das relações sociais. Além disso, a questão não seria combater um discurso em si, como parece propor Franck Séguy, o que implicitamente sustentaria que o discurso teria uma força imanente que lhe permitiria se impor às classes dominadas. De fato, ao emprestar as palavras de Bourdieu, o poder simbólico desse discurso « [...] é definido em e por uma relação entre aqueles que exercem o poder e aqueles que o experimentam, isto é, na própria estrutura do campo onde está acontecendo e se reproduzindo a *crença* » (BOURDIEU, 1977a, p.410).

Assim, para combatê-lo, é imperativo levar em conta, no campo social haitiano, a relação entre quem o expressa e quem o recebe e, portanto, a posição do dominado que legitima esse discurso. Por outro lado, em nossa opinião, já existe, sobre o discurso da modernização, um equívoco entre as classes dominantes e as categorias desfavorecidas, pois boa parte delas colocaria o Estado como ator principal dessa "modernização". Em outras palavras, o Estado teria a responsabilidade de responder aos principais problemas sociais (LOUIS, 2009, p. 213)²⁹, enquanto que para as classes dominantes e o mercado internacional, em sua visão neoliberal, o objetivo é sempre ter menos Estado. Mas, falando do outro discurso que está clamando pela unidade nacional, ele fundamentalmente tende a problematizar a relação entre as classes no sentido de dissimular as lutas sociais.

O pesquisador Michel Hector também percebeu esse discurso. Ele afirma que « essa predominância da unanimidade, nesses momentos históricos de forte efervescência, também pretendia mascarar ou mesmo sufocar a percepção das realidades conflitantes das várias classes sociais. A situação criada pela intensa e extensa agitação popular de 1986 não escapou desse fenômeno » (HECTOR, 2016). Mas hoje representaria, do seu ponto de vista, « [...] um fator dinâmico de impulso do progresso político e social precisamente na medida em que se desenvolve na prática de levar em conta a diversidade e "recusa de uma unificação homogeneizadora" (Abensour) do pensamento em torno de interesses particulares ou clânicos em detrimento de interesses nacionais reais » (HECTOR, 2016). Nós nos perguntamos, no entanto, o que teria mudado, na sociedade haitiana, que nos permitiria argumentar que esse discurso não serviria mais para ofuscar as lutas sociais, na medida em que a sociedade continua sendo uma sociedade de exclusão e as classes dominantes do plano econômico e político continuam a ignorar o menor número de demandas das categorias desfavorecidas? E como ele reconheceu: « A satisfação real das demandas populares [...] sempre foi a grande ausência nas atividades do Estado [...] » (HECTOR, 1998, p.89-90). E hoje a realidade continua a mesma. Além disso, esse discurso unânime, como ele afirmou, é formulado apenas nos momentos de luta, ou seja, é apenas uma posição ortodoxa tomada em resposta aos discursos de outros atores nas lutas. Nesse sentido, não podemos analisá-

²⁹ « O Estado, segundo várias pessoas, é a instituição que deve assumir suas responsabilidades para tirar as pessoas da marginalidade, a miséria em que essas populações se encontram. Acredita-se que o Estado deve assumir suas responsabilidades criando emprego, construindo moradias sociais, garantindo a educação das crianças e a saúde de todos ».

los separadamente, é o próprio relacionamento deles que deve ser o objeto da leitura científica.

Por outro lado, essa passagem nos permitiu descobrir em linguagem popular um conjunto de expressões como : Nèg anwo (pessoas de cima)/Nèg anba (pessoas de baixo), que expressa o mesmo simbolismo, do nosso ponto de vista, que Pitit Dessalines (filhos de Dessalines) e Pitit Pétion (filhos de Pétion). Em outras palavras, *esquemas informacionais*, « [...] princípios de classificação, princípios de hierarquia, princípios de divisão que também são princípios de visão, enfim, tudo que permite a cada um de nós distinguir coisas que outros confundem, para operar uma *diacrisis*, um julgamento que separa » (BOURDIEU, 1986, p.41), e desenvolvido por certas categorias populares, a fim de estabelecer uma certa classificação das diferentes categorias da sociedade. E, na medida em que se opõem ao discurso unitário dominante, podemos, nesse sentido, concebê-los como discursos heréticos, isto é, discursos de luta, que assim poderiam ser usados para uma ruptura com a *doxa*, a visão do *senso comum* que concebe as relações sociais como autoevidentes, naturalizando-as. Mas, como já apontamos, esses discursos são compartilhados apenas por certas frações das classes mais baixas. Por outro lado, para alguns intelectuais, apesar de aceitarem que « essa distribuição tem um significado simbólico: as pessoas acima são membros da oligarquia [...] [essa lógica da divisão] entre "pessoas de cima" e "pessoas de baixo", [...] erroneamente pensariam em [uma lógica de classe] » (LOUIS, 2018). Ousamos perguntar depois de Laënnec Hurbon se « *um técnico-cientista e de ideologia elitista [não] parece pesar sobre o trabalho teórico de análise* [destas expressões da linguagem popular] » (HURBON, 1979, p.12). Na verdade, dominado pela visão decorrente do « *realismo do inteligível* (ou [a] reificação de conceitos) [aqui o de classe social] » (BOURDIEU, 1984, p.4), para o autor, « [...] as classes sociais são definidas como grandes grupos [...] diferenciados por suas relações com os meios de produção, seu papel na organização social da produção e o tamanho da riqueza pública que possuem » (LOUIS, 2018). Assim, na sua lógica, não devemos entrar em uma visão classista, ao lado daquilo que chamamos de lumpemproletariado que englobam :

[...] pessoas de classe média baixa, estudantes universitários, professores mal pagos, professores e professoras, ex-ativistas políticos, trabalhadores e pequenos funcionários públicos e privados, pais e mães de famílias desempregadas, profissionais do setor informal, em suma trabalhadores autônomos, empresários ou taxistas, agentes de segurança [...] (LOUIS, 2018).

No contexto deste trabalho, quando falamos de classes populares, não as representamos como grupos existentes nas relações de produção, mas como « [...] conjuntos de agentes [populares] que ocupam posições semelhantes que, colocadas em condições semelhantes e condições semelhantes, provavelmente terão disposições e interesses semelhantes, produzindo práticas e posições semelhantes » (BOURDIEU, 1984, p.4).

Para retornar à nossa narrativa, o que deve ser lembrado, finalmente, é que a visão dominante no Haiti sobre as classes sociais sempre as concebeu em um fundo de negação dos conflitos, isto é, a partir de simples "status de grupo" que é facilmente diluído na idéia de "nação haitiana". Para uma melhor compreensão do que estamos dizendo aqui, é necessário, portanto, sempre tentar captar de maneira relacional os discursos dos profissionais ou/e os programas dos partidos políticos no campo, ou seja, os próprios efeitos do campo. Assim, a luta pela sua posição na luta pela adesão dos leigos e de outros lugares, o relatório do campo às demandas externas, particularmente na situação atual do campo político haitiano. Sem, no entanto, afirmar isso explicitamente, a relativa autonomia do campo político haitiano tem sido, mais ou menos, insinuada por alguns pesquisadores (HURBON, 2001, p.157). Além disso, o fato de que as várias personalidades que conseguiram a presidência do país, incluindo o último presidente, Jovenel Moïse, foram *outsiders* (SNYDER, 2017, France24, 2011), gerou, por outro lado, a preocupação de alguns observadores e políticos com a repetição desse fenômeno (CASTOR *et al.*, 2012, p.23), o que comprova a fraca capacidade do campo político haitiano para definir sua própria dinâmica em relação à realidade externa. Consequentemente, esta situação do campo político também nos obriga a evitar reduzir as posições dos profissionais a cálculos puros, mas a tentar, em vez disso, ter em conta as relações estruturais internas e externas que os determinam.

Vamos voltar, a partir daí, ao relato da visão de mundo dominante sobre as próprias classes sociais e no campo político haitiano. Por exemplo, categorias de classes médias haitianas (acadêmicos, jornalistas, artistas, etc.) sempre criticaram os partidos políticos haitianos por nunca terem sido « [...] fornecedores de ideologia [...] » (CHENET, 2011, p.170). No entanto, de acordo com uma pesquisa realizada por pesquisadores haitianos sobre a percepção dos partidos políticos, « [...] as pessoas afetadas pela pesquisa não parecem se preocupar com as posições ideológicas dos

partidos » (HURBON, 2014a, p.114). Os partidos políticos também são reprovados por terem servido como um instrumento de expulsão ou de desvio do povo na luta por uma transformação da sociedade. No entanto, a partir de outra pesquisa realizada por pesquisadores sobre relações sociais, os dados revelaram, sobre uma proposta de conciliação de classes sociais que « entre os agricultores, chega a 90%, entre os trabalhadores 80%, entre os comerciantes informais 71%, enquanto entre os funcionários/gerentes intermediários, a proposta é de 65% e entre as profissões liberais e a alta administração de 43% » (HOUTART e RÉMY, 2000, p.73). É necessário enfatizar que todas essas questões foram totalmente ignoradas pelas pesquisas ou propostas de pesquisas sobre a questão da perpetuação da ordem social. Depois de ler essas estatísticas não deveríamos abordar de outra forma a questão da perpetuação da ordem social haitiana em relação ao campo político, sabendo que a estrutura deste último permanece dependente das relações de poder entre as classes sociais, da visão dominante e da natureza legítima do relacionamento das classes ?

Tomamos como último exemplo às considerações precedentes uma realidade relativamente recente no campo político haitiano, nos últimos anos, o líder do partido político *Pitit Dessalines*, Moïse Jean-Charles, é apresentado na mídia, ou por acadêmicos ou cidadãos comuns como radical. Portador de um programa que, com « [...] um ancoradouro ideológico à esquerda quase extremo, [...] é de algum modo revolucionário, no sentido social do termo » (OLIVIER, 2016), comparado à realidade da sociedade haitiana atual ou mesmo com a "extrema esquerda" (PIERRE, 2015)³⁰. No entanto, no momento em que se analisou seu programa político nesses termos e que ele mesmo se apresentou como a única figura política de ruptura com a dominação internacional e vis-à-vis da "burguesia nacional", seu discurso de campanha permaneceu totalmente ambíguo, contraditório. De fato, durante as últimas campanhas eleitorais para a presidência, em 2015, ele disse: « Aqueles que acreditam num outro Haiti podem se aliar a *Pitit Desalin*. É o povo que deve se encarregar do destino deste país. Não é a comunidade internacional e a burguesia que vão mostrar o caminho para este país » (CÉSAIRE, 2016). No entanto, ao mesmo tempo, "[...] o pretendente à "Suprema magistratura do Estado" (a presidência) enfatizou que com esse discurso ele não quer

³⁰ « Muito crítico da comunidade internacional e empreendedorismo haitiano, líder da oposição durante todo o mandato de Martelly, Moïse Jean-Charles seria também a encarnação da extrema esquerda no Haiti ».

perturbar o país, nem colocar um raio nas engrenagens da comunidade internacional e da burguesia » (CÉSAIRE, 2016).

Apreendido de maneira isolada do contexto social e político haitiano, o titular de um discurso como esse pode ser apresentado somente como um demagogo. Mas, tomado em relação a outros discursos políticos dentro do campo político, temos que lembrar que a sociedade haitiana sempre recusou o conflito civil e, portanto, deve-se levar em conta a dependência das ligações dentro do campo de forças externas, particularmente durante processos eleitorais no Haiti quando a comunidade internacional também é « [...] reconhecida inevitável, [e] feita de árbitro para o jogo eleitoral e examinador final da validade da cédula » (MIDY, 2014, p.56). Deve-se perceber que o discurso simplesmente responde às restrições da relação estrutural da realidade eleitoral e social do Haiti e da censura imposta. Em outras palavras, o campo político haitiano opera a partir da censura da questão da luta entre classes sociais, ou seja, « para entender o que um político faz [ou diz], devemos procurar quem votou nele, procurar sua base eleitoral, sua origem social ... mas não podemos esquecer de procurar a posição que ocupa no microcosmo, o que explica muito do que ele faz » (BOURDIEU, 1999, p.57-58). Nesse sentido, qualquer verdadeiro profissional da política vai perceber que a construção de um discurso, um programa político sobre tal fundamento "excessivo" de uma *lógica de conflito*, sem dúvida, leva sempre a correr o risco de ser excluído. No entanto, tornando problemático esse jogo político, os principais agentes seriam incapazes de perceber a dificuldade de construir um tal discurso de luta no campo ou mesmo o efeito dessa luta pelo maior número de eleitores possíveis em face do condicionamento das relações de poder externas. Assim, os agentes do campo, eventualmente, passam a imagem de que a luta no campo político é puramente uma luta pessoal, de modo a transmitir a representação do *senso comum* da *doxa*, também contida no discurso de unidade que tende a obscurecer a luta entre as classes que determinam o controle do campo. Em conclusão, a partir destas considerações, não é a mera vontade dos profissionais que vêm de um partido, um representante de um movimento popular, que vai resultar em transformação social. Isso só poderia ocorrer na medida em que o estado das relações de forças externas a tornasse possível. Implica dizer que a maioria das classes populares consegue produzir esse representante, pela *dialética da representação*, a partir de sua constituição como uma classe na luta pela transformação da sociedade.

Por causa dessas considerações, nosso trabalho não pode se basear sobre as hipóteses feitas por Ilionor Louis. Nós não estamos falando de um simples movimento das reivindicações, mas um movimento que significaria uma condição efetiva dos interesses antagônicos, levando as classes populares a tomarem uma decisão de não esperar uma mudança unilateral por condução das classes dominantes, mas a uma luta pela transformação da ordem social. Por outro lado, não acreditamos que o comércio informal, as religiões e os partidos políticos estejam, na verdade, dividindo as categorias populares de maneira que as impossibilite de se organizar juntas. Pequenos comerciantes estão certamente na "competição" para ganhar a vida todos os dias, mas acreditamos que eles são conscientes da situação de miséria vivida e a suposição de divisão implica em negar os laços de solidariedade que as pessoas forjaram para poderem sobreviver. Quanto à religião, apesar das pessoas serem de diferentes religiões, não acreditamos, exceto no caso dos protestantes contra o "Vaudou"³¹, que esta adesão a diferentes credos religiosos seja mais forte em face à miséria e exclusão a que estão sujeitas nas favelas. Finalmente, sobre partidos políticos, duvidamos seriamente que eles possam dividir significativamente as categorias populares. Por um lado, os estudos sobre partidos políticos deixam claro que a maioria não se reconhece nos partidos. Por outro lado, praticamente desde a primeira eleição do período democrático, a participação eleitoral nunca parou de diminuir (IDEA, 2014, p.79). Comparado com a população de idade para participar da vida política, o número de indivíduos que realmente adere à vida partidária é categoricamente insignificante. Por fim, dizer que a extrema pobreza está na origem da quase inércia das classes trabalhadoras não seria, em nossa opinião, uma explicação satisfatória. Também, pode ser legitimamente mencionado *a posteriori* para explicar uma situação contrária, de revolta. Além disso, não se trata apenas da possibilidade de as classes populares se unirem umas às outras, mas de se unirem contra as classes dominantes. Nesse sentido, elas devem simultaneamente não só ir além de suas peculiaridades e construir uma identidade com base em suas propriedades comuns, mas também que para elas seja imaginável, "aceitável" essa contradição, no sentido mais amplo do termo, que a sociedade é um *entrelaçamento de unidade e desunidade* de grupos. Isto é, são ao mesmo tempo unidos (pela história, por certas questões culturais e por habitar o mesmo espaço geográfica

³¹ O "Vaudou", é a religião popular haitiana.

entre outros) e divididos com as classes dominantes (em termos de seus respectivos interesses) (Ver MORIN, 1994, p.87).

Em suma, consideramos que o primeiro ponto de partida para uma investigação que não violaria a complexidade da realidade política e social, a fim de explicar, atualmente, a ausência de um movimento popular, que visaria a uma transformação do ordem social no campo político não pode deixar de lado as classes populares haitianas e suas visões do mundo que determinam suas trajetórias sociais específicas. Como resultado, nosso trabalho vai em uma direção diferente daqueles que percebem estes como um todo homogêneo e os consideram unicamente de suas condições econômicas. No entanto, não afirmamos que as classes populares são totalmente passivas, por um lado, nos opomos à leitura de Franck Séguy, que certamente não afirma que as classes populares são passivas, mas que acredita que durante as mobilizações contra a ditadura e contra Jean Bertrand Aristide, em 2004, estas foram totalmente instrumentalizadas pela burguesia internacional e nacional. Nesse sentido, juntaríamos, em certa medida, a leitura de Pierre Therme, que argumenta que a população deve ser entendida como uma realidade em si mesma. No entanto, de acordo com nossa análise, esse surgimento não significa, como ele argumenta, arriscando um "dominomorismo" (NORDMANN, 2006, p.198)³², que "as massas dos excluídos estariam cientes dos mecanismos de dominação". E quando confrontado com a expressão de uma "posição política" contraditória de "mototaxistas [...] ostentando orgulhosamente retratos de *Tèt Kale* [Michel Joseph Martelly] e de *Titid* [Jean Bertrand Aristide]³³ lado a lado na janela da motocicleta deles » (THERME, 2014), ele só pode concluir pela existência de uma « confusão [...] de uma juventude nascida após as primeiras batalhas de Aristide, ignorância da história recente do país com certeza, mas também esperança colocada em uma figura que parece falar em seu nome » (THERME, 2014). Assim, ele se veria incapaz de perceber a situação do relativo desconhecimento das classes populares sobre os mecanismos do jogo social e político.

³² Dominomorismo é uma expressão cunhada por Claude Grignon que consiste em atribuir generosamente, mas indubitavelmente, às pessoas os modos dominantes de pensamento, em reação ao miserabilismo (ou "dominocentrismo"), em razão dos dominados serem privados da cultura dominante, e conclui que eles não são seres pensantes.

³³ Michel Joseph Martelly e Jean Bertrand Aristide: dois líderes políticos com visões da sociedade e posições ideológicas opostas.

Todas as obras citadas, dominadas pela ideia de que as mobilizações dos anos 1980 a 1994 visavam uma transformação total da sociedade, são desviadas de um estudo mais profundo da situação das classes populares e suas *estruturas mentais*. Sem cair no outro extremo "*miserabilista*" (*misérabiliste*), apreendemos esses movimentos, ontem como hoje ainda, como lutas defensivas decorrentes do agravamento de sua condição de vida em um momento de crise social persistente. Além disso, longe de argumentar que os políticos profissionais haitianos não têm responsabilidade em relação à situação atual, nossa leitura também se opõe à tendência de examinar os partidos políticos como um todo e, a partir daí, levar a cabo uma acusação geral, uma rejeição inflexível deste conjunto que existe como tal apenas na cabeça do pesquisador. Nós os consideramos, preferencialmente, como um campo de luta expressando também o estado das relações das forças externas. E na medida em que as lutas sociais, de um lado, são lutas simbólicas e considerando que « a oligarquia haitiana inscreve sua [...] dominação em uma relação de subordinação aos interesses estrangeiros » (CHENET, 2016, p.33), ao contrário de Franklin Midy, não concebemos o apelo às figuras dos pais fundadores da República pelos "líderes nacionalistas", com a "*espectralização dos heróis nacionais*", como uma instrumentalização do povo, mas como "estratégias" de lutas simbólicas (no sentido de Bourdieu da noção "estratégia")³⁴. Por outro lado, como as lutas sociais também são lutas de classificação, não afirmamos que os slogans : "Nèg Anwo (pessoas de cima)/Nèg Anba (pessoas de baixo) ; Pitit Dessalines (filhos de Dessalines)/ Pitit Pétion (filhos de Pétion)" têm uma racionalidade intrínseca, mas concebemos como discursos heréticos, isto é, opostos à ortodoxia, expressão de uma certa ruptura com a *doxa*, ou seja, discursos que poderiam constituir elementos de combate, especialmente como eles foram forjados por certas categorias das próprias classes populares. Ao captar os partidos políticos a partir do campo que eles constituem entre eles, queremos especialmente lembrar que não podemos analisá-los sem levar em conta a estrutura do campo em relação ao estado das lutas externas. Sua modificação com vistas a uma transformação da sociedade sempre dependerá da capacidade das classes populares de construir em tal objetivo, concedendo-lhe sua força, um ator (um partido, um movimento), neste sentido um campo que, numa *relação dialética, de co-produção*, lhes dará uma existência como um grupo, uma *classe efetiva* no campo político.

³⁴ « [...] um agente adota uma *estratégia* para aproveitar ao máximo. Nenhum meio de ação, manobra ou plano, a *estratégia* aparece como um modelo de comportamento, um modo de ação ou conduta, uma prática que tem efeitos benéficos. A estratégia é concebida [...] como arma contra o finalismo e contra o mecanismo » (DEWERPE, 1996).

2.4 O SISTEMA PARTIDÁRIO HAITIANO DE 1986-2018

Uma análise objetiva do sistema político haitiano, não impregnada de preconceitos, sempre de moda sobre o sistema formado pelos diferentes grupos políticos e / ou partidos no espaço social não é um exercício fácil. A complexidade do assunto requer levar em consideração variáveis que, sendo relativamente contemporâneas ou não, influenciam inegavelmente sua evolução e com as quais o sistema interage. A história marcada por sucessivos poderes autocráticos, a situação de pobreza econômica e cultural em que a maioria da população se encontra, a importância da política na sociedade e, finalmente, a intervenção da comunidade internacional no jogo eleitoral, são, entre outros, elementos não negligenciáveis para um tratamento adequado do funcionamento e das dificuldades que todo o sistema político deve enfrentar.

Para fazer o ponto histórico, pode-se, relativamente, considerar o sistema político a partir de três momentos importantes da história nacional. Primeiro, todo o período anterior à ditadura de Duvalier; segundo, o tempo da ditadura (1957-1986); por fim, o retorno à democracia a partir de 1986.

O Haiti conquistou a independência em 1804, mas, a gestão do conflito social pelas classes dominantes emergentes, o diálogo dos surdos que surgiu entre elas e a classe dos ex-cativos (ver Casimir, 2009), teria sido, entre outros, um fator de resistência à institucionalização da política³⁵. Foi, portanto, a instituição militar que determinou principalmente a renovação de responsabilidades políticas durante praticamente todo o século XIX no Haiti. O primeiro partido político surgiu apenas na « década de 1870 [...]». O Partido Liberal é fundado por iniciativa do deputado Jean-Pierre Boyer Bazelais » (SAINT-ARMAND, 2015, p.26). Esse partido, para tirar o país do domínio político dos generais, com seu « [...] jornal **Le civilisateur** [e] seu slogan "o poder dos mais capazes" » advogou a introdução do princípio de um poder político respeitoso prerrogativas do Parlamento [...]. Esse partido também propôs que o

³⁵ Ao assassinar Dessalines, pelo plano que tinha de construir uma sociedade baseada em uma apropriação mais ou menos equitativa da riqueza do país entre as classes, as classes conservadoras, os grandes proprietários de terras opostos à sua visão, cometeram o primeiro ato de negação do conflito civil que os opôs aos trabalhadores. Nesse sentido, tornaram difícil construir a representação política de visões opostas na sociedade, isso estava ainda mais claro, pois queriam apresentar a sociedade haitiana a partir de uma visão unânime, ou seja, sem conflito estrutural, "como uma fusão de grupos" (NICHOLLS, 1978, p.183).

funcionamento do poder se baseia em habilidades » (HURBON, 2014b, p.38). Uma oposição foi formada contra este último, que foi o « Partido Nacional, cujo slogan "poder para o maior número" promoveu o princípio da igualdade dos cidadãos e a participação de todos os estratos sociais na vida política. [E] o Partido Nacional atribui a seu jornal o título **Le Peuple** » (HURBON, 2014b, p.38). O advento e a continuação da ocupação americana do Haiti em 1915, além de alguns contratemplos, também seriam momentos significativos na construção de partidos políticos. Durante este período de perda da soberania nacional:

[...] O agrupamento político, a União Patriótica, orquestra os protestos contra o ocupante americano. [E no final relativo dessa ocupação] são criados dois novos partidos políticos: o Partido Comunista do Haiti (PCH), fundado pelo escritor Jacques Roumain, e o Partido Socialista Popular (PSP) fundado por Étienne Charlier e Anthony Lespès (HURBON, 2014b, p.39).

Esses dois últimos partidos, fundados nesse momento particular pela influência do pensamento comunista no mundo, com a revolução russa de 1917, destacaram-se pelo distanciamento e pela crítica da problematização da realidade social em torno de questões raciais, como foi o caso da oposição entre o Partido Liberal e o Partido Nacional (HURBON, 2014b, p.38).

O advento da ditadura travou o momento dessas primeiras tentativas de construir um sistema partidário no Haiti, enfraquecido pelas iniciativas que deram à luz « 24 [partidos], [que] serão banidos e seus membros perseguidos, presos ou mortos, como em 1879 (sob o presidente Solomon) ou 1930 (sob o presidente Vincent) » (HURBON, 2014b, p.40). Eles não foram numerosos para sobreviver a essa perseguição, apenas dois não desapareceram : « o Partido Nacional Agrícola e Industrial (PAIN), fundado em 1956 por Louis Déjoie (reativado por seu filho Louis Déjoie II em 1987) e o Movimento Camponês Trabalhista (MOP), fundado em 1946 por Daniel Fignolé » (HURBON, 2014b, p.40). Para muitos outros grupos de atores, estudantes, interessados na vida política e especialmente determinados a lutar contra a ditadura, eles tiveram que se organizar secretamente dentro do país, ou no exílio, até os tímidos avanços de um certo tempo de abertura no final da década de 1970 (MANIGAT, 1990, p.5-9). Esses dois primeiros momentos da história do Haiti teriam tido dois efeitos diretos sobre o período mais recente, o da transição democrática (pós-1986), durante o qual as responsabilidades e expectativas da sociedade se tornaram ainda mais importantes em relação aos partidos políticos. O primeiro efeito direto seria a fraqueza

da organização dos partidos políticos. Sabine Manigat enfatiza que na ação dos partidos « a maior parte, era mais uma questão de convencer ou reunir uma opinião, de simpatias, do que realmente enfrentar tarefas organizacionais » (1990, p.11). Por sua parte, Laënnec Hurbon observou que com a oposição entre o Partido Liberal e o Partido Nacional « [...] [eles também tinham apenas] posturas ideológicas, uma vez que nenhum dos dois partidos tinha uma verdadeira âncora na sociedade » (2014b, p.38).

E, ao mesmo tempo, um aspecto a considerar como corolário do anterior seria o peso do personalismo, porque durante muito tempo « [...] um partido político aparece antes de tudo como um homem, uma personalidade com idéias e ambições políticas, um potencial "candidato" » (MANIGAT, 1990, p.18). Sabine Manigat também observou, como outro elemento de sua limitação, o fato de que « os partidos [tendiam] a se multiplicar fora do território nacional, [e] são os movimentos de base (direitos humanos, camponeses, religiosos) que [tendiam] a se desenvolver dentro do país » (1990, p.12). Esses são, entre outras coisas, alguns dos muitos legados que os líderes dos partidos políticos receberam quando a ditadura caiu, mas com os quais tiveram que enfrentar o desafio de construir uma sociedade democraticamente forte e atender a muitas demandas sociais.

A saída do poder autoritário dos Duvaliers ofereceu, como um dos principais resultados, um espaço para o funcionamento livre e valorizado dos partidos políticos. Com a votação em vigor da « Constituição de 29 de março de 1987 que estabelece um regime semi-presidencial e semi-parlamentar [os partidos são formalmente empurrados para a frente do cenário político, mas também com grandes responsabilidades] » (IDEA, 2015, p.13). Na prática eles já haviam enfrentado uma "opinião pública" que não era nada favorável a eles. Como visto alhures e conforme Jean-Baptiste Chenet, a oposição entre movimentos populares e partidos políticos é a principal explicação para a perpetuação da ordem social moribunda entre 1990 e 1994. Suzy Castor (2009, p.14) disse que em « 1986 surge [...] uma forte corrente antipartidária [...] sobre o mundo ocidental. Paradoxalmente, os partidos formados devem começar a funcionar em uma atmosfera de rejeição e discriminação ». E dentro do país, a luta contra a ditadura foi realizada principalmente por organizações populares, comunidades do bairro, como observou Michel Hector, « a queda da ditadura ocorreu sem os partidos centralizados, estabelecidos em escala nacional em diferentes níveis de organização » (CASTOR et al,

2009, p.16). Além dessa atmosfera que não os perdoava, dois outros fatores determinantes devem ser levados em consideração em sua evolução:

[...] A difusão da profundidade da pobreza e exclusão afeta todos os aspectos da sociedade e suas repercussões são refletidas na evolução e modernização de nossas instituições. E, finalmente, é importante, além de um grupo muito pequeno que tira proveito da situação atual, um grande desejo de mudança atravessa toda a nação, "peyi a pa kapab ankò" / "o país não aguenta mais" (CASTOR *et al*, 2009, p.16).

Do nosso ponto de vista, foi criado, desde então, com todos esses fatores, um ambiente social completamente tóxico pela organização e o fortalecimento real dos partidos políticos. A representação negativa dos partidos políticos teria tido como primeiro efeito o desencorajamento do envolvimento dos cidadãos nessas estruturas e, conseqüentemente, levou a:

[...] Um tipo de desequilíbrio na *filiação partidária*: por um lado, encontramos os líderes que são, na maioria das vezes, os mesmos que fundaram a estrutura política e, abaixo, alguns membros de estratos vulneráveis. No meio, falta muito a presença de executivos bem treinados, capazes de defender a ideologia, a visão do partido e a experiência necessária para formular propostas de políticas públicas (LESPINASSE, 2015, p.87).

Além disso, acrescentando à herança personalista, durante as eleições, os cidadãos, desde as primeiras eleições democráticas, sempre tiveram uma forte tendência a votar em indivíduos em vez de votar em um partido³⁶.

[...] os presidentes em exercício [criam] seus próprios partidos políticos [o que] indica claramente que eles buscam meios de se manter no poder o maior tempo possível, usando não apenas os aparatos do Estado para atrair o apoio de funcionários públicos ou funcionários da administração pública, mas também a multidão de indigentes prontos para aceitar as ofertas menos econômicas de sobrevivência (HURBON e GILLES, 2014, p.24).

Em outras palavras, empreendem ações que vão completamente contra o fortalecimento de estruturas políticas representativas. Com a "fraqueza das instituições estatais" e a pobreza generalizada ajudando, eles podem efetivamente subornar outros líderes ou participar da fabricação de líderes políticos que, de fato, representam apenas a si mesmos para permanecerem no poder.

³⁶ Conforme Hurbon (2014b, p.50) « [...] Por mais de 20 anos, os presidentes em exercício criaram seu próprio partido: Aristide fundou a *Fanmi Lavalas*; Préval, que chegou ao poder com a plataforma chamada *Lespwa*, cria um novo agrupamento político: o *INITE*; Martelly subiu ao poder sob a bandeira do partido *Répons peyizan*, cria o *Parti Haïtien Tèt kale* ».

Além disso, « não recebendo subsídio do Estado (exceto às vésperas das eleições e com moderação), ou do setor empresarial privado (pelo menos regularmente) [...] » (HURBON e GILLES, 2014, p.24), pressionados pelos prazos eleitorais, os líderes da maioria dos partidos, ainda fracamente organizados e não enraizados no território todo, se vêem engajados em uma espécie de "caça a candidatos" para representá-los ; eles estão forçados a se perguntar:

Quem são os que podem ganhar? Estes são os que têm uma audiência pessoal em uma região, cidade, departamento. Quem geralmente tem meios pessoais para vencer, que possui uma rede regional de lealdade que lhes permite vencer se forem apresentados por um partido político (IDEA, 2015, p21-22).

Uma situação que leva a uma proporção cada vez maior de funcionários eleitos sem histórico real de militância em estruturas representativas e que, tendo chegado ao parlamento, por exemplo, agem mais de acordo com o que ditam seus interesses pessoais do que a convicção ideológica esperada ou de acordo com seu partido. Além disso, « os partidos políticos haitianos não têm uma longa tradição de controle, acompanhada de sanções de seus membros em geral e de seus parlamentares » (DANDIN, 2015, p.54), e tudo isso, vem reforçar a visão antipartidária na sociedade e contribui para girar o círculo vicioso que dificulta a institucionalização dos partidos políticos e os priva dos recursos necessários para seu enraizamento em todo o território.

Em alguns casos, essas estruturas políticas são amplamente cúmplices da visão antipartidária, por exemplo, quando depois de ter recebido financiamento público, no âmbito da Lei de formação, funcionamento e financiamento de partidos políticos (LE MONITEUR, 2014, n.10), aqueles que o aceitaram não teriam relatado o uso desses fundos às instituições responsáveis (ver GEFFRARD, 2018), mesmo decorrido lapso temporal superior a um ano do prazo exigido. É inegável que os partidos políticos devem trabalhar « [...] para articular um discurso e práticas que, levando em consideração as expectativas reais das populações, possam levar à sua real mobilização e à efetiva integração de cidadãos conscientes em estruturas políticas dinâmicas » (CASTOR et al, 2009, p. 12). É igualmente inegável que os líderes dos partidos devem trabalhar para banir essa impressão de dominação do sistema político pelos "Partido-Empresas Pessoais (PEP), onde os "Chefes-líderes" desse tipo de partido os consideram seus negócios pessoais e as Empresas Familiares (PEF), que, como as empresas econômicas familiares, pertencem à família do chefe líder » (MIDY, 2014,

p.68-69). Eles também precisam encontrar maneiras de sair do que alguns consideram uma « abordagem baseada em indivíduos para vender, em vez de estruturas para construir e consolidar para executar um projeto. É, portanto, a abordagem personalista que prevalece e que mata a participação de partidos políticos no Haiti » (LESPINASSE, 2015, p.94). O foco deveria ser em projetos e não em indivíduos, só assim sairiam da « indiferenciação ideológica dos partidos [que] cria [segundo alguns] um sistema no qual todos os gatos são cinzentos, [e] não distingue uma parte da outra » (HURBON, 2014c, p.49). Uma melhor apresentação dos projetos também teria, certamente, a consequência de conter essa proliferação de partidos políticos; « [...] 121 foram reconhecidos pelo Ministério da Justiça » (HURBON, 2014c, p.49), sem qualquer estabelecimento e capacidade real de mobilização totalmente nula.

Esta revisão do sistema político do Haiti demonstra que há muito a ser feito para alcançar a institucionalização das estruturas políticas representativas e ter uma presença muito forte no país para a consolidação integral do processo democrático no Haiti. Mas, acreditamos que devemos evitar leituras costumeiras que tenderiam a considerar os partidos políticos e seus líderes como assuntos extraterrestres que evoluem fora da sociedade e que, portanto, poderiam ser estudado sem levar em consideração suas inter-relações com todos os fatores estruturais que determinam a realidade de toda a sociedade. Para citar Suzy Castor:

Eles [os partidos] muitas vezes sobrevivem e funcionam à custa de grandes sacrifícios, expostos a todas as deficiências de uma sociedade pobre e empobrecida e sujeitos ao assédio de um poder invejoso de seus privilégios e desconfiado de qualquer oposição. Eles também evoluem em uma sociedade em que a ausência de um senso de cultura política coletiva e democrática se manifesta a todo momento em seu próprio seio e dentro da população em geral (2009, p.9).

2.4.1 A ordem social haitiano de 1986-2018

A ordem social no Haiti, de 1986 a 2018, refere-se à permanência das estruturas "tradicionais" que definiram por dois séculos as relações assimétricas, portanto, de exploração e as desigualdades de condição entre as classes sociais. A natureza do Estado é a estrutura principal que deu forma a essa ordem desigual. É seguida por uma lei tributária específica que este mesmo Estado construiu e que, por sua vez, revela a injustiça sobre a qual todo o sistema social no Haiti foi erguido. Um

sistema injusto que leva ao empobrecimento contínuo da maioria da população. Esses são três aspectos da realidade da ordem social.

Compreender a natureza do Estado requer um retorno às condições [históricas] básicas de seu nascimento. Em 18 de novembro de 1803, após anos de lutas sangrentas, o exército nativo venceu as tropas francesas e, em 1º de janeiro de 1804, o Haiti declarou independência da França. Para os cativos, cuja escravidão significou uma vida cotidiana desumanizante, a conquista de sua liberdade abriu as possibilidades de reconstruir as estruturas da « [...] única vida que eles podem considerar humanos, a de sua aldeia africana » (CASIMIR, 2009, p.159). Enquanto os próprios grupos dominantes concordaram em construir « [...] a estrutura do Estado de 1804 com base nos direitos adquiridos no colonialismo » (CASIMIR, 2009, p.62). Os interesses das classes dominantes os impeliram a erguer os fundamentos legais da nova administração em continuidade com o sistema colonial, em total contradição com a sede de liberdade dos trabalhadores. Assim foram construídas as instituições administrativas do novo Estado pelas permanecem depois de duzentos anos como um leviatã a serviço das oligarquias que se sucederam.

Desde as primeiras décadas de sua existência, as condições para sua relativa integração no mundo capitalista e ainda escravista, com « uma economia voltada para o exterior, a tendência de dependência do Estado no sistema interestadual » (TROUILLOT, 1986, p.35-36) determinariam tanto sua fraqueza externa quanto sua relação predatória com os menos privilegiados internos. A partir da década de 1843, as classes dominantes começaram a saquear os escassos recursos produzidos pelos camponeses com direito à exportação para o café, uma das principais produções dos pequenos agricultores (TROUILLOT, 1986, p.65-67)³⁷. E como já apontamos na introdução, para enfrentar a crise dos anos 1954-1957, que antecedeu a eleição de François Duvalier, o Estado aumentou o imposto sobre o café, jogando o peso de sua operação para às custas dos mais pobres. Além disso, essa injustiça tributária sempre foi

³⁷ « [...] Para pagar a dívida francesa, as massas que compunham a população negra e trabalhavam na terra eram as únicas taxadas por um imposto indireto, sob a forma de imposto de exportação sobre o café, agravado pela questão do papel-moeda, o que impedia o cultivador de saber exatamente qual valor lhe era oferecido pelo produto de seu trabalho (Michel, 1932: XI). Em um relatório aos legisladores sobre o estado das finanças em 1911, o ministro Louis Edouard Pouget admitiu que mais de 95% das receitas acumuladas no Banco Nacional pelo governo entre 1º de outubro de 1909 e 31 de março de 1910, ou US \$ 1.440.827, vieram das várias taxas cobradas sobre o café ».

estendida às importações, o que favoreceu as elites urbanas. Michel-Rolph Trouillot nos informou:

[que] em 1972, o Estado haitiano tirava 8% de sua renda (ou 22 milhões de gourdes por ano) de impostos indiretos sobre farinha e açúcar e 9,6% de impostos sobre café (ou 26,7% milhões de gourdes). Ao mesmo tempo, porém, o estado tirava apenas 15,6 milhões de todas as empresas industriais, comerciais e agrícolas que operam no país (5,6% de sua receita) (1986, p.68).

Foi essa injustiça tributária que proporcionou ao Estado, ainda em 2018, a maior parcela de seus recursos operacionais. Nesse sentido, consultores do Banco Mundial, declararam, em matéria de tributação haitiana, que:

O sistema tributário haitiano gera apenas recursos limitados para o Estado e tende a ser regressivo. Além disso, os gastos públicos em saúde, educação e proteção social permanecem limitados, reduzindo assim a capacidade das autoridades públicas de prestar serviços e oferecer oportunidades iguais a todos os residentes (SINGH e BARTON-DOCK, 2016, p.2).

Uma leitura das Leis financeiras (orçamento da República) para o período de 2014-2015 a 2018-2019 mostra que os governos estabeleceram orçamentos para os quais pretendiam aumentar os impostos indiretos, comparando com o ano anterior, em 26% entre 2014-2015 e em 20,9% entre 2018-2019. No mesmo período, no entanto, os impostos diretos só deveriam aumentar, em comparação com o ano anterior, em 4% entre 2014-2015 e apenas 11,9% entre 2018-2019. Em outras palavras, os governos estavam confortáveis em continuar apoiando o Estado, principalmente a partir dos recursos dos mais pobres, como pode ser visto na tabela adiante.

Tabela 1 - A evolução dos impostos diretos e indiretos nas leis financeiras entre 2014-2019 (Em gourdes).

OPERAÇÕES	A.- Lei financeira 2013-2014	B.- Lei financeira 2014-2015	Variação	
			Absoluta	Relativa
A1. Imposto direto	15 094 335 522	42 812 102 322	670 935 588	4%
A2. Imposto indireto	34 080 773 622		8 731 328 700	26%
	A.- Lei financeira inicial 2016-2017	B.- Emenda a lei financeira 2016-2017		
A1. Imposto direto	20 269 350 719	21 269 350 719	1000 000 000	4.9%
A2. Imposto indireto	53 805 158 024	47 352 947 116	(6 452 210 909)	-12.0%
	Emenda a lei financeira 2016-2017	Lei financeira 2017-2018		
A1. Imposto direto	21 269 350 719	23 328 686 248	2 059 335 529	9.7%
A2. Imposto indireto	47 352 947 116	65 319 088 940	17 966 141 824	37.9%
	Lei financeira 2017-2018	Lei financeira 2018-2019		
A1. Imposto direto	23,618,686,248	26,428,575,600	2,809,889,352	11.9%
A2. Imposto indireto	62,247,670,125	75,286,007,184	13,038,337,060	20.9%

Fonte: Leis Financeiras, exercício : 2014-2015 ; 2015-2016 ; 2016-2017 ; 2017-2018 ; 2018-2019. (Tabelas de operações financeiras estaduais, p.14 ; p.5 ; p.13 ; p.16).

Além do fato de os impostos indiretos crescerem mais significativamente do que os impostos diretos, eles são e sempre foram, de acordo com vários relatórios de diferentes instituições, a principal fonte de receita do Estado, com uma diferença de mais do que o dobro dos impostos diretos, confirmado pela tabela seguinte:

Tabela 2 - A evolução das receitas do governo em relação aos diferentes tipos de impostos entre 2014-2018.

	Exercício 2013-2014	Exercício 2014-2015	Exercício 2015-2016
Impostos diretos	24.92%	25.08%	24.96%
Impostos indiretos	59.71%	63.14%	64.12%

Fonte: Tabela 4. // Estrutura da receita (BRH, **Rapport annuel 2016**, p.29).

Essa tabela mostra que, apesar de um certo aumento geral nas várias fontes de receita durante os últimos exercícios, os impostos diretos, baseados nos rendimentos, nos imóveis, permanecem consideravelmente mais baixos em comparação aos impostos indiretos sobre o consumo que afeta os cidadãos, sem distinção de renda e padrão de vida.

Com relação ao imposto de renda (IR), que constitui a maior parcela dos impostos diretos, são quase exclusivamente os funcionários do governo que fazem a maior contribuição. Isso se traduz em outra injustiça e expõe toda a "fraqueza" do Estado. Os relatores do Tribunal de Contas observam, em seu relatório para o ano de 2019, que « o IR é determinado fundamentalmente pela folha de pagamento dos 80.000 funcionários da administração pública que representam cerca de 2% da força de trabalho do país e gera 26,5% da receita pública, enquanto 98% da força de trabalho gera menos de 1% » (CSC / CA, 2019, p.38). Eles acrescentam « [que, no que diz respeito ao imposto sobre imóveis construídos, os valores permanecem insignificantes em comparação com a base geral » (CSC / CA, 2019, p.38). Apesar dessa baixa representatividade da contribuição dos impostos diretos no orçamento do Estado, para:

[...] O orçamento ajustado para o ano fiscal de 2015-2016, [o governo da época] fez a escolha sem sentido de reduzir a carga tributária sobre empresas e consultores estrangeiros que operam no Haiti [...]. As autoridades decidiram reduzir a taxa sobre os contratos com essas pessoas singulares e coletivas de 20 para 15%. [Ou seja] diminui em 5% a receita pública arrecadada por parte do orçamento de investimento financiado pela comunidade internacional, enquanto os consultores haitianos - que têm direito a uma renda que representa, em média, menos de um quarto do que os estrangeiros recebem - concordam em pagar até 30% de sua renda tributável (OLIUS, 2018).

Para o ano fiscal de 2017-2018, ao mesmo tempo em que se deseja aumentar a carga sobre os estratos mais desfavorecidos, que foi a fonte de uma série de protestos no país, o governo, em uma modificação da contribuição da terra das propriedades construídas (CFPB)³⁸, alegadamente concedido aos « proprietários de hotéis uma redução de 50% e, ao mesmo tempo, o CFPB diminuiu de 15 para 10%" (ULYSSE, 2017). E deve-se acrescentar que paralelamente a tudo isso, a economia haitiana está completamente concentrada nas mãos de um punhado de famílias e isso há anos antes da ditadura, como lembrado pelos consultores do Banco Mundial:

Desde o início do século 20, os líderes autocráticos no Haiti forneceram benefícios econômicos aos membros da elite, para que eles pudessem contar com seu apoio político em troca. Embora permaneça limitada até o momento, as informações disponíveis sobre empresas privadas sugerem que as grandes famílias que dominavam a economia haitiana na época de Duvalier, durante as décadas de 70 e 80, ainda hoje mantêm controle sobre grandes áreas da economia nacional, levando a uma alta concentração de seu poder em vários setores-chave, distorção da concorrência e manutenção, em muitos casos, de práticas comerciais fora do mercado transparente. Vários dos principais produtos alimentares dos quais os consumidores haitianos dependem são vendidos em mercados concentrados, e análises preliminares sugerem que seus preços são em média cerca de 30 a 60% mais altos do que em outros países da região. (SINGH e BARTON-DOCK, 2016, p.2-3).

Finalmente, além da legislação de Estado oligárquico, por dois séculos, o Estado haitiano negou às classes trabalhadoras direitos, serviços públicos e políticas públicas efetivas. Para essas classes, de fato, o Estado nunca existiu como provedor de serviços (HONORAT, 1991, p.40). Os gastos estatais em saúde pública e educação são indicativos dessa realidade.

Observamos que, nos anos 80, o governo de Jean-Claude Duvalier gastava menos de US \$4 per capita anualmente em educação e saúde da população, respectivamente, apesar do crescimento populacional, negando as necessidades sociais para a maioria da população. Os gastos sociais estaduais também permanecem insignificantes mais de trinta anos depois. Os dados disponíveis nos permitem representar essa situação:

Tabela 3 - Gastos sociais dos governos haitianos per capita de 2000-2001 a 2005-2006.

(Valores em dólar, preço constante de 2000).

Haïti	2000-2001	2002-2003	2005-2006
--------------	------------------	------------------	------------------

³⁸ O imposto de aluguel, conhecido como CFPB (Contribuição para Terrenos e Propriedades Construídas), pago por um proprietário ou inquilino, destina-se ao desenvolvimento de municípios (SÉNAT, 2017).

Gastos com educação	7	5	6
Gastos com saúde	3	3	2
Despesa social total	11	9	8

Fonte: (CEPALC, 2009a). CEPALC, *Panorama Social de América Latina*, 2006 y 2008. Para o Haiti, cifras oficiais do Ministério de Economia e Finanças (MEF), Gobierno de Haití.

Esses números não são apenas extremamente modestos, mas, como podemos ver, os dados mostram uma estagnação ou uma redução pura; portanto, numa comparação ousada com os dois vizinhos mais próximos do Haiti, observaremos esforços significativos e uma tendência ascendente. Na República Dominicana, com a qual o Haiti compartilha a ilha, por exemplo, os gastos sociais passaram de US\$ 200 no ano 2000-2001 para US\$ 263 no ano 2005-2006; em Cuba, seus gastos, per capita, aumentaram nos mesmos anos de US\$ 661 para US\$ 1220 (CEPALC, 2009a, p.99). Esses dados atestam que o obscurantismo, como alguns afirmam, seria a forma cultural de terrorismo social implementada pelas classes dominantes para a perpetuação do sistema social desigual (HONORAT, 1991, p.43-44; TARDIEU, 2016, p.4). E essa tese é ainda mais defensável quando consideramos que os diferentes programas da estratégia nacional de assistência social, implementados pelos governos de Michel Joseph Martelly (2001-2016), estariam longe de ser relevantes e não atacarem os fundamentos dos problemas que eles alegavam resolver (LAMAUTE-BRISSON, 2015; DORSAINVIL, 2015). Esse é particularmente o caso do Programa Universal de Ensino Gratuito e Obrigatório (PSUGO) (AlterPrese, 2014)³⁹ descrito como um desastre programado (TARDIEU, 2016), uma ameaça à educação no Haiti (AlterPresse, 2014). Além de certos limites ligados à natureza de seu financiamento (DORSAINVIL, 2015, p.18-19), a aprovação da lei que garantiria legalmente a cobrança de impostos e o apoio de parceiros internacionais, incluindo UNESCO, quantias consideráveis que poderiam ter sido mobilizadas (ver GEFFRARD, 2013) poderiam resultar em impactos significativos e duradouros no sistema educacional haitiano. Mas, em menos de três anos, a desilusão foi total devido aos crimes de « [...] corrupção, desperdício, apropriação indébita de fundos públicos, falsificadores, escolas fantasmas ... » (AlterPresse, 2014), comprometendo o programa e seu entorno, como os altos

³⁹ Iniciado em outubro de 2011, sob os auspícios de Martelly [...], o programa de educação universal, gratuita e obrigatória (Psugo), buscava fornecer respostas a problemas estruturais relacionados à precariedade da oferta escolar, de acordo com vários documentos da Menfp. Até a presente data, o programa [em causa], os alunos do primeiro, segundo e terceiro anos (4º para 2014-2015), para quem o governo paga às escolas particulares uma bolsa de estudos de US\$ 90,00 [...] por criança. O programa foi financiado pelo "tesouro público, [através] dos impostos cobrados em ligações internacionais e transferências de dinheiro da diáspora para o Haiti". Os recursos assim arrecadados devem ir para o Fundo Nacional de Educação (FNE, criado em maio de 2011).

funcionários de ministérios e parlamentares envolvidos diretamente ou indiretamente (AlterPresse, 2014; TARDIEU, 2016, p.8-9; LALIME, 2013).

A análise deste projeto de lei revela que o Fundo Nacional de Educação faz parte de uma vasta operação para enfraquecer o Estado e de uma séria tentativa de desnacionalizar suas funções soberanas. De fato, consagra a privatização da oferta educacional, desviando importantes fundos públicos para o setor privado, a fim de garantir melhor sua prevaricação; reforça o enfraquecimento do ministério removendo um número significativo de escolas do rígido controle estatal; valida o desperdício de impostos estimado em mais de US\$ 510 milhões; finalmente, remove esses impostos do controle parlamentar. Por outro lado, não prevê nenhum dispositivo que possa reforçar as estruturas públicas ou privadas do sistema atual ou a qualidade da oferta. (TARDIEU, 2016, p.10).

O espetáculo vergonhoso dos responsáveis pelo desvio de recursos que financiariam esse programa demonstrou que não existe, do lado das classes dominantes (política e econômica), nenhum projeto capaz de responder ao direito à educação da população do país que conta com o maior número de analfabetos na região, com uma população instruída de apenas « [...] 45,7% dos adultos, sendo que 60,5% dos chefes de família nunca frequentaram a escola ou não terminaram seus estudos primários » (SINGH; BARTON-DOCK, 2016, p.6).

Todos esses dados, resultantes desse sistema social secular, demonstram que nos últimos trinta anos, no Haiti, as desigualdades foram consolidadas e o desemprego geral permaneceu como realidade permanente. A sociedade, portanto, ficou mais pobre do que já era. Nos anos 80, a sociedade tinha « 75% de pobres absolutos (CEPALC, 2005, p.33) e sua parcela de milionários! [Esse último representou] 4.000 famílias com renda anual acima de US\$ 90.000, ao lado da renda anual de menos de US\$ 40 dos pobres rurais » (MIDY, 1991, p.83), onde 75% da população vivia (CEPALC, 1999, p.8). Nos dois casos, seja por pobreza ou desigualdade, a situação permanece e, como gostamos de repetir, os números falam por si. Um relatório do Banco Mundial resumiu a situação nos seguintes termos:

A pobreza é endêmica no Haiti; o país tem uma taxa de pobreza de 58,5% e extrema pobreza de 23,8% em nível nacional em 2012. Esses números indicam que quase 6,3 milhões de haitianos são incapazes de atender às suas necessidades básicas de consumo e, entre eles, aproximadamente 2,5 milhões de pessoas não podem comer adequadamente. O indicador de diferença de pobreza, ou o indicador de déficit de pobreza, que representa a distância média à linha de pobreza, também é considerável em 24,4% no nível nacional. Isso significa que, em média, os pobres vivem com menos de 60% da quantidade da linha de pobreza, ou seja, menos de 48 gourdes per capita e por dia (WBG, ONPES, MPCE, 2014, p.47).

E levar em conta os dados das disparidades entre o mundo urbano e o rural é ainda mais revelador da crise haitiana:

As populações rurais estão muito mais expostas do que as populações urbanas ao risco de se afundar na pobreza. Em 2012, a maioria da população haitiana ainda vivia em áreas rurais (52% em comparação com 59% em 2001), embora o hiato entre a população urbana e rural esteja diminuindo gradualmente devido ao êxodo rural. A população rural tinha uma taxa de pobreza de até 74,9%, o que representa 67% do número total de pessoas pobres no país. Por outro lado, a taxa de pobreza nas áreas urbanas foi de 40,6% (WBG, ONPES, MPCE, 2014, p.48).

Esses dados permitem sustentar que pelo menos 60% da população é pobre multidimensional, ou seja, tem acesso extremamente limitado às sete dimensões básicas recomendadas (educação, saneamento melhorado, água potável, habitação não precária e segurança alimentar). E mais da metade dessa população, sendo cronicamente pobre, é improvável que saia dessa condição (WBG, 2014, p.2-4).

No que diz respeito às desigualdades, o quadro não é menos sombrio:

A desigualdade permanece muito acentuada em termos de renda e acesso a serviços básicos, impedindo que os pobres acumulem capital humano e melhorem seu bem-estar. A desigualdade de renda é a mais alta da América Latina; o coeficiente de Gini era de 0,61 em 2012 e os 20% mais ricos da distribuição representam mais de 60% da riqueza nacional (WBG, ONPES, MPCE, 2014, p.69).

Nessas condições, estima-se que « apenas 2% da população tenha um nível de consumo superior a 10 dólares por dia; que representa o limiar de renda da região da América Latina para definir a classe média » (WBG, 2014, p.4-5). E se « a taxa de pobreza extrema caiu de 31 para 24% entre 2000 e 2012 » (WBG, ONPES, MPCE, 2014, p.22). Os especialistas também são unânimes em considerar que esses resultados são principalmente o resultado das transferências de haitianos que vivem no exterior para suas famílias que permaneceram no Haiti, juntamente com a renda não agrícola obtida por certas famílias (WBG, ONPES, MPCE, 2014, p.31; WBG, 2014, p.7-8). Essas remessas do exterior representariam de fato « [...] mais de um quinto do PIB haitiano nos últimos anos, e a porcentagem de famílias que recebem transferências [...] aumentou de 42 para 69% entre 2000 e 2012 » (SINGH; BARTON-DOCK, 2016, p.4). E como já vimos com os gastos sociais, as necessidades de educação e saúde da população estão longe de serem prioridades para o Estado haitiano, uma vez que nenhuma melhoria no acesso a esses serviços pode ser considerada, como o trabalho direto de instituições públicas.

Sem atender às condições necessárias para criar riqueza, os governantes abandonam a maioria da população em subemprego e desemprego. Estima-se que « o desemprego afete 40% da força de trabalho urbana e quase 50% da força de trabalho feminina. A taxa de desemprego entre os jovens é superior a 60% [...] » (WBG, 2014, p.8).

Finalmente, tudo o que acabamos de mencionar sobre a pobreza no Haiti deve estar relacionado ao desempenho macroeconômico do país durante as quatro décadas. Especialistas realmente acreditam que:

A economia do Haiti experimentou taxas de crescimento muito lentas desde o início dos anos 80. Em média, o PIB cresceu mais lentamente que a população, o que resultou em uma queda no produto per capita entre 1987 e 2000, que piorou entre 2000 e 2003. O PIB real per capita foi estimado em US \$ 457 em 1987, US \$ 352 em 2000 e US \$ 328 em 2003 (CEPALC, 2005, p.2).

E essa tendência regressiva do PIB real per capita, desde 2003, foi seguida de aumentos totalmente decepcionantes, para não dizer insignificantes, de US\$ 383,7 para 2005 (CEPALC, 2008, p.34) fixado em apenas US\$ 461 para o ano de 2012 (CEPALC, 2013, p.123). Se ousarmos, mais uma vez, uma comparação com a República Dominicana, que certamente já tinha um PIB real per capita mais alto, em 1980, sendo US\$ 897,0 para ela enquanto para o Haiti era de US\$ 307,0 (CEPALC, 1999, p.29), continuou, ao contrário do Haiti, numa progressão contínua a ser avaliada em 2012 em US\$ 5046 (CEPALC, 2013, p.123). Em resumo, quando falamos da perpetuação da ordem social desigual no Haiti, a responsabilidade é desse Estado oligárquico, predador dos grupos desfavorecidos, de onde ele extrai a parte mais importante dos recursos operacionais, enquanto nega à sua população mais pobre a condição de sujeitos de direito. É a não correção dessa tributação injusta que empobrece, dia-a-dia, as frações já excluídas da população. Por fim, um processo ininterrupto de empobrecimento dos mais fracos, que contribui para o enriquecimento das minorias políticas e econômicas.

2.4.2 Movimentos populares de 1986-2018

A ausência de um Movimento Popular que poderia ter transformado a ordem social haitiana de 1986 a 2018, não significa que as classes populares foram completamente passivas durante esse período. A estrutura do campo político foi, em muitas ocasiões, abalada por protestos de categorias desfavorecidas da sociedade. No

entanto, apesar de reconhecermos o envolvimento delas, acreditamos que esses protestos estavam longe de constituir movimentos populares totalmente autônomos, com implicações transformadoras. Esses movimentos que apresentamos muito brevemente foram selecionados pela dimensão nacional que tiveram, ou seja, não eram movimentos regionais ou locais; por sua duração no cenário político e, finalmente, é claro, pela importância do engajamento popular, que foi claramente observado.

A partir desses pontos, consideramos os movimentos de protesto de 2003-2004 que levaram à queda do presidente Jean Bertrand Aristide, em 29 de fevereiro de 2004; os distúrbios de fome de 2008, que levaram à queda do governo da época; os movimentos de protesto por um salário diário de 200 gourdes nas indústrias de subcontratação, em 2009; e, finalmente, o movimento cidadão para um julgamento pelo desvio de fundos da PetroCaribe, iniciado no final de 2018 e que se estenderá até 2020. Não voltamos aos movimentos de 1990-1994 os quais foram devidamente analisados por Chenet Jean-Baptiste, onde concordamos com as razões de seu fracasso.

Movimentos de protesto de 2003-2004

Os movimentos de protesto de 2003-2004 estão entre os maiores com as maiores consequências na história recente do Haiti, levando, após a queda do presidente, à ocupação do país por forças estrangeiras (MINUSTAH)⁴⁰ com base em resoluções tomadas nas Nações Unidas. Para os apoiadores do ex-presidente Jean Bertrand Aristide, sua queda em 2004 continua sendo um golpe de Estado planejado por potências estrangeiras em conluio com a oligarquia haitiana contra os interesses nacionais que este pretendia defender. Outros, incluindo alguns intelectuais haitianos e parte da imprensa nacional e internacional, dizem que o próprio presidente Aristide é o único responsável por seu fracasso porque, para usar as palavras de um jornalista haitiano, « [...] não entendeu que nada pode parar a marcha ascendente da história, porque ele estava nadando contra a maré da história, querendo estabelecer uma ditadura anacrônica [...] » (JEAN-FRANÇOIS, 2004). Claramente, a controvérsia é total entre aqueles que o veem como autoritário e aqueles que o vêem como vítima (LEMOINE, 2004). Para uma dessas posições, as classes populares teriam sido simplesmente manipuladas pelos poderes conservadores e para a outra posição o povo teria se levantado completamente autonomamente contra o presidente Aristide e seus "projetos

⁴⁰ Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti.

autoritários". Esse debate não é do nosso interesse, especialmente porque vários elementos da renúncia do presidente Aristide sugerem que nenhuma das posições estaria totalmente errada ou totalmente certa. Frações das classes populares tinham seus próprios motivos para se levantar contra o poder da época - esses são os dados que apresentamos - sem que isso eliminasse a tese de uma luta também pelas forças conservadoras para a proteção de seus interesses⁴¹.

Para entender os protestos populares e a queda de Aristide em 2004, segundo várias reflexões, devemos voltar às eleições de 21 de maio de 2000. A realização dessa última foi renovar todos os postos eletivos do país, mas a oposição teria sido excluída com uma fraude maciça que deu uma ampla vitória ao Partido Lavalas de Jean Bertrand Aristide (JEAN-FRANÇOIS, 2004). Essa realidade factual acentua « [...] o colapso e o isolamento do país » (WARGNY, 2001, p.21). De fato, isso teria alimentado uma crise política já existente, contra a qual os esforços para resolvê-la nunca tiveram sucesso e, além disso, levou a "comunidade internacional" a manter o congelamento da ajuda internacional que já durava quatro anos. Esse congelamento da ajuda foi estabelecido desde 1997, « representava tanto quanto o orçamento do país, mal consegue pagar, com grande atraso, seus funcionários e cobrar, pontualmente, os 20% necessários para o serviço da dívida » (WARGNY, 2001, p.21). Tudo isso, somando-se a um ambiente internacional « marcado pelo aumento dos preços do petróleo » (BRH, 2001, p.16), prejudicou a economia haitiana que entrou em recessão em 2000, quando o ano fiscal terminou com um declínio de 1,12% do PIB e uma taxa de inflação de 15,32% (BRH, 2001, p.16). Esta recessão continuará até 2003.

Apesar dessa crise, certas seções das classes populares mantiveram sua confiança no poder e de alguma forma se acomodaram à situação. Mas tudo mudaria de 2002 a 2003. As primeiras histórias que fariam diferença seriam uma série de atos criminosos: « assassinatos, seqüestros, roubos, espoliação, desapropriações ilegais, associações criminosas, tráfico de influência, tráfico ilícito, abuso de propriedade social » pelos quais apresentaram representantes do poder como os responsáveis (JEAN-

⁴¹ Vários observadores estrangeiros acreditam, no caso da França em particular, que haveria uma grande máquina de mídia poderosa o suficiente para apresentar à opinião francesa, a partir de uma única leitura, uma representação completamente negativa e falsa do Presidente Aristide e das ações de seu poder no Haiti. E esses observadores apóiam, como os apoiadores de Aristide, a tese de um golpe de Estado no Haiti em 2004 (Veja prefácio Mireille NICOLAS da obra de LEHMANN, Gérard. **Haiti 2004. Radiographie d'un coup d'Etat**. Paris : L'Harmattan, 2007). Ou de uma "partida forçada" com a implicação direta de agentes da CIA (WARGNY, 2004).

FRANÇOIS, 2004). Outro evento que mudaria a perspectiva das classes populares do poder foi um acordo assinado em abril de 2003 com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Um observador apontou que:

[...] Foi um acordo muito difícil, reduzindo drasticamente muitos gastos públicos, reduzindo o investimento social, principalmente no setor educacional, e liberalizando o comércio de petróleo. Isso causou um aumento dramático nos preços, o que resultou em uma deterioração dos padrões de vida, bem como uma incrível piora do nível de pobreza naquele momento. Estima-se que grande parte da população, incluindo um grande segmento da classe média, tenha se tornado muito pobre em uma situação totalmente insustentável (ADITAL, 2005).

A situação realmente pioraria para as categorias sociais mais pobres a partir de janeiro de 2003. De fato:

A aplicação, em janeiro de 2003, pelo governo, do mecanismo flexível de fixação dos preços dos produtos petrolíferos na bomba gerou uma aceleração acentuada da taxa de inflação, que aumentou ano a ano de 14,77% em dezembro de 2002 para 28,88% no final de janeiro de 2003. A depreciação do dólar em relação ao dólar, estimada em 43,14%, pode ser retida como um segundo fator que alimentou as pressões inflacionárias. [...] Pela primeira vez desde 1995, o salário mínimo, fixado diariamente, foi aumentado de 36 para 70 gourdes. [Mas] esse aumento considerável de 94,44% não foi suficiente para promover uma melhoria efetiva das condições de vida, uma vez que o salário real considerado como um indicador do poder de compra só aumentou 36,49% [...] (BRH, 2004, p.19-20).

Essa é a origem dos primeiros protestos contra o governo. De fato, observou-se que « [...] após o ajuste extraordinário dos preços de varejo dos produtos petrolíferos em janeiro de 2003, [o país] entrou em um ciclo de permanente agitação social [...] » (SOUKAR, 2004).

Além do agravamento da crise social e política, que levantou boa parte da população contra o poder do presidente Aristide, muitos outros eventos também estavam indo contra ele. Outro determinante do distanciamento do poder por vários bairros da classe trabalhadora e seus líderes seria a prisão e depois o assassinato (em setembro de 2003) de um ex-líder (Amiot Métayer) que, no entanto, era leal a Aristide. O governo foi acusado de seu assassinato e « esse assassinato provocou indignação nos bairros da classe trabalhadora. Isso ajudou muito na criação de um movimento anti-Aristide nos distritos das grandes cidades » (ADITAL, 2005). Além disso, deve ser enfatizada a repressão dos movimentos de protesto por parte do governo, com o apoio de grupos armados não institucionais, o que manchou a imagem do poder aos olhos da população. É nesse sentido que a repressão dos estudantes da Faculdade de Ciências

Humanas da Universidade Estadual do Haiti, em 5 de dezembro de 2003, não enfraqueceria os movimentos, mas reforçaria a entrada de estudantes e escolares nas manifestações contra o poder nas principais cidades do país. Assim, « em dezembro de 2003, os setores de oposição civil no país (partidos políticos e organizações sociais) radicalizam suas demandas e exigem a renúncia do Presidente Aristide, como requisito indispensável para a solução de conflitos institucionais » (GILBERT, 2004, p.7). Finalmente, em 29 de fevereiro de 2004, a "comunidade internacional", que nunca havia confiado no presidente, e a oligarquia haitiana se organizaram no grupo 184 contra o governo e Jean-Bertrand Aristide teve que deixar o poder. Também houve pressão pela chegada de vários grupos paramilitares que, segundo informações, foram apoiados por países estrangeiros e que foram bem acolhidos pela população devido ao seu desespero (WARGNY, 2004).

Os distúrbios de fome de 2008

Os distúrbios de fome de 2008 se referem a vários movimentos de protestos populares contra o aumento repentino e excessivo dos preços dos alimentos entre o final de 2007 e meados de 2008 pelo mercado mundial. Foi estimada uma variação de preços, levando a:

[...] um aumento de 85% apenas no período de abril de 2007 a abril de 2008. O aumento dos preços foi geral: primeiro se referia ao preço do trigo (que quase dobrou), depois ao do milho (aumento de 67% desde julho de 2007), seguido pelo do arroz (que triplicou desde setembro 2007 e saltou 160% entre janeiro e abril de 2008) (CNUCED, 2008).

Esses aumentos nos preços dos alimentos foram causados, entre outras coisas, globalmente, por: « [...] aumento da demanda, instabilidade financeira global, produtividade agrícola fraca e em declínio em muitos países em desenvolvimento » (CNUCED, 2008). Esses choques externos se juntaram a outros choques internos, o que já tornava difícil para a maioria da população comer adequadamente.

Além desse longo período de constante aumento do preço dos produtos básicos no mercado internacional, « a economia do país já havia sofrido [...] os furacões Dean e Noel no primeiro trimestre, com um balanço de catorze (14) mil famílias afetadas e doze (12) mil casas danificadas » (BRH, 2009, p.13). O que já havia levado à inflação local. Nesse sentido, essa situação de inflação global « [...] na primavera de 2008 teve conseqüências diretas na segurança alimentar da maioria da população, que depende em

grande parte da ajuda e da distribuição gratuita de alimentos dos países em desenvolvimento de ONGs. Isso se traduz em uma série de distúrbios de fome [...] » (THEODAT, 2009, p.65).

Durante esse período, « segundo as Nações Unidas, 422 manifestações contra o alto custo de vida foram organizadas pelos haitianos, incluindo 164 nos primeiros seis meses de 2007 e 258 nos seis meses seguintes. Foram esses protestos parciais contra o governo que culminaram nos grandes distúrbios de abril de 2008 » (PÉAN, 2008). Essas mobilizações foram realizadas em cenas de saques de lojas e de violência. Na capital haitiana, durante uma manifestação, « em 8 de abril, quinze pessoas foram feridas por balas, um veículo da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (Minustah) foi incendiado e várias empresas foram saqueadas » (Le Monde, 2008). Alguns dias antes, « [...] em 3 de abril na cidade de Les Cayes, no sul, cinco pessoas foram mortas e cerca de cinquenta outras ficaram feridas em violentos confrontos com a polícia haitiana apoiada por forças de paz » (Le Monde, 2008). Finalmente, essas tensões levaram à interpelação do Primeiro Ministro à época fatos feita pelo parlamento, sendo o governo censurado pelos parlamentares.

O movimento de protesto por um salário de 200 gourdes (2009)

O movimento de demanda por um salário mínimo de 200 gourdes, que marcou praticamente todo o ano de 2009, pode ser considerado uma consequência das mesmas condições econômicas dos distúrbios de fome que abalaram o país no ano anterior. O aumento do preço de produtos básicos, alimentos e derivados de petróleo, em particular, levou a uma perda significativa do poder de compra da população. Portanto, essa situação exigia diretamente um debate sobre o salário mínimo. Este último teria perdido seu valor real « 12,6% em 2008 e a partir de 2004 a pérola de sua capacidade aquisitiva ascende a 70% » (CEPALC, 2009b, p.9). O código do trabalho haitiano estabelece claramente o estabelecimento de um órgão responsável pela regulamentação formal do salário mínimo, que é o Conselho de Salários Superiores, que se reporta ao Ministério de Assuntos Sociais e Trabalho. E a legislação no código do trabalho define a necessidade de:

[...] revisão periódica dos salários mínimos quando a taxa de inflação anual exceder 10%, [no entanto] a última revisão que ocorre há cerca de 2003, após o carregamento de 70 gourdes por jornada de 8 horas para os trabalhadores

dos estabelecimentos industrial e comercial. [E] nos últimos anos (2004 a 2008), a inflação alcançou em média 16,5%, com uma margem considerável considerável de poder aquisitivo (CEPALC, 2009, p.9).

É sob essas condições que « no começo de maio de 2009, o Parlamento haitiano aprovou uma lei por iniciativa própria (projeto de lei), fixando o salário mínimo em 200 gourdes. O texto foi transmitido ao governo que, se não tivesse objeções, teria que divulgá-lo e aplicá-lo » (DESHOMMES, 2010, p.54-55). Por seu lado, a presidência, aparentemente, não teve objeções, mas os empregadores haitianos reagiram expressando suas preocupações sobre as consequências da aplicação de tal aumento salarial no setor. Esses gerentes das indústrias subcontratadas argumentaram que esse salário poderia « resultar na perda de 50% dos empregos no setor; - Causar o fechamento de um grande número de fábricas; - Reduzir drasticamente as vantagens comparativas do Haiti em comparação com outros países da região; - Gerar a perda de oportunidades oferecidas pelo Hope II⁴² » (DESHOMMES, 2010, p.57). Assim, o debate é revivido com contrapropostas aos 200 gourdes. A partir de estudos recomendados pelos próprios empregadores, eles argumentaram que, em relação à « própria força de trabalho, estima-se que o setor seja capaz de suportar um aumento de 10,37%. Não mais » (DESHOMMES, 2010, p.57). Portanto, um aumento de 70 gourdes para 200 gourdes não era sustentável.

Sob pressão dos empregadores, o Presidente Préval se opõe à lei que estabelece o salário mínimo de 200 gourdes e uma comissão parlamentar teve que avaliar as objeções a um segundo voto dos parlamentares para confirmar sua primeira votação fixando o salário em 200 gourdes ou seguir as objeções do poder executivo com a contraproposta de um aumento para apenas 125 gourdes. E assim o país fica totalmente dividido sobre o assunto, tendo de um lado aqueles que apóiam a posição dos empregadores e, do outro lado, os apoiadores da causa dos trabalhadores que agrupavam « [...] chefes progressistas, [sindicatos], estudantes, partidos políticos, intelectuais, representantes da sociedade civil, organizações camponesas etc. » (PÉAN, 2009a). Este último grupo demonstrará vigorosamente por várias semanas sua força, principalmente

⁴² *Haitian Hemispheric Opportunity Through Partnership Encouragement Act* conhecida como Lei HOPE. É uma lei aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos que define as condições para a exportação de produtos das indústrias de montagem que operam no Haiti para o mercado americano. Esta lei permite que as indústrias de montagem que trabalham na indústria têxtil vendam sua produção no mercado americano sem a imposição de direitos aduaneiros. Após a votação da lei Hope I em 6 de dezembro de 2006, promulgada por um período de três anos, lobistas, chefes e o governo Preval lançaram outra ofensiva que levou à assinatura da lei Hope II em maio de 2008 (PÉAN, 2009a).

na capital, acompanhado por organizações de bairro, ex funcionários públicos demitidos, exigindo a promulgação e aplicação da lei que fixa o salário mínimo em 200 gourdes. Os intelectuais contribuíram demonstrando, em particular, por uma análise mais exaustiva dos dados, que « [...] a subcontratação tem capacidade para suportar um salário mínimo de 200 gourdes, sem o risco de quebrar ou perder empregos em massa » (DESHOMMES, 2010, p.79). Ao especificar, também, que esse aumento seria medida de justiça para os trabalhadores, pois que a não aplicação da lei desde 2003, apesar das taxas de inflação ultrapassarem 10%, se constituiu para estes uma perda de « [...] US \$ 44,3 milhões durante este período » (PÉAN, 2009b) e traduziu um subsídio para os industriais. A luta continuou até agosto, quando, contra as expectativas dos mais otimistas, os parlamentares voltaram à sua posição anterior e votaram na direção dos interesses dos chefes e de acordo com a contraproposta de 125 gourdes do poder executivo (JEAN MICHEL, 2009, p.4).

O movimento cidadão para julgamento do caso "PetroCaribe"

Esse movimento é o mais recente, acontecendo no momento em que realizamos essa pesquisa, e, após os protestos de 2003-2004, é também o que levou à maior mobilização de várias facções das classes populares. Também pode ser apresentado como uma extensão de dois dias de tumultos espetaculares, em 6 e 7 de julho de 2018, contra um aumento no preço dos produtos petrolíferos pelo governo haitiano. Apesar de uma situação econômica já difícil, o governo decidiu « [...] aumentar os preços dos combustíveis em 38%, o diesel em 47% e o querosene em 51% » (JEAN, 2018). Durante esses tumultos, em reação a essa decisão, a população atacou vários negócios que foram saqueados e queimados. Barricadas foram erguidas nas estradas em várias cidades do país, o que levou à renúncia do Primeiro Ministro da República, Jack Guy Lafontant. Apesar da retirada desse aumento nos derivados de petróleo, ficou para grande parte da população o sentimento de injustiça, uma vez que essas escolhas de austeridades, desde as mobilizações contra o orçamento de 2017-2018, deixavam a conta pela má gestão das administrações anteriores dos recursos do fundo PetroCaribe para a população. E assim, tudo começou quando « no twitter, um homem de olhos vendados brandir uma placa de papelão com a inscrição: "Kot Kòb Petwo Karibe a? [Onde está o dinheiro do PetroCaribe?]" ». A mensagem aciona uma campanha de mídia

social⁴³, antes de conduzir a uma primeira manifestação de rua em 17 de outubro de 2018 » (THOMAS, 2019c). A redação da pergunta: "Kot kòb Petwo Karibe a? / Onde está o dinheiro da PetroCaribe?" entra no centro desse movimento cidadão para uma ação judicial sobre a administração desse fundo.

O PetroCaribe refere-se a:

[...] um acordo de cooperação energética, lançado em junho de 2005, por Hugo Chávez, então presidente venezuelano. O acordo, que faz parte da estratégia de integração regional da Venezuela, foi assinado com 15 países da América Central e do Caribe. Concretamente, esses Estados se beneficiam da entrega de petróleo a taxas preferenciais e com facilidades de pagamento (em termos de prazos em particular). O Haiti, signatário deste acordo, recebeu sua primeira entrega no início de 2008 (THOMAS, 2019a).

Uma vez no Haiti, esse petróleo passa a ser responsabilidade do Escritório de Gerenciamento de Programas de Assistência ao Desenvolvimento (BMPAD), uma instituição pública responsável por revendê-lo às empresas petrolíferas locais, cujos lucros deveriam financiar projetos sociais e o desenvolvimento do país. Mas também fica uma dívida que o país tem a obrigação de pagar em até 25 anos. Desde 2008, o país recebe o petróleo venezuelano sob esse contrato, restando ao governo uma fonte de renda bastante grande para implementar vários projetos sociais e de desenvolvimento. Desde então, a administração desse fundo sempre foi criticada, pois se pôde observar apropriação indébita. No entanto, a opinião se tornará mais crítica quando, com suas próprias dificuldades resultantes da queda do custo do petróleo no mercado mundial, a Venezuela encerra o programa em junho de 2018 e os recursos se tornam insuficientes, quando, então, inicia-se um projeto de austeridade orçamentária, que significa fazer a população pagar a dívida já acumulada pelo uso irregular desses recursos. Além disso, desde o início de 2018, havia:

[...] dois relatórios, preparados por duas comissões do Senado⁴⁴, [...] no âmbito deste dossiê. Contudo, a maioria parlamentar, adquirida no poder, decidiu, em fevereiro de 2018, suspender o procedimento de investigação

⁴³ « A partir de 14 de agosto de 2018, com demonstrações de tuítes, hashtags, sit-in, manifestações, pequenas e grandes, o movimento de demanda "Kot kòb Petro Karibe a ?" (Onde está o dinheiro da PetroCaribe ?) tornou-se nacional e depois internacional graças ao estímulo inestimável de redes sociais lançadas por Gilbert Mirambeau Jr, Valckensy Dessin por K-Libr, Gessica Génés e Gaelle Bien-Aimé » (PÉAN, 2019b).

⁴⁴ « Após denúncias de peculato, realizadas na imprensa democrática local, dois senadores haitianos, Youri Latortue e Évalière Beauplan, começaram a investigar as irregularidades por três anos, produzindo, em 17 de agosto de 2016 e 26 de outubro de 2017, dois relatórios expondo metodicamente as numerosas anomalias observadas » (PÉAN, 2019a).

parlamentar, enviando, [...] o relatório final ao Tribunal Superior de Contas e Contencioso Administrativo (CSCCA).) (RENONCOURT, 2018).

Diante deste plano de parlamentares próximos ao poder, as primeiras mobilizações, fora das redes sociais, exigiram que o Tribunal de Contas continuasse a investigação e tornasse públicos seus relatórios. Foi assim que foi realizada a primeira grande manifestação contra a corrupção, pela publicação dos relatórios do Tribunal de Contas e pela realização de um julgamento para esclarecer a utilização do fundo, em 17 de outubro de 2018. Durante esta última manifestação « [...] oito pessoas foram mortas, sessenta e uma outras feridas, incluindo várias por tiros, segundo a Rede Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (RNDDH) » (THOMAS, 2019c). De fato, o governo não hesitou em reprimir as manifestações. Durante outra manifestação, em 7 de fevereiro de 2019, quatro pessoas morreram e dezesseis ficaram feridas e houve um retorno da insegurança em todo o país, principalmente na capital, onde vários grupos de bandidos armados tornaram presa a população de certos distritos e massacres foram cometidos em vários bairros das classes populares sob as ordens do governo (THOMAS, 2019c).

Essas manifestações não enfraqueceram, pois ocorreram em cenário de crise social e econômica, agravada pela redução da ajuda internacional e, também, pelo final do programa PetroCaribe, que constituiu durante anos como uma das principais fontes de receita do Estado. Por outro lado, o primeiro relatório do Tribunal de Contas, publicado em 31 de janeiro de 2019, fortaleceu a opinião pública ao confirmar ao Senado as irregularidades na adjudicação dos contratos, casos de apropriação indevida na execução de obras e, por outro, demonstraram o envolvimento direto de vários altos funcionários, ministros, secretários de Estado, desde 2008, e o envolvimento do próprio presidente Jovenel Moïse no escândalo do desfalque encontrado (THOMAS, 2019a⁴⁵; DARIUS, 2019, PÉAN, 2019a). Inicialmente, o presidente fingiu responder às demandas do movimento, demitindo ex-funcionários públicos e membros de seu gabinete implicados no processo (DUVAL, 2018). Mas, estando ele próprio envolvido, vários atores do movimento para o julgamento de PetroCaribe e a oposição política passaram a exigir sua própria renúncia e sua colocação à disposição da justiça. Sua recusa, ao tentar manipular a opinião pública para fazer acreditar que todo o movimento

⁴⁵ « Além do diretor do BMPAD, Michel Lecorps, estão diretamente envolvidos nessa auditoria os presidentes e seis primeiros ministros que se sucederam no poder desde 2008, bem como os ministros membros do conselho do BMPAD, número de funcionários e chefes de empresas. É um sistema que é denunciado aqui. Um sistema ao qual pertence com o atual presidente, Jovenel Moïse. Ele está envolvido em duas empresas das quais foi CEO: Comphener S.A. e Agritrans ».

não era senão as ações de uma parte da burguesia que se opõe aos seus planos para o país, levou a um agravamento da situação. Os protestos aumentaram para exigir sua renúncia e o país foi completamente bloqueado em várias ocasiões durante o ano 2019, com as principais estradas e bairros barricados completamente e dominados por bandidos armados. Foi o famoso "Peyi lòk" (país bloqueado), onde os cidadãos são forçados a ficar completamente trancados em suas casas por semanas, até meses.

O principal objetivo desta breve apresentação desses movimentos de protesto foi demonstrar que as classes trabalhadoras haitianas não foram completamente passivas durante o período estudado. Realizando esta apresentação, o objetivo também foi enfatizar os aspectos do contexto em que esses movimentos foram realizados que poderiam ter determinado diretamente o engajamento das classes populares, sem que estas pudessem ser totalmente manipuladas por outras forças sociais, mas também não podemos idealizar excessivamente esses movimentos, apresentando-os como momentos revolucionários. A especificidade das reivindicações (dominantes) em cada um desses movimentos permanece em testemunho do que era seu principal objetivo. Essa leitura, no entanto, também não visa contradizer, em cada uma dessas ocasiões de luta, a presença em certas categorias sociais de um desejo de total transformação da sociedade. Movimentos de protesto pela promulgação e aplicação da lei de 200 gourdes como salário diário foram apresentados por alguns, por exemplo, como uma "guerra de classes" entre a burguesia e os trabalhadores (SÉGUY, 2009b). Assim como durante as mobilizações para a realização de um processo PetroCaribe, eram bastante numerosos os jovens profissionais como principais atores do movimento a exigir uma mudança total do sistema social, mas, apesar disso, esses dois movimentos permaneceram movimentos de protesto para a maioria. Por um lado, era simplesmente uma questão de lutar por um salário de 200 gourdes nas indústrias subcontratadas, o que não significava, por exemplo, pôr em causa as relações de poder dentro desses estabelecimentos; por outro, tratava-se de realizar um julgamento sobre a gestão do fundo PetroCaribe. Basicamente, foi uma grande raiva coletiva contra a miséria e a pobreza que, em certos pontos, carecia de politização real (THOMAS, 2019c). Em outras palavras, estavam longe de constituir movimentos de um escopo transformador das estruturas tradicionais da sociedade, que produzem a exclusão da maioria da população.

3. A SOCIOLOGIA DE BOURDIEU, SUA VISÃO DA POLÍTICA: CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DE UM "MOVIMENTO POPULAR"

Da perspectiva de movimento social, conforme o senso comum das teorias da ação coletiva, desde seu processo de legitimação como um objeto particular da sociologia e sua emancipação da questão da luta de classes (CHAZEL, 1996, p.283), temos que deixar claro que os principais (teóricos) trabalhos de Pierre Bourdieu não fornecem uma perspectiva que possa ser classificada da mesma maneira que essas teorias. Como foi apontado, « seus poucos escritos sobre os movimentos sociais [...] estão acima de todos os posicionamentos políticos sem real contribuição teórica ou empírica » (ANCELOVICI, 2009, p.49). Em outras palavras, é mais uma imagem do intelectual engajado/militante para reforçar simbolicamente certas iniciativas (CORCUFF e MATHIEU, 2009, p.78 ; ROTFUS, 2018)⁴⁶, que seria mais ligado ou simplesmente como uma fonte de inspiração (ANCELOVICI, 2009, p.50)⁴⁷. No entanto, sua sociologia política como um todo (a teoria do campo político, sua crítica à visão de classe marxista, sua reflexão sobre representação e delegação), apesar da formulação de alguns conceitos fundamentais (como o *habitus*), leva alguns a se perguntarem corretamente, « [...] nessa perspectiva, onde poderia vir [uma] transformação radical das condições de produção das disposições » (MAUGER, 2012, p.15) que levam à reprodução relações de dominação e críticas ligadas à sua visão das classes dominadas (NORDMANN, 2006, p.143)⁴⁸. Sua visão, explicitamente, fornece elementos explicativos das condições de possibilidade de existência de uma "classe em si", isto é, mobilizada para defender seus interesses e transformar a ordem social. Pensar uma

⁴⁶ « [...] os Estados Gerais do Movimento Social, organizados em 1996 com o apoio de Bourdieu, ou o chamado "somos a esquerda", lançado pela Act Up em 1997 para lembrar aos partidos de esquerda que os movimentos sociais são uma força de ação e da proposta que eles estariam errados em considerar insignificante ». « Em 12 de dezembro de 1995, Pierre Bourdieu falou aos trabalhadores ferroviários da Gare de Lyon. Ele apoiou os grevistas e trouxe, a seu modo, elementos de iluminação ».

⁴⁷ « [...] vários autores inspiraram-se no trabalho de Bourdieu para estudar a dinâmica das mobilizações. Por exemplo, Chad Alan Goldberg (2003) baseou-se no conceito de Bourdieu de classificar lutas para explicar a formação e transformação de identidades coletivas durante episódios de mobilização pró e anticomunista durante a década de 1930 nos Estados Unidos. Mas é o conceito de campo que é utilizado frequentemente. Por exemplo, Raka Ray explica as diferenças entre os movimentos de mulheres de Bombaim e Calcutá na Índia com base no conceito de um campo político em que ela identifica um subcampo que ela chama de campo de protesto, onde se encontram os atores opositores aos atores dominantes do campo político formal (RAY, 1998, p.22-23) ».

⁴⁸ « Segundo Rancière, Bourdieu defende, como Althusser, a idéia de que a dominação se baseia na falta de conhecimento ou, em outras palavras, que os dominados são dominados por sua ignorância da dominação. Mas a emancipação protesta Rancière, não consiste na aquisição de conhecimento: não é uma questão para os dominados remediarem uma ignorância que os caracterizaria, mas para desafiar a hierarquia social que julga sua palavra indigna de ser ouvido ».

"ação coletiva" nessa dimensão é se reconectar à questão da luta de classes e de sua maneira de pensar essas relações com as lutas simbólicas resultantes. Apresentar esse aspecto da sociologia de Bourdieu é o objetivo do trabalho que pretendemos alcançar. Este trabalho é dividido em três partes. Primeiro, vamos resumir suas primeiras preocupações metodológicas que são fonte de seus pensamentos sobre a realidade social e que levarão à construção de sua perspectiva sociológica, ou seja, o seu conhecimento praxiológico. Em segundo lugar, apresentaremos sua visão de espaço social e classes sociais. E, finalmente, a questão da delegação e representação em sua sociologia política, onde existem as *condições de possibilidade*, do seu ponto de vista, que uma classe real, seja mobilizada para defender seus interesses.

3.1 O CONHECIMENTO PRAXIOLÓGICO, O *LUGAR GEOMÉTRICO* DE PIERRE BOURDIEU

Uma das questões fundamentais que Pierre Bourdieu sempre se perguntou sobre o mundo social, como ele frequentemente reformula, que, portanto, domina toda a sua sociologia, não é outra senão a permanência da ordem social. Por exemplo, ele começa, um artigo resumindo essas reflexões sobre a dominação masculina: « Eu provavelmente não teria enfrentado um assunto tão difícil se eu não tivesse sido motivado por toda a lógica da minha pesquisa » (BOURDIEU, 1998, p.24). Isso é para explicar o que ele chama do "paradoxo da *doxa*"⁴⁹. Em outras palavras, o fato de que « a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e seus privilégios, seus privilégios e suas injustiças, perpetua-se no final com tanta facilidade, além de alguns acidentes históricos, e que as condições mais intoleráveis da existência podem muitas vezes parecer aceitáveis e até naturais » (BOURDIEU, 1998, p.24)⁵⁰. À necessidade de responder essa pergunta será acrescentada outra preocupação muito mais teórica, ou seja, explicar a lógica das práticas humanas.

Essa preocupação teórica teria sempre ocupado seu pensamento desde sua estréia na etnologia. De fato, ele diz, « [...] eu queria reagir contra o que eu chamei de legalismo, isto é, contra a tendência dos etnólogos em descrever o mundo social na

⁴⁹ « NDLR: A doxa é o conjunto de crenças ou práticas sociais que são consideradas normais, auto-evidentes, que não devem ser questionadas » (BOURDIEU, 1998, p.24, nota 2).

⁵⁰ « Uma das questões mais fundamentais sobre o mundo social é a questão de por que e como este mundo dura, persevera em ser, como a ordem social é perpetuada, isto é, ordem que o constituem » (BOURDIEU, 1994, p.3).

linguagem da regra como se as práticas sociais tivessem sido relatadas tão logo a regra explícita fosse produzida » (BOURDIEU, 1986, p.40). Em seguida, feliz em encontrar um texto de Weber apresentando uma visão oposta sobre a mesma questão, Bourdieu o considera materialista, uma vez que o sociólogo alemão afirma que « os agentes sociais obedecem a regra quando o interesse em obedecer a ela prevalece sobre o interesse em desobedecê-lo » (BOURDIEU, 1986, p.40). Tal afirmação, relativizando a posição dos etnólogos, evitaria pensar mecanicamente a relação entre a regra e a resposta dos agentes, abrindo daí o caminho para a interrogação sobre as reais condições das práticas. Ultrapassar essas duas leituras seria o caminho para explicar o melhor possível as práticas dos agentes sociais e, ao mesmo tempo, também explicar como ocorre a reprodução da ordem social.

O primeiro passo será, nesse sentido, um questionamento do método utilizado pela própria pesquisa etnológica, com a qual os pesquisadores dessa disciplina acreditavam relatar as práticas estabelecendo as regras vigentes no espaço social em questão. Foi a partir daí que diz Pierre Bourdieu (1985, p.93) defendeu a ideia que:

[...] objetivar o ato de objetivação e o sujeito objetificador; objetivar o etnólogo não apenas como um indivíduo socialmente situado, mas também como um estudioso que faz uma profissão de analisar o mundo social, de pensar sobre ele, e quem deve retirar-se do jogo ou observar um mundo estrangeiro, onde seus interesses não são investidos, ou que ele observa seu próprio mundo, mas se afastando do jogo tanto quanto possível.

Em outras palavras, analisar o que o próprio etnólogo não faz, ou seja, "sua postura teórica" em relação ao objeto de estudo. Atitude totalmente comprometedora com o seu trabalho na medida em que Bourdieu ([1997] 2003, p.77) :

[...] quando dispensa analisar a posição "teórica" que adota em relação ao seu objeto, as condições sociais que a tornam possível e a diferença entre essas condições e as que são práticas que ele analisa, ou, quando [...] esquece que, como lembra Bachelard, "o mundo em que pensamos não é o mundo em que vivemos", o etnólogo trancou seu etnocentrismo no escolasticismo e não pôde perceber uma diferença entre duas "mentalidades", duas naturezas, duas essências [...] – que na verdade é uma diferença entre dois modos de construção social e de compreensão do mundo [...].

Consequentemente, o « etnocentrismo escolástico leva à negação da especificidade da lógica prática, seja por assimilá-la de uma maneira fictícia e puramente teórica, [...] seja referindo-se à alteridade radical pela existência e o não valor de "bárbaro" ou "vulgar" [...] » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.77-78). Por esse questionamento Bourdieu afirma que « [...] a análise teórica da visão teórica como visão

externa e especialmente sem interesse prático foi provavelmente o princípio da ruptura com o "paradigma" estruturalista » (BOURDIEU e LAMAISSON, 1985, p.94). E substituirá o uso da noção de regra pela noção de estratégia. No entanto, se se falar de estratégia reintegra a ação, o agente não é aqui questão de como sair do estruturalismo e voltar ao subjetivismo, conforme ele aponta, « [...] há uma economia de prática, isto é, uma razão imanente às práticas que não encontra sua "origem" nas "decisões" da razão como um cálculo consciente ou nas determinações de mecanismos externos e superiores aos agentes » (BOURDIEU, 1980a, p.85). Mas essa economia de prática sempre foi desconhecida pelos pesquisadores por causa de sua posição diante desses dois modos de leitura social que impedem conceber uma alternativa. Bourdieu (1980a, p.86) diz que:

[...] não reconhecendo qualquer outra forma de ação diferente da ação racional ou reação mecânica, somos proibidos de entender a lógica de todas as ações que são razoáveis sem ser o produto de um projeto fundamentado num cálculo racional; habitadas por um tipo de finalidade objetiva sem estar conscientemente organizadas em relação a um fim explicitamente constituído; inteligíveis e coerentes sem advir de uma intenção de coerência e de uma decisão deliberada; ajustadas ao futuro sem ser o produto de um projeto ou de um plano.

Construir, portanto, um conhecimento alternativo que pode explicar essa lógica particular das práticas sociais torna-se o objetivo da reflexão sociológica de Bourdieu. Conhecimento alternativo que deve evitar o frequente vaivém entre subjetivismo e objetivismo e que não deve ser uma mistura sem sentido dos dois, mas, como afirmará em outro lugar, que permitirá explorar suas contribuições respectivas (BOURDIEU, 1971, p.295). Em outras palavras, o que ele chama de posicionar-se em um *lugar geométrico*⁵¹ em comparação com essas duas perspectivas.

Situar-se nesse lugar geométrico será, de fato, para Bourdieu, a construção do *conhecimento praxiológico* ou de seu *construtivismo*, como uma alternativa efetiva a partir da apropriação dos ganhos das outras duas formas de conhecimento: conhecimento fenomenológico (BOURDIEU, 2000, p.234)⁵² e conhecimento objetivista

⁵¹ Para sair de um ou outro dos *círculos mágicos* sem simplesmente cair em outro ou sem condenar-se a pular indefinidamente de um para outro, em suma, para dar a si mesmo os meios de se integrar em um *sistema coerente*, sem sacrificar a compilação escolar ou o amálgama eclética, as contribuições das diferentes teorias parciais e mutuamente excludentes (contribuições insuperáveis, no estado atual, como as antinomias que se opõem a elas), deve-se tentar situar-se no *lugar geométrico [das] diferentes perspectivas**, isto é, no ponto em que tanto o que pode como o que não pode ser visto de cada ponto de vista pode ser visto. (Nós que sublinhamos*).

⁵² « O conhecimento que vamos chamar fenomenológico (ou, se alguém quiser falar em termos de escolas existentes, "interacionista" ou "etnometodológico") explícito, a verdade da primeira experiência do mundo social, isto é, a relação de familiaridade com o ambiente familiar, a apreensão do mundo social

(BOURDIEU, 2000, p.234-235)⁵³. Esse trabalho exigiu uma resposta a uma dupla pergunta. De um lado, contra o subjetivismo, como: « [...] comportamentos podem ser direcionados para fins sem serem conscientemente direcionados para esses fins, dirigidos por seus fins. [Por outro lado, contra o estruturalismo] como podem os comportamentos ser regulados sem ser o produto da obediência às regras? » (COSTEY, 2004, p.16-17, repetindo BOURDIEU, 1987, p.20).

O conhecimento praxiológico de fato (BOURDIEU, 2000, p.234) :

[...] tem por objeto não apenas o sistema de relações objetivas que o modo objetivista de conhecimento constrói, mas as relações dialéticas entre essas estruturas objetivas e as disposições estruturadas em que se atualizam e que tendem a se reproduzir, isto é para dizer o duplo processo de internalização da exterioridade e externalização da interioridade: esse conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, ou seja, um questionamento sobre as condições de possibilidade e, por ali, nos limites do ponto de vista objetivo e objetivador, que apreende as práticas externas como um fato consumado, em vez de construir o princípio gerador, situando-se no próprio movimento de sua realização.

Por um lado, ele confirma: « [...] o conhecimento praxiológico não nega as conquistas do conhecimento objetivista, mas as preserva e ultrapassa, integrando o que este conhecimento teve que excluir para obtê-las » (BOURDIEU, 2000, p.236). Por outro lado, « o conhecimento praxiológico se distingue do conhecimento fenomenológico, do qual integra [também] os ganhos, em um ponto essencial: assume, com o objetivismo, que o objeto da ciência é conquistado contra a evidência do senso comum [...] » (BOURDIEU, 2000, p.237). E o *habitus*, um dos conceitos primordiais da sociologia de Bourdieu, visa explicar essa alternativa, indo além da oposição entre estrutura e indivíduo. Considerar, de fato, a alternativa é concordar em uma coisa (BOURDIEU, 2000, p.256) :

Estruturas que são constitutivas de um tipo particular de ambiente (por exemplo, as condições materiais de existência característica de uma condição de classe) e que podem ser apreendidas empiricamente como regularidades associadas a um ambiente socialmente estruturado produzem habitus, sistemas

como um mundo natural e auto-evidente, que por definição não é reflexivo e exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade ».

⁵³ « O conhecimento que se pode chamar objetivista (e do qual a hermenêutica estruturalista é um caso particular) constrói as relações objetivas (por exemplo, econômicas ou linguísticas) que estruturam as práticas e as representações das práticas, isto é, particular, o primeiro conhecimento, assim com pressuposições tacitamente assumidas que conferem ao mundo social seu caráter de evidência e de naturalidade: é de fato com a condição de fazer a pergunta que a experiência doxica do mundo social exclui por definição das condições (particulares) que possibilitam essa experiência que o conhecimento objetivista pode estabelecer, e as estruturas objetivas do mundo social e a verdade da primeira experiência como privadas do conhecimento explícito dessas estruturas ».

de disposições duradouras, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturantes, isto é, como princípio de geração e estruturação de práticas e representações que podem objetivamente "povoadas" e "regulares" sem estar em nada o produto da obediência às regras, objetivamente adaptado ao seu propósito, sem assumir o objetivo consciente dos fins e o controle expresso das operações necessárias para alcançá-los e, sendo tudo isso, orquestrados coletivamente sem serem o produto da ação organizadora de um condutor.

O habitus é, portanto, a ferramenta primordial da alternativa proposta por Bourdieu, em oposição ao conhecimento objetivista e fenomenológico para explicar a lógica específica das práticas. Aqui colocamos apenas uma questão de resposta à preocupação teórica, pois esta última nos leva a entender « [...] que não há como colocar o problema em termos de espontaneidade e restrição, de liberdade e necessidade, individual e social » (BOURDIEU e LAMAISSON, 1985, p.95). É uma questão de disposições internalizadas pelos agentes sociais durante sua trajetória social. Em outras palavras, « [...] para entender suas práticas, temos de reconstruir o capital de esquemas informativos permitindo-lhes produzir pensamentos e práticas sensatas e não definir intenção de significado sem obediência consciente para colocar explicitamente regras como tal » (BOURDIEU, 1986, p.40). Agora, como é que a ordem social é reproduzida?

Por enquanto, nos contentaremos com a seguinte resposta, em primeiro lugar, o trabalho de socialização, isto é, a inculcação de normas sociais desde o início da educação, é também um exercício extraordinário de « [...] marcação que estabelece um indivíduo [...] com todos os privilégios e todas as obrigações correlatas e prolongadas, reforçadas, confirmadas pelos tratamentos sociais que poderão transformar a diferença de instituição em distinção natural, produtos e efeitos bem reais [...] » (BOURDIEU, 1980a, p.96), na medida em que essas diferenças objetivas estão na origem das representações que os agentes sociais fazem da realidade, portanto, da lógica segundo a qual elas se apropriarão dessa realidade. Em seguida, « a história de um indivíduo nunca é mais do que certa especificação da história coletiva de seu grupo ou classe, sistematicamente organizada nas próprias diferenças que os separam e expressam as diferenças entre trajetórias e posições delas [...] » (BOURDIEU, 2000, p.285). Essa relação de continuidade entre a trajetória do indivíduo e a de seu grupo, sua classe de filiação leva à « homogeneização objetiva do habitus grupal ou de classe que resulta da homogeneidade das condições de existência que é o fato de que práticas podem ser objetivamente concedidas à parte de qualquer cálculo estratégico e qualquer referência consciente a um padrão [...] » (BOURDIEU, 1980a, p.98). A partir daí, finalmente,

surge o que Bourdieu chama de *conatus* do mundo social. Em outras palavras, sua « tendência a perseverar em ser, de um dinamismo interno, inscrito tanto nas estruturas objetivas como nas estruturas "subjetivas", nas disposições dos agentes e continuamente mantida e apoiada por ações de construção e reconstrução de estruturas [...] » (BOURDIEU, 1994, p.3). Em suma, cada indivíduo, cada classe, ocupando uma determinada posição no espaço social, por suas diferentes estratégias distintas de autopreservação, agiria (inconscientemente) de modo a levar à reprodução das diferenças já inscritas na ordem social. Para apresentar isso, surge questão que nunca deixamos de questionar sobre o trabalho de Pierre Bourdieu. Considerando que o *habitus* é « História incorporada, feita natural e, portanto, esquecida como tal » (BOURDIEU, 1980a, p.94), como pode haver uma transformação da ordem de acordo com essa perspectiva? Para respondê-la, devemos partir de tudo o que acabamos de dizer, compreender a concepção bourdieusiana do espaço social global, as classes sociais e suas relações antes de finalmente entender sua sociologia política.

3.2 ESPAÇO SOCIAL E CLASSES SOCIAIS NA SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU

No objetivo de explicar as práticas dos agentes sociais, foi necessário romper com a visão estruturalista - visto que tal leitura reduz « os agentes ao papel de executores, vítimas ou cúmplices de uma política escrita na essência dos aparatos, é permitir-se deduzir a existência da essência, ler os comportamentos na descrição dos aparatos e, ao mesmo tempo, *fazer a economia* da observação das práticas [...] » (BOURDIEU, 1980b, p.4) - e o subjetivismo da visão, apreendido como o resultado de "um cálculo". Pelo conceito de classe social, Bourdieu se engajou em outra luta, desta vez contra o marxismo e o objetivismo, a fim de construir sua teoria do espaço social. Um espaço social em que as classes sociais se encontram, mas que não são concebidas como dotadas de uma existência real, em oposição a uma apropriação realista dessas últimas.

De seus primeiros escritos sobre o assunto, ele primeiro questionou o uso da noção de estrutura pelos sociólogos para falar da "estrutura social". Era necessário responder em que medida, com diferenciação social, conjuntos de indivíduos, classes ou grupos formariam uma estrutura entre si. Ou seja, « [...] manter relações que não sejam a justaposição e, como resultado, propriedades manifestas que resultam de sua pertença

à totalidade ou, mais precisamente, de sua posição no sistema completo de relações que comandam o sentido de cada relacionamento particular » (BOURDIEU, 1966, p.201). De acordo com Bourdieu, tal questionamento reflete o fato de que se baseia no pressuposto de que cada classe social considerada, integrada em uma estrutura social particular, é dotada de propriedades singulares que deve à sua posição em relação às outras partes. Isto é, « [...] *propriedades posicionais*, relativamente independentes de propriedades intrínsecas, como certo tipo de prática profissional ou condições materiais de existência » (BOURDIEU, 1966, p.201). Enfatizando o trabalho de Weber sobre a condição camponesa, na qual ele tendia a isolar o que o camponês deve à sua situação como produtor, ligado à terra, e o que ele deve pela sua posição numa estrutura social considerada, posição que varia necessariamente segundo as sociedades e com o tempo, sempre em relação com a vida da cidade e a afirmação de Redfield para a qual o camponês seria definido apenas com respeito à cidade, Bourdieu afirma que esta dissociação das propriedades de posição e de situação só pode ser o trabalho de análise. E isso é por duas razões: primeiro, « [...] porque a situação de classe também pode ser definida como uma posição no sistema de relações de produção e [segundo] especialmente porque a situação de classe define a *margem de variação*, geralmente muito estreita, que é deixada para propriedades de posição » (BOURDIEU, 1966, p.202). No entanto, ele concluirá que é importante avaliar o que essa distinção pode trazer para a pesquisa científica. A partir daí, Bourdieu optará por uma análise comparativa das estruturas sociais, a fim de aproveitar as possíveis contribuições dessa distinção, apontando as precauções que devem ser tomadas para evitar « falsas identificações e perder analogias reais » (BOURDIEU, 1966, p.202). Mas esse ponto de partida será deixado de lado ao longo do tempo pelo sociólogo para pensar, de preferência, a sociedade numa visão topológica.

Para pensar o mundo social, Bourdieu concebe a sociologia como uma *topologia social*. A partir daí, a sociedade é apreendida como « [...] um espaço (em várias dimensões) construído com base em princípios de diferenciação ou distribuição constituídos por todas as propriedades atuantes no universo social considerado, isto é, conferir ao seu detentor da força, o poder neste universo » (BOURDIEU, 1984a, p.3). E por essas propriedades usadas como base para definir posições, esse espaço também pode ser considerado como « [...] um conjunto de relações objetivas de poder que são impostas a todos aqueles que entram nesse campo e que são irreduzíveis às intenções

dos agentes individuais ou até mesmo para *interações* diretas entre agentes » (BOURDIEU, 1984a, p.3). As propriedades ativas « [...] são os diferentes tipos de poder ou capital que prevalecem nos diferentes campos. O capital, que pode existir no estado objetivado - na forma de propriedades físicas - ou, no caso do capital cultural, no estado embutido, e que pode ser legalmente garantido, representa um poder em um campo (em um dado momento) » (BOURDIEU, 1984a, p.3). A partir dessa visão, a posição de um indivíduo ou de um grupo considerado é definida por sua posição nos diferentes subcampos deste campo global, ou seja, da proporção que possui das diferentes propriedades atuantes. Ou seja, « capital [...] econômico - sob suas diversas espécies, capital cultural e capital social, bem como capital simbólico, comumente conhecido como prestígio, reputação, fama etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima desses diferentes tipos de capital » (BOURDIEU, 1984a, p.3). Já se fala das diferentes propriedades que os agentes sociais possuem para definir grupos sociais, uma das originalidades da estratificação social de sua perspectiva e também seu primeiro distanciamento do marxismo.

Em oposição ao "economicismo marxista", que reduz o espaço social multidimensional ao subcampo econômico, definindo a classe apenas a partir da posição dos indivíduos que a compõem, na esfera da produção econômica, Bourdieu argumenta que:

A classe social não é definida por uma propriedade (mesmo que se tratasse da mais determinante, tal como o volume e a estrutura do capital), nem por uma soma de *propriedades* (sexo, idade, origem social ou étnica - por exemplo, parcela de brancos e de negros, de indígenas e de imigrantes, etc. -, remunerações, nível de instrução, etc.), tampouco por uma cadeia de propriedades, todas elas ordenadas a partir de uma propriedade fundamental - a posição nas relações de produção -, em uma relação de causa a efeito, de condicionante e condicionado, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas (BOURDIEU, 2007, p.101) .

Portanto, não se trata de dar uma consideração particular a uma das *propriedades ativas* ou *capital*, com vista a definir uma classe social, mas, ao contrário, estar interessado na estrutura formada por essas diferentes propriedades, que seria a real determinante das práticas de um indivíduo ou de um grupo social, porque é dessa estrutura que deriva a importância de cada um deles.

Além disso, « Por um lado, a definição completa dos agentes não se faz apenas pelas propriedades que em determinado momento possuem e cujas condições de aquisição sobrevivem nos *habitus* - [...] - e, por outro, a relação [...] entre as posições original e atual no espaço social, é uma relação estatística de intensidade bastante variável » (BOURDIEU, 2007, p.103). Em outras palavras, não podemos explicar as práticas de um certo número de indivíduos, considerando apenas as propriedades que eles possuem em um dado momento no espaço social. Segundo Bourdieu (2007, p.105) :

A correlação entre uma prática e a origem social [...] é a resultante de dois efeitos (não forçosamente do mesmo sentido): por um lado, o *efeito de inculcação* diretamente exercido pela família ou pelas condições originais de existência; por outro, o *efeito de trajetória social* propriamente dita, ou seja, o efeito exercido sobre as disposições e as opiniões pela experiência da ascensão social ou do declínio - nesta lógica, a posição de origem é apenas o ponto de partida de uma trajetória, a referência em relação à qual define-se o *sentido* da carreira social.

Essa afirmação nos permite entender que Bourdieu não estabelece nenhuma relação automática entre a origem social de um indivíduo e as práticas ou opiniões que ele possa ter a compartilhar sobre uma realidade social considerada. Ele observa que normalmente pode acontecer que indivíduos de mesma origem social, sujeitos às mesmas inculcações, tenham diferentes posições religiosas e políticas por causa de sua trajetória individual, que reflete uma relação particular com o mundo e, portanto, uma visão particular de sua existência, de sua posição e de seu futuro.

De todas essas considerações e para fins de análise, Bourdieu divide o espaço de classes tridimensionais compostas de algumas unidades mais ou menos homogêneas, levando em conta as condições de produção de *habitus* e que, por sua posse em termos de capital, também expressa a carreira social dos agentes nele incluídos. Os elementos dos quais as diferenças entre os agentes são estabelecidas « [...] encontram sua origem no *volume global do capital* [...] como conjunto de recursos e poderes efetivamente utilizáveis: as diferentes classes (e frações de classe) distribuem-se, assim, desde as mais bem providas, a um só tempo, em capital econômico e cultural até as mais desprovidas nesses dois aspectos » (BOURDIEU, 2007, p.107-108). Assim, encontramos nas diferentes dimensões que compõem o espaço social as seguintes categorias sociais (BOURDIEU, 2007, p.108) :

Os membros das profissões liberais que têm altas remunerações e diplomas elevados, oriundos frequentemente [...] da classe dominante (profissões liberais ou quadros superiores), que recebem e consomem, em grande quantidade, bens materiais e culturais, opõem-se praticamente em todos os aspectos, não só aos empregados de escritório, detentores de poucos diplomas, oriundos, muitas vezes, das classes populares e médias, recebendo e gastando um número reduzido de bens, além de dedicarem uma parte importante de seu tempo à manutenção do carro e aos pequenos consertos domésticos, mas, sobretudo, aos trabalhadores braçais e assalariados agrícolas, dotados das mais baixas remunerações, desprovidos de diplomas e oriundos na sua quase totalidade [...] das classes populares

Bourdieu notará que levar em conta o patrimônio global das categorias sociais e a estrutura de suas diferentes propriedades atuantes pode possibilitar a percepção de outras divisões opostas, várias frações de classes, por exemplo, no nível superior as mais dotadas de capital econômico, industriais e grandes comerciantes. No nível médio, pequenos comerciantes e artesãos se opõem aos professores universitários e de ensino médio (relativamente desprovidos de capital econômico), cuja reprodução depende de seu capital cultural e assim por diante. E dado que essas unidades sociais são construídas a partir de suas origens e trajetórias particulares « essas posições no espaço social correspondem a práticas que a análise de dados permite estabelecer para que tudo aconteça no espaço das posições sociais retrocedidas sob a forma de um espaço de disposições e posições incorporadas (opiniões, representações) » (LENOIR, 2004, p.395). Em outras palavras, cada uma dessas posições corresponde a um *habitus* de classe.

É dessa representação da sociedade que Bourdieu define o que ele entende por classe, para ser mais claro, a *classe estatística* ou *classe no papel*. De fato, para Bourdieu, uma classe é o « [...] conjuntos de agentes ocupando posições semelhantes que, sob condições semelhantes e sujeitas a condições similares, provavelmente têm disposições e interesses semelhantes, produzem práticas e pronunciamentos similares » (BOURDIEU, 1984a, p.4). Em outras palavras, a classe é concebida de modo a lembrar que ela não tem existência real, mas deve ser considerada simplesmente como « [...] uma *classe provável*, como um grupo de agentes que se oporá menos obstáculos objetivos às empresas de mobilização do que qualquer outro conjunto de agentes » (BOURDIEU, 1984a, p.4). Para essa elaboração Bourdieu se engaja em uma dupla discussão, por um lado, « contra o *relativismo nominal* que anula as diferenças sociais reduzindo-as a artefatos teóricos puros, onde devemos afirmar a existência de um espaço objetivo determinando compatibilidades e incompatibilidades, proximidades e

distâncias » (BOURDIEU, 1984a, p.4). Por outro lado, ele é "contra o *realismo do inteligível* (ou a reificação de conceitos), [uma vez que] as classes podem ser divididas em espaço social [...] e não existem como grupos embora expliquem a probabilidade de formar grupos práticos » (BOURDIEU, 1984a, p.4).

No final, o que existe nessa concepção é um espaço de relações, onde a probabilidade dessa classe real dependerá da distância e da proximidade de diferentes grupos de agentes. Nesse sentido, « falar de um espaço social significa que você não pode aproximar qualquer pessoa de qualquer outra ignorando as diferenças fundamentais, econômicas e culturais em particular; mas isso não exclui completamente a possibilidade de organizar agentes de acordo com outros princípios de divisão [...] » (BOURDIEU, 1984a, p.4). E aqui está outra ruptura com a tradição marxista, pois esta segundo Pierre Bourdieu (1984a, p.4-5):

[...] ou identifica, sem qualquer outra forma de julgamento, a classe construída e a classe real [...]; ou, quando faz a distinção, com a oposição entre a "classe em si", definida com base em um conjunto de condições objetivas, e a "classe por si", baseada em fatores subjetivos descreve a passagem de um para o outro, sempre celebrada como uma promoção ontológica real, numa lógica totalmente determinista ou, pelo contrário, totalmente voluntarista.

Essas posições causariam vários prejuízos à análise, segundo Bourdieu, e obscureceriam uma questão fundamental nas lutas políticas a partir de sua perspectiva que é:

[...] a própria questão da política, da ação dos agentes que, em nome de uma definição teórica da "classe", atribuem a seus membros os fins oficialmente mais conformes com seus interesses "objetivos"; isto é, teórico, e o trabalho pelo qual conseguem produzir, se não a classe mobilizada, a crença na existência da classe, que funda a autoridade de seus porta-vozes (1984a, p.5).

Para Bourdieu, não apenas a classe real não existe em si mesma, mas também a luta de classes não é apenas uma luta econômica, mas também simbólica, uma luta de classificação que atua nas representações dos agentes, isto é, ao produzir classes teóricas, pode contribuir para possibilitar a classe mobilizada por seus interesses. É de fato um dos pontos fundamentais de sua sociologia política, à qual devemos agora nos referir.

3.3 SOCIOLOGIA POLÍTICA DE PIERRE BOURDIEU: CAMPO POLÍTICO, DELEGAÇÃO E REPRESENTAÇÃO

A dominação e a reprodução social são, com razão, as noções mais comumente ligadas à perspectiva teórica de Pierre Bourdieu. De fato, seu trabalho nunca teve outros objetivos além de desvelar, os mecanismos de dominação, ou como, por causa da ignorância da arbitrariedade na base das relações sociais de dominação, que as disposições dos dominados se reproduzem nessas relações. Essa visão dos dominados, como já assinalamos, está na origem de muitas críticas às suas obras, particularmente no que diz respeito à cultura (GRIGNON, 1991, p.38-39). No entanto, apesar do fato de que a dominação é mesmo uma realidade que os agentes incorporam nos primeiros atos de marcação da educação primária, Bourdieu não concebe a realidade de um modo em que a subversão é totalmente impossível. Argumenta ele, a ciência dos mecanismos sociais certamente se justifica em racionalizá-los, mas essa ciência « [...] pode servir também como base para uma política voltada para fins totalmente opostos que, rompendo com o voluntarismo de ignorância ou desespero do "laissez-faire", armado com o conhecimento dos mecanismos, tenta neutralizá-los » (BOURDIEU, 1981a, p.73). Além disso, ele afirma claramente que « a realidade social pode ser modificada pela modificação da representação de agentes » (BOURDIEU, 1981a, p.69-70). E sua sociologia política expõe as possibilidades da efetividade de um ato político capaz de romper a relação do dominado com a *doxa* e de mobilizar uma classe para defender seus interesses e assim subverter a ordem social. É particularmente este aspecto da sua sociologia que queremos apresentar nesta parte do nosso trabalho. Começaremos mencionando a crítica de Bourdieu à ciência política, à filosofia implícita da democracia liberal e sua relação e participação no processo geral de dominação. Em seguida, apresentaremos a especificidade da luta no campo político, fora das classes sociais. Finalmente, através do ato de delegação e representação, baseado na relação entre os profissionais da área política e os leigos, uma classe construída, objetiva, pode encontrar uma existência real, isto é, mobilizada para defender seus interesses.

3.3.1 Uma crítica da filosofia implícita da democracia liberal

De dois pontos de vista diferentes: « Para Rancière e para Bourdieu, o problema que confronta a política democrática é a divisão social de funções conferida a alguns pelo direito exclusivo de pensar e falar, e exclui outros da comunidade de seres

pensantes [...] » (NORDMANN, 2006, p.166). De fato, Bourdieu começa, a partir de seu primeiro texto - *Questions de politique* [Questões de política], em 1977 - suas primeiras reflexões sobre a política ao pretender problematizar essa realidade em relação à ideia de Marx e Engels de que a sociedade comunista, a partir de um maior desenvolvimento das forças produtivas e da redução do tempo de trabalho, deve eliminar a concentração da capacidade de produção artística nas mãos de uma minoria, tornando possível a todos (BOURDIEU, 1977b, p.55).

O interesse desta posição é que « A utopia, neste campo como em outros lugares, encontra sua justificativa científica (e, sem dúvida, política) na demolição das evidências que opera e que obriga a trazer à luz os pressupostos da ordem ordinária, normalmente admitida como auto-evidente » (BOURDIEU, 1977b, p.55). Em outras palavras, a utopia de uma sociedade comunista sendo expressa permitiria o questionamento da ordem atual, revelando os mecanismos que a tornam possível com suas divisões de competências e os privilégios concedidos a elas. Quais são as pressuposições da ordem ordinária que Bourdieu, por sua vez, pretende atualizar, no que diz respeito à política, por essa retomada da afirmação de Marx e Engels? Na verdade, ele aponta: « A ciência política há muito tempo reconhece o fato de que uma proporção significativa de entrevistados "absteve-se" de responder a perguntas sobre política e que essas "não respostas" variavam significativamente de acordo com [vários fatores sociais], mas sem quaisquer consequências [...] » Bourdieu (1977b, p.55-56). Do seu ponto de vista, criticando essa indiferença da ciência política, « [...] essa observação nos impele a questionar as condições sociais de possibilidade de produzir uma resposta a uma questão política, isto é, da competência mínima necessária para produzir a resposta *mínima* para o reconhecimento de a *sua* opinião [...] » (BOURDIEU, 1977b, p.56) sobre o mercado de opinião política, poderia acrescentar-se, em certa medida, a opinião que seria mais de acordo com seus interesses. Opinião a descobrir na lógica da oferta e demanda, que representa a relação do campo político com o campo social global no que diz respeito às questões políticas. Ou seja, (BOURDIEU, 1977b, p.56) :

Por um lado, o *campo de produção ideológica*, um universo relativamente autônomo, onde os instrumentos de pensamento do mundo social são elaborados em competição e conflito, definindo ao mesmo tempo o *campo do politicamente pensável* ou, se você quiser, a legítima problemática [...]; do outro, agentes ocupando posições diferentes no campo das relações de classe e definidos por uma *competência política* mais ou menos específica, isto é, por uma maior ou menor capacidade de reconhecer a questão política como e tratá-

lo como tal, respondendo politicamente, isto é, a partir de princípios estritamente políticos [...].

De fato, Bourdieu visaria vários alvos através dessa posição. Para começar, certas posições intelectuais que emprestariam « [...] às pessoas idealizadas [...] um conhecimento muito *prático* se não do mundo social como tal, pelo menos de sua posição e seus interesses neste mundo [...] » (BOURDIEU, 1977b, p.55). Mas, o alvo principal, quando ele afirma que « A opinião pública não existe » e em seu texto sobre « Cultura e política » (BOURDIEU, 2009, p.222-250) é notavelmente a filosofia implícita da democracia liberal. Filosofia de fato (BOURDIEU, 1977b, p.70) :

[...] que a maioria dos cientistas políticos aceita na prática (isto é, fazendo as perguntas conforme elas perguntam e analisando as respostas à medida que as analisam); ao mesmo tempo, mostra o fundamento real dos efeitos especificamente simbólicos da ignorância e da imposição de legitimidade que a democracia formal produz quando reconhece que todos têm o direito de acesso igual à opinião pessoal, *através de uma utopia no seu tempo progressivo*, sem dar todos os meios para realizar este direito.

Ou seja, para Bourdieu, a filosofia da democracia liberal exige que as classes dominadas produzam uma opinião ou, pelo menos, reconheçam sua opinião em um conjunto de opiniões que são oferecidas a elas, mesmo que estejam na realidade privadas dos meios de realmente alcançar tal escolha na direção de seus interesses. Consequentemente, essa imposição só pode levá-los a fazer escolhas que serviriam apenas para reproduzir a ordem existente. Assim, comprometeu-se a contestar todos os postulados que levaram à prática das pesquisas e que são fruto dessa filosofia. De acordo com Bourdieu, qualquer pesquisa de opinião é baseada em três suposições fundamentais (BOURDIEU, 2009, p.222)⁵⁴ que, no todo, já evitariam questionamentos sobre as condições de possibilidade de se opinar e, portanto, sobre o fato de que a maioria, por causa de todas as modalidades sociais de dominação, de desigualdades sociais, se vê privada dos meios necessários para poder usufruir efetivamente desse direito de poder formar uma opinião de acordo com seus interesses.

Crítica da filosofia liberal que visa demonstrar que « [...] "indiferença à política" se soubéssemos ver que a propensão a usar um "poder" político (o poder de votar, de "falar político" ou "fazer política") é a medida da realidade desse poder ou, se se preferir, que a indiferença é apenas uma manifestação de impotência » (BOURDIEU,

⁵⁴ « [...] que todo mundo pode ter uma opinião; ou, em outras palavras, que a produção de uma opinião está ao alcance de todos [...]; que todas as opiniões são iguais; que há consenso sobre as questões, que há acordo sobre as questões que valem a pena perguntar ».

1977b, p.60). Impotência que, ao contrário da ideologia tecnocrática, não resulta de uma incompetência técnica ou da ignorância da linguagem acadêmica na política. Mas o que vem, ao contrário, « [...] o sentimento correlativo de estar estatutariamente fundado e chamado a exercer essa capacidade específica, para assim sustentá-la, que, por meio da propensão a adquiri-la, é uma função da capacidade e da necessidade socialmente reconhecida de adquiri-lo » (BOURDIEU, 1977b, p.62). Em outras palavras, exercer a competência é conceber o direito de exercê-la, esse sentimento seria determinado pelo conjunto dos atos pelos quais, durante sua trajetória social, um indivíduo teria sido reconhecido por ter este direito, ou seja, o *status escolar* entre outros, que funciona como uma imposição pela qual o agente social seria obrigado a exercê-lo porque reconhecido como competente pelo resto do corpo social. É nesse sentido que « competência no sentido de cultura específica é com competência no sentido de propriedade estatutária na relação de existência a essência: somente aqueles a quem ela pertence a ela pode realmente adquirir e apenas aqueles que têm o direito de possuir se sentem obrigados a adquiri-lo » (BOURDIEU, 1977b, p.63). E é na medida em que este aspecto da realidade é ignorado pela ciência política por seu tratamento da não-resposta das pesquisas de opinião ou da abstenção eleitoral que Bourdieu concebe « O mecanismo pelo qual expressa opinião, começando com a votação, é um mecanismo de recenseamento oculto » (BOURDIEU, 2009, p.238). No entanto, este ainda não é o problema político fundamental, mas o dos *modos de produção de opinião*, que arriscamos esconder se nos ativermos apenas à questão estatutária.

Essa crítica da filosofia liberal, portanto, também visa apontar os *modos de produção da resposta*, contra « o postulado intelectualista [que supõe] que qualquer resposta a uma questão política é o produto de um ato de julgamento e de um ato de julgamento político » (BOURDIEU, 1977b, p.71). Bourdieu, na verdade, argumenta que existem vários modos de produção de uma resposta⁵⁵, um dos quais é « [...] o "ethos de classe" [...], isto é, um sistema valores implícitos que as pessoas internalizaram desde a infância e das quais geram respostas a problemas extremamente diferentes »

⁵⁵ [...] também pode ser um "*partido político sistemático* [...], isto é, um sistema de princípios explícitos e especificamente políticos, justificáveis por controle lógico e apreensão reflexiva, enfim, uma espécie de axiomática. político (na linguagem comum, uma "linha" ou "programa"); pode finalmente ser o produto de uma *escolha de dois estágios*: a escolha de um *partido político* no sentido de uma organização investida com uma delegação política e o fornecimento de uma "linha" política em um conjunto de problemas que contribui para a formulação de políticas e escolhas de respostas de acordo com a "linha" definida por essa parte ou delegação a essa parte para responder.

(BOURDIEU, 2009, p.227-228). E a partir daí, deve-se notar que (BOURDIEU, 1977b, p.76) :

[...] a relação entre classe social e opiniões políticas varia de acordo com a classe social, ou seja, segundo o modo de produção da opinião mais frequente nesta classe: a probabilidade de produzir uma resposta estritamente política a uma questão politicamente constituída, seja uma opinião "pessoal" ou uma opinião procurada aumenta à medida que se sobe na hierarquia social (e na hierarquia de renda e qualificações acadêmicas).

Assim, é estabelecida uma correspondência entre o modo de produção da resposta de um indivíduo e a classe à qual ele pertence, que reflete sua relação com o mundo e sua visão de mundo.

Em suma, uma vez que a competência política não é universalmente difundida, e existe diferentes maneiras de produzir uma resposta que depende da posição social do indivíduo, ignorar essas realidades leva, de repente, a ignorar o que Bourdieu chama de o *efeito de imposição de problemático* produzido pela investigação. Há o efeito de imposição de problemático para dizer que, na maioria das vezes, as pessoas não se fazem as perguntas que a pesquisa exige que respondam. Por outro lado, as pessoas não apreendem questões das mesmas categorias de concepções, por isso em outros casos « [...] estão condenadas ao *efeito da allodoxia*, isto é, tomar uma opinião por uma outra [...] » (BOURDIEU, 2009, p.249). Esses dois efeitos da pesquisa de opinião, portanto, invalidam a prática de fundir todas as opiniões, dando-lhes a mesma consideração, enquanto são frutos de modos de produção de diferentes respostas, porque se conformam às condições de existência dos indivíduos. E a indiferença às não respostas, que resultam das implicações sociais das desigualdades estruturais entre grupos e classes e, portanto, da ordem de dominação, evita o questionamento da filosofia da opinião pessoal na raiz das pesquisas de opinião e prática eleitoral que requerem categorias sociais relativamente desprovidas de instrumentos de produção simbólica para ter uma opinião pessoal (consistente com seus interesses), para produzir uma em isolamento total. É a partir daí que todas essas técnicas participariam do reforço das práticas que reproduzem a ordem social.

3.3.2 Campo social e campo político

Além do *habitus*, o conceito de *campo* é outro conceito fundamental no pensamento de Pierre Bourdieu. O espaço social, que ele constrói com três dimensões a partir do qual as relações entre classes e frações são estabelecidas, opera de acordo com os princípios do campo (LAHIRE, 2001, p.24-26)⁵⁶. Sua crítica da ciência política, da filosofia liberal, que apresentamos brevemente, também encontra seu significado a partir do olhar que lança sobre a realidade do campo político. Por *campo* é definido (BOURDIEU, 1976a, p.89) :

[...] sistema de relações objetivas entre posições, [que] é o lugar (relativamente autônomo) (ou seja, o campo de jogo) de uma luta de competição cuja questão específica é o monopólio [de uma autoridade específica] definida [...] como monopólio de uma competência [específica], entendida como a capacidade de falar e agir legitimamente (ou seja, de forma autorizada e com autoridade) [sobre este assunto], que é socialmente reconhecido para um agente particular.

Falar de campo político, nesse sentido, é apreender o espaço particular construído pelas relações objetivas entre as posições ocupadas pelos profissionais políticos (e partidos). Esse espaço, como vimos anteriormente, encontra seu fundamento da « [...] distribuição desigual dos instrumentos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulada, [e é isso] que faz com que a vida política possa ser descrita na lógica da oferta e demanda [...] » (BOURDIEU, 1981b, p.3). Sendo o monopólio dos profissionais, o campo político produz uma censura na medida em que limita « [...] o universo do discurso político e, portanto, o universo do pensável politicamente, com o espaço finito do discurso político, discursos que provavelmente serão produzidos ou reproduzidos dentro dos limites da *problemática* política como

⁵⁶ Um campo é um microcosmo no macrocosmo que constitui o espaço social global (nacional). - Cada campo tem regras do jogo e apostas específicas, irreduzíveis às regras do jogo e apostas dos outros campos (o que faz "correr" um matemático - e o modo como "corre" - não tem nada a ver com o que faz "correr" - e o caminho "corre" - um chefe da indústria ou um grande estilista. - Um campo é um "sistema" estruturado ou "espaço" de posições. - Este espaço é um espaço de lutas entre os diferentes agentes que ocupam as várias posições. - As lutas têm por risco a apropriação de um capital específico ao campo (o monopólio do capital específico legítimo) e/ou a redefinição desse capital. - O capital é distribuído de forma desigual dentro do campo; há, portanto, dominante e dominado. - A distribuição desigual do capital determina a estrutura do campo, que é, portanto, definido pelo estado de um equilíbrio histórico de forças entre as forças (agentes, instituições) no campo. - As estratégias dos agentes são compreensíveis se estiverem relacionadas às suas posições no campo. - Entre as estratégias invariantes, podemos notar a oposição entre as estratégias de conservação e as estratégias de subversão (do estado do equilíbrio de poder existente). Os primeiros são mais frequentemente dominantes e os últimos dominados (e entre eles, mais particularmente os "novos entrantes"). Essa oposição pode assumir a forma de um conflito entre "velho" e "modesto", "ortodoxo" e "heterodoxo". - Na luta uns contra os outros, os agentes de um campo têm pelo menos interesse no fato de que o campo existe, e assim mantêm uma "cumplicidade objetiva" pelas lutas que os opõem.

espaço de posicionamentos efetivamente feitos no campo [...] » (BOURDIEU, 1981b, p.4). Censura que resulta do fato de que o campo político como espaço de luta é também um campo de forças, onde as posições são função de posições possíveis, que são impostas a todos aqueles que estão presentes. E a inferência é que tudo isso também reflete os pontos de referência que determinam as possibilidades de um grupo, ou uma classe de leigos, expressar seus interesses dependendo de sua posição no campo social e no campo político. Assim, Bourdieu enfatiza que « [...] os efeitos da lógica do censo que realmente rege o acesso à escolha entre os produtos políticos oferecidos são reforçados pelos efeitos da lógica oligopolista que governa a oferta de produtos » (BOURDIEU, 1981b, p.4). Em conclusão, quanto mais uma classe de indivíduos não tem meios de produção e de apropriação do mundo, mais ela será forçada a confiar em uma dada oferta ou cair na renúncia, o que é frequentemente o caso com categorias dominadas.

A expropriação relativa ou a baixa posse da maioria do corpo social dos instrumentos de produção simbólica, está na base da constituição do campo político, de seu processo de autonomização em comparação com o mundo dos leigos e a censura que produz de volta. No entanto, este não é o único relacionamento que ele tem com o mundo exterior. Uma das peculiaridades do campo político é « [que] nunca pode ser completamente autônomo; ele é constantemente referido à sua clientela, os leigos, e estes leigos têm de alguma forma a última palavra nas lutas entre clérigos, entre os membros do campo » (BOURDIEU, 1999, p.63). E, como em todos os campos, a luta no campo político é uma luta simbólica que sempre se opõe, por um lado, à heresia e, por outro, à ortodoxia. Em outras palavras, lutar (BOURDIEU, 1981b, p.8) :

[...] pela preservação ou transformação do mundo social através da preservação ou transformação da cosmovisão social e dos princípios da visão deste mundo; ou, mais precisamente, pela preservação ou transformação das divisões estabelecidas entre classes pela transformação ou preservação dos sistemas de classificação que são sua forma incorporada e as instituições que contribuem para perpetuar a classificação em vigor, legitimando-a.

Assim, há uma impossibilidade de autonomia total do campo político com relação ao campo social, por uma dupla razão, porque está sempre em questão da sociedade na medida em que as lutas no campo político é uma luta pela imposição de uma visão legítima das relações na sociedade, por outro lado, porque o veredicto externo influencia o equilíbrio interno de poder, o que levaria a afirmar a existência de uma relação de interdependência entre os dois campos. De fato, « O campo político é [...] o lócus da

competição pelo poder que se alcança através da competição por leigos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e agir em nome de alguns ou de todos os leigos » (BOURDIEU, 1981b, p.13). Como resultado, « As estratégias que a lógica da luta interna impõe aos profissionais, [...] ligadas a posições diferentes no campo, só podem ter sucesso na medida em que atendem às estratégias (por vezes inconscientes) de grupos fora do campo » (BOURDIEU, 1981b, p.13). Mas uma interdependência que seria mais o efeito de uma *homologia estrutural*, isto é, da relação entre a posição ocupada pelos grupos nos campos que faz corresponder seus interesses e suas práticas, que o efeito de um cálculo ou resultado simples de pressões externas. Em última análise, é a partir dessa *homologia estrutural* que as classes dominadas obterão as possibilidades de adquirir certos instrumentos de produção simbólica no mundo social, na medida em que são, em razão de sua posição social, relativamente desprovidas. E é também em torno disso que o jogo político da delegação e a representação social serão organizados.

3.3.3 Delegação e representação

Essa *homologia estrutural* dos campos é, de fato, a base da questão essencial a ser respondida. Na medida em que as classes dominadas ainda são privadas de meios de produção simbólica no mundo e, portanto, sempre empregarão estratégias, sempre levarão a cabo práticas que em relação às suas representações só reproduzirão as relações de dominação, como ele pode tornar-se em elas uma "consciência" que lhes permitiria sair de sua peculiaridade para constituir uma identidade, uma classe real para a defesa de seus interesses contra a ordem social?

Para Bourdieu, devemos lembrar, a luta entre as classes não é apenas econômica, mas também simbólica. Nesse sentido, a ordem social, assim como a possibilidade de subvertê-la, também passa por essa luta simbólica. A ordem social com efeito suporta Pierre Bourdieu (1981a, p.69) :

[...] deve sua permanência ao fato de que impõe esquemas de classificação que, ajustados às classificações objetivas, produzem uma forma de reconhecimento dessa ordem, que implica o desconhecimento da arbitrariedade de seus fundamentos: a correspondência entre divisões objetivas e esquemas classificatórios, entre estruturas objetivas e estruturas mentais, é, em princípio, uma espécie de adesão original à ordem estabelecida.

Dado que é essa relação entre estruturas objetivas e esquemas mentais que determina, em parte, a concordância das dominadas à ordem estabelecida, que resulta de um efeito de reconhecimento, ou falta de conhecimento da ordem arbitrária e não uma determinação mecânica, a ação política para subvertê-la também é possível agindo em seu modo de apreender o mundo. É neste sentido que, do ponto de vista de Bourdieu, « a política começa, estritamente falando, com a denúncia deste contrato tácito de adesão à ordem estabelecida que define a doxa original; em outras palavras, a subversão política pressupõe uma subversão cognitiva, uma conversão da cosmovisão » (BOURDIEU, 1981a, p.69). Mas esta simples denúncia não é suficiente e especialmente não em qualquer ocasião. De fato « [...] a ruptura herética com a ordem estabelecida e com as disposições e representações que gera nos agentes moldados de acordo com as estruturas se impõe ao encontro entre o discurso crítico e uma crise objetiva [...] » (BOURDIEU, 1981a, p.69). E esse encontro deve levar a uma ruptura na relação entre as estruturas mentais dos agentes e as estruturas sociais.

Ainda mais do que isso « O discurso herético não deve apenas contribuir para romper a adesão ao mundo do senso comum ao professar publicamente uma ruptura com a ordem comum, mas também produzir um novo senso comum [...] » (BOURDIEU, 1981a, p.70). Um novo senso comum através do qual o grupo poderia se reconhecer, isto é, vislumbrar essas experiências particulares e coletivamente manifestar esse reconhecimento. O *discurso herético* deve, portanto, opor-se a outra classificação do social e deve funcionar como um *discurso performativo*, isto é, que poderia trazer o que afirma. E é dessa dialética que se inicia o processo de transição de uma provável classe para uma classe instituída.

Bourdieu enfatiza que (1981a, p.70):

[...] toda linguagem que é ouvida por todo um grupo é uma linguagem autorizada, investida da autoridade desse grupo, autoriza o que designa ao mesmo tempo em que a expressa, tirando sua legitimidade do grupo sobre o qual ele exerce sua autoridade e que ele contribui para produzir como tal, oferecendo-lhe uma expressão unitária de suas experiências.

Mas, a força deste ato político Bourdieu irá especificar que ele não é encontrado nem na linguagem usada, ainda menos na pessoa que a expressa, embora seja mais provável no caso de um profissional ter *um capital anterior simbólico* no grupo a que será endereçado, « [...] mas na dialética entre a linguagem autorizadora e autorizada e as

disposições do grupo que a autoriza e autoriza » (BOURDIEU, 1981a, p.70). E esta é a base de toda a "*relação circular*" entre *delegação e representação*, em que não se pode pensar no outro, porque « Não existe, por um lado, um entidade já dada e, por outro, um representante; ambos são construídos em um único movimento. [E assim] propor um certo número de hipóteses sobre a *gênese* de "grupos" e "conjuntos" representados » (GAUTIER, 2012, p.65) como uma análise sociológica da relação entre delegação e representação.

Diferentemente das classes dominantes, que não são apenas as mais dotadas de *instrumentos de produção simbólica*, mas também podem se contentar com o descuido da ordem que a ordem vai na direção de seus interesses, as classes dominadas para *existir politicamente*, ou seja, influenciar o curso da realidade devem sair da sua peculiaridade e encontrar, manifestar essa real existência coletiva através da delegação. De fato, « A classe existe na medida, e somente na medida em que agentes dotados da *plena potentia agendi* podem ser e se sentirem capacitadas para falar em seu nome [...] e assim fazer existir como uma força real dentro de si do campo político » (BOURDIEU, 1984a, p.12). E essa é a resposta de Bourdieu à questão da possibilidade de uma "*classe em si*" ou *classe no papel* se tornar uma classe instituída, isto é, mobilizada para defender seus interesses e, no caso das classes dominadas existam como força política no campo político para transformar a ordem estabelecida.

Em conclusão, como apontou Charlotte Nordmann, « Pensar as determinações não implica concluir sua infinita reprodução, e é importante, ao contrário, procurar definir as condições históricas da emancipação » (2006, p.223). E certamente essa citação é válida para falar sobre a sociologia de Pierre Bourdieu. De fato, como é conhecido e repetido neste trabalho, a problemática fundamental dessa perspectiva sociológica é o fato, segundo o teórico, de que o mundo social tem em si as condições para sua própria reprodução na medida em que os padrões de percepção da ordem social internalizados pelos agentes sociais que estarão na base de suas práticas são produtos de estruturas objetivas que levam a uma naturalização das diferenças sociais e, assim, as práticas sociais reproduzindo essas diferenças, reproduzem a ordem social (BOURDIEU, 1994, p.,6; BOUDIEU, 1997a, p.412; BOURDIEU, [1997] 2003, p.255). No entanto, essas disposições compartilhadas pelos grupos sociais que as levam a produzir essas práticas reprodutivas da ordem e que são registradas no próprio corpo

dos agentes sociais desde a infância podem ser com certeza frequentemente reforçadas mas também modificadas de acordo com a trajetória social do agente (BOURDIEU, [1997] 2003, p.226-231). Assim isso significa que não seja totalmente impossível subverter a ordem social. Nesse sentido, o trabalho de desvelar os mecanismos de dominação, de determinações sociais, se pode levar à sua racionalização, mas pode servir igualmente como suporte para sua neutralização, e esse sempre foi o objetivo do trabalho de Pierre Bourdieu (1981a, p.73).

Por sua crítica da consideração da ciência política às não-respostas das pesquisas de opinião e à abstenção eleitoral Bourdieu quer particularmente revelando como os postulados da filosofia implícita nessas consultas não estão autorizados a questionar os fatores sociais na raiz de tal comportamento em certas categorias sociais e como esses comportamentos, longe de expressarem incompetência técnica, refletem uma dimensão dos mecanismos de exclusão e dominação das categorias dominadas (BOURDIEU, 1977b, p.60-63). Na verdade, esta crítica permite Bourdieu denunciar as desigualdades sociais (aqui incluindo a possibilidade desigual de aquisição dos instrumentos simbólicos de produção no mundo social) que realmente impede a maioria da sociedade, as classes dominadas para desfrutar de fato, o direito de formular uma verdadeira opinião pessoal sobre o mundo social (BOURDIEU, 1977b, p.63). Ou seja, uma opinião razoável, de acordo com seus interesses, que não lhes será imposta pelas práticas reais da pesquisa de opinião. Por outro lado, a análise do campo político teve como objetivo de apontar a censura produzida pela constituição desse subsistema social sobre o que é politicamente pensável, ou seja, como essa situação limita as possibilidades formulação de questões políticas, na medida em que uma realidade será considerada política quase apenas na medida em que o campo político chega a reconhecê-la como tal (BOURDIEU, 1999; 1981a, p.70). Assim, essa monopolização da legitimidade das questões políticas censura certos discursos sobre certas questões sociais e reforça a exclusão das classes dominadas.

No entanto, se a autonomia relativa do campo político, em relação ao espaço social global, possibilitar certa surdez dos políticos às lutas externas, a especificidade desse campo, a partir da qual pode vir a subversão da ordem, é que está duplamente conectado ao mundo externo. Em primeiro lugar, uma vez que a luta entre as classes não é exclusivamente econômica, a luta política exerce um grande papel, já que esta luta

também pela imposição da visão legítima da relação entre categorias sociais, pela lógica da classificação legítima dos grupos sociais entre ortodoxia e heterodoxia, isto é, por preservar ou modificar a ordem social. Em segundo lugar, a estrutura das relações deste campo é apenas o resultado do veredicto da consulta leiga (BOURDIEU, 1999, p.63-68). Nesse sentido, a luta discursiva entre políticos sobre o mundo também é uma luta para os leigos, portanto, para a autoridade de falar em nome de uma certa maioria deles. É a partir daqui que Bourdieu vê uma certa possibilidade de transformação da ordem social, a partir da homologia estrutural dos dois campos, ou da correspondência dos interesses entre a posição dos dominados no campo político e os dominados no campo social. De acordo com esta leitura, longe de qualquer determinação mecânica ou qualquer cálculo, os dominados no campo político em sua luta contra os dominantes deste campo pela imposição da visão legítima sobre o mundo social podem oferecer aos dominados externamente instrumentos de produção do mundo social que permitam modificar a realidade social modificando sua visão sobre a realidade social. Para ser eficaz, a formulação desse discurso crítico deve enfrentar uma crise objetiva da ordem social que poderia suspender a relação dos dominados com a *doxa*, isto é, as representações que os levam a aceitar a ordem social como natural (BOURDIEU, 1981a, p.69). Mas além dessa suspensão dessa relação com a *doxa*, esse discurso herético deve produzir nas classes dominadas um outro *senso comum* que funciona como um *discurso performativo*, produzindo outra classificação do social, poderia permitir que uma maioria das dominadas emergisse a peculiaridade de sua trajetória individual e perceber outras particularidades mais significativas que compartilham como dominadas, excluídas, unindo-as e, ao mesmo tempo, distanciando-as das classes dominantes (BOURDIEU, 1981a, p.70-71). E assim que tal lógica de visão e divisão do social passa a ser reconhecida, então aceitar por esta maioria e que manifesta publicamente o reconhecimento desta lógica de visão do mundo dará ao mesmo tempo autoridade a um discurso, portanto, delegar toda a legitimidade necessária para que este fale em seu nome. E é através dessa circularidade do ato de delegação e representação que faz com que o porta-voz e o grupo existam ao mesmo tempo, que uma *classe estatística*, ou "*classe em si*", pode se tornar uma "*classe para si*", encontrando assim uma existência real, sendo mobilizada pela defesa de seus interesses, e no caso de categorias dominadas por uma transformação da ordem social (BOURDIEU, 1984a; 1984b).

Para concluir no entanto, esta análise não afirma que Bourdieu subscreveria a uma leitura espontânea de uma certa corrente intelectual, como se poderia pensar, que afirma a existência dessa classe real a partir do momento em que há ação coletiva. De fato, segundo Bourdieu, de acordo com sua crítica à filosofia da democracia liberal, uma verdadeira opinião política das dominadas só pode vir de um diálogo coletivo entre elas a fim de reforçar a percepção das particularidades que compartilham e que sempre vão tentar cancelar, para a perpetuação da ordem social, as classificações dominantes (como as classificações em torno da nacionalidade que anulam a peculiaridade das condições de existência dos trabalhadores que os opõem aos patrões), é somente desta consulta coletiva entre eles poderão ter um corpo permanente totalmente autorizado a falar em seu nome e fazê-los existir no campo político (BOURDIEU, 1981a; 2009, 258-261). Em última análise, pensar nas condições de possibilidade de um movimento social transformador é romper com a visão marxista das classes e reconhecer, por um lado, que as classes não têm uma existência real já dada e também não são definidas exclusivamente da sua posição nas relações de produção e que, por outro lado, a representação que as pessoas têm do mundo social participa da reprodução da ordem social, mas que também podemos transformar a ordem social modificando essa visão do mundo.

3.4 CATEGORIAS DE ANÁLISES

Nosso tema de pesquisa reúne vários conceitos sociológicos que podem ser usados, de acordo com várias perspectivas teóricas, para se referir a realidades muito diferentes, portanto, nesta última parte deste capítulo, especificamos em que sentido esperamos usá-los como parte deste trabalho de pesquisa.

3.4.1 Esquemas de percepção

Falar de esquemas de percepção é se referir às representações sociais dos indivíduos, isto é, à visão que eles compartilham de um objeto, uma realidade ou outros indivíduos. Tomando emprestado, uma das [bastante gerais] definições de representações sociais estas « [...] são apresentadas como esquemas cognitivos desenvolvidos e compartilhados por um grupo que permite que seus membros pensem, representem o mundo circundante, direcionem e organizem comportamentos,

geralmente prescrevendo ou proibindo objetos ou práticas » (MANNONI, 1998, p.3). Mas as questões essenciais surgem, pois:

[...] Ao discutir as representações sociais, um dos principais problemas é saber quais são seus limites, seus contornos, mas também a extensão do campo social em questão, os referentes culturais mencionados explícita ou implicitamente, os mecanismos intrapsíquicos conscientes e inconscientes envolvidos, práticas sociais e processos psicológicos no trabalho, estruturas institucionais ou simplesmente sociais interessadas. (MANNONI, 1998, p.3).

Em outras palavras, em termos de conteúdo acessível, é um horizonte de extensão considerável que se estenderia diante de nossos olhos. Essa multiplicidade de conteúdo forma uma diversidade de abordagens teóricas possíveis, pois a maioria das ciências humanas se preocupa com o assunto. É, portanto, « [...] um projeto muito ambicioso para lidar com as representações hoje, dada a considerável extensão do conceito, sua definição problemática, suas múltiplas e diversas relações que atuam em vários níveis com outras noções ou conceitos e a multiplicidade de campos suscetíveis de se interessar pelo assunto » (MANNONI, 1998, p.4). Diante dessa realidade, nosso projeto, ao invocar representações sociais, é radicalmente modesto, na medida em que se encaixa em uma única perspectiva teórica da ciência sociológica. Antes de discuti-lo diretamente, vamos fazer um breve desvio através de algumas das principais abordagens.

Produzindo uma revisão histórica dessa noção, vários pesquisadores (MANNONI, 1998, p.19; HERZLICH, 1972, p.303) concordariam em colocar o ponto de partida no trabalho de Durkheim, reconhecendo os esforços do pai da sociologia francesa para « [...] estabelecer a realidade e esclarecer a natureza das representações coletivas antes de legitimá-las como objetos de interesse científico » (MANNONI, 1998, p.19). Atribuindo, desde as primeiras linhas de seu artigo de referência sobre « Representações individuais e representações coletivas », publicado na **Revue de Métaphysique et morale**, (1898), legitimidade para uma apropriação analógica de certas realidades, Durkheim apóia a normalidade de buscar uma analogia entre leis psicológicas e sociológicas para defender o fundamento social das representações individuais. Estabelecimento de uma relação analógica entre a realidade psicológica e sociológica que de maneira alguma reflete uma dependência da segunda para a primeira. É fundamentalmente, pelo contrário, contra teses psicológicas que Durkheim apresentará sua análise para demonstrar a natureza permanente das representações

individuais e a especificidade das representações coletivas em relação a elas. O sociólogo se opunha a uma leitura clássica que reduziria a memória a apenas um fato orgânico, porque, segundo essa leitura, a representação que compartilhamos de uma realidade deixaria de existir uma vez que não estivesse mais presente em nós e permaneceria apenas o estado nervoso orgânico que serviu de suporte (DURKHEIM, 1898, p.5). Ele sugere « escapar da psicologia epifenomenica de admitir que as representações, provavelmente, persistirão como representações [...] » (DURKHEIM, 1898, p.13). Por outro lado, em sua visão holística, contra uma sociologia individualista, ele sustenta que se « as representações coletivas são externas às consciências individuais, é porque elas não derivam de indivíduos tomados isoladamente, mas de sua assistência [...] » (DURKHEIM, 1898, p.17). Consequentemente, « a vida representativa só pode existir no todo formado por sua união, assim como a vida coletiva só existe no todo formado pela união dos indivíduos » (DURKHEIM, 1898, p.17).

Se Durkheim foi o primeiro a se questionar sobre a realidade das representações coletivas, foram os pesquisadores da psicologia social que se apropriaram e dominaram as reflexões em torno dessa questão. Dentro dessa disciplina, várias correntes ou pesquisadores ofereceram ao longo do tempo algumas das perspectivas mais interessantes para analisar representações sociais. Um dos principais representantes é Serge Moscovici, que é o primeiro a

[...] fornecer o próprio conceito de representação social à sua definição científica e descrever um método de abordagem de natureza psicossociológica. Por um lado, de fato renova perguntas sobre representações; por outro lado, destaca sua inserção múltipla em muitos setores da vida social (MANNONI, 1998, p.21).

Do ponto de vista de Serge Moscovici, a representação social seria definida « como um "universo de opiniões" » (HERZLICH, 1972, p.309-310). E influenciado até certo ponto por Durkheim, ele argumenta que:

[...] as "sociedades pensantes" criam representações sociais a partir das memórias colectivas, das ideologias, da ciência, dos *mass media* e das experiências pessoais que levam a uma visão partilhada do mundo social, a teorias leigas sobre o mundo que contribuem para interpretar e construir a realidade social e que, por conseguinte, têm um impacto sobre as relações sociais e as acções. (POESCHL, RIBEIRO, OLIVEIRA, 2018, p.72-73).

E sempre na mesma perspectiva, dois processos principais permitem compreender como a representação social é construída:

[...] A *objetivação*, composta por três fases (construção seletiva, esquematização estruturante, naturalização), que moldam as noções abstratas que constituem a atividade mental e materializam as idéias, proporcionando-lhes um "esboço" (imagem ou figura). O segundo processo é *l'ancrage*. Garante as raízes sociais da representação, com os valores cognitivos particulares que assume no grupo de referência. *L'ancrage* opera a montante da representação social, referindo-se a universos de significado e conhecimento. À jusante, *l'ancrage* atribui valor funcional ao conteúdo representacional, disponibilizando-o para uso no grupo. (MANNONI, 1998, p.21).

Além de Serge Moscovici, Denise Jodelet é outra figura representativa dos trabalhos sobre representações sociais em psicologia social. Define representação social como:

[...] uma forma de conhecimento prático que vincula um sujeito a um objeto [...]. (Ela) é sempre uma representação de algo (o objeto) e de alguém (o sujeito). [...] A representação social está com seu objeto em uma relação de "simbolização", toma seu lugar, e de "interpretação", dá-lhe significados [...]. Uma forma de conhecimento, a representação se apresentará como "uma mobilização" do objeto [...]. (MANNONI, 1998, p.24).

Além disso, em uma certa continuidade dos trabalhos de Serge Moscovici, ela « propõe considerar dois aspectos principais que compõem essa modalidade particular de pensamento: seu aspecto constituinte (os processos) e seu aspecto constituído (os produtos ou conteúdos) ». (MANNONI, 1998, p.25).

Além de Serge Moscovici e Denise Jodelet, outros pesquisadores, ainda na psicologia social, se uniram para continuar as reflexões, propondo uma aproximação entre psicologia social e sociologia. Esses pesquisadores formaram, em torno de Doise, a chamada Escola de Genebra, a partir de uma tentativa de explorar certas semelhanças entre as obras de Serge Moscovici e Pierre Bourdieu. A Escola de Genebra ou da perspectiva disposicional « [...] caracteriza-se pela importância atribuída às inserções sociais dos indivíduos e aos contextos em que os objectos sociais são evocados » (POESCHL; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2018, p.73). Doise, o líder dessa perspectiva, define as « [...] representações sociais como "princípios que geram tomadas de posição, de acordo com inserções específicas num conjunto de relações sociais, e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações" (1985, p. 246) » (POESCHL; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2018, p.73).

No contexto deste trabalho, quando falamos dos esquemas de percepção, dos esquemas cognitivos dos quais as classes populares apreendem as relações sociais, os

abordamos situando-nos na perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu. Em outras palavras, no conceito de *habitus* do sociólogo. O conceito de *habitus*, combinado com os conceitos de campo e capital, formaria, para a maioria dos comentaristas, uma junção triangular cujo entendimento seria fundamental para uma melhor compreensão de toda a perspectiva de Pierre Bourdieu⁵⁷. Legado de uma longa e prestigiada obra intelectual, da filosofia clássica, passando pela sociologia clássica e presente nas produções contemporâneas (HÉRAN, 1987, p.388; CORCUFF, 1999, p.167-168; WACQUANT, 2007, p. 7-8), de fato, o *habitus* foi reformulado por Bourdieu para se tornar um ponto fundamental em seu trabalho. Para começar, o sociólogo entende por *habitus*:

[...] Sistemas de disposições sustentáveis [produtos de estruturas objetivas do ambiente em questão], estruturas estruturadas, predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como um princípio de geração e estruturação de práticas e representações que podem ser objetivamente "reguladas" e "regulares" sem ser de forma alguma o produto da obediência às regras, objetivamente adaptadas às suas objetivo sem assumir o objetivo consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los e, sendo tudo isso, orquestrados coletivamente sem ser o produto da ação organizadora de um condutor. (BOURDIEU, 2000, p.256).

E no conceito de *habitus*, Bourdieu distinguiu três dimensões particulares: « [...] disposições corporais (postural e gestual), qualificadas como *hexis*; as dimensões morais (ou o sistema de valores), chamadas de *ethos*, as dimensões cognitivas (ou o sistema de representações), qualificadas como *eidos*; e [...] competência linguística, bem como *aisthesis* (disposições estéticas ou gosto) [...] » (BRONCKART e SCHURMANS, 2001, p.163-164).

O primeiro aspecto que gostaríamos de sublinhar é que o *habitus* deve ser entendido como a internalização da realidade das estruturas objetivas, uma internalização da exterioridade. Esse aspecto diferiria das leituras psicológicas para as quais, além de levar em conta, por exemplo, a integração social do indivíduo para analisar sua representação de um objeto ou de outro indivíduo, como na perspectiva disposicional do Escola de Genebra, e as representações sociais, sempre seriam descritas como uma projeção individual, subjetiva, ou seja, é antes de tudo o sujeito pensante que produz uma visão, uma imagem, uma idéia de uma dada realidade

⁵⁷ Esta leitura do trabalho não é compartilhada por Loïc Wacquant para quem: « o conceito que [...] está no epicentro do pensamento de Bourdieu e constitui sua contribuição mais original [é]: o *poder simbólico*, isto é, a capacidade de categorização consequencial, o poder de fazer o mundo, preservá-lo ou modificá-lo, moldando e difundindo estruturas simbólicas, instrumentos coletivos para a construção cognitiva da realidade. Esse conceito tem mais capacidades, facetas, ramificações e poder do que *habitus*, capital e campo juntos » (WACQUANT e AKÇAOĞLU, 2016, p.36).

(HERZLICH, 1972, p. 304-305-306-309; MANNONI, 1998, p. 25)⁵⁸. Na origem da construção de uma representação social em um indivíduo ou grupo de indivíduos, na perspectiva de Bourdieu, haveria uma inversão da flecha que partiria não do indivíduo ou do grupo à realidade percebida, mas uma assimilação, uma incorporação das estruturas constitutivas da realidade pelo indivíduo. Em outras palavras, não é o indivíduo que constrói livremente uma visão das estruturas, mas são as estruturas que se apropriam do indivíduo, que fazem do seu organismo físico (e seu *mental*) um ser social, portanto, um elemento praticamente adaptável ao corpo social. Como Bourdieu diz « educação primária trata o corpo como uma *pense-bête* » (2000, p.296), e é por isso que nossas representações, nossas visões do mundo sempre têm origem em uma certa arbitrariedade cultural (BOURDIEU, 2000, p.300) que de fato define a maioria dos momentos na socialização do indivíduo durante o qual ele é modelado pelo seu ambiente. Isso significa que, em certas perspectivas psicológicas, haveria uma tendência a enfatizar mais a ação de representação do indivíduo, enquanto na perspectiva de Bourdieu, é sempre necessário encontrar a conexão dialética entre as disposições do agente social e o contexto de sua ação.

Compreender essa apropriação originário do organismo pelas estruturas objetivas que o produzem como ser social é fundamental para perceber em que sentido o habitus, a razão de seu desenvolvimento por Bourdieu, torna possível sair dos antagonismos pesados (indivíduo / sociedade, sujeito / objeto, subjetivo / objetivo) do pensamento sociológico clássico. Segundo essa visão, agindo em projeção ativa na vida social, o ser em questão nem sempre produz ou nem sempre responde a uma oposição da realidade da sociedade que serviria como obstáculo, mas, pelo contrário, na situação sempre haveria uma relação dialética entre as disposições do indivíduo, produto da sociedade, e a situação em que a ele atua, que também é um produto da sociedade. Essa realidade dialética entre ação individual e situação social decorre do fato de que:

⁵⁸ «1) [...] Segundo nós - [...] - a representação social, por ser um processo de construção da realidade, atua simultaneamente no estímulo e na resposta. Mais precisamente, ela direciona este na medida em que modela [...] A representação social implica primeiro uma atividade de *reproduzir* as propriedades de um objeto [...], essa reprodução não é um reflexo na mente de uma realidade externa perfeitamente completa, mas uma remodelação, uma "construção" mental real do objeto, concebida como inseparável da atividade simbólica de um sujeito - ela - mesmo em solidariedade à sua integração no campo social. [...] a representação social é, para cada grupo, a apropriação do mundo exterior, busca uma direção na qual sua ação possa ser registrada. 2) representações sociais fazem parte de uma atividade de desenvolvimento de conhecimento implementando processos cognitivos (pensamento constituinte) e também produtos desse pensamento, com tantos conteúdos diferentes que podem assumir o conhecimento social gerado por processos cognitivos em questão (pensamento constituído) ».

O habitus é um sistema de disposições que, na vida cotidiana, substituem os padrões de pensamento, percepção e julgamento [...]. O habitus é constituído de acordo com a estrutura social, ou mais precisamente de acordo com a situação social e o status dos agentes dentro da estrutura social, e consequentemente forma disposições específicas para cada classe (práxis estruturada). Os padrões de pensamento, percepção e julgamento inerentes a essas posições, por sua vez, geram formas de prática estruturalmente adaptadas, que participam da reprodução de estruturas objetivas (práxis estruturante) (EDER, 1989; MARGOLIS, 1999 *apud* MÜLLER, 2006, p.55).

Dessa dialética, retém-se essa absorção das estruturas pelo indivíduo e a adaptabilidade de suas práticas, o que legitima certas leituras de uma incapacidade da perspectiva bourdieusiana de pensar em mudança social. Esses comentários reduziriam toda a perspectiva a dois parâmetros do conceito de habitus que seriam « a *hipótese da incorporação* e a *hipótese da estabilidade* » (MÜLLER, 2006, p.55-56). Essa apropriação do habitus seria uma leitura parcial, portanto errônea, da obra de Bourdieu.

Bourdieu certamente argumentou que habitus refere-se a um sentido prático internalizado pelo indivíduo e que se tornou natural, isto é, « o corpo está no mundo social, mas o mundo social está no corpo (na forma de *hexis* e *eidos*). As próprias estruturas do mundo estão presentes nas estruturas (ou melhor, nos esquemas cognitivos) que os agentes usam para entendê-lo [...] » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.218-219), mas, seria para recordar preferencialmente a inconsciência das lógicas na base das práticas que postular uma impossibilidade de modificação das disposições. Bourdieu afirma que além disso: « a relação entre disposições e posições nem sempre assume a forma de um ajuste quase milagroso e, portanto, condenado a passar despercebido, o que pode fazer o habitus ser visto como produto de estruturas estáveis » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.226). Em outras palavras, « devido, em particular, às transformações estruturais que suprimem ou modificam certas posições, e também à mobilidade inter ou intrageneracional, a homologia entre o espaço das posições e o espaço das disposições nunca é perfeita [...] » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.226). Acontece, portanto, que há uma discrepância entre posições e disposições e, portanto, « a discordância [...] pode ser o princípio de uma disposição para lucidez e crítica que leva a recusar aceitar as expectativas ou exigências do cargo [posição] » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.227), ou seja, um possível caminho aberto à transformação da realidade das estruturas que definem a posição.

É essencial, por tudo isso, reter de um dos principais colaboradores e comentaristas de Bourdieu os seguintes esclarecimentos sobre o habitus que:

Designa uma competência prática, adquirida na e para a ação, que opera sob o nível da consciência; o *habitus* (i) resume não uma aptidão natural mas social que é, por esta mesma razão, variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, através das distribuições de poder; (ii) é transferível para vários domínios de prática, o que explica a coerência que se verifica, [...]; (iii) é durável mas não estático ou eterno: as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas, ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas, [...]; (iv) contudo é dotado de inércia incorporada, na medida em que o *habitus* tende a produzir práticas moldadas depois das estruturas sociais que os geraram [...]; (v) introduz um desfazimento, e por vezes um hiato, entre as determinações passadas que o produziram e as determinações atuais que o interpelam: como "história tornada natureza", o *habitus* "é aquilo que confere às práticas a sua relativa autonomia no que diz respeito às determinações externas do presente imediato. (WACQUANT, 2007, p.10-11).

Finalmente, conforme sublinhado na última indicação de Wacquant, as práticas resultantes do *habitus* não podem ser deduzidas exclusivamente nem das condições estruturais na origem das disposições, nem do contexto imediato em que « agente social portador das disposições, mas a união dessas duas condições objetivas » (BOURDIEU, 2000, p.262-263). Em nosso trabalho, os *esquemas perceptuais* referem-se ao *habitus* em geral das classes desfavorecidas, na medida em que não acreditamos que possam separar seu *ethos*, isto é, seus *esquemas de valores* das relações sociais de seus *esquemas de percepção* dessas relações. Invocar os esquemas de percepção das relações sociais das classes populares haitianas refere-se ao senso comum, aos modos de produção de julgamentos e de apreciação que traduzem as disposições gerais para todas as frações dessa população.

3.4.2 Classes populares

Falar de "classes populares" é mencionar mais uma vez um conceito debatido. Desde os clássicos da sociologia, o conceito de "classe" é sujeito de discussão. De acordo com Bourdieu, como consequência do que ele chama de *efeito de teoria*, a teoria marxista leva à existência da classe trabalhadora na medida em que « [...] a teoria da luta as classes se tornam uma força social através de partidos que as tornam sua linha teórica e política » (LENOIR, 2004, p. 388). Por outro lado, o conceito de classe social se refere às lutas de ranqueamento do social nos campos simbólicos de produção portanto um aspecto da luta entre os grupos sociais. No contexto dessa luta, há anos o principal debate⁵⁹ sobre as classes sociais, nas ciências sociais, gira em torno de seu fim, para alguns, devido à evolução de várias questões sociais, incluindo uma certa aquisição

⁵⁹ Nessa breve revisão, trata-se exclusivamente de um debate em andamento no campo intelectual francês desde o final da década de 1980. As preocupações teóricas podem ser compartilhadas com outros campos, mas o conteúdo da discussão é certamente diferente de um campo para outro.

cultural e melhoria das condições materiais de vida de certas frações das populações mais desfavorecidas ou, pelo contrário, uma simples reestruturação da realidade das relações de classe para outros que acreditam que permanece muito presente mesmo nas sociedades mais desenvolvidas (CHOPART *et al.* 2003 ; DUBET, 2003 ; LEBARON, 2012). E no centro desse debate é diretamente a evocação da permanência da classe trabalhadora ou das classes populares que é posta em questão (SCHWARTZ, 2011).

O antagonismo de classe foi o centro dos debates sociais e políticos no mundo moderno desde Karl Marx, mas se tornaria, para alguns, recentemente um assunto completamente desatualizado. Aparentemente, é isso que a direção de uma parte do debate atual tenderia a indicar. Por um lado, « a noção de "classe trabalhadora" [...], obviamente não seria mais suficiente para designar esses grupos [...] » (SCHWARTZ, 2011, p.2). Por outro lado, « nas democracias desenvolvidas, o desaparecimento das classes sociais pareceria uma conquista e uma evidência à qual é incongruente retornar. Esta questão seria decidida » (CHAUVEL, 2001, p.315). De fato, vários pensadores das ciências sociais teriam encontrado, em uma certa transformação da realidade das sociedades desenvolvidas, particularmente a sociedade francesa, argumentos para apoiar um fim de classes que resumisse os seguintes pontos:

[...] Declínio das desigualdades econômicas e educacionais, enfraquecimento das fronteiras sociais em termos de acesso ao consumo e referências culturais, mas também crescimento da mobilidade, menor estruturação de classes em grupos distintos, identificáveis, identificados e opostos, menos conflitos de classes e consciência de classe enfraquecida. (CHAUVEL, 1999, p.39).

Indícios de que, de acordo com esse argumento, cada vez mais marcariam um processo de aquisição pelas classes mais desfavorecidas condições de vida das classes médias dessas sociedades. O ponto fundamental, com relação a esses argumentos, é que, apesar de a discussão sobre classes sociais ser tão política quanto científica, essas "metamorfoses" nas condições de certas frações das classes sociais mencionadas são fatos observáveis, de modo que não se pode rejeitá-los com as costas da mão. Chauvel reconhece que: « [...] os fatos nos quais essa hipótese [do fim das classes sociais] se baseia estão corretos, pelo menos em parte. A imobilidade social diminuiu, a desigualdade econômica diminuiu, o poder de compra dos trabalhadores aumentou » (1999, p.39). No entanto, do ponto de vista dele, mesmo apoiada em tais fatos, a hipótese não é menos pobre.

Uma das primeiras fraquezas dessa hipótese é que ela seria baseada em uma leitura linear das mudanças que ocorreram em um determinado momento do nosso período histórico, o que conseqüentemente leva à negação ou ocultação das descontinuidades que ocorreram mais recentemente. O problema nesse sentido com essa hipótese a partir de sua observação é que:

No primeiro caso, vivemos o mesmo período histórico e as conseqüências das observações de ontem ou de hoje são necessariamente semelhantes. No segundo, quando há uma clara mudança na dinâmica da história social, deduzir do que era anteontem algo de conseqüência para ontem, hoje e amanhã, é um erro de raciocínio. (CHAUVEL, 1999, 40).

Portanto, a posição do fim das classes é sustentada por um erro de raciocínio que não perceberia que « a dinâmica atual não é mais a de ontem » (CHAUVEL, 1999, p. 41), ou que « O desenvolvimento das categorias média e alta da população não é, portanto, um crescimento progressivo, linear e contínuo, mas "em escadas" e a famosa "média", como a "aspiração para cima" não é um movimento contínuo » (CHAUVEL, 1999, p.45). O fato mais expressivo, como resultado da situação recente, é que « [...] de fato, do ponto de vista da estrutura social, "gerações sociais" que, por sofrerem descontinuidades na história social de maneira diferente, têm destinos coletivos específicos » (CHAUVEL, 1999, p.48) e destinos coletivos que não seguem nenhuma dinâmica de ascensão, demonstram a permanência de um determinado destino que não foi realmente maravilhoso por várias gerações. Ainda não nos deu os meios teóricos e metodológicos para estudar a *situação de classe* dessas populações.

Em contraste com a hipótese de fim das classes, vários pesquisadores sugerem uma reorientação da análise da relação dos grupos sociais.

Diante dessa reorientação, François Dubet se pergunta se « as classes sociais designam os caracteres coletivos e "funcionais" de uma estrutura social ou são simplesmente uma maneira de nomear desigualdades sociais? (2012, p.259). E sustenta, a partir desse interrogatório, que « o interesse do conceito de classe deriva do fato de definir um regime de desigualdades, uma estrutura ou um *sistema* de desigualdades » (DUBET, 2012, p.259). Isso equivale a evitar a redução da estruturação social nas relações das posições ocupadas pelos indivíduos em um modo de produção econômica, específico da visão marxista. Essa posição se abre relativamente a certos aspectos da leitura weberiana que:

[...] Supõe que classes sociais são grupos de indivíduos semelhantes que compartilham uma provável dinâmica semelhante (Max Weber fala de *Lebenschancen* ou "chances de vida"), sem necessariamente estar ciente disso. A classe social não é senão *a priori* a soma dos indivíduos que o pesquisador decide reunir de acordo com seus próprios critérios; assim, classes são nomes mais que coisas (nominalismo versus realismo). (CHAUVEL, 2001, p.317).

A partir dessa definição, conceber classes, por um lado, como compartilhar uma determinada condição de vida semelhante, o que não implica uma total conscientização dessa situação e, por outro lado, como fruto do trabalho do pesquisador que não reflete uma existência concreta desse grupo, o argumento, contra as questões da impossibilidade de apreender as classes populares em sua heterogeneidade e da inexistência de classes onde a consciência de classe está ausente, é construído em parte. Em outras palavras, contra a posição assumida pela hipótese do fim das classes de « uma fragmentação econômica e simbólica » (CHAUVEL, 2001, p.344-345)⁶⁰ dos grupos sociais.

É nesse sentido, em reconhecimento também das dificuldades colocadas pela análise dessa realidade nessas condições que alguns acreditam:

[...] não podemos escapar da espinhosa questão da diferenciação social dos indivíduos e seus efeitos no conceito de classe social. [Mas] o desafio é saber como a "sociedade dos indivíduos", longe de constituir prova empírica de uma "sociedade sem classes", nos permite, pelo contrário, lançar luz sobre debates teóricos que alguns consideram ultrapassados. (LE LAY, 2003, p.27).

E na mesma linha, outros sustentam que:

A sociedade francesa dos anos 90 (e obviamente se pode dizer a de hoje), apesar das transformações em larga escala que ela conheceu desde os anos sessenta - expansão da classe média, consumo de massa, terciária, explosão escolar...-, claramente não havia encerrado a existência de um grande conjunto de populações com três características: pequeno status profissional ou social, pequenos recursos econômicos -, distância do capital cultural e primeiro da escola, mesmo que hoje seja apenas uma distância relativa. (SCHWARTZ, 2011, p.2).

⁶⁰ « - a fragmentação econômica é produzida por novas tendências específicas do mundo produtivo: casualização, demanda por flexibilidade, a saída do assalariado tayloriano marcada por emprego estável enquadrado por escalas salariais previsíveis, formas de remuneração pós-salário como os *stock-options*, produzem uma fragmentação de situações econômicas nas antigas classes sociais ; - está surgindo uma fragmentação simbólica, devido à multiplicação das formas de pertença que provavelmente serão expressas na sociedade "pós-moderna", no final do qual a identidade de classe se desintegraria diante de outros modos de diferenciação e conflito, com base em questões simbólicas, religiosas ou culturais, de gênero, geração, regionalista, étnica ou sexual; essa multiplicação de conflitos atua dentro das diferentes classes, dissolvendo as antigas lealdades sociais e induzindo uma tendência à fragmentação das estruturas anteriormente, ou seja, uma diversificação radical das situações vivenciadas pelos indivíduos que vivem em uma dada classe social ».

O que significa que viver sob o peso dessas restrições, longe da tese de uma certa atomização dos indivíduos, « [...] refere-se a causas e induz efeitos compartilhados por um grande número de indivíduos, em proporções que é difícil descartar as relações sociais que levaram a isso. Uma espécie de "comunidade de destino" com um futuro restrito [...] » (LE LAY, 2003, p.28). Ou isso cria de fato « um "regime de desigualdades" (DUBET, 2012, p.259); uma dinâmica de desigualdades CHAUVEL, 2001, p.320); um continuum de grupo dominado (SCHWARTZ, 2011, p.31-32) que, sem negar sua heterogeneidade, os captura além de condições específicas. Um continuum dominado agrupado devido às seguintes características:

[...] Dependência ou subjugação econômica. A posição dominada aqui assume o aspecto da submissão daqueles que nada têm ou muito pouco às formas de trabalho ou aos métodos de distribuição de bens impostos por grupos mais ricos ou forças mais poderosas. [Uma expropriação cultural, isto é] o fato de que uma grande fração da classe trabalhadora é privada de todo um conjunto de elementos da cultura que fazem parte dos instrumentos simbólicos dominantes, ou seja, socialmente decisivos. (SCHWARTZ, 2011, p.31-32).

Portanto, de acordo com SCHWARTZ :

O interesse do conceito de "classes populares" aqui tem uma dupla característica que explica por que é particularmente bem feito para representar um continuum. Por um lado, é uma categoria genérica, ou seja, unificadora. Mas, por outro lado, tem a forma não de um singular, mas de um plural. A noção de "classes populares", portanto, imediatamente sublinha que seu objeto é único e múltiplo, heterogêneo, mas contínuo (2011, p.33).

É a partir daí que « a noção de classes sociais permanece um marcador ideológico e um projeto para pensar a vida social como um todo » (DUBET, 2012, p.263).

Nesse trabalho, o conceito de "classes populares" será usado adotando a mesma posição que acabamos de descrever, mas que não significa assumir fundamentalmente o mesmo raciocínio, mas voltando diretamente à perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu que influenciou em parte a posição de Schwartz (ver COLLOVALD e SCHWARTZ, 2006, p.51). Seria incoerente se apropriar do debate que acabamos de apresentar na sua totalidade, portanto, transferir suas conclusões sobre a realidade das classes sociais no Haiti. A própria permanência da ordem social haitiana, que continua sendo um dos pontos centrais deste trabalho, evoca uma situação completamente diferente da evolução das condições de vida das classes trabalhadoras francesas nas últimas décadas. E a permanência dessa ordem desigual também significa que seria

ainda mais absurdo apoiar a tese da inexistência de classes sociais abordando a situação social haitiana. Mas apresentar esse debate foi necessário para apoiar o uso que pretendemos fazer da noção de classes populares para falar sobre as diferentes frações das populações haitianas desfavorecidas. Além disso, os pontos praticamente essenciais desse debate relativamente já são encontrados na teorização das classes sociais por Bourdieu que havíamos apresentado. Quando ele define as classes como:

[...] as pessoas inscritas em um setor restrito do espaço serão ao mesmo tempo mais próximas (por suas propriedades e suas disposições, sem gostos) e mais inclinadas a se aproximar; e também mais fáceis de abordar, de mobilizar. Isso não significa que elas constituam uma classe, no sentido de Marx, isto é, um grupo mobilização por objetivos comuns e particularmente contra uma outra classe. (BOURDIEU, [1996] 2008 p.25).

Ele estava se referindo, também, a um grupo de indivíduos com certas potencialidades semelhantes que ele definiu como classes teóricas ou classes prováveis. Por outro lado, criticar a oposição marxista « [...] entre "classe em si", definida com base em um conjunto de condições objetivas, e "classe para si", baseada em fatores subjetivo » (BOURDIEU, 1984a, p.4-5), e enfatizar a *luta de classificação*, o *efeito da teoria* a partir da qual classes prováveis podem ser transformadas em classes reais, também refutou a tese de que a consciência seja uma razão para defender ou não a existência de classes sociais. Finalmente, a divulgação de classes sociais envolve simplesmente « indicar as diferenças reais que separam tanto as estruturas quanto as disposições (os *habitus*) e cujo princípio é preciso procurar, não na singularidade das naturezas ou das "almas", mas nas particularidades de *histórias coletivas* diferentes » (BOURDIEU, [1996] 2008, p.15), isto é, como acabamos de ver, ele revela os sistemas de desigualdades estruturais que se reproduzem em um determinado espaço social.

Em suma, por "classes populares" entendemos, conforme perspectiva de Bourdieu, categorias sociais que, no espaço social, são as menos equipadas com os diferentes tipos de capital econômico, cultural e social; portanto, aqueles que estão mais expostos a problemas econômicos e que não possuem os instrumentos da produção simbólica reconhecida ou valorizada. É nesse sentido que podemos agrupar juntos no espaço social haitiano: os desempregados (sem qualificações e um nível educacional muito baixo), pequenos agricultores, pequenos comerciantes, revendedores da economia informal, pequenos artesãos, pequenos funcionários públicos e privados e os

trabalhadores. Ou seja, classes estatísticas que não compreendemos apenas a partir de suas posições nas relações econômicas mas também pela sua situação de posse cultural.

3.4.3 Ordem social

"Ordem social" é também uma noção que pode ser encontrada em vários trabalhos sociológicos. De fato, em sua maioria, os teóricos usam a noção de ordem social para falar de um momento de equilíbrio nas relações sociais entre classes ou grupos sociais. Mas é menos neste sentido, através desse uso, a noção de ordem social que é diferente do modo de conceber as relações entre os grupos sociais entre os teóricos. No entanto, o conceito "ordem social" pode ser usado em outro sentido, mas neste momento é usado para falar, em oposição a "desordem ou agitação social", de um momento de ordem pública. Ordem pública que as forças públicas (polícia etc.) devem garantir. Aqui usamos "ordem social" para se referir às relações estruturais de desigualdade econômica, exclusão social entre as categorias sociais dominantes e as categorias dominadas da sociedade haitiana.

3.4.4 "Movimento popular"

Falamos de "movimento popular" primeiro para falar explicitamente de um movimento classista, mas como ele foi usado especialmente na América Latina, onde o termo "popular" « [...] refere-se menos a uma representação social "classes" definidos por uma posição no sistema de produção, apenas pela sua estruturação em termos de poderes, mas também de representações » (GOIRAND, 2010, p.448). Em segundo lugar, conforme definido por Daniel Camacho, um movimento no qual « [...] a reivindicação política não é mais parcial, mas tende a uma transformação geral do Estado em favor do Movimento Popular » ([1989] 2005, p.18) e onde o movimento pode vir a constituir uma representação no campo político. Mas há uma diferença entre a perspectiva que queremos usar e a de Daniel Camacho. Sendo na visão marxista, ele fala classes desta teoria ou nós projetamos classes de acordo com a perspectiva de Pierre Bourdieu. Neste sentido, falamos de "classes" para falar de *classes sobre o papel* para utilizar Bourdieu não definidas exclusivamente da sua posição econômica e o "Movimento Popular" é o resultado pelo qual essas últimas se tornariam uma classe estabelecida ou real.

O estruturalismo genético, o conhecimento praxeológico de Pierre Bourdieu é a perspectiva sociológica em que colocamos este trabalho de pesquisa. Esta concepção teórica será útil por várias razões. Em primeiro lugar, não devemos esquecer, como apresentamos, que uma das questões fundamentais para Bourdieu era propor uma outra leitura das práticas sociais, em vista a superar a dualidade entre leituras subjetivistas e objetivistas (que continua sendo um dos principais tópicos das discussões entre as teorias sociológicas), e que também seria o ponto focal da discussão para uma alternativa à oposição entre mobilização de recursos e a teoria dos quadros de acordo com Lilian Mathieu. Convidando-nos a buscar as razões para as práticas dos agentes sociais na dialética entre as disposições internalizadas por eles durante sua trajetória particular e que estruturaram seus esquemas de percepções da realidade, e o contexto, a saber, as relações estruturais para dentro do qual eles serão chamados a agir, Bourdieu nos permite evitar de reduzir essas práticas, seja apenas às representações dos indivíduos ou aos determinantes do contexto considerado. Em outras palavras, esforçar-se para encontrar as correspondências entre as estruturas mentais a partir das quais os agentes percebem a realidade e a situação contextual de suas ações ou de suas inações. Em segundo lugar, é desse ponto de vista sociológico que constituímos nossas unidades de pesquisa, referindo-se aos sujeitos das classes populares haitianas. Ou seja, as categorias sociais menos equipadas com recursos econômicos, culturais e sociais. E, em terceiro lugar, vamos usá-lo para analisar os modos de produção dos julgamentos das classes populares sobre as lutas sociais, isto é, em que medida o seu *ethos de classe*, portanto seu habitus, seus esquemas de valor, seus esquemas de percepção das relações sociais que elas internalizaram, durante sua trajetória particular como um grupo social, interferem em suas posições nas lutas políticas e sociais. Em outras palavras, até que ponto seus esquemas de percepção das relações sociais os levam a fazer *julgamentos éticos* ou não sobre os comportamentos adotados por atores políticos e sociais durante as lutas políticas e sociais.

4 ANÁLISE DOS DADOS: LEITURA DA REALIDADE POLÍTICA E RELAÇÕES SOCIAIS PELAS CLASSES POPULARES

Depois de ter apresentado, nos capítulos anteriores, nossa problemática, realizando as revisões bibliográficas e apresentação da perspectiva teórica na base de pesquisa, passa-se agora a analisar os dados coletados durante o campo⁶¹ que vão permitir confirmar ou refutar a hipótese de pesquisa. Para uma melhor compreensão este capítulo da análise dos dados é dividido em três partes. Em primeiro lugar, faz-se uma apresentação das diferentes categorias profissionais que, de acordo com os nossos critérios de inclusão e exclusão, foram efetivamente entrevistadas como parte do nosso trabalho de campo. Em seguida, numa segunda parte, apresenta-se a leitura da situação social feita pelos entrevistados, sua opinião sobre a realidade política do país, ou seja, sobre as lutas entre os agentes do campo político analisado. Por fim, apresenta-se e analisa-se suas opiniões, suas percepções sobre as relações entre classes na sociedade haitiana. Todo esse processo de análise busca explicar em que sentido seus *esquemas de percepções* das relações sociais interferiram ou não em seus julgamentos sobre as lutas sociais e, conseqüentemente, sobre as possibilidades de constituição de um movimento popular de transformação da ordem social, no Haiti, no período de 1986 a 2018.

4.1 APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS PROFISSIONAIS ENTREVISTADAS

A situação de quase total desapropriação do capital econômico e do capital cultural tem sido o critério fundamental para incluir determinadas tipologias de cidadãos em nossa unidade de pesquisa como elementos das classes populares haitianas. E como especificado anteriormente, as categorias sociais, em relação à realidade haitiana, as mais representativas das classes populares são indivíduos que se reproduzem da economia informal (pequenos vendedores e revendedores, pequenos comerciantes); taxistas, motoristas; pequenos artesãos e camponeses (pequenos agricultores sem terra ou proprietários de terras); pequenos profissionais e pequenos funcionários de casas ou instituições públicas e privadas. Dos indivíduos com esses perfis, realizamos 40

⁶¹ Este trabalho de campo foi realizado entre janeiro e fevereiro de 2019. Essa coleta de dados ocorreu em meio de lutas antigovernamentais, contra a corrupção, o alto custo da vida e a insegurança causada com a presença de vários gangues em bairros populares da capital. Esse contexto influenciou a pesquisa de várias maneiras, reduzindo o número de entrevistas realizadas porque as pessoas (por medo) estavam menos dispostas a participar de entrevistas que envolviam apresentar suas opiniões sobre política (a um estrangeiro) no momento que o país estava enfrentando essa insegurança e agitação política. Isso levou a uma redução no número de diferentes categorias profissionais entrevistados. Categorias apresentadas na próxima página.

(quarenta) entrevistas individuais para efeito de amostragem, tentando respeitar essa composição tanto quanto possível, a fim de obter dados que expressassem os pensamentos e visões do mundo dessa diversidade constitutiva da população em geral.

Dessas 40 (quarenta) entrevistas, consideramos necessário transcrever 39 (trinta e nove) e eliminar 1 (uma) delas cujo conteúdo não era significativo o suficiente para atender às prioridades de transcrição. A população que encontramos, cujas opiniões serão apresentadas e analisadas nas páginas seguintes, pode ser apresentada de acordo com sua ocupação, ou seja, pela atividade que garantiu a reprodução do indivíduo no momento do entrevista, nas seguintes proporções: 15 (quinze) dos nossos entrevistados vivem da economia informal; 7 (sete) são pequenos camponeses; 6 (seis) são artesãos; 5 (cinco) são motoristas; 2 (dois) são pescadores; 2 (dois) são pequenos funcionários; 1 (um) deles é um trabalhador da construção civil e o último é um agente de segurança.

Tabela 4 - Ocupação dos entrevistados.

Ocupação	f (i)	f (ac)	%	% (ac)
Economia Informal*	15	15	38,46	38,46
Pequenos camponeses	7	22	17,95	56,41
Artesãos	6	28	15,38	71,79
Motoristas	5	33	12,82	84,61
Pescadores	2	35	5,13	89,74
Funcionários	2	37	5,13	94,87
Trabalhadores da construção	1	38	2,56	97,43
Agentes de segurança	1	39	2,56	100
Total	39	39	100	

Fonte: Dados coletados durante o campo. (N=39).

(*): Pequenos vendedores e revendedores, pequenos comerciantes, lojistas.

A inclusão de todas essas categorias profissionais entre nossos entrevistados teve como objetivo permitir, uma melhor representação possível dos indivíduos que integram as classes populares haitianas. Nesse sentido, o setor informal que agrupa 57,1% da população ativa no Haiti (IHSI, 2010, p.71) está aqui representada por 38,46% de nossos entrevistados, considerando apenas os pequenos vendedores, revendedores, pequenos comerciantes e proprietários de pequenas lojas. Mas esse número chega a 53,84% de nossos entrevistados ao se acrescentar os 15,38% de artesãos cuja ocupação se enquadra na definição da informalidade (IHSI, 2010, p.68-69)⁶². No contexto de

⁶² « Nesse contexto, concordamos com o CIST (Conferência Internacional de Estatísticos do Trabalho) 2003 em designar aqui como emprego informal todos os trabalhos que compreendem as seguintes

nossa pesquisa, esses artesãos (sapateiros, joalheiros e produtores de artes decorativas) são profissionais que praticam seus negócios fora de qualquer regulamentação tributária. No que diz respeito ao setor primário, este é o setor de atividade de 38,1% da população ativa no Haiti e entre nossos entrevistados é representado pelos pequenos agricultores e pescadores que são 23,08% da amostra participante. Essa porcentagem é muito representativa em relação à sociedade haitiana, considerando nossos critérios de inclusão que excluíram todos aqueles com menos de 30 anos, uma vez que a população de jovens entre os agricultores haitianos com menos de 30 anos representa 11.3% do seu total (MARNDR, 2012, p.17). Os empregos no setor privado formal concentram « 9,1% de todos os funcionários do país » (IHSI, 2010, p.90), mas com perfis sociais, principalmente quadros, que em termos de nível de educação e renda estão nas classes médias haitianas (BIDOU-ZACHARIASEN, 2004, p.121-123)⁶³. No entanto, as categorias populares desse setor representadas por pequenos funcionários, agentes de segurança e outros trabalhadores englobam 10,25% da amostra de pesquisa. Por fim, os motoristas de ônibus e / ou táxis em que não há estatísticas públicas são 12,82% dos nossos entrevistados.

Em comparação com os níveis de educação⁶⁴: 1 (um) dos participantes sem escolarização; 6 (seis) têm o nível primário incompleto; 6 (seis) têm o nível primário completo; 18 (dezoito) têm um nível secundário incompleto; 1 (um) têm o nível secundário completo; 5 (cinco) o nível profissional; 1 (um) tem nível universitário incompleto e 1 (um) concluiu o ensino superior.

categorias: trabalhos criados em unidades de produção não registradas ou unidades de produção registradas, mas sem contas formais; emprego remunerado que não seja "formalmente sujeito à legislação trabalhista" e excluído de "tributação, proteção ou certos benefícios trabalhistas"; os empregos de ajudantes familiares não remunerados, independentemente do status (formal ou informal) da empresa; os empregos daqueles que "trabalham independentemente para produzir bens para o uso final exclusivo de suas famílias" (CIST 2003) ».

⁶³ No contexto deste trabalho, entendemos a classe média como o conjunto das "categorias socioprofissionais dotadas de um capital cultural adquirido essencialmente pelos canais da escola e da universidade. Nem a elite dominante, nem os meros executantes, ficam longe dos teclados de controle econômico e social, enquanto têm alguma margem de manobra e poder em seu trabalho. Nesse sentido, encontraremos a "pequena burguesia" (funcionários, gerentes de nível médio) e a "nova pequena burguesia" (profissões intermediárias de educação e saúde). Claramente, todo o setor terciário "

⁶⁴ No Haiti, a formação educacional é composta por três níveis de escolaridade: Estudos primários com seis anos vêm depois da pré-escola ou do Kindergarten (dois (2) anos); então vem a escola secundária, que é sete anos de estudo; enfim, ensino superior (profissional ou universitário).

Tabela 5 - Os entrevistados de acordo com seu nível de educação.

Nível de educação	f (i)	f (ac)	%	% (ac)
Sem escolarização	1	1	2,56	2,56
Primário incompleto	6	7	15,38	17,94
Primário completo	6	13	15,38	33,32
Secundário incompleto	18	31	46,15	79,47
Secundário completo	1	32	2,56	82,03
Profissional	5	37	12,82	94,85
Universitário incompleto	1	38	2,56	97,41
Universitário completo	1	39	2,56	100,00
Total	39	39	100,00	

Fonte: Dados coletados durante o campo. (N=39).

Em termos de denominação religiosa autodeclarada, entrevistamos: 12 (doze) de fé pentecostal; 11 (onze) não têm religião; 8 (oito) são católicos; 6 (seis) são batistas; e 2 (dois) são praticantes do vodu.

Tabela 6 – Denominação religiosa autodeclarada pelos entrevistados.

Denominação religiosa	f (i)	f (ac)	%	% (ac)
Praticantes do Vodu	2	2	5,12	5,12
Praticantes batistas	6	8	15,38	20,51
Praticantes católicos	8	16	20,51	41,00
Sem religião	11	27	28,20	69,20
Praticantes Pentecostais	12	39	30,76	100,00
Total	39	39	100,00	

Fonte: Dados coletados durante o campo. (N=39)

Em comparação com outras variáveis demográficas, entrevistamos 29 homens e 10 mulheres.

Tabela 7 - Gênero dos entrevistados.

Gênero	f (i)	%
Masculino	29	74,35
Feminino	10	25,64
Total	39	100,00

Fonte: Dados coletados durante o campo. (N=39)

Segundo a idade dos entrevistados, 7 (sete) têm entre trinta e quarenta anos; 15 (quinze) de nossos entrevistados estão na faixa etária de quarenta a cinquenta anos; 11 (onze) têm entre cinquenta e sessenta anos de idade e 6 (seis) entre sessenta e setenta anos de idade.

Tabela 8 - Os entrevistados de acordo com o grupo de sua idade

Grupo de idade	f (i)	%
[30-40]	7	17,94
[40-50]	15	38,46
[50-60]	11	28,20
[60-70]	6	15,38
Total	39	100,00

Fonte: Dados coletados durante o campo. (N=39)

No que diz respeito ao local de residência: 27 (vinte e sete) de nossos entrevistados vivem em áreas urbanas e 12 (doze) em áreas rurais. As entrevistas foram realizadas em três regiões geográficas do Haiti, incluindo: 17 (dezessete) entrevistas na área metropolitana⁶⁵ de Porto Príncipe (a capital do Haiti); 16 (dezesseis) na comuna de Léogâne e finalmente 6 (seis) na comuna de Jacmel.

Tabela 9 - Os entrevistados de acordo com seu local de residência e sua região.

Regiões	f (i)		%		Total	
	Urbano	Rural	Urbano	Rural	f (i)	%
Área metropolitana de Porto Príncipe	17	—	43,58	—	17	43,58
Comuna de Léogâne	6	10	15,38	25,64	16	41,02
Comuna de Jacmel	4	2	10,25	5,12	6	15,37
Total	27	12	69,23	30,76	39	100

Fonte: Dados coletados durante o campo. (N=39)

Como mencionamos desde a introdução, para realizar essas entrevistas, abordamos os cidadãos, aleatoriamente, diretamente em suas atividades, na rua ou em casa (dependendo da atividade).

4.2 APRESENTAÇÃO DA LEITURA DA SITUAÇÃO SOCIAL E OPINIÕES SOBRE A REALIDADE POLÍTICA

Nas linhas seguintes, apresenta-se uma síntese das diferentes leituras da situação social e da realidade política realizadas pelos indivíduos das categorias profissionais entrevistadas em amostra, seguida de uma análise de suas afirmações e posições assumidas em relação a essas questões. Lembramos que durante a realização deste trabalho de campo o país enfrentou um conjunto de protestos contra a corrupção, a insegurança e uma inflação crescente, ou seja, um conjunto de fatos que podem indicar uma crise política, social e econômica. Essa conjuntura influenciou significativamente o sentido dos julgamentos de nossos entrevistados.

⁶⁵ Ela contém as cidades de Porto Príncipe, Delmas, Pétiön-Ville, Carrefour e Croix des Bouquets.

4.2.1 Observação dos problemas sociais, decepção, falta de esperança

Quadro 1 - Percepções dos entrevistados sobre a situação social do país.

Pergunta: Como você vê a situação atual do Haiti ?	
Percepções	Quantidade de sujeitos
Uma situação aflitiva. A situação é muito grave. Nós vivemos mal (aflição).	6
Estamos lutando um contra o outro (beligerância).	1
O país não oferece esperança aos jovens (desesperança).	5
O país está funcionando em moda de "ti zanmi" (nepotismo).	1
Os líderes apenas reconhecem a vida daqueles que têm os meios como eles, não se tem segurança (insegurança).	4
Se os líderes não se unirem, não haverá vida restante. Temos que nos unir (necessidade de união).	4
Para o país, não vejo a solução, só Cristo (Deus) tem a resposta (pessimismo).	4
O país está em crise, não tem energia, não tem trabalho, não tem comida (falência estrutural).	6
O dinheiro não circula, os burgueses guardam o dinheiro, a massa não tem nada (recessão econômica).	2
Estamos nos últimos dias (Profecia bíblica/ escatologia)	2
Tem um problema de homem (falta de competência e honestidade), não tem líderes (ausência de liderança política)	4
A vida se tornou mais cara, a comida é cara (inflação)	8
É a mentalidade do homem que devia mudar (habitus)	1
Não estamos vivendo como humano (desrespeito)	2
O país está doente da cabeça aos pés (falência estrutural)	1
O país é diferente do que antigamente (nostalgia)	5
Os líderes não pensam em ninguém além de si mesmos e suas famílias (individualismo)	2

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Essas declarações explicitamente explicam em parte como a maioria da população haitiana experimentou a situação resultante das várias crises que o país enfrentou durante anos e no momento em que a coleta dos dados foi realizada. Esses anos⁶⁶ foram particularmente marcados por uma deterioração exagerada das condições de vida dos mais pobres causada por diferentes fatores, um dos fatores cíclicos mais importantes [casando-se com fatores estruturais] foi indiscutivelmente a má administração dos recursos do país pelas autoridades nacionais, o que desencadeou muitos movimentos de protesto contra o governo e resultou no envenenamento do clima político pós-eleitoral de 2016-2017. Paralelamente ao delicado clima político, havia

⁶⁶ Esse contexto foi apresentado com mais detalhes no final do segundo capítulo deste trabalho, nas seções que tratam da perpetuação da ordem social e dos movimentos populares de 1986-2018.

uma clara depreciação da moeda nacional em relação ao dólar, onde o valor do dólar passou de 55 gourdes para 82,37 em 2015-2019 (CHARLES 2011, BRHc 2019, p.6-7). Essa última desvalorização levou a inflação de uma variação anual de 11,3% em setembro de 2015 para 15,5% em janeiro de 2019 (BRHa, 2019, p.18, BRHb, 2019, p.3). Como resultado, no início de 2019, o Haiti tinha « 2,6 milhões de pessoas estimadas como severamente assoladas pela insegurança alimentar com 39.000 crianças menores de cinco anos em risco de desnutrição aguda » (FAO, 2019, p.1). Por fim, a essas realidades anteriores foi acrescentada uma situação de insegurança ligada aos grupos de gangues de vários bairros populares localizados em áreas estratégicas da capital.

É a essas realidades que a maioria dos entrevistados se refere quando perguntados sobre a situação social do país. Suas afirmações demonstraram o reconhecimento bastante claro da gravidade da crise social a partir da proporção de respostas que mencionam o alto custo de vida e as ondas de emigração de jovens em busca de uma vida melhor (Entrevista n.9):

[...] o país, normalmente eu vejo que o país não está indo a lugar nenhum comparado ao jeito que vivemos, a vida é cara, a gente não consegue comer, a gente não pode mandar nossos filhos para a escola [...]. Se seus pais o colocassem em uma pequena escola de baixa qualidade, [...] você gostaria de mandar seus filhos para uma escola muito mais séria, mas você não pode porque a vida se tornou muito difícil, você não pode resolver nada a sério, você não pode comer. Finalmente, você não vê o que fazer. [...] os jovens quase todos saem do país, quase todos deixam o país, pegam o caminho para o Chile, outros partem para o Brasil.

Outros apontam para o mau funcionamento ou falta de serviços sociais básicos e a impressão que se tem é de que a situação está piorando, como disse um entrevistado: « Vejo que as coisas estão se deteriorando dia após dia no país; uma vez que o país estava um pouco melhor, mas de dia para dia, vejo que, em vez de encontrar uma solução, vejo que as coisas estão se deteriorando dia após dia » (Entrevista n.19).

Outras reivindicações denunciam o clientelismo, o nepotismo dos administradores da administração pública. Além disso, há a impressão de uma total falta de preocupação das autoridades em enfrentar os problemas que toda a população enfrenta, ou seja, a sensação de abandono total (Entrevista n.36) :

Como vejo a situação do país? Vivemos mal, não temos uma situação no país. Nós vivemos em insegurança, nada funciona. Uma pessoa pode vir até

você e te matar, e uma vez que ele te matou, você está morto e isso é tudo. Não tem ninguém para te ajudar, você não pode ir a lugar nenhum para reivindicar e nem instituição para te responder [...]. Você não sabe o que está acontecendo.

Bem, neste momento a situação do país não é nada boa; ela não é boa, não podemos viver. Você vê, eu tenho esse comércio (roupas que ele fez e que são instaladas esperando por clientes que podem querer levá-los embora), eu não posso vender, o dinheiro não circula para baixo [no meio de classes pobres], o dinheiro fica para cima [nas mãos das classes favorecidas]. O dinheiro não circula, os burgueses guardam todo o dinheiro em suas mãos, nós [as classes pobres], somos abandonados para morrer. [...] eu já tinha mais de 10 dias desde que eu tinha energia em casa. Como posso me sentir vivendo em um país? Mesmo a energia não é oferecida a nós? (Entrevista n.8).

Tal descoberta obviamente leva, em primeiro lugar, a uma perda de esperança, como uma entrevistada onde foi afirmada que não se vê solução para a situação de crise: « [...] não vejo uma solução. Eu vejo que é algo [uma situação] agora porque é [...] global, é a própria mentalidade do homem que deveria mudar » (Entrevista n.15). Há perda de esperança, uma incerteza sobre o futuro das gerações vindouras, conforme descrito por outro participante (Enteervista n.33) :

Bom, até o momento vejo que a situação é preocupante [...], já tenho mais de 50 anos, vivi um bom período de tempo no país. Para você, por exemplo, que estuda, faz uma pesquisa, não sabe o que vai viver e o que não vai viver. Eu também tenho filhos que estão estudando, mas ainda não sei o que essas crianças farão [no futuro]. Eu nem sei se eles terão sucesso na vida.

Seguida por um sentimento de desamparo e até um certo fatalismo de alguns entrevistados designando Deus como o único que pode modificar a realidade de maneira benéfica. Uma melhor compreensão desse sentimento de desamparo e fatalismo talvez pudesse ser mais explicitamente encontrada a partir de uma análise das afirmações sobre o que aos olhos deles parecem ser os principais determinantes da conjuntura social em que estavam no processo de viver.

Quadro 2 - Percepções dos entrevistados do principal determinante da situação social do país.

Pergunta: Na sua opinião, qual é o maior problema do país? O que e quem determina a situação atual?	
Percepções	Quantidade de sujeitos
O maior problema é que não temos consciência (ausência de consciência)	3
Estamos lutando um contra o outro; Um esmaga o outro (beligerância)	3
Líderes não investem para jovens (falta de investimento na juventude)	1
Não temos unidade ; Os haitianos não querem se unir (ausência de união)	13
Nós não nos amamos ; Não amamos o país (falta de patriotismo)	2
Eles só veem dinheiro ; O amor ao dinheiro (ambição exacerbada)	3
Nós somos o principal problema do país (auto depreciação)	1
Não há diálogo (ausência de diálogo)	1
Não há fraternidade; Todo indivíduo vê apenas para seu próprio bolso (individualismo)	4
Não há segurança (insegurança)	3
Temos um problema de homem ; problema de líderes, de competência (ausência de liderança)	13
A profecia que está sendo cumprida (fatalismo)	3
É a nossa mentalidade, somos egoístas (egoísmo)	2
As pessoas dos partidos políticos não estão na vantagem dos pobres	1
O país é mal administrado (ausência de gestão e políticas públicas)	3

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Observando com rigor os diferentes comentários de nossos entrevistados, para uma análise mais sistemática, poderíamos classificar em duas categorias amplas, não exclusivas umas das outras, os determinantes sociais e estruturais mencionados pelos participantes para explicar a situação do país.

Numa primeira categoria, há os entrevistados que se referiram a determinantes institucionais objetivos para explicar a situação social vivida. Em outras palavras, aqueles que enfatizaram, por exemplo, a história do país, as relações sociais, a inação, a incompetência dos líderes e a corrupção, em suma, a má administração do país. Para ilustrar essa categoria, apresentamos as falas de dois dos entrevistados.

O primeiro entrevistado é um homem de cerca de sessenta anos, ex-trabalhador nas indústrias subcontratadas. Foi empregado nas indústrias que fabricam roupas para exportação, que ele deixou em 1997 para trabalhar por conta própria, oferecendo seus serviços aos cidadãos, de uma maneira totalmente informal, como costureiro. Ele respondeu, nossas questões sobre a situação do país e o que ou quem determina essa situação, assim (Entrevista n.8) :

Bem, neste momento a situação do país não é nada boa; ela não é boa, não podemos viver. Você vê, eu tenho esse comércio (roupas que ele fez e que são instaladas esperando por clientes que podem querer levá-los embora), eu não posso vender, o dinheiro não circula para baixo [no meio de classes pobres], o dinheiro fica para cima [nas mãos das classes favorecidas]. O dinheiro não circula, os burgueses guardam todo o dinheiro em suas mãos, nós [as classes pobres], somos abandonados para morrer. [...] eu já tinha mais de 10 dias desde que eu tinha energia em casa. Como posso me sentir vivendo em um país? Mesmo a energia não é oferecida a nós?

Bem, o maior problema do país é um problema que os haitianos não querem se reunir para que o país possa andar; porque vejo que há maneiras pelo país de andar, mas eles [líderes e burgueses] preferem levar todo o dinheiro do país para ir a outro lugar. Seria necessário que todos nós, tanto os burgueses quanto os pobres, nos conscientizássemos de que criamos trabalho no país para que as pessoas possam encontrar trabalho, nesse momento poderíamos perceber que você está realmente em um país.

O segundo trecho é de um agricultor de sessenta anos, ex-membro do Conselho de Administração da Seção Comunitária (CASEC)⁶⁷ "Coq Chante", uma comunidade rural perto da cidade de Jacmel (entrevista n.38).

Como entendo a situação do país? [...] nós temos um país, desde a independência era um país muito bom, muito limpo, mas subdesenvolvido porque depois da independência sempre teve catástrofes, houve combates, uma série muitas coisas nunca foram bem sucedidas. Pelas seções comunais, eles nunca foram considerados porque tudo foi feito em Porto Príncipe. As pessoas começaram a deixar as seções comunais para ir para a cidade e começa a ter o que chamam de favelas, onde as pessoas vivem umas sobre as outras [em promiscuidade] e isso levou o país à deriva.

A razão pela qual o país está em todos esses problemas, nós temos duas causas: há muitas mentiras. O Haiti é o melhor país que existe porque em todas as regiões do país, isso não acontece um ano sem chuva, não acontece três meses sem chover [...], mas são mentiras demais, porque, [...] a política faz a humanidade, não existe um país onde não há política, mas nossa política no Haiti, há tendências demais. De fato, ninguém ajuda ninguém, cada indivíduo vê só para si mesmo [...], eu lhes dou um nome [...]. Eu ouço muitas coisas no rádio, ouço pessoas falando que chamamos de intelectuais, eu chamo de intelectuais bárbaros. Por quê? Existem certos países estrangeiros, "Tout moun moun" (Todo humano é humano), não há ninguém

⁶⁷ A Seção Comunal é a menor entidade na divisão geográfica e administrativa da República do Haiti. Várias seções comunais são agrupadas para formar uma comuna, várias comunas formam um departamento e a República está atualmente dividida em 10 departamentos geográficos.

no exterior que gostaria que onde ele dorme é uma bela casa e que o outro pode dormir na rua. Somente no Haiti, a partir do momento em que a pessoa conseguiu, esses bandos de pessoas podem dormir no chão, na lama, mas eles mesmos têm suas belas casas que eles prepararam.

O primeiro entrevistado mencionado destaca certa concentração de meios materiais de subsistência nas mãos das pessoas mais ricas do país, o que afeta negativamente a economia, limitando significativamente o poder de consumo das classes mais baixas em prejuízo aos pequenos comerciantes ou pequenos artesãos como ele. Por outro lado, também expressa o fato de ser abandonado pelo Estado que não oferece serviços essenciais ao funcionamento diário da população, como a energia. Finalmente, o fato de que a riqueza produzida localmente não seria reinvestida no país por causa da fuga de capitais e da falta de consciência de toda a sociedade que deixa a maioria em situação de desemprego permanente. Por outro lado, quando ele discutiu o que deveria ser feito para tirar o país da situação atual, ele disse: « Na minha perspectiva, vejo que o que deve ser feito é revolução ».

O segundo entrevistado mencionado, por sua vez, faz um breve lembrete histórico da independência do país, destacando as consequências da guerra de independência. Em seguida, ele enfatiza a centralização do país em torno de Porto Príncipe, a capital haitiana, onde se concentra a maioria dos serviços administrativos do Estado, as melhores ofertas educacionais, ou seja, o abandono secular das seções comunais [o mundo rural em geral] pelas autoridades estatais, o que resultou no êxodo rural que transformou Porto Príncipe em uma grande favela, deixando o país à deriva. Além disso, do ponto de vista dele, não há outro determinante da crise que o país enfrente, além das mentiras dos políticos, da expansão "incompreensível" das tendências políticas e, finalmente do individualismo daqueles que tiveram sucesso [materialmente].

No segundo bloco de classificação, agruparíamos aqueles que para responder às duas perguntas mencionaram os determinantes subjetivos. Em outras palavras, aqueles que responderam com declarações mencionando a mentalidade das pessoas, sua falta de amor pelo país, o amor ao dinheiro, sua falta de consciência dos indivíduos e, finalmente, o cumprimento das profecias bíblicas. Também apresentamos aqui dois trechos da entrevista como ilustração.

O primeiro trecho é constituído pelas palavras de uma mulher de cerca de cinquenta anos, dona de uma pequena loja de alimentos na cidade de Delmas, na área metropolitana de Porto Príncipe.

Sobre as mesmas perguntas anteriores, ela respondeu assim (Entrevista n.15) : « [...] não vejo uma solução. Eu vejo que é algo [uma situação] agora porque é [...] global, é a própria mentalidade do homem que deveria mudar ». E na opinião dela o maior problema do país vem da « [...] Falta de acordo. Falta de compreensão, entre nós, não nos entendemos. Nós iremos adiante quando mudarmos nossa mentalidade ». E questionada sobre o que significava a falta de acordo, ela disse que : « Está em nossa mentalidade, porque quando você viaja [para o exterior], você vê as outras nações se dando bem, mas nós somos egoístas. É porque somos egoístas que levam ao que não podemos seguir em frente ». Questionada sobre o que deve ser feito para que o Haiti possa sair da situação atual? ela destacou que a situação do país estaria : « Um câncer. Uma doença que não tem tratamento. É uma doença incurável ».

O segundo trecho destacado vem de uma entrevista com uma mulher de 45 anos. Ela é uma pequena revendedora de cosméticos, entre outros, e ex-mulher de serviço [responsável pela limpeza] em uma escola. Ela respondeu às mesmas perguntas:

O que eu penso da situação do país? Vejo que as pessoas têm um problema e continuam a culpar os governos. É verdade que o governo é cúmplice no que acontece, mas eles não devem esquecer que Jesus lhes disse tudo isso. Nos últimos dias, você verá as coisas de maneiras diferentes, ou seja, tudo o que está acontecendo agora, já foi escrito, preto no branco, elas devem se tornar realidade. Mas o próprio governo, você gostaria de ter a responsabilidade, mas como já foi escrito, de certa forma, você é obrigado a não se concentrar muito nele.

E com relação ao principal determinante da situação atual do país, ela declarou: « É o maior problema de dinheiro no país; o amor ao dinheiro, porque há certas coisas que acontecem; se não fosse o fato de amarmos muito o dinheiro, elas não poderiam ter acontecido. Porque amamos dinheiro ». Finalmente, do ponto de vista dela, para uma saída do país dessa situação: « deveria começar nos governos, depois na burguesia, eles deveriam tomar consciência [...] ».

Essa classificação, apesar de agrupar categorias de opinião não exclusivas e não exaustivas, permite partir da suposição de certa correlação entre o caráter dos determinantes [objetivos ou subjetivos] que influenciam o desenvolvimento das

atividades dos agentes sociais de acordo com certos indivíduos e naquilo que esses indivíduos acreditam ou não ser capazes de modificar nessas realidades nas quais se encontram envolvidos um conjunto de outros atores. Para ser mais claro, analisando mais de perto as opiniões do primeiro entrevistado apresentadas na primeira categoria (Entrevista n.8), percebemos que ele invocou determinantes institucionais, objetivos, nomeadamente a centralização do país, sendo que em relação às condições econômicas classes sociais ele afirma apoiar uma ação concreta que poderia mudar essa situação, falando de uma revolução. Ou seja, ele compartilha a convicção de certa possibilidade de que outros agentes sociais possam mudar ativamente essa realidade. Ao analisar de forma semelhante as opiniões dos dois entrevistados do segundo grupo, podemos perceber que, invocando determinantes subjetivos [a mentalidade das pessoas] ou não sociais [a profecia] para apreender a situação do país, eles chegam de uma maneira ou de outra a apoiar posições fatalistas ou de comodismo. Fatalista, considerando a situação do país como uma doença incurável e uma posição passiva ao falar da necessidade de políticos e burgueses se conscientizarem. Como resultado, temos afirmações que encorajariam certa passividade ao defender de certa maneira quase uma incapacidade de outros agentes sociais de mudar a situação.

É claro que se poderia objetar que a categorização é baseada em categorias de opiniões que não são exclusivas e os exemplos apresentados não são representativos de todos os nossos entrevistados. No entanto, esse postulado da existência de certa correlação entre a percepção dos principais elementos que determinam, de acordo com determinados assuntos, a situação do país e a posição que adotam em face da realidade permanece muito importante e desempenha apenas o papel de um quadro de reflexão. Isto é, um guia para a esquematização da percepção das relações sociais pelas classes populares. Por um lado, postulando este relatório, fazemos um esforço para nos questionarmos, analisando assim a relação entre as características específicas [variáveis demográficas] dos sujeitos e as categorias de respostas que eles formulam. Por outro lado, seria também uma maneira de realizar toda a coerência possível de cada uma das posições adotadas, descobrindo assim toda a lógica própria dos agentes que as expressam. Finalmente, prestando atenção particular aos elementos que determinariam a realidade segundo o indivíduo questionado, acreditamos que poderíamos identificar melhor o significado do relacionamento entre o indivíduo e uma realidade considerada e a percepção que ele tem dessa realidade. Claramente, essa é uma parte da abordagem

que adotaremos na análise de percepções de realidades políticas, relações econômicas e lutas sociais que analisamos nas próximas páginas.

4.2.2 Decepção, falta de confiança e rejeição dos políticos

Apresentamos e analisamos a seguir as percepções de nossos entrevistados sobre a realidade política, antes, suas opiniões sobre os políticos, em seguida seus julgamentos, particularmente das lutas entre os atores do campo político e, finalmente, suas afirmações de como deveria ser o relacionamento entre os políticos a partir da análise de seu pedido de unidade entre aqueles (políticos).

Quadro 3 - Percepções dos entrevistados dos políticos.

Pergunta : O que você acha dos políticos haitianos? O que determina, na sua opinião, o comportamento dos políticos haitianos?	
Percepções	Quantidade de sujeitos
Os políticos nos manipulam (manipulação)	1
Os políticos estão apenas ficando ricos (corrupção)	2
Os políticos são inúteis; eles não fazem nada pelo país	4
Nós realmente não temos políticos no país; Não há políticos no Haiti (ausência de quadros políticos conscientes)	7
Os políticos só vêm por si mesmos, seus interesses e sua família (individualismo)	9
Política é algo suja, você deve ser traidor e hipócrita (demagogia)	1
Os políticos no Haiti são um problema	1
O amor ao dinheiro (habitus)	1
Os políticos não têm convergência de idéias, vemos que eles não estão unidos (falta de união)	1
Eles realmente não gostam do país; eles não defendem o país	3
Eu não sei, eu não os entendo (incompreensão)	4
Esses homens são homens de negócios que fazem negócios nas costas das pessoas (manipulação)	3
Eles só precisam do povo no momento das eleições; Eles esquecem as pessoas depois (manipulação)	8
A política não é algo que me interessa; Eu não vou entrar nessas questões (falta de interesse)	4
Eu não estou nessa configuração; não sei nada; não posso te falar (incompreensão/ inércia)	2
No Haiti, os políticos fazem política apenas para destruir o povo (plutocracia)	1

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Essas opiniões, como um todo, mostram que a maioria dos sujeitos entrevistados compartilha, por diferentes razões, uma representação totalmente negativa

da política e dos políticos. O sentimento de ser constantemente manipulado pelos políticos parece ser a mais recorrente das impressões apoiadas por indivíduos. Para várias categorias profissionais entrevistadas, a observação permanece a mesma, os políticos precisam delas apenas nos períodos anteriores às eleições. Uma vez conquistada a posição política pretendida, eles são rapidamente esquecidos pelos atores políticos. Esta é a leitura traduzida pelas declarações de vários de nossos entrevistados, conforme os seguintes trechos:

[...] esses homens, esses homens são um bando de implacáveis [são cruéis], são homens de negócios, fazem negócios nas costas das pessoas. Quando precisam de uma posição política, estão com as pessoas [...]. (Entrevista n.18).

Ah ! Os políticos não veem nada para nós, eles não veem nada para nós. Posso dizer que você só pode ver a pessoa durante as eleições [...]seja o presidente, o senador, o magistrado [o prefeito], é somente durante as eleições que eles gostariam de apoiá-lo, mas assim que venceram as eleições, eles não querem mais apoiá-lo. (Entrevista n.5).

Ah! Se é sobre políticos, não temos essas coisas no Haiti. Esses homens apenas defendem seus próprios interesses, eles apenas veem os deles. Eles precisam de você só para ganhar as eleições [...]. Todos os políticos, eles apenas defendem seus próprios interesses [...], eles não defendem o país (Entrevista n.17).

Os políticos hoje em dia [...] cuidam apenas de seus negócios, eles só precisam de você no momento das eleições [...],vamos ao momento das eleições, ele precisa estar em uma posição e ele sabe o que esse cargo pode lhe trazer, então ele tenta ver você para te dizer que Cristo subiu ao céu e ele deve voltar e é através dele que ele voltará [...] (Entrevista n.21).

Há uma impressão de manipulação *ad perpetum* pelos políticos, o que alimenta a grande decepção com a política. O desapontamento de ter sido explorado para servir aos interesses estritamente pessoais dos políticos que, por suas ações, não trouxeram nada de bom, nada fazem e não têm utilidade para o país, senão os seus próprios enriquecimentos e de suas famílias. Isso é claramente expresso por várias pessoas entrevistadas, como destacamos:

"Os políticos são inúteis no país, [...] eles apenas fazem dinheiro em nossas cabeças, é tudo o que fazem" (Entrevista n.36).

Os políticos não fazem nada pelo país. Se eles estavam estabelecendo algo para o país, eles já teriam feito isso, porque eles mentiram o suficiente. Toda pessoa em que você vota, ela diz que fará algo, mas é mentira. (Entrevista n.39).

Bom, políticos no Haiti ... você sabe a política no Haiti, eu não faço política, nem escuto as notícias [...], vejo que não há políticos no país. A pessoa está na política, ele faz política, mas ele não é útil para o país. A pessoa faz política [...], ela vê apenas por si mesma. Ele não vê para nenhuma outra pessoa. Ele vê apenas para ele, para sua família, a política no Haiti não me interessa. (Entrevista n.9).

Como pode ser visto nesses últimos trechos reproduzidos, decepcionados com o comportamento dos políticos que apenas cuidariam de seus próprios interesses, em vez de responder às dificuldades enfrentadas pela população, diferentes entrevistados afirmaram seu total desinteresse em questões políticas. Foi assim que um de nossos entrevistados, um jovem profissional, falou sobre esse assunto, nestes tópicos:

Eu vejo que estamos em um país, nós gerenciamos; quando alguém me dá um trabalho, eu faço isso para cuidar dos meus filhos e da minha esposa. Mas a questão da política não é algo que me interessa, é bom, em vez de permitir que você melhore, [a política] apenas agrava sua situação. Hoje de manhã comprei algo para 25 (vinte e cinco) gourdes, depois você vai para outra loja e lhe dizem que já são 50 (cinquenta) gourdes, no dia seguinte já são 60 (sesenta) gourdes. Bem, esta questão [política] não pode me interessar. Este caso político não me interessa. (Entrevista n.19).

Mais do que desinteresse, alguns rejeitam ou pelo menos expressam um total distanciamento da política. É o caso de um entrevistado, motorista de caminhão de cinquenta anos, que nos disse que não planejava mais votar no futuro, nos seguintes termos: « Bem, ele disse, você vê esse negócio de políticos, não estou falando sobre essas coisas. Tenho todos os meus documentos oficiais, meu cartão eleitoral, mas se for para esses haitianos, não votarei mais (Entrevista n.27) ».

Na mesma posição, uma mulher de cerca de cinquenta anos, dona de uma pequena loja de alimentos na cidade de Delmas, na área metropolitana de Porto Príncipe (Entrevista n. 15), declarou como resposta sobre sua percepção da política :

"Woy!" Eu não estou lá. Eu não sei. Eu não os ouço e não os vejo. Aqui está a minha política (indicando o seu comércio). Aqui está a minha política, eu não estou lá, eu ficaria louca se tivesse que pensar neles (os políticos). Eu não penso neles meu irmão, aqui é minha política. Eu acho que apenas uma coisa, quando eu compro [uma mercadoria], depois de vendê-la, tenho que adicionar 30 (trinta) gourdes para comprar novamente⁶⁸. Esse apenas isso o problema [...] depois que eu sou cristã. Cristo diz para você não se preocupar com nada, apenas acredite em Deus e acredite nele e você viverá. Depois, eu não falo de política no Haiti, afundaria na loucura.

Em suma, a leitura dominante é claramente um sentimento de decepção alimentado pela sensação de ter sido totalmente manipulado pelos políticos, também, de rejeição aos políticos por causa da percepção de que eles são as mesmas pessoas corruptas que só fazem política para seu enriquecimento pessoal e para sua família, sem qualquer consideração pelo país e pelas pessoas que, por seus votos, as levaram ao

⁶⁸ Refere-se à inflação que a colocou em déficit, uma vez que seus lucros ainda estavam abaixo do valor que necessitava para comprar mercadorias para reposição de seu estoque no dia seguinte.

poder. Somando-se ainda o fato de que seus problemas e demandas não seriam considerados pelos políticos como resultado de sua perda de interesse em política e sua distância da política. E essas percepções não estão ausentes nos julgamentos sobre lutas políticas.

Quadro 4 - Percepções das lutas políticas.

Pergunta : O que você acha das lutas entre os políticos? (Lutando entre governos e oposições?)	
Percepções	Quantidade de sujeitos
Governos e oponentes não trazem nada de benéfico para o país, a luta apenas destrói	3
Eles são a mesma coisa, são duas classes [grupos] de máfias	2
Eles devem se unir, não há unidade ; eles devem aprender a se unir (necessidade de unidade)	16
O que eu vejo é que "Chak koukouj klere pou je li" (todo mundo se importa apenas com ele mesmo) (individualismo)	1
É uma questão de unidade não entro na luta (necessidade de unidade)	1
É uma questão de ambição (habitus)	1
Eu tenho um problema com os governos e também com a oposição, quando eles chegam ao poder, cuidam de seus próprios negócios.	4
O amor ao dinheiro (habitus)	1
A luta, todos aqueles que estão lutando, eles só querem sua parte	5
Não há unidade, não deve haver luta (necessidade de unidade)	1
Não há oposição real no Haiti	1
A oposição no Haiti é uma oposição negativa	1
Eles são cães loucos que não podem se dar bem	1
Eu não sei nada sobre essas coisas ; Não consigo entrar lá (Afastando-se da política)	2
Anteriormente, quando uma pessoa estava na política, ele era honesto	1
São os americanos que colocaram essa luta	1

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Compartilhando representações políticas anteriormente muito negativas, o que levaria, ao que parece, à distância das atividades políticas, nossos entrevistados expressaram similarmente uma recusa em apoiar as lutas políticas. Daqueles para quem a luta não é boa, passando pelas afirmações daqueles que dizem que essas lutas ainda

não traduziriam nada além de manobras que permitiriam que os atores políticos continuassem seu enriquecimento pessoal às custas dos interesses do país e vir para aqueles que pedem unidade, a maioria de nossos entrevistados se recusou claramente a dar crédito às lutas políticas.

Segundo um de nossos entrevistados: « governos e oponentes não trazem nada de benéfico para o país, a luta apenas destrói, a luta não constrói, quando você luta, você não constrói, a luta não é não desenvolvimento, você está destruindo apenas em vez de construir » (Entrevista n.1). Para outros, como já vimos nas percepções da política, a luta entre governos e oponentes seria uma luta totalmente interpessoal pelo poder e privilégios que o acompanham, portanto, uma luta sem sentido. Foi, por exemplo, o que apoiou um jovem profissional de trinta anos entrevistado em Léogâne:

Políticos, ele diz, eles são como cachorros loucos, não conseguem se dar bem. Você está no poder, estou tentando encontrar uma maneira de podar a grama sob seus pés para finalmente tomar seu lugar. E quando estou no seu lugar [no poder], faço pior. Outra pessoa refaz a mesma coisa, encontra-se no poder e é ainda pior, ou seja, ninguém vê nada pelo país, porque só vê por si mesmo. Cheguei ao poder, acabei enchendo meus bolsos e enriquecendo minha família e esqueço que havia alguém que me votou [...]. (Entrevista n.19).

Para alguns entrevistados, a luta entre governos e oponentes seria apenas fruto da ambição:

[...] eu te disse que é uma questão de unidade, eu não entro na luta. Pedro passou [ao poder], foi dito que ele não era bom e teve que sair; Jacques passou e lhe disseram que ele não era bom e teve que sair; O André passou e dissemos que não era bom e que tinha que sair, mas temos que nos reunir, há uma questão de ambição. (Entrevista n.6).

Para outros, uma prática adotada pelos políticos pelo único motivo de que eles não estariam no poder, ou seja, em posições para tirar proveito dos privilégios a eles relacionados. Foi a partir dessa leitura que vários entrevistados responderam às nossas perguntas, como um motorista que nos disse: « [...] eu não digo que o governo não tenha feito nada errado, mas a oposição, você também não tem uma oposição positiva. A luta, todos os que estão lutando, no momento, querem apenas uma parte [...] » (Entrevista n.14). Ou nas seguintes palavras:

Não há oposição real aqui, a oposição é sempre porque eles não encontraram nada, é porque os homens da oposição não encontraram nada. Assim que você lhes der dois, três ministérios, como sempre, tudo se acalma. a oposição no Haiti é uma oposição negativa, é apenas boicote, [...] os homens daqui estão boicotando. (Entrevista n.18).

Bem, as oposições que estou vendo atualmente são essas que existiam antes, existe entre eles é apenas porque eles não encontram, eles não encontram oportunidades [para desfrutar dos privilégios do poder] e é por isso que eles não se acalmam. (Entrevista n.22).

Aparentemente, o conjunto de dados que apresentamos até agora apenas confirmaria, em certa medida, teses já defendidas sobre o significado das relações por grande parte da população haitiana em face do desenvolvimento das atividades políticas nos últimos trinta anos. Segundo vários estudos (HOUTART e RÉMY, 2000; MIDY, 2014), no Haiti, todas as categorias sociais, certamente por razões diferentes, têm uma relação muito limitada com a política. Essa relação pode ser demonstrada pelo baixíssimo interesse em assuntos públicos. Um interesse muito reduzido que varia « [...] de um máximo de 23%, quando adicionamos as duas categorias: muito interessadas e interessadas, a um mínimo de 10% para as áreas rurais » (HOUTART e RÉMY, 2000, p.140) e que se expressa ainda mais claramente nas taxas de participação nos últimos processos eleitorais. Estes últimos vêm declinando desde as primeiras eleições democráticas (MIDY, 2014, p.79) :

Desde a primeira eleição presidencial democrática em 1990, a taxa de participação diminuiu constantemente de 50,16% em 1990 para 43,72% em 2006, para 27,33% em 1995, para 22,79% em 2010. Da mesma forma, durante o mesmo período, a porcentagem da população eleitoral que elegeu o presidente declinou: 33,84% em 1990; 27,33% em 1995; 22,39% em 2006; 15,21% em 2010.

Para alguns, essa relação com a política expressaria que « [...] a grande maioria da população é politicamente muito consciente e o faz com uma atitude positiva, negativa ou cética. Não é, portanto, estritamente falando, uma despolitização, mas sim um distanciamento [...] » (HOUTART e RÉMY, 2000, p.162). Nossa leitura não nega de forma alguma esse distanciamento, menos ainda as atitudes negativas e céticas das classes trabalhadoras em relação à política, pois, o que nossos dados confirmam nos levam a não concordar com a idéia de uma politização real ou mesmo uma posição politicamente consciente das classes populares haitianas, ou pelo menos não em sua totalidade.

A seguir, faremos uma análise mais aprofundada das posições apresentadas. Como resultado, a pergunta que tentaremos responder é a seguinte: será que as críticas das categorias populares, sua falta de confiança nos políticos, sua distância das

atividades políticas refletem uma *posição politicamente consciente* entre a maioria da população haitiana ?

Desde suas primeiras produções, já apontamos, Bourdieu expôs suas análises da realidade política, questionando a indiferença da ciência política às não-respostas comumente registradas nos dados das pesquisas de opinião e em todas os postulados da filosofia da opinião pessoal na base desta prática de pesquisa. O primeiro desses postulados, contestado por Bourdieu, « supõe que todos possam ter uma opinião; ou, em outras palavras, que a produção de uma opinião esteja ao alcance de todos » (BOURDIEU, 2009, p.222). Bourdieu, longe de se apoiar em posição antidemocrática, demonstrou que mesmo nas chamadas sociedades democráticas modernas, incluindo a França de sua época, a estrutura existente não oferece a todo mundo as condições de possibilidade de se sentir socialmente reconhecido e poder ter uma opinião. Em outras palavras, longe das conclusões de cientistas e líderes políticos, « "Indiferença à política" se soubéssemos que a propensão a usar o "poder" político é proporcional à realidade desse poder ou, se você preferir, essa indiferença é apenas uma manifestação de impotência » (BOURDIEU, 1977b, p.60). Claramente, uma impotência que não traduz nada além de um reconhecimento do próprio indivíduo de que não possui as "habilidades necessárias" para falar sobre política. É isso que ele descreve como "*incompetência estatutária*", ou seja, a ausência de competência social na medida em que « o [...] sentimento correlativo de ser estatutariamente fundado e chamado a exercer essa capacidade específica, portanto, para detê-lo, [resulta do] efeito de marcação produzido pela imposição de propriedades como o status da escola » (BOURDIEU, 1977b, p.62-63). Com esse lembrete, nosso objetivo é lembrar que não podemos concluir de uma vez por toda indiferença que o distanciamento da política é sempre fruto da decepção causada pelos políticos aos cidadãos, o que não traduz a inexistência de tal desapontamento, mas que representa o fato de se ter observado diretamente no contexto deste trabalho a realidade descrita pela análise de Bourdieu.

Vários indivíduos que abordamos recusaram o convite para oferecer suas opiniões afirmando explicitamente que não se consideravam capazes de responder corretamente nossas perguntas antes mesmo de conhecê-las. Por outro lado, outros, mesmo depois de aceitarem a entrevista, recusaram-se a responder perguntas sobre política, nem sempre por medo (o que era o caso de alguns), mas dizendo com muita

clareza não terem nível de estudo para entender e falar sobre política. Em relação a este último, reproduzimos os dois extratos a seguir, fornecidos como respostas à pergunta sobre sua percepção dos políticos:

Bem, não posso dizer nada sobre eles, a razão pela qual *não posso falar sobre eles é que não fiz um estudo de tudo isso*. Não entendo e escolhi há algum tempo não acompanhar as notícias. É algo de que gostei, mas optei por parar de acompanhar as notícias. Só há uma coisa que posso dizer é que vejo que eles se acusam, mas não sei quem é bom e quem não é bom. (Entrevista n.13).

Eu não estou nesse quadro [falando sobre política] Eu não estou nesse quadro porque esse quadro [...], *eu lhe disse, se você me contou sobre agricultura [o entrevistado é agricultor] porque esse é o nosso campo, nós não [fizemos] uma sala de aula avançada [não fizemos nenhum estudos] para poder participar deste treinamento*. (Entrevista n.24).

Ao lembrar essa crítica de Bourdieu revelamos que a indiferença ou o distanciamento dos cidadãos da política, sem negar aqui que essa seja uma razão, não pode ser interpretada categoricamente para todas as categorias sociais como resultado de uma má representação que lhes é devolvida do próprio campo político. Essa posição também pode ser o resultado de uma "autoexclusão", que não é menos determinada pelo sistema social em geral, mas do indivíduo acreditando que não poder exercer esse direito de formular uma opinião sobre a política.

Bourdieu, também, contestou o segundo postulado da filosofia política liberal que é aquele pelo qual « supõe-se que todas as opiniões sejam iguais » (BOURDIEU, 2009, p.222). Desafiar essa suposição era a maneira de Bourdieu apresentar o que ele concebia como:

[...] o problema político mais fundamental, isto é, a questão *dos modos de produção* da resposta a uma questão política, aceitando o postulado intelectualista de que qualquer resposta a uma questão política é o produto de um ato de julgamento e ato de julgamento estritamente político (BOURDIEU, 1997b, p.71).

Esse problema político mais fundamental que se refere aos modos de produção de uma resposta traz à luz outro aspecto da leitura do *fato político* de Bourdieu. Revela-se que, além do sentimento de incompetência experimentado por certos indivíduos, a possibilidade de se apropriar politicamente de uma realidade política e de produzir uma leitura política dela não constitui uma capacidade compartilhada "democraticamente" em todo o corpo social. Um conjunto de variáveis sociais pode influenciar significativamente a capacidade de um cidadão de usar exclusivamente princípios

políticos de análise durante a produção de sua opinião « [...] em vez de responder passo a passo, com base em princípios éticos » (BOURDIEU, 1977b, p.62). E o apoliticalismo - o distanciamento de atividades políticas - encontrado no discurso de boa parte da população que questionamos também pode ser, contrariamente à leitura dominante, o ponto culminante de uma apreensão ética da realidade política. Esse é outro ponto da realidade a ser levado em consideração e que apareceu explicitamente nas declarações de alguns entrevistados sobre a realidade política.

Os primeiros extratos que apresentamos nesse sentido vêm de uma entrevista realizada no Carrefour com uma mulher de cerca de cinquenta anos. Ela é de fé pentecostal e, de acordo com suas declarações, fez estudos de enfermagem, mas revende roupas usadas para sobreviver. Ela respondeu assim às nossas perguntas sobre política (Entrevista n.6):

Ah ! Eu não faço política. Na questão da política, eu não sou política porque a política no Haiti é suja, você deve ser um traidor, deve ser um hipócrita, não será credível. Eu sou um "servo de Deus", tenho credibilidade, e quando você está na política no Haiti, precisa mentir ... Eu não estou nessas coisas. Os políticos no Haiti são traidores, todos têm os mesmos problemas, eu, como cristã, não posso.

Eles são os únicos que sabem [por que se comportam assim], são traidores. Eles são hipócritas ... usam como pretexto que "os negros se odiavam desde a Guiné" (desde Africa) [...] e a partir do momento em que ocupam uma função, se apropriam de muitos costumes dos quais os anciãos falaram, sempre compartilham a crença de que algo pode ser feito a eles (maus), são obrigados a se comportar assim porque que o país é um país de traidores. Ele tem que mentir, ele deve mentir para você, para que se possa suportá-lo para que ele atinja seu objetivo [...], os haitianos amam mentiras, ele é obrigado a mentir, a blefar [...].

Os próximos trechos são de uma entrevista realizada no Carrefour, com uma mulher de cerca de quarenta anos, também, de fé pentecostal. Uma vendedora de cosméticos e outros itens. Questionada sobre os políticos e a luta entre os atores do campo político, ela nos respondeu (Entrevista n.10):

- Eu não sei nada sobre política. Os políticos no Haiti só vêem seu próprio ser, não vêem o povo. Eles trabalham para si e suas famílias, precisam do povo somente quando vão às eleições e depois de serem eleitos, esquecem de você.

O amor ao dinheiro. É o amor ao dinheiro. Por exemplo, nós dois aqui, eu estou em um partido e você é outro partido. Estou em um partido, meus negócios estão indo muito bem no partido e, como você não está na minha posição, está procurando histórias para me desacreditar, você procura histórias para me colocar nas costas e leva um pequeno grupo de pessoas com você apenas para construir histórias nas minhas costas para que eu possa cair e você tomar meu lugar e quando você se encontra no meu lugar você não faça melhor.

-Somente Deus, somente Deus que deveria passar em seus corações, somente o Espírito Santo que deveria passar em seus corações para fazê-los mudar; ele não tem mais nada para mudá-los.

As últimas opiniões foram tiradas de uma entrevista realizada em Port-au-Prince (Canapé-Vert) com uma mulher na casa dos seus cinquenta anos. Uma vendedora de roupas e sapatos usados. Sempre sobre a percepção dos políticos e a luta entre os políticos, ela apoiou (Entrevista n.5):

[...] os políticos não veem nada para nós, eles não veem nada para nós. Eu posso dizer que você pode dizer a si mesmo que é apenas durante as eleições que você pode ver a pessoa [...]. Eles não raciocinam porque dizem que estudaram a lei, é uma mentira, não raciocinam [...] você deve ter um sentimento, deve ter um "Savoir-vivre" em você.

Eles estão fazendo [sobre a luta], cabe a eles se darem bem, eles estão fazendo isso, mas para mim, na verdade, [...] o que eu vejo no país é "Se chak koukouj klere pou je li" (todo mundo se cuida de si só).

Você vê políticos, nada pode mudar a maneira como eles agem, é-lhe dito que o mal é sempre ruim e os homens são sempre mais maus, é apenas Deus quem pode mudá-los, se Jesus, Jeová quiser mudá-los, ele os mudará, mas se Bondieu não os mudar, os homens não mudarão. Olha um pouco, quando você e eu temos algo [uma disputa], podemos nos dar bem, combinamos, mas eles vêem (acham) que precisam subir [se comportando com orgulho] e quando você pensa, arrogância não o levará a nada, o "wòklò" [un comportement de dur à cuire] não vai te levar a nada. Você tem que se acalmar para viver e seguir em frente.

Através dos trechos desses três entrevistados, vê-se claramente a expressão da distância e rejeição ao comportamento dos políticos no Haiti. Mas essas opiniões também têm em comum que elas foram construídas apenas a partir de um conjunto de julgamentos baseados em princípios estritamente éticos. Em outras palavras, os julgamentos nos quais se baseia sua recusa política e seu distanciamento não demonstram o uso de princípios políticos explicitamente, mas o seu *ethos de classe* (BOUDIEU, 1977b, p.71)⁶⁹. Os valores e a moral cristã que apoiaram suas percepções, ou seja, foi o conjunto de esquemas éticos que gerou toda a lógica de seus julgamentos. Por outro lado, para retomar a leitura de Hoggart citada por Fabienne Federini, isso pode ser um:

[...] realismo míope [...]; uma visão do mundo que geralmente não deve nada a ideologias políticas [...]; [são] opiniões geralmente emprestadas de um conjunto de idéias prontas, generalizações precipitadas preconceitos e meias verdades elevados ao nível das máximas estereotipando sua redação (2007).

⁶⁹ "[...] princípio gerador não constituído como tal na forma de um axiomático ético ou político que permita gerar respostas objetivamente coerentes entre eles e objetivamente ajustado às condições de existência".

Julgamentos do tipo :

[...] os políticos no Haiti estão apenas ficando ricos, são inúteis (Entrevista n.1); os políticos são inúteis no país, [...] eles só pegam dinheiro na nossa cabeça, é tudo o que fazem (Entrevista n.36); políticos, eles não fazem nada pelo país. Se eles estivessem acertando algo para o país, já o teriam feito ... já mentiram o suficiente (Entrevista n.39).

São extratos onde a "autoexclusão" de certos indivíduos pode ser detectada devido ao seu senso de incompetência [social] que determina sua propensão a se abster de opinar sobre política, por um lado. Por outro lado, essas opiniões baseadas em julgamentos estritamente éticos e não em princípios políticos, são apreciações que, no contexto deste trabalho, têm um duplo interesse. Por um lado, elas nos permitem nos afastar da tese de um *julgamento politicamente consciente* da maioria da população haitiana, na medida em que, em ambos os casos, os indivíduos não são mais *ágeis* [determinados], para repetir Bourdieu. Isto é, eles não têm uma "consciência" das posições políticas que tomaram e das razões que determinam a natureza de suas posições na questão política. No primeiro caso, é por causa de sua *posição social*, como categoria popular, pobre em *capital cultural*, o que explicaria sua retirada da questão política. No segundo caso, é o conjunto de valores cristãos, entre outros, que eles internalizaram durante sua trajetória social, sobre os quais não têm controle e que influenciam toda a sua vida cotidiana, determinando o significado de sua crítica da política. No geral, é de uma postura totalmente pré-reflexiva que se constrói sua relação com a política, ou seja, sem qualquer distância [privilegio desfrutado pelo pesquisador] interrogativa considerável de seu ser social e os ambientes físicos e humanos que os moldaram. Por outro lado, já é uma primeira faixa que fornece indicadores para apreender a lógica e o esquema a partir dos quais as categorias profissionais entrevistadas formulam seus julgamentos.

Podemos apoiar, no entanto, para todos os sujeitos das classes populares (nossa população-alvo) que os críticos, o distanciamento ou a rejeição da luta política sempre teriam se originado exclusivamente de um ou outro desses dois tipos de julgamentos? Não. Outros entrevistados demonstraram apropriações totalmente diferentes da realidade política e da luta entre os políticos, o que não impede que estes concluam com as mesmas críticas e o mesmo distanciamento. Este é o caso dos próximos extratos que doravante apresentamos.

4.2.3 Crítica da política e tentativa de fazer uma ligação com as classes dominantes

Esses últimos não são menos críticos que outros dos políticos, mas em sua leitura podemos ver, por um lado, uma aceitação da luta política, por outro lado, uma tentativa de conectar a situação geral do país, a luta política com as relações entre as classes sociais, mais especificamente como comportamento das classes dominantes. Portanto fazendo quase uma leitura das relações entre as classes sociais.

O primeiro entrevistado cujas observações apresentaremos é um homem de cerca de sessenta anos, ex-trabalhador nas indústrias subcontratadas. Ele nos respondeu assim sobre os políticos e a luta no campo político (Entrevista n.8):

- Ah! Políticos no Haiti é um problema. Se buscássemos uma análise dos políticos, [...] quase todos os que chegaram ao poder não são pessoas que conhecíamos como políticos, os políticos nunca tomaram o poder aqui [...].

-O que eu penso dos governos e oposições? A oposição, [...] tenho um problema com a oposição e também com o governo. Os governos quando chegam ao poder, cuidam de seus próprios assuntos, não fazem nada por nós, não recebemos nada deles. [...] tem um grupo de homens no país que estão lá há muito tempo, são eles que podem mudar alguns líderes, mas são eles que não querem deixar o país andar, e o país nunca vai a frente com eles.

Quem são esses homens?

-Os grandes chefes (os poderosos), os homens do setor privado que têm os monopólios nas mãos, não deixam marchar o país, [...] não deixam avançar o país [...]. É esse setor que é ruim, é ruim. Se eles lutaram criando o grupo 184 para acabar com o mandato de Aristide⁷⁰, e agora você tem o poder, pelo menos eles deveriam realizar um mínimo para que as pessoas pequenas pudessem encontrar um caminho melhor, eles querem nos matar [ao contrário].

O segundo trecho é retirado de uma entrevista com um camponês de mais de sessenta anos, de fé pentecostal e ex-secretário da prefeitura da comunidade local Fonds Oie durante a ditadura [1982-1983] e ex-membro do Conselho de Administração da

⁷⁰ Aristide, ex-padre salesiano, uma das principais figuras da oposição à ditadura dos Duvalier no final dos anos 1980, foi eleito pela primeira vez em 1990, vítima de um golpe militar em 1991, ele retornará ao poder em 1994 para completar seu mandato, com base em uma intervenção dos EUA. Ele será eleito presidente novamente em 2000, durante uma eleição altamente disputada pela oposição política, então seu mandato será cortado novamente por um conjunto de mobilizações populares e organizações da sociedade civil, incluindo o agrupamento de grupos, associações do setor privado do Haiti.

Seção Comunal (CASEC)⁷¹ durante o período democrático. Sobre a luta no campo político, ele nos respondeu (Entrevista n.21):

[...] é algo que sempre foi assim. Uma oposição e um governo; é bom quando você tem oposição a um governo. A oposição, qual é o seu papel? É criticar quando as coisas estão ruins e incentivar quando elas são boas. Seu papel é pressionar o governo, controlar as coisas quando elas não estão funcionando bem e efetivamente denunciá-las de maneira que as pessoas que deram o mandato possam saber o que está acontecendo e que o governo também tem dignidade. Se é um governo [os membros] quem tem sensibilidade que vem de uma família [respeitosos, escrupulosos, honestos], ele se comportará melhor porque o voto que teve [...] é um voto que um povo inteiro escolheu te dar [...].

A terceira entrevista é a de um agricultor de sessenta anos, ele também é ex-membro do Conselho de Administração da Seção Comunal (CASEC) de "Coq Chante", uma comunidade rural perto da cidade de Jacmel (entrevista n.38) :

-Eu vejo que o país tem muitas tendências, não há políticos. A razão pela qual não há políticos, [...] um país não pode ter 50 (cinquenta) partidos políticos [...] e cada partido tem sua própria tendência. É um país que está à venda. Haiti, a burguesia colocou à venda. As pessoas que importam compram todos os presidentes. É por isso que os pobres não terão nada. A burguesia tirou a terra das nossas mãos, e é por isso que não há políticos.

A quarta entrevista que vamos apresentar neste grupo é a de um homem, de mais de cinquenta anos, que vive da agricultura, mas que também trabalha como taxista em Léogâne para atender às necessidades de sua família. (Entrevista n.33):

-Bom [...] acabei de não considerá-los como políticos [...] considero-os empresários; Enquanto alguém me disser que está indo para a política, considero-o um comerciante, porque quando ele chega ao poder, ele apenas se enche para subir, e todos aqueles com quem ele falou ficam para baixo. Mas na minha opinião, se eles estivessem investindo na agricultura, na educação, na saúde, talvez quando eu precisasse, por causa de doença, para levar uma criança para o hospital, eu pagaria 50 (cinquenta) gourdes, pagaria 25 (vinte e cinco) gourdes, veria que eram políticos, mas acabei vendo que é uma empresa.

-No passado, quando uma pessoa estava na política, na minha opinião, ele era mais reto. Eu cresci durante o governo de François Duvalier, eu costumava ir comprar um pote de arroz por 35 (trinta e cinco) centavos, e ele foi aumentado de 5 (cinco) centavos, isto é para chegar a 40 (quarenta) centavos. Duvalier exigiu saber a razão e lutou por ela. Dizia-se que ele era um ditador, mas enfim, havia uma razão aí porque a elite [...]; ele disse (Duvalier): « [...] aquele que colocou os 5 (cinco) centavos no pote de arroz é eu que ele odiava ». Vi que ele estava fazendo meu trabalho [o trabalho pela defesa de meus interesses]. Naquele momento, ele entrou no meu negócio. Hoje em dia as coisas estão piorando, isto é, não estão fazendo o trabalho. Mas hoje em dia ninguém fala sobre isso para você.

⁷¹ A Seção Comunal é a menor entidade na divisão geográfica e administrativa da República do Haiti. Várias seções comunais são agrupadas para formar uma comuna, várias comunas formam um departamento e a República está atualmente dividida em 10 (dez) departamentos geográficos.

Comparadas às primeiras categorias de opinião nas quais os entrevistados se recusaram a expressar qualquer julgamento sobre a política, ou formular julgamentos puramente éticos sem referência aos princípios específicos da realidade política, essas últimas afirmações representam outra categoria de percepções muito diferente. Nos extratos que acabamos de apresentar, podemos ver claramente uma leitura da política purgada de qualquer princípio ético com demonstração de compreensão e aceitação da luta no campo político apoiada em referências aos princípios democráticos. Além disso, um julgamento político da política que tende a questionar as ações das categorias sociais dominantes e também uma leitura menos fatalista. Apesar disso, esses entrevistados não foram menos críticos em relação a todos os atores no campo político, no entanto, suas observações não nos permitem afirmar categoricamente que estariam mais inclinados a se envolver nas atividades políticas do país. Essas entrevistas, ao expressar duas principais tendências possíveis dos modos de produção das opiniões, nos fazem questionar sobre as várias variáveis sociais demográficas que carregam alguns "*indivíduos típicos*" para construir uma opinião que se poderia classificar, aproximadamente, em alguma dessas tendências.

Uma análise dos dados construídos durante nossa pesquisa de campo revela que três variáveis determinaram mais significativamente o tipo de julgamento formulado pelas categorias profissionais entrevistadas. Encontramos maiores regularidades em relação ao sexo, ocupação (atividade econômica da pessoa) e, finalmente, a experiências específicas diretamente relacionadas às atividades políticas em sua trajetória social. Não se trata de minimizar a influência de outras variáveis, como nível de escolaridade, local de residência (morar em áreas rurais ou urbanas), idade e religião, entre outros, mas, no contexto de nosso trabalho, parece-nos simplesmente que essas três variáveis demográficas mencionadas explicam melhor do que as demais as regularidades observadas nas respostas.

Tabela 10 - Os entrevistados de acordo com o modo de julgamento deles da política.

Variáveis	Denominação* religiosa					Nível de educação**					Grupo de idade***				Local de residência****		Atividades econômicas*			Gênero*****	
Tipos de julgamentos	A	B	C	D	E	A	B	C	D	E	A	B	C	D	A	B	A	B	C	A	B
	Quantidade de sujeitos																				
Julgamentos baseados sobre princípios éticos entre outros	9	6	4	2	2	7	2	10	3	1	5	8	8	2	15	8	13	6	4	14	9
Julgamentos baseados sobre princípios políticos	3	4	3	2	—	1	3	5	2	1	1	5	2	4	7	5	4	4	4	12	—

Fonte: Dados coletados durante o campo.

*Denominação religiosa: A-Praticantes Pentecostais; B-Sem religião; C-Praticantes católicos ; D-Praticantes batistas; E- Praticantes do Vodun.

**Nível de educação: A-Primário incompleto; B-Primário completo; C-Secundário incompleto; D-Profissional; E-Universitário.

***Grupo de idade : A-[30-40]; B-[40-50]; C-[50-60]; D-[60-70].

****Local de residência: A-Urbano; B-Rural.

*****Atividades econômicas: A- Economia Informal ; B-Setor primário; C- Outros profissionais.

*****Gênero: A-Masculino; B-Feminino.

Em termos de gênero, descobrimos que pessoas que fizeram um julgamento político com base em princípios políticos, demonstram, por exemplo, o reconhecimento da luta no campo político como algo totalmente normal, referindo-se ao sistema democrático e estabelecendo conexões entre a situação política e a relação entre classes sociais, em sua totalidade essas pessoas são homens. Nenhuma das mulheres entrevistadas produziu um julgamento político da política e, das 10 (dez) entrevistadas de nossa amostra 9 (nove), ou 90%, fizeram um julgamento com base em princípios éticos ou se consideraram incompetentes para produzir uma opinião. Enquanto dos 29 (vinte e nove) homens entrevistados, 14 (quartoze), ou 48,27%, formularam julgamento com base em princípios éticos.

Em relação às ocupações, vemos que a economia informal - um setor de atividade que é também amplamente ocupado por mulheres - tem a maior proporção de pessoas que fizeram julgamentos com base em princípios éticos. Das 23 (vinte e três)

pessoas que fizeram esses julgamentos, 13 (treze) ou 56,52% atuam na economia informal, enquanto 6 (seis), ou 26,08%, atuam no setor primário e 4 (quatro), ou 17,39%, são envolvidos em outras atividades econômicas.

Finalmente, dos 12 (doze) homens que produziram julgamentos com base em princípios políticos, 2 (dois) deles, ambos com mais de 60 anos, ocuparam pessoalmente posições políticas no passado, são camponeses, que completaram apenas o ciclo da escola primária e sempre viveram em áreas rurais. Um terceiro foi membro de uma corporação sindical como ex-trabalhador industrial na subcontratação.

Concluindo, no Haiti os integrantes de postos na economia informal, do sexo feminino e sem experiências de relacionamento direto com atividades políticas tendem a fazer julgamentos com base em princípios éticos ou se abster de comentar sobre a realidade política no país.

Foi fundamental expor as opiniões das várias categorias de classes populares sobre a situação política no Haiti, pois que, em nossa opinião, há uma primeira exposição de certa diversidade de modos entre as classes populares para conceber a realidade política, apesar dos pontos dominantes nas posições tomadas. Por outro lado, foi, acima de tudo, uma maneira de evitarmos qualquer mal-entendido em relação à nossa tese. De fato, ao apresentar essas diversas opiniões, gostaríamos de afirmar que vemos claramente a leitura crítica das classes populares haitianas, sua falta de confiança nos políticos e seu distanciamento da política resultante. Além das críticas dos políticos, mas também, especialmente para os entrevistados, há certa conexão entre a situação social geral e a relação entre as políticas e as classes dominantes, ou seja, um conhecimento por certos elementos das classes populares das relações estruturais dos grupos, a fim de explicar as condições da maioria.

As questões que precisam ser respondidas agora são: será que o fato de as classes populares criticarem abertamente os políticos demonstra que aquelas não se preocupariam com suas reivindicações e que aceitam que os políticos construam sua riqueza pelo poder, o que traduziria um conhecimento completo dos antagonismos políticos? Será que o fato de certas categorias das classes populares mencionarem as ações das classes dominantes para explicar a situação de miséria enfrentada pela maioria dos cidadãos explicaria um completo conhecimento da relação antagônica que os liga às

classes superiores e assim uma postura que seria a expressão de uma deslegitimação da ordem social pelas classes populares haitianas? Como entender o apelo à unidade na sociedade que continua sendo uma das afirmações recorrentes nas opiniões das classes populares? Deveria esse apelo à unidade ser entendido como uma reação meramente normal à proliferação desenfreada de partidos políticos no campo político haitiano ou pelo menos a um mal-entendido e rejeição que comprova o antagonismo político e social? São essas questões que tentaremos responder nas páginas que seguem para explicar nossa tese sobre a interferência dos esquemas de percepção das classes populares nas possibilidades de constituição de um movimento popular no campo político haitiano. Para responder essas questões, primeiro analisaremos o apelo à unidade na sociedade haitiana lançado pelas classes populares, depois a leitura de sua relação com as classes dominantes haitianas para explicar como padrões de percepção, valores em que todas as análises se baseiam e interferiram / determinaram suas posições políticas.

4.3 O APELO À UNIDADE NA SOCIEDADE LANÇADO PELAS CLASSES POPULARES HAITIANAS

Questionados sobre os principais determinantes em sua opinião que explicariam a situação social do país, a maioria dos entrevistados respondeu:

[...] Porque não há unidade, não há união; bem, o maior problema do país é um problema que os haitianos não querem se unir para que o país possa andar (Entrevista n.31).

[...] O maior problema do país, a união, o maior problema que o país está enfrentando é a unidade, não há unidade, cada indivíduo vê apenas o próprio bolso, especialmente no atual governo, entendeu? (Entrevista n.9).

[...] O maior problema do país não é que o presidente não seja bom, um ministro não seja bom. É uma questão de unidade, não há união, não há fraternidade. Você tem dinheiro para comer e eu não tenho nenhum, mas isso é da minha conta, contanto que você tenha algo para comer, morar com sua família, você não se importa com o outro (Entrevista n.6).

E pudemos ver nas declarações sobre a percepção a respeito dos políticos e a luta no campo político uma repetição desse apelo à unidade, que é o comportamento ideal que a maioria dos sujeitos entrevistados esperam dos políticos.

Quadro 5 - O comportamento ideal entre os políticos

Pergunta : O que deve mudar no comportamento dos políticos? (Como eles devem agir entre eles?)	
Percepções	Quantidade de sujeitos
Eles nunca vão se dar bem (fracasso)	3
Meu irmão, os americanos não deixarão, aqueles que deveriam, ajudar o país (antiamericanismo)	1
Deve haver um diálogo, um deve poder falar com o outro (ausência de diálogo)	3
Assim como não vamos nos unir, não haverá nada (desunião)	1
Somente Deus pode mudá-los (apelo religioso)	3
É a unidade, é a unidade que não temos (apelo à unidade)	6
O que deve ser feito, uma lei sobre a pena de morte deve ser votada (solução na pena capital)	1
O país que eles deveriam aprender a amar (desamor ao país)	1
É apenas uma pergunta, devemos estar cientes (consciência)	2

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Há várias leituras possíveis desse apelo à unidade na sociedade haitiana pelas classes populares haitianas. Uma primeira, quando esse apelo à unidade é expresso em relação à proliferação de partidos políticos, pode na verdade ser uma expressão de uma frustração com a divisão dentro dos partidos e a multiplicação destes. Isso já foi apontado em pesquisa sobre a percepção dos partidos políticos por Laënnec Hurbon (2014, p.114), nos seguintes termos:

[...] entre as propostas feitas para permitir que as partes cumpram seu papel, muitas vezes é indicado a necessidade de *tèt ansanm* ("reunião de forças"), "reagrupamento" ou "redução do número de partidos", o que permite concluir que a proliferação de partidos é percebida negativamente. Os entrevistados expressam claramente essa frustração: "Muitos partidos ...".

Essa posição foi expressa por alguns de nossos entrevistados com apelo à unidade política não limitada a esse fator, inclusive para outras categorias ocupacionais das classes mais baixas. Por outro lado, pode-se perceber que este apelo não diz respeito apenas à questão política, mas também às questões socioeconômicas, isto é, a relação entre os indivíduos que são os detentores do capital econômico e os que têm menos condições e oportunidades. Esse é particularmente o caso quando, por exemplo, os entrevistados falam da falta de fraternidade, portanto, em maior medida, da relação entre as diferentes classes econômicas e sociais. Nesse sentido, uma segunda leitura poderia ser considerar, seguindo Gérard Barthélemy, que « não se nega a existência de subgrupos antagônicos, mas recusamos a violência, isto é, há luta entre dois grupos,

porque é o consenso que deve prevalecer. [Em outras palavras] apenas a reconciliação de classe pode levar ao bem de todos com um grupo unido e harmonioso » (2000, p.190).

Sem negar que essas duas leituras apresentadas são verificáveis em relatos de alguns de nossos entrevistados, existe uma terceira leitura que gostaríamos de apoiar aqui, pois que esse apelo à unidade exprime a sobrevivência, para a maioria das classes populares haitianas, de padrões comunitários e familiares, herdados da "sociedade haitiana tradicional", portanto do *habitus* dessas classes, como os principais elementos das percepções de lutas políticas e relações sociais entre classes.

4.3.1 Apelo à unidade e formas de se relacionar com o mundo

Para entender a posição que defendemos, devemos primeiro entender o questionamento fundamental apresentado no estudo de François Houtart e Anselme Rémy⁷² que é uma base de reflexão sobre a realidade sociocultural do Haiti, onde esta é convertida num longo encontro, ou num face a face, entre a cultura haitiana e a modernidade e os valores que esta última trás (BARTHÉLEMY, 1989, p.9-10)⁷³. Segundo Houtart e Rémy (2000, p.163) essa interrogação é:

[...] por um lado, um encontro com a modernidade caracterizado pelo predomínio do pensamento analítico, mas também um cavalo de Tróia do imperialismo econômico, político e cultural e instrumento da hegemonia de uma minoria no interior da sociedade haitiana e, por outro lado, uma cultura caracterizada por um pensamento simbólico que reifica os símbolos, acrescentando-lhes uma dimensão analógica e até mágica, mas que também carrega valores capazes de reorientar as relações com a natureza e as relações sociais.

A compreensão dessa questão é crucial por várias razões. Ela destaca dois modos diferentes de se relacionar com o mundo, isto é, as possibilidades de pensar e agir nas atividades humanas a partir de valores, lógicas totalmente diferentes ou mesmo antagônicas. Além disso, para analisar os efeitos do encontro desses dois modos temos

⁷² BARTHÉLEMY, Gérard. Postface In. **Haïti et la mondialisation de la culture. Étude des mentalités et des religions face aux réalités économiques, sociales, et politiques**. Paris: L'Harmattan, 2000.

⁷³ Este questionamento, esse confronto entre os valores da modernidade e os da cultura haitiana é uma das questões mais recorrentes no trabalho sobre a evolução da comunidade haitiana. Bem antes de Houtart e Rémy, vários pesquisadores haitianos e estrangeiros questionaram as consequências da oposição dessas duas culturas na sociedade haitiana. Na verdade, ela é, de fato, um elemento central da hipótese segundo a qual « o subdesenvolvimento do ambiente rural do Haiti é compatível com a força e a coerência de uma cultura que, de muitas maneiras, conflita com os chamados valores de desenvolvimento ». Hipótese desenvolvida por Gérard Barthélemy, em seu livro: **Le Pays en dehors**, um dos clássicos sobre a história haitiana.

duas possíveis relações com o mundo sobre a evolução da sociedade, uma baseada nos valores da modernidade ocidental e a outra resultante dos valores da cultura haitiana, onde os autores teriam seguido uma certa linha epistemológica que os levou a afirmações que consideramos muito significativas, na medida em que podem ajudar a compreender os modos de produção das opiniões políticas das classes populares haitianas.

Apesar do fato de que esse estudo das mentalidades haitianas influenciou nossa reflexão, nos opomos a duas de suas conclusões. A primeira é que o distanciamento da política pelas classes populares não seria adequadamente despolitizado porque, segundo os autores, as classes populares seriam politicamente conscientes em suas atitudes. Essa conclusão, no entanto, confirma claramente que as classes populares, ao expressarem sua opinião sobre a política, estão pronunciando *juízos totalmente políticos* da política, uma hipótese que não seria totalmente defensável do nosso ponto de vista para o conjunto das classes populares. Nas páginas anteriores, discutimos nossa oposição a essa tese e aqui gostaríamos de explicar também nossa oposição a uma outra de suas afirmações que deriva de uma *ruptura metódica*, para usar a expressão de Bourdieu, mas *incompleta* dos autores em referência.

Refletindo sobre o encontro entre esses dois tipos de relação com o mundo (um baseado na modernidade e outro baseado no pensamento simbólico da cultura haitiana), os autores engenhosamente sugeriram evitar « cair em uma atitude dicotômica ou demonizar esses respectivos termos. É [em sua opinião] observar a realidade e interpretá-la, para fornecer instrumentos de transformação ativa. Libertar o pensamento analítico de sua camisa de força capitalista e despojar o pensamento simbólico de seu caráter reificante [...] » (HOUTART e RÉMY, 2000, p.163). Uma das consequências mais significativas dessa posição é que eles especificaram, desde o início, que:

Um pensamento simbólico desse tipo não significa um pensamento irracional. É simplesmente outra forma de racionalidade, construída sobre uma ideia que está fora de seus próprios campos, a explicação do funcionamento da sociedade. De fato, nada é mais racional do que um arranjo coletivo da mente, que não é consciente do caráter construído e o que produz (HOUTART e RÉMY, 2000, p.12).

Essa posição dos pesquisadores em relação ao pensamento simbólico é, em nossa opinião, extremamente fundamental, pois nos lembra da *ruptura metódica* com o estruturalismo e o subjetivismo, que tem sido crucial no progresso intelectual de Pierre

Bourdieu para construir sua *sociologia da prática* dos agentes sociais, elaborando assim seus principais conceitos, os quais sustentam nosso trabalho. Ao considerar o pensamento simbólico da cultura haitiana como objetivamente racional, os autores se posicionam de maneira semelhante a Bourdieu que, ao criticar o etnocentrismo escolástico do etnólogo, lembrou que:

A representação usual da oposição entre o "primitivo" e o "civilizado" vem do fato de que não se sabe que a relação que é estabelecida, neste caso como em outro lugar, entre o observador e o observado é um caso particular da relação entre saber e fazer, entre interpretação e uso, entre domínio simbólico e domínio prático, entre lógica lógica, isto é, para dizer, armado com todos os instrumentos acumulados de objetificação, e a lógica universalmente pré-lógica da prática (BOURDIEU, 1980a, p.37, ver também BOURDIEU, [1997] 2003, p.77)

Dito isto, os pesquisadores, seguindo Bourdieu, teriam tentado uma objetivação da posição que se pode ter como observador em razão de uma posição que implica uma relação diferente com o pensamento simbólico da cultura haitiana, diferente daquele que os agentes sociais que foram socializados diretamente com ele (BOURDIEU e LAMAISSON, 1985, 93). De fato, a objetivação do observador « [...] era o princípio de romper com o que os outros chamariam de paradigma "estruturalista" » (BOURDIEU e LAMAISSON, 1985, p.93) e também atuou a partir daí para « inscrever na teoria o verdadeiro princípio das estratégias, isto é, o sentido prático; [...] o domínio prático da lógica [pelos agentes] ou a necessidade imanente de um jogo que é adquirido pela experiência do jogo e que funciona abaixo da consciência e do discurso » (BOURDIEU e LAMAISSON 1985, p.94). E é nesse sentido que « noções como *habitus* (ou sistema de disposições), senso prático, estratégia, estão ligadas ao esforço de sair do objetivismo estruturalista sem cair no subjetivismo » (BOURDIEU e LAMAISSON, 1985, p.94). Em outras palavras, o observador deve se situar com a noção de estratégia "no lugar geométrico das duas perspectivas", isto é:

[...] romper com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente que o estruturalismo assume (por exemplo recorrendo à noção de inconsciente). Mas pode-se recusar ver na estratégia o produto de um programa inconsciente sem torná-lo o produto de um cálculo consciente e racional. É o produto do senso prático como senso do jogo, de um determinado jogo social, historicamente definido [...] (BOURDIEU e LAMAISSON, 1985, p.94).

Deve-se compreender, portanto, as lógicas práticas, o sentido prático da relação com o mundo expresso através do pensamento simbólico da cultura haitiana e base de socialização da maioria das classes populares, o que determinaria em parte ou

totalmente suas posições nas diversas atividades coletivas. Em outras palavras « [...] devemos reconstruir o capital dos esquemas informacionais que lhes permitam produzir pensamentos e práticas que sejam sensíveis e regulados sem intenção de sentido e sem obediência consciente a regras expressamente declaradas como tal » (BOURDIEU, 1986, p.40). É necessário reconstruir seu *habitus*.

No entanto, se Houtart e Rémy (2000) tivessem compartilhado certa afinidade com a perspectiva de Bourdieu, a ruptura metodológica de seu trabalho teria sido, do nosso ponto de vista, incompleto durante suas análises. De fato, evitando a leitura dita objetivista do observador onde não se questiona as consequências de sua relação particular com seu objeto, eles teriam se integrado aos agentes principais das classes populares haitianas no que tem a ver com a política e sobre o modo como essas classes concebem o futuro, como uma *consciência total* da qual as posições dessas classes seriam objetivamente fruto de um *cálculo consciente*, estratégico, portanto racional, aqui no sentido "moderno" do termo. Em outras palavras, eles teriam sido atraídos para certo subjetivismo. Questionando diferentes categorias sociais haitianas, como parte de sua investigação, eles descobriram:

[...] uma forte afirmação de valores coletivos [dos quais], a mudança [...] social seria condicionada pela transformação dos corações; [Isso traduz isso] nos meios do pensamento simbólico, nesse quadro desse tipo de representação, todas as relações sociais são identificadas com relações interpessoais (HOUTART e RÉMY, 2000, p.82-84).

No entanto, ao invés de integrar essa descoberta em seu pensamento geral, eles argumentam, parece-nos, por causa da presença desta forte afirmação de valores coletivos, especialmente em áreas urbanas, o seguinte:

[Nós] não podemos interpretar esse fenômeno simplesmente reproduzindo o espírito de solidariedade familiar ou de clã existente na sociedade haitiana tradicional. [Mas que, pelo contrário], é seguro, sem grande perigo de se enganar, pensar que, para as classes mais baixas, este tipo de declaração abrange um mecanismo de defesa ou uma estratégia de sobrevivência [...] semelhante à proposta relativa à criação de um negócio pessoal (HOUTART e RÉMY, 2000, p. 83).

Em conclusão, evitando certa leitura mecânica a partir da qual eles argumentariam que as ações e classes de posições tomadas seria uma simples expressão de uma reprodução de seu espírito de solidariedade familiar herdado da sociedade tradicional, eles sustentam que isso resultaria preferencialmente de uma escolha consciente, uma estratégia dessas classes. Consequentemente, eles teriam retornado ao

finalismo, definindo as ações das classes populares como o resultado de certa estratégia consciente (BOURDIEU, [1997] 2003, p.200)⁷⁴. Nós perguntamos se tal posição pode ajudar na reconstituição dos *esquemas de visão*, *esquemas de percepção* das classes populares. Na verdade, corre-se o risco, com uma declaração desse tipo, de não « olhar nas produções do *hábitus* [de classes] mais lógico que tem [...] » (BOURDIEU, 1986, p.41). Em outras palavras, correríamos o risco de explicar suas posições com base em nossas próprias representações no lugar daquelas que são verdadeiramente suas. É isso que vamos tentar evitar, lendo o apelo à unidade no campo político, mas também considerando as desigualdades socioeconômicas entre os grupos em análise.

4.3.2 Apelo à unidade entre os políticos pelas classes populares

Defendemos a tese de que as diferentes atitudes [positiva, negativa ou cética] em relação à política escondem, no caso de uma certa maioria das classes populares haitianas, a mobilização de esquemas de visão para pensar a realidade do campo político, totalmente diferente das lógicas específicas para este campo, nesse sentido, diferentes daquelas que os próprios agentes do campo devem mobilizar dentro do campo. Como resultado, a maioria desses sujeitos se distanciam da luta política, uma luta na qual eles não poderiam se encontrar, isto é, encontrar uma posição por falta de disposições apropriadas. Seu apelo recorrente à unidade entre os políticos seria uma das principais expressões desse fato. Nosso objetivo aqui é, particularmente, destacar esses esquemas, suas visões do mundo, a lógica que fundamenta tal posição.

As primeiras opiniões que apresentaremos nesta parte são as de um homem de cinquenta anos, nativo de Bainet (uma área rural do Departamento do Sudeste do Haiti). Ele não conseguiu completar sua educação primária, ele mora em Léogâne desde 1991 e trabalha como guardião de um estabelecimento escolar (Entrevista n.31). Ele respondeu assim às nossas questões sobre a situação geral do país e sobre a realidade política:

⁷⁴ « Uma das principais funções da noção de *habitus* é descartar dois erros complementares, ambos baseados na visão escolar: por um lado, o mecanismo que sustenta que a ação é o efeito mecânico da restrição de causas externas; por outro lado, o finalismo que, em particular com a teoria da ação racional, sustenta que o agente age de maneira livre e consciente e que [...] a ação é o produto de um cálculo de chances e lucros ».

ENTREVISTA N. 31
-Bom, sobre a maneira que entendemos a situação, você sabe que cada indivíduo tem um comportamento diferente, cada indivíduo tem um entendimento diferente [...], <i>se todos pudessem ter o mesmo pensamento e a mesma intenção, eu acho que algo poderia ter acontecido</i>, mas em relação ao fato de que toda pessoa vai querer viver para si mesmo, é por isso que você não será capaz de mudar nessas condições. <i>Ter uma mudança é muito difícil porque nem todos observamos o mesmo lugar. Nem todos temos a mesma visão.</i> Você pode ver, eu teria gostado do meu comportamento (minha opinião) para ser o melhor e o outro gostaria que fosse dele. Todo mundo se encontra, de lá, para atirar de um lado para o outro, para lutar apenas por si mesmo [...].
Mas o que você acha que é a razão pela qual nos encontramos nesta situação, que todos estão atirando ao seu lado?
-Porque não há unidade, não há união, ninguém se torna consciente de si mesmo para ver se ele poderia agrupar. <i>Se pegarmos, por exemplo, aves, existe um tipo de ave [...], elas estão sempre juntas, elas se comunicam umas com as outras. Se todo o povo haitiano pudesse se unir dessa maneira, veremos uma união perfeita.</i>
Você diz todo o povo haitiano, de quem você quer falar diretamente?
-Não, em geral, em geral. Nós não nos conscientizamos de nós mesmos para ver se podemos realmente nos unir porque todos gostariam de ter uma parte para si mesmo. <i>Como eu tomei o exemplo das aves, quando você olha para os animais (um rebanho), eles se reúnem, eles comem juntos, eles ficam juntos, mesmo que durante o dia eles possam se espalhar, mas quando a noite cai todos eles se juntam novamente. Podemos tomar o exemplo das formigas, você pode ver uma em um lugar, mas enquanto elas encontrarem algo para comer, elas se reúnem para levar o que encontraram, mas nós, não podemos não fazer assim porque temos outra coisa em mente, queremos lutar por nós mesmos.</i> [...] você veria isso: <i>"Men anpil chay pa lou"</i> (Quando muitas pessoas levantam um peso, ele não é mais pesado). Comparado ao sistema do qual as pessoas se comunicam, qualquer coisa pequena se torna um grande trabalho.- O principal determinante dessa situação é a falta de reflexão, porque você pensa de um jeito e eu penso de uma outra forma, cada indivíduo pensa de um jeito, é por isso que estamos nessa situação. <i>Se todos tivessem a mesma opinião, veriam que o país não seria assim.</i> -É um problema que cada indivíduo só lute por si mesmo. Se estou contigo, digo a você que é esta decisão que deve passar, a partir do momento em que você é superior a mim, diz que é a sua decisão que deve passar. Ou seja, mesmo que eu lhe dê conselhos, meus conselhos não serão aprovados. É uma luta que sempre leva a um problema, ninguém consegue se unir. <i>Em um país, se todo mundo não pode fazer um, você vê que é um problema.</i>
Na sua opinião, todos nós poderíamos fazer um?
- Sim, nós poderíamos fazer um, mas [...] não vou ver que você fez alguma coisa, você fez alguma coisa, eu posso te perdoar [...], todos nós podemos cometer erros [...]. Você pode perdoá-los e nos unirmos dizendo que devemos salvar um país.
O que faz você pensar que poderíamos estar juntos, mas nós não?
-Bom é que todos nós queremos agir de acordo com nosso próprio conhecimento. É assim que vejo as coisas. É por isso que tomei o exemplo das formigas, <i>você não vê formigas, quando uma delas encontra algo que elas podem comer [...]. Seu sótão está sempre cheio porque eles se uniram para reuni-los.</i> Mas nós, haitianos, quando há algo, os políticos, este toma parte [...], aquele que tem um pouco de consciência, ele distribui um pouco [para a população], mas aquele que não tem ele pode levá-lo e mantê-lo em casa. -É uma questão única, todos nós devemos estar conscientes de nós mesmos e a partir do momento que você vê que o caminho que você tomou não é bom, você diz a si mesmo que você não vai continuar a avançar outro diz que ele vai mudar o seu caminho e assim por diante acabamos fazendo um pacote, uma unidade e isso é tudo. Não é sobre o interesse do outro, tem apenas uma coisa para administrar. Dizemos, por exemplo, que esta casa é nossa, então nos juntamos, limpamos, preparamos [...].

Fonte: pesquisa de campo pelo Autor (2019)

A segunda entrevista é a de uma lojista de cinquenta e poucos anos, originária de Mirebalais (uma cidade do departamento do centro do Haiti), com nível de educação ensino médio incompleto, dona de uma pequena loja em Martissant (um bairro de Porto

Príncipe), em uma favela chamada "Cité l'Eternel" (Entrevista n.13). Ela respondeu o seguinte:

ENTREVISTA N. 13
Sobre a sua percepção dos políticos:
-[...] eu não posso dizer nada sobre eles [os políticos], a razão que eu não posso dizer nada sobre eles é que eu não fiz um estudo de tudo isso. Eu não os entendo e decidi por algum tempo não seguir as notícias. Só há uma coisa que posso dizer é que vejo que eles se acusam, mas não sei quem é bom e quem não é bom.
E sobre a luta entre os políticos :
-Duas pessoas eu vejo lutando, dois campos que eu vejo lutando, mas um não quer se dar bem com o outro, na verdade, você entende?
E do comportamento ideal entre os políticos :
-Minha, na minha opinião, o que vejo que seria melhor, na minha opinião, devo dizer; <i>se eu fosse o presidente [...], e você é a oposição, não vejo a razão pela qual você é obrigado a atirar em mim pedras e eu que sou forçado a atirar pedras; pelo contrário, devemos estar juntos, todas as camadas da sociedade devemos nos unir para liderar um país, porque o país pertence a todos nós, entende? Somos todos haitianos, não precisamos lutar uns contra os outros.</i>
Você não vê porque somos forçados a lutar porque somos todos haitianos?
Sim, <i>eu não vejo o motivo da luta.</i> Eu posso ver uma coisa de uma maneira e você a vê de outra maneira e outra pessoa a vê de outra maneira, nós podemos nos unir para consertar tudo isso; porque imagine, quando você tem um lar, <i>como minha família, eu venho de Mirebalais, meu marido vem de Arcahaie, nós não somos a mesma pessoa, não recebemos a mesma educação [...], ele pode ver algo de um jeito e eu vejo de outro jeito. Mas, como queremos morar juntos, moramos em uma casa, não moramos em duas casas diferentes [...] ele é obrigado a aceitar meus defeitos e eu aceito seus defeitos. E a partir do momento em que vejo algo de que não gosto e ele vê algo de que não gosta, tenho que encontrar um caminho [...] porque queremos salvar uma casa, as crianças. É da mesma forma, se queremos salvar um país, não vejo por que não podemos nos unir.</i> Que todos dêem sua opinião e mantenham uma opinião única, é assim que vejo as coisas.

Fonte: pesquisa de campo pelo Autor (2019)

Em terceiro lugar, relataremos aqui alguns comentários de uma artesã de 30 (trinta) anos, nativa de Léogâne, que entrevistamos em Martissant, na Cité l'Eternel (Entrevista n.11).

ENTREVISTA N. 11
Como percepção dos políticos e das lutas ela apontou:
-Bom, eu não posso te dar nenhuma ideia sobre isso. Não, não posso lhe dar nenhuma ideia sobre os políticos, porque não sou política.
- <i>Ficar juntos, sentar-se juntos, a luta será inútil</i> , é unir-se o que é mais necessário [...] "Isso não é bom, tente fazer o contrário e de lá, há todas as maneiras possíveis de avançar". Mas se você só atira de um lado, e eu te digo que este não é o seu lugar e outro diz que o lugar dele é aqui, nós não iremos adiante, só vamos para voltar de dias para dias.
E questionada sobre os determinantes do comportamento dos políticos:
-Bom, eles são os únicos a saber disso, com Deus, eu não sei. <i>Mas eu lhe digo que a melhor maneira de agir e que seria bom seria unir-se. Nós não nos tornaremos inimigos entre nós. Você entende o que estou dizendo? Nós todos nos unimos, se devemos andar [...] porque somos todos haitianos, não somos de outra nacionalidade, somos todos haitianos. Por que ninguém quer aceitar o outro? Por que temos que lutar uns contra os outros?</i> Não é bom, é o que penso.

Fonte: pesquisa de campo pelo Autor (2019)

Continuamos com trechos de uma entrevista realizada no Carrefour (cidade localizada na região metropolitana de Porto Príncipe) com uma mulher de cerca de cinquenta anos de idade, uma comerciante de roupas usadas. Ela completou seus estudos clássicos e tem sido formada em enfermagem (Entrevista n.6).

ENTREVISTA N. 6
-O maior problema do país não é que o presidente não seja bom, um ministro não é bom. <i>É uma questão de unidade, não há união, não existe fraternidade. Você tem dinheiro para comer, e eu não tenho nenhum, mas isso é da minha conta, contanto que você tenha um pouco para comer, para viver com sua família, você não se importa com o outro ...</i> "Zafè kabrit pa zafè mouton" (o negócio da cabra não é o das ovelhas). <i>O maior problema do país é que não há união, união ou fraternidade. Estamos todos preocupados com nossos próprios assuntos, mas antigamente não foi assim. No passado, havia união, todos se viam, a gente sabia que todo mundo tinha que comer, todo mundo tinha que viver [...].</i>
E da política, ela afirmou:
-Eu não faço política. Sobre a questão da política, eu não estou na política, porque a política no Haiti é suja, você deve ser um traidor, você deve ser um hipócrita, caso contrário você não será credível. Eu sou uma serva de Deus [uma cristã], tenho credibilidade, e quando você está na política no Haiti, você tem que mentir [...]. Eu não estou nessas coisas. Os políticos são traidores, eles têm todos os problemas.
E sobre o comportamento dos políticos:
-São os únicos que sabem disso, são traidores; são hipócritas [...], a partir do momento em que ocupam uma função [...], sempre acreditam que podem ser prejudicados, são obrigados a se comportar assim porque o país é um país de traidores.
E das lutas:
-Bem, <i>é por isso que eu te disse que é uma questão de unidade, eu não entro na briga.</i> Pierre passou, dissemos que ele não era bom e ele teve que sair, Jacques passou e nós dissemos que ele não era bom e ele teve que sair, André se foi e temos dito que ele não era bom, mas a gente tem que ficar junto, tem uma questão de ambição [...]. <i>A luta não é boa, na minha opinião, vejo que há falta de sabedoria, união e união.</i>
E questionada sobre o que deveira mudar no comportamento dos políticos, ela afirmou:
-É só Deus quem pode mudá-los, não há mais nada que possa mudar o homem na terra, só Deus.

Fonte: pesquisa de campo pelo Autor (2019)

Finalmente, apresentaremos trechos de uma entrevista realizada em Porto Príncipe com um vendedor de crédito por telefone de 40 (quarenta) anos de Porto Príncipe, de ensino fundamental incompleto (Entrevista n.16).

ENTREVISTA N. 16
-Bom, para a situação do país, aqui está como entendo, pois agora o país está abalado. <i>Para o país, para haver algo no país, é você e eu quem deve se unir [...].</i> Como devemos nos unir? Só porque eu tenho essa pequena coisa na mão (esta pequena atividade econômica) e você não pode fazer isso, você não tem que me esmagar por causa disso. Isso quer dizer que a vida pede para ficar junto [...], você está fazendo alguma coisa, não vou te destruir lá dentro, vou tentar fazer de preferência [...]. <i>O maior problema do país é o fato de não haver unidade no país.</i>
-Para os políticos meu irmão, não posso me adaptar a essas coisas. É tudo sobre políticos, eu não posso entrar nisso. Enquanto for algo que vejo que pode me prejudicar, o que pode levar à morte, não entro nisso.
E da luta entre os políticos:
-Eu vou dizer de novo, porque não há unidade, <i>ele não deveria ter uma briga. Quando você observa um governo, nos Estados Unidos, duas pessoas são levadas para ir às eleições, a outra é unida àquela que ganhou as eleições.</i> Se há 54 [no Haiti] que vão a uma eleição, somente um ganha as eleições, os outros nunca concordam em se unir a ele. Quando olhamos para o novo presidente, é uma questão de Ying-

Yang (divisão), alguns gostariam que ele saísse (deixe o poder), e eles gostariam de fazê-lo sair. *Se houvesse uma unidade, hoje você quer fazer um país funcionar, você quer fazê-lo bonito, hoje eu estou no poder ... treze pessoas vão às eleições, 12 falham e só uma venceu, então o que estamos fazendo? Nos unimos a ele para trabalhar juntos.*

Fonte: pesquisa de campo pelo Autor (2019)

Após a leitura desses trechos, podemos sustentar que o apelo à unidade entre os políticos lançado pelas classes populares haitianas seria a expressão de uma postura "*politicamente muito consciente*" ou apenas frustração contra a multiplicação de partidos políticos com o reconhecimento finalmente total dos antagonistas políticos? Ainda, todos os julgamentos que deram origem a esse apelo à unidade seriam *julgamentos de fato políticos*? (BOURDIEU, 1977b, p.71). Para estas duas perguntas, respondemos que não, pois temos que levar em conta que somos como as faces de *Janus*, onde de um lado está o campo político e do outro lado a posição social a partir do qual as classes populares refletem sobre política, enfrentando dois mundos diferentes.

Para citar Pierre Bourdieu, não apenas « Um campo é definido [...] entre outras coisas pela definição de questões e interesses específicos que são irredutíveis às questões e interesses de outros campos » (BOURDIEU, 2009, p.113-114), mas acima de tudo um campo é « um espaço de lutas entre os diferentes agentes que ocupam as várias posições » (LAHIRE, 2001, p.24-26). E o conjunto de campos sociais é uma pluralidade de mundos com « [...] lógicas correspondentes aos diferentes mundos, ou seja, aos diferentes campos enquanto lugares onde se constroem sentidos comuns, lugares-comuns, sistemas de tópicos irredutíveis uns aos outros » (BOURDIEU, [1990] 2004, p.34). Em outras palavras, por um lado, no conjunto dos campos sociais, portanto no campo político, a luta é uma característica estrutural, isto é, constitutiva, independente da boa vontade ou não dos agentes incluídos nele. Uma vez pertencidos a um campo, os agentes devem lutar imperativamente pela conservação e pela melhoria de sua posição, aumentando o capital específico que possuem. Por outro lado, essas lutas são organizadas com base na *lógica do senso comum* peculiar ao campo considerado. E no caso da política, como todos os objetos das ciências sociais « [...] as lutas, individuais e coletivas [que acontecem, há lutas que visam] preservar ou transformar a realidade » (BOURDIEU, 1980, p.244) e « a estrutura do campo está sempre em todos os momentos [à expressão] do estado do equilíbrio de poder entre os protagonistas da luta, agentes ou instituições, isto é, a estrutura da distribuição do

capital específico [é] resultado das lutas anteriores » (BOURDIEU, 1976, p.94), ou seja, não é o resultado de qualquer consenso entre os agentes e as instituições, porque, em realidade, todo campo é o espaço de uma luta constante.

Esse microcosmo do mundo político também é o resultado da monopolização de profissionais que « de fato exercem um efeito de censura ao limitar o mundo do discurso político e, assim, o universo do que é politicamente pensável [...]» (BOURDIEU, 1981, p.4), além de existir « distribuição desigual de meios de participação na política, portanto de apropriação da lógica que é sua » (BOURDIEU, 1999, p.34-35), o que leva a maioria daqueles que são privados dos meios de produções simbólicas do mundo a se apropriarem da realidade política a partir de seu « ethos (por onde expressam as condições sociais particulares de produção das quais esse ethos é o produto) » (BOURDIEU, 1977b, p.71). Em outras palavras, do conjunto de valores próprios e internalizados durante sua trajetória particular. E no que diz respeito às classes populares haitianas, elas têm apenas seus próprios valores, suas relações particulares com o mundo, dominadas pelo pensamento simbólico da cultura haitiana, e « no âmbito desse tipo de representação, todas as relações sociais são identificadas nas relações interpessoais » (HOUTART e RÉMY, 2000, p.84) nas quais, historicamente, « [...] a cortesia do camponês [que] sempre impressionou, [a comunidade estava procurando] em primeiro lugar, eliminar, desde o primeiro estágio, as possíveis causas dos conflitos [...] » (BARTHÉLEMY, 1989, p.35). E observamos isso nos dados advindos do julgamento dos entrevistados, onde uma boa parte entende que o julgamento é construído a partir dos valores religiosos entre outros que influenciam toda a vida cotidiana deles, mas mitigadas das ideologias políticas.

Nesse sentido, o mundo em que as classes haitianas estão situadas é um mundo em que as relações sociais são vistas como uma realidade interpessoal e, portanto, os conflitos seriam determinados não estruturalmente, mas subjetivamente. De fato, do ponto de vista deles, as ações dos políticos são vistas apenas como resultados "de pessoas que não pensam" (Entrevista n.16); "ausência de espírito de perdão entre eles, de falta de consciência" (Entrevista n.31); "falta de raciocínio, porque dizem que estudaram a lei, é uma mentira que não raciocinam ... você deve ter um sentimento, você deve ter um *Savoir-vivre* em você" (Entrevista n.5) ». Por outro lado, se, no entanto, surgisse um conflito, tudo teria que ser feito para eliminá-lo por consenso, por

diálogo, por qualquer meio, de fato, teria que ser dissipado. É nesse sentido que destacamos um trecho de entrevista (n.5) na qual uma lojista afirmou que a luta entre os políticos resultaria da arrogância deles.

De fato, qualquer conflito seria apreendido como resultado de um simples desacordo, no sentido ordinário do tema, como por exemplo, na entrevista com o vendedor de crédito por telefone que apresentamos, e outras entrevistas:

[...] *acordo que não existe*, não temos um acordo que tenha liderado o país nessa situação. *Se tivéssemos um entendimento, se você entendesse quando eu falasse com você e entendesse quando você falou, não estaríamos nessa situação.* Nós andávamos muito bem. Se quando você falou, eu escutei o seu conselho, e você aceitou o meu conselho, o país iria funcionar bem. *É porque não vivemos (não ouvimos) do conselho dos outros.* (Entrevista n.24).

O problema é que eles não têm consciência profissional, e é isso que faz com que o país sofra tanto. O que deve ser feito é que todos estejam conscientes e procurando o homem certo no lugar certo. *O homem do momento, pode acontecer que tenham sido vinte anos que eu militava, mas o momento não é meu, meu momento passou. As coisas antigas são passadas, agora estamos na novidade, se há algumas coisas que eu não sabia na novidade, eu sento ao seu lado para aprendê-las, é isso que elas não querem aceitar* (Entrevista n.12).

Eles devem poder fazer uma mesa redonda. Estamos lutando para avançar o país, não estamos? É o que todos dizemos. Queremos avançar o país, você vem com o seu programa e outro vem com o programa, mas após a eleição de um de nós, devemos fazer uma mesa redonda. Todas as idéias que estavam lutando, montaríamos, compilaríamos para avançar o país, não temos outro país. Estamos lutando pelo mesmo país, não estamos? Todas essas idéias, nós as compilaríamos, eu pegaria as suas, as que são boas e as que não são boas que rejeitamos e as boas que criamos, vamos avançar o país. (Entrevista n.40)

Para pensar a realidade política, os sujeitos pertencentes às classes populares participantes da pesquisa mobilizam as histórias de suas experiências diárias em que, por causa de seu *senso comum*, a lógica das práticas cotidianas com cada luta e cada divisão é basicamente impensável como base estrutural e permanente, isto é não são registradas nas estruturas objetivas das sociedades, porque, é claro, os conflitos não são inscritos de acordo com tal lógica em suas estruturas subjetivas das quais eles pensam o mundo. Nesse sentido, pode-se argumentar que a *recusa de conflitos* que seriam constituídos, ao longo do tempo, como algumas *regras práticas* para a comunidade das classes populares está na base do julgamento dessas classes sobre a política.

Para o guardião (Entrevista n.31), o principal problema do país viria do fato de que não temos todos o mesmo pensamento, como resultado, não podemos concordar e seus melhores exemplos de acordo e unidade são as colônias de formigas e os rebanhos

de animais que eles apresentariam como modelos para os políticos. Para o lojista (Entrevista n.13), dono de uma pequena loja em Martissant (*Cité de l'éternel*), são as visões de relações dentro de uma família que ela mobiliza para pensar a realidade política. Relacionamentos familiares em que os conflitos entre seus integrantes (esposos, crianças, etc.) devem ser fundamentalmente excluídos como objetivamente legítimos. Para a artesã (Entrevista n.11), entrevistada em Martissant, é principalmente a nacionalidade haitiana que todos compartilham que tornaria inimaginável e inaceitável aos seus olhos a luta política. Nas suas declarações a varejista de roupas usadas (Entrevista n.6), entrevistada em Carrefour, mobilizou, em primeiro lugar, só seus próprios valores como cristã, suas visões de esquemas de relações do passado baseadas numa *lógica de solidariedade*, como ela mesma apontou, atualmente apoiando a ausência de fraternidade na sociedade haitiana. Essa leitura, como a de outras pessoas, é claramente uma *crítica do individualismo* observado na sociedade haitiana contemporânea. Para esta vendedora em particular, mas também para todos e todas as que apresentamos anteriormente, a posição crítica exibida em relação à política na qual a distância deles resulta de um conjunto de julgamentos éticos expressa claramente uma *tentativa de autopreservação do habitus* (BOURDIEU, 1980a, p.102). Ou seja, é o *habitus* da cristã haitiana e popular um conjunto de « esquemas de percepção e apreciação que determinam essas estratégias de evitação [totalmente inconsciente da política considerada realidade imoral] » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.102). Em outras palavras, conforme explicado pela própria entrevistada, é para proteger seus valores, de alguém como cristã - "pessoa honesta e credível" - para proteger a si mesmo, na medida em que, internalizando-os, ela passa a ser apenas a expressão corporal desses valores, devendo se manter distante da política. Ponto de vista derivado do raciocínio, julgamento totalmente estranho aos princípios próprios do fato político. Finalmente, para o vendedor de créditos telefônicos que entrevistamos nas ruas de Porto Príncipe (Entrevista n.16), sua percepção é semelhante à artesã quando afirma sobre o compartilhamento da mesma nacionalidade, mas também suas visões das relações diárias entre vizinhos, onde o conflito é apresentado como determinado pela inveja e pelo ressentimento que ele mobiliza para analisar a realidade política.

Além disso, muitos dos entrevistados, por causa de seu *baixo nível de capital cultural* que lhes daria conhecimento do que realmente está acontecendo nos campos políticos de outros países, têm uma forte tendência de conceber a luta permanente entre

os políticos como uma questão especificamente haitiana. Do ponto de vista deles, os políticos de todos os outros países do mundo se reuniriam para fazer seu país funcionar, exceto os políticos haitianos que se recusariam a se unir.

Em conclusão, depois de ter reproduzido esses trechos que possibilitaram ver a lógica ou raciocínio da tomada de posições que continham a chamada de unidade entre os políticos foram produzidos, análise das entrevistas, a partir do mundo social onde as classes populares concebem a realidade política e não é composta da mesma lógica que a fundação da luta política. Seu distanciamento é menos o resultado de um *juízo politicamente consciente*, ou seja, que resultaria de uma propriedade mais ou menos clara da *lógica específica* do campo político, do que de *juízos éticos*, de sua recusa de qualquer antagonismo que consideremos como sua *regra prática*, isto é, *valor e lógica prática, lógica da ação*. Claramente, *seus juízos são certamente conscientes*, mas eles *não são juízos politicamente conscientes*, porque eles não são *juízos políticos* simplesmente. Em suma, como muito bem notado por Houtart e Remy sublinhamos que « o pensamento simbólico está contaminado por uma ilusão fundamental, a de colocar a explicação dos mecanismos de funcionamento da relação com a natureza e as relações sociais fora de seu campo específico » (2000, p.166). As classes populares, sem os *meios de produção simbólica* para apreender em sua lógica própria a realidade política, mobilizam para capturá-la, visões do mundo que são completamente estrangeiras para a política. Tudo isso traduz nada menos que a observação direta de uma transposição, por diferentes tipos de sujeitos sociais questionados, de um conjunto de representações do mundo, objetivamente estruturado pela estrutura de suas relações cotidianas, relações construídas dentro da estrutura familiar, dentro das instituições religiosas, sobre a realidade para poder apreendê-la. Representações que, conseqüentemente, definem subjetivamente a maneira de perceber e apreciar o mundo e aqui, como vimos, a realidade política (BOURDIEU, 1984a, p.5), dado, por um lado, que a lógica das disposições internalizadas dentro das instituições mencionadas é diferente da necessária para se investir, acreditar na razão de ser do campo político que conforme é organizado faz com que as classes sociais populares se sintam desconfortáveis com a luta constante da política, o que determina sua própria distância e sua recusa em legitimá-las, assumindo uma posição a favor ou contra uma posição declarada. Por outro lado, isso também leva a uma « contaminação do juízo político pelo juízo moral » (BOURDIEU, 1977b, p.84-85), o que aumenta sua

propensão a se desengajar na política, uma tendência, é claro, que não pode reverter a corrupção real das políticas.

Enquanto o político, produto do jogo político, tão possuído pelo jogo, « leva muito a sério (a ponto de torná-lo uma questão de vida ou morte) questões do jogo político, nascido da lógica do jogo » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.25), e a luta que eles lideram, a maioria dos elementos das classes populares, estrangeiros ao campo político, percebe, ao contrário, tudo isso tão excessivamente "infundado, gratuito" quanto profano (BOURDIEU, [1997] 2003, p.25)). A melhor maneira de entender toda essa questão seria tentar explicar àqueles que se apropriam da luta como um desacordo que deveria ser resolvido por uma simples discussão em torno de uma mesa, onde a definição de tal proposta de projetos políticos dos candidatos, bons ou ruins, passassem a ser uma questão de luta. Para fazê-los aceitar / digerir que, apesar de todos os políticos dizerem que querem fazer avançar Haiti, o bem e o mal das propostas é uma questão não apenas relativa entre eles, mas fundamentalmente conflituosa. Em outras palavras, como em qualquer campo específico, « [...] a definição de apostas, os princípios de avaliação das práticas são apostas de lutas » (BOURDIEU, 1976a, p.92), por isso, contrariamente à sua apreensão, a afirmação de querer trabalhar para o avanço do Haiti e a nacionalidade haitiana não é uma realidade transcendental que determinaria anteriormente um consenso e ainda menos uma exclusão total do conflito entre os políticos. Em outras palavras, a não participação no *illusio* do *campo político* e a posição das classes populares derivam sua incapacidade de se encontrar nas lutas, ou seja, de se legitimar, portanto, qualquer posição de luta política conduzem as classes populares a considerarem "insensato", o que determina sua distância e constante apelo à unidade entre os políticos. Tudo isso também reflete o fato de que não basta dizer que esse pedido de unidade estaria além de uma falta de conhecimento dos antagonismos políticos.

4.3.3 Percepções das relações sociais pelas classes populares haitianas

Nesta parte do trabalho apresentaremos as percepções dos entrevistados à respeito do extrato burguês da sociedade haitiana, como os sujeitos de pesquisa percebem a burguesia e como funcionam as relações entre os grupos sociais e a influência desses esquemas de visões e divisões. Ainda, como as relações burguesas são pensadas e, também, apresentaremos o julgamento dos discursos heréticos formulados

por certos atores políticos sociais nos momentos de lutas sociais. Para tanto, esta seção se subdivide em três partes, sendo que num primeiro momento, apresentaremos as diferentes declarações dos entrevistados sobre a burguesia haitiana. Seguidamente, tentaremos analisar as lógicas, os esquemas de visões a partir dos quais as opiniões dos entrevistados são formuladas e o que elas nos informam sobre o modo como as classes populares concebem sua relação com as classes dominantes haitianas. Por fim, analisaremos a posição dos representantes das classes populares entrevistados diante dos discursos heréticos na sociedade haitiana sobre relações sociais e de classe.

4.3.3.1 Percepções e crítica da burguesia pelas classes populares haitianas

Quadro 6 - Percepções dos entrevistados à respeito da burguesia haitiana.

Pergunta : O que você acha dos "burgueses" (haitianos, grandes comerciantes) ?	
Percepções	Quantidade de sujeitos
Meu caro os burgueses são úteis para o país (utilidade)	1
Os burgueses apenas protegem sua própria cabeça, Eles cuidam de seus próprios assuntos (individualismo)	6
Eles só nos pesam; São os burgueses que exploram a nós "os desafortunados" (exploração)	7
Se os burgueses assumissem o poder, explorariam mais os "malere" desafortunados (responsabilidade pelo infortúnio das classes populares/ percepção da exploração)	4
Se encontrarem os meios [a possibilidade], tomarão o que possuem os "malere" / desafortunados (exploração)	2
Os burgueses que temos aqui são "salopes" [sujos]/ vagabundos	2
Eles tiveram que criar trabalho e ajudar o "malere"/ desafortunado que não tem nada em mãos, ajudar crianças de rua que nada conseguem (caridade)	4
Os burgueses mandam outras pessoas para protestar (manipulação)	2
Os burgueses não fazem nada além de sugar os "malere" desafortunados (exploração)	1
Eles deviam se preocupar com aqueles que são os mais [necessitados] (pedido de solidariedade)	7
Eles têm os meios; eles têm os monopólios (detentores dos meios de produção/ possuidores e privilegiados)	4
Os burgueses não deixam o país andar; Eles só nos incomodam (imobilismo e incomodação)	2
O burguês não reconhece os "malere"/ desafortunados (falta de reconhecimento)	2
Esse é mais um problema catastrófico; esses também são os maiores problemas do país (burguesia como problema)	3
Eles deviam se unir para que o país possa avançar; Eles deviam se unir aos de baixo (apelo à unidade)	3
Eles sempre humilham os "malere"/ desafortunados, o homem "malere"	2

nunca é humano aos olhos deles (falta de reconhecimento)	
Nós não temos burgueses [no Haiti] (ausência de burguesia)	2
Esses homens são do mesmo sistema colonial (exploradores)	1
Eles só vêm por si mesmos (individualismo)	2
Os burgueses, eles não gostariam de ver você subir, avançar (dominação, exploração)	3
Eles já estão no mais alto (dominância)	4
Os burgueses continuam burgueses e os pobres continuam pobres (desigualdade permanente)	4
O burguês é inútil (inutilidade)	1
A burguesia se tornou um poder também (dominação)	1
Eles são destruidores do país (exploração)	1
Eles não pagam impostos (injustiça pela não taxação da burguesia)	1
Os burgueses? Eles são os donos do país, são responsáveis por tudo o que acontece (poder e propriedade)	3

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Como se vê, há pouca diferença nesta representação na apresentada em relação aos políticos, ou seja, os sujeitos pesquisados têm, na maior parte, uma leitura igualmente negativa da burguesia haitiana enquanto classes econômicas descritas como grupos sociais privilegiados, exploradores, individualistas e manipuladores. De acordo com as afirmações dos vários representantes das categorias profissionais entrevistadas, o comportamento individualista da burguesia e as relações de exploração que os membros dessa categoria social estabelecem com os outros grupos sociais aparecem como os principais elementos que os caracterizam.

Convidados a opinar sobre a burguesia no Haiti, vários indivíduos mencionaram acima de tudo o individualismo daquela (burguesia), como nas seguintes observações que reproduzimos:

[...] eu não sei nada sobre os negócios da burguesia [...], eu não sei nada sobre os burgueses porque os burgueses não conhecem os "malere"/ desafortunados. Não, os burgueses não conhecem os "malere"/ desafortunados. O burguês vê apenas por si mesmo. O que os burgueses farão pelos infelizes? Os burgueses nada oferecem aos "malere" desafortunados. (Entrevista n. 9).

Eles só se vêm. Imagine que eles estão conversando, eles têm um pé no Haiti e outro no exterior, você corre atrás deles aqui, eles já estão no exterior, seus filhos vão à escola no exterior enquanto eles estão lá para fazer você "bourriquer" [trabalhar como um burro], eles não vêm seu país, eles olham para o exterior. São esses mesmos burgueses que se fizessem algo [pelo Haiti] ficariam aqui até a morte [e] se comportariam de maneira diferente [...]. (Entrevista n.14).

Sim, o burguês, contanto que ele tenha alcançado uma escada, você que está abaixo, ele não gostaria de vê-lo subir. Como ele não quer ver você subir? Ele tem um trabalho que poderia valer US \$ 12.000, mas ele quer que você faça esse trabalho

por US \$ 4.000, você não avançará. Um trabalho que valeria US \$ 12.000, ele quer que você faça por US \$ 4.000, em uma situação que você não avançará, ele não gostaria de vê-lo subir. Ou seja, a burguesia, onde está..., ela estará lá em cima e você sempre estará lá embaixo. (Entrevista n.24).

A primeira pergunta, se eles têm monopólios em mãos, podemos dizer que eles são os mais valorizados, se são os mais valorizados, se [os líderes] apenas andam com eles, se eles deixarem sofrer aqueles que estão abaixo, você sabe que é um problema? A primeira coisa é que eles possuem os meios, você pode pedir para ajudá-lo a salvar um país, eles possuem os meios. Eles têm os meios, no entanto, aqueles que têm os meios ainda são eles mesmos que pressionam [sugam] você, se eles encontrarem os meios para levar o que você tem, você o "malere"/ desafortunado, eles o usarão para aumentar o que eles possuem. Esse é o problema. O maior problema é que não há coletivo, simplesmente não há unidade. Mas se todos os políticos dissessem que estão unidos, haveria outra imagem. (Entrevista n.31).

O burguês é um ser individualista que vê apenas por si mesmo, isto é, sem nenhuma preocupação com a situação do país em geral e os mais pobres em particular. Além disso, como vemos nos dois últimos extratos de entrevistas, eles também mantêm relações injustas, não pagando o que deveriam àqueles que trabalham com eles e apenas exploram os "malere"/ desafortunados. Portanto, um comportamento explorador que também é criticado por muitos de nossos entrevistados, como nos trechos a seguir:

Ah ! A burguesia, vejo que eles só "sugam" os "malere" desafortunados, parece que os pobres serão ainda mais pobres, quem tem dinheiro sempre terá mais dinheiro. [...] os burgueses deveriam se unir, para ver a unidade, devem se preocupar com os menos favorecidos (os pobres, os necessitados) que não têm nada, eles [burgueses] têm visto, podem viajar, mas deveriam pensar sobre quem não tem visto e não pode viajar, "li se se moun tou" (ele também é humano), ele deve ser capaz de viver como "moun" (humano) [...]. No Haiti, as pessoas são forçadas a deixar o país para ir para o exterior, porque no exterior vivem como "moun" (humanos). Você vai para os Estados Unidos, ainda que não trabalhe, mas vive como um humano, sua geladeira deve ter comida, sua geladeira deve ter tudo [...], você deve ter água porque eles sabem que você precisa, você tem que tomar banho, você tem que comer, tem lugares onde eles te dão comida porque eles sabem que você tem que comer [...], mas no Haiti, em nosso país, não é assim. (Entrevista n.6).

[...] [o burguês] ainda é um problema catastrófico. São os próprios burgueses que mais nos exploram; é melhor trabalhar com um "malere"/ desafortunado como você, em vez de trabalhar com um burguês. O "malere"/ desafortunado conhece a dor, ele entende quando um desgraçado diz que está com fome, ele sabe como se sente porque também viveu a doença da fome, viveu a fome, mas a burguesia não sabe essas coisas. (Entrevista n.10).

Ah ! Você não tem burgueses no [Haiti], você não tem burgueses. Até o burguês não se sente à vontade, se um burguês desce até o fundo da cidade [nos distritos populares], ele terá a impressão de estar em perigo de morte porque verá que entrou no meio de "cachorros famintos" [para descrever pessoas que vivem na miséria]. Eu não posso ser burguês e tenho que ficar dentro de limites. O burguês é quem esmaga e impede que você coma a sua fome. Ele é quem suga seu sangue como um mosquito, como um percevejo. Você não consegue dormir numa casa onde há mosquitos e percevejos, eles sugam seu sangue, é assim que eu considero esses burgueses. (Entrevista n.17).

Meu caro, há uma série de burgueses no país, esses homens são como o antigo sistema colonial, eles são colonos, estão lá para maltratar os trabalhadores, os "malere"/ desafortunados que trabalham com eles, fazer milhões nas costas dos "malere"/ desafortunados para que estes estejam sempre na mesma situação. O "malere"/ desafortunado pode chegar a uma situação em que o sapato velho que ele usa para ir trabalhar está em mau estado, mas ele não pode comprar outro. Ele está doente, mas ele não pode ir ao médico; não faz sentido, enquanto você ouve essa pessoa está trabalhando. Não é um trabalho, é uma exploração. É a escravidão desenvolvida. (Entrevista n.18).

No Haiti, não há burgueses, aqueles que vejo não são burgueses. Por exemplo, quando você tem um negócio, deseja que o trabalhador lhe dê um bom serviço, mas se ele não puder comer, com que força ele lhe dará um bom serviço? Se houvesse burguesia no Haiti, a burguesia criaria trabalho, moveria a classe média, finalmente estaríamos de pé, mas como os que estão acima estão dominando os que vêm depois, aqueles que vêm atrás [...]. De que maneira eu posso explicar isso? Eles se dizem burgueses, não dizem? Existem os burgueses, existem as classes médias. Quando o burguês está pressionando a classe média, a classe média pressiona a classe desprivilegiada, finalmente o burguês se encontra no lugar da classe média, a classe média se encontra no lugar da classe desprivilegiada e da classe desprivilegiada acabará por desaparecer. Finalmente, você pode chegar a um momento em que todo mundo está totalmente confuso, não conhece mais os da classe média, nem os da classe burguesa, nem os da classe dos menos privilegiados. No Haiti, estamos quase nessa situação. (Entrevista n.37).

Além dessas afirmações, nas quais a burguesia se apresenta como individualista e exploradora em suas relações com outros grupos sociais, outros indivíduos entrevistados consideram diretamente a burguesia como um obstáculo ao bom funcionamento do país:

A burguesia no Haiti não deixará o país andar. Deve haver burguesia, não digo que não deva haver burguesia, mas eles não deixarão o país avançar [...]. Não é culpa dos presidentes, é deles (os burgueses) a culpa. Não vejo um único presidente que esteja no poder e que tenha culpa da situação do país. Estes são os homens (os burgueses), eles estão lá [...]. (Entrevista n.8).

"Tèt chaje" (insuportável) meu amigo. Eles apenas perturbam. (Entrevista n.34).

Bem, exatamente, essas pessoas são destruidoras de países. Ele dá dinheiro secretamente para a realização dos eventos. (Entrevista n.35).

Os burgueses não querem deixar ninguém avançar. Eles não querem deixar ninguém avançar. Os burgueses com o estado haitiano, eles não querem deixar nada funcionar. (Entrevista n.36).

Finalmente, em uma última categoria de opinião, os entrevistados criticam mais ou menos explicitamente as desigualdades, as relações sociais injustas na sociedade haitiana, compartilhando suas impressões sobre a burguesia. Este é o principal aspecto que extraímos dos seguintes trechos:

Bem, há realmente burgueses no Haiti? Ouvi uma entrevista que Liliane [Pierre Paul] (jornalista) fez ontem. São 5 (cinco) homens que mantêm o país sob suas

garras, 5 (cinco) homens! Quando você é burguês? É quando as pessoas abaixo de você estão trabalhando mais ou menos. Só eles vivem de uma maneira fornecida e 95% das pessoas vivem na miséria e você é burguês? Vejo que se você é o mais pobre, você sempre tem um dinheiro de segurança atrás de você porque sabe que está apenas sendo explorado. Se no país, 5 (cinco) homens seriam responsáveis por não se poder viver, não devemos esquecer que na cesta de laranja contendo 100 (cem) laranjas, se (...) houver uma que corra o risco de apodrecer as outras, o que queremos salvar? O último ou os outros 99 (noventa e nove)? Os outros 99 (noventa e nove). Então, para salvar os 99 (noventa e nove), o que precisa ser feito? É por isso que Jean-Claude Duvalier [o ditador] tinha uma perspectiva boa: se você me der o poder pelas armas, quando eu chegar ao poder, eu lhe executo, entende? Se houver apenas uma laranja que possa me fazer perder outras 99 (noventa e nove), em uma cesta de 100 (cem), nós a eliminamos para salvar as 99 (noventa e nove). (Entrevista n.12).

Bem, os burgueses são o maior problema do país. Normalmente, os burgueses também são responsáveis pelo que Jovenel⁷⁵ faz. Jovenel não está sozinho [...], quando você [burguês] investe dinheiro em um candidato, enquanto é você quem tem toda a visibilidade, que não paga impostos, não paga nada e quem tem tudo..., eles não pagam impostos etc., [...]. É você [o desafortunado] quem paga as consequências quando não pagam. Cada vez que aumentam o preço da gasolina, mas nunca tocam na burguesia porque eles investiram, onde é e o que eles têm para recuperar seu dinheiro? É a partir daí que eles precisam retirar seu dinheiro. (Entrevista n.40)

Quando você é burguês em um país e não paga nada..., todos os impostos devem estar nas suas costas contudo você não paga nada. Bem, quando você não paga nada, deixa cair tudo sobre o "desafortunado". Você não tributa Brandt*, você não tributa Madsen*, você não tributa Réginald Boulos*⁷⁶. [...] e são os pobres, eu que ganho 10 (dez) gourdes, sou eu quem você escolheu tributar [...], o custo do transporte aumentará, o meu salário permanece o mesmo, os custos de transporte aumentaram e eu tenho que ir trabalhar, não posso ir. Quem paga as consequências neste caso? (Entrevista n.40).

Sem nenhuma discussão sobre o significado dessas afirmações, a observação é clara, nos dados que coletamos, encontramos uma denúncia constante, uma persistente condenação das classes altas por certas categorias das classes populares haitianas. Uma posição crítica apoiada por diferentes frações das classes trabalhadoras em relação às classes econômicas dominantes, denunciando seu individualismo, a relação de exploração que elas mantêm com as classes desfavorecidas nas relações de trabalho e, principalmente, devido ao alto custo da vida. Por fim, como nos dois últimos trechos, uma crítica que aponta para as desigualdades, a injustiça na cobrança de impostos pelo Estado.

⁷⁵ Jovenel Moïse era o presidente do Haiti na época das entrevistas. Além disso, seus governos enfrentaram inúmeras dificuldades econômicas e financeiras (desemprego, inflação e perda contínua de valor da moeda nacional em relação ao dólar americano, que tiveram uma influência muito significativa no poder de compra da maioria da população). Além disso, ele enfrentou mobilizações sociais contra a corrupção e o desperdício de fundos públicos dos quais ele próprio foi acusado de ter participado.

⁷⁶ São nomes de algumas famílias da oligarquia haitiana.

Lendo essas afirmações, pode-se concluir que, longe de julgamentos éticos sobre política, as classes trabalhadoras teriam uma percepção muito objetiva e uma compreensão bastante clara das relações de classe. Essa leitura poderia ser ainda mais fortalecida levando em consideração algumas das respostas que os entrevistados forneceram sobre a percepção do que determinaria aos olhos deles o comportamento dos membros da classe econômica. Respondendo a essa pergunta, alguns entrevistados apontaram que os membros da oligarquia pertencem a outra classe social diferente da deles e que agem como fazem para preservar sua posição social e uma outra parte menciona a corrupção e a ausência do Estado, uma situação de desregulamentação estatal das relações sociais de maneira injusta.

Quadro 7 - Determinantes do comportamento dos burgueses.

Pergunta : Por que você acha que os "burgueses" (ricos e grandes comerciantes) haitianos se comportam da forma que percebemos?	
Percepções	Quantidade de sujeitos
Os burgueses funcionam muito bem, eles não nos fazem nada [mal]	1
É para manter seu padrão de vida que eles agem assim (autopreservação)	3
Eles não são da sua classe (diferença social)	1
Porque você é um "malere"/ desafortunado, pessoa miserável, eles têm um tipo de preconceito	2
O burguês nunca é amigo de um "malere"/ desafortunado	1
Porque eles são malvados (habitus)	1
Porque eles não têm consciência (habitus)	2
Porque não temos lei, a lei não existe para eles (injustiça)	2
Porque eles não vêem os "malere" miseráveis como humanos (falta de reconhecimento)	1
Porque não há governo, porque não há Estado, porque não há líderes (ausência do Estado)	5
Porque eles ainda têm o sangue de colonos nas veias (exploradores)	1
Porque o país é assim (renúncia)	1
Para que ela aja favoravelmente, ela deve ter o que é chamado de sabedoria de Deus, mas é o diabo que os lidera (habitus)	1
Eu não sei, mas eles deveriam mudar de comportamento	1
Porque eles não pensam bem (habitus)	1
Porque eles são um com o Estado	2
A Bíblia diz que os pobres se tornarão mais pobres e os ricos se tornarão mais ricos (leitura profética)	1
Porque eles não são verdadeiros haitianos	1
Porque eles são os únicos que devem ter sucesso (egoísmo)	1
Porque eles não têm negócios com o povo pequeno que você vê na rua	1

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Destacamos que num primeiro grupo, alguns explicam o comportamento dos membros da oligarquia com a preocupação em manter sua posição social como proprietários e privilegiados da seguinte forma:

Bem, a burguesia [...] é a sua própria cabeça que eles tentam proteger porque nunca entrarão em colapso para voltar a zero. E se eles já estão acima, sempre estarão de pé, o que leva a um sofrimento dos mais "malere" pobres, porque estamos debaixo dos pés deles, eles apenas nos pisam. Eles já estão sobre nossas cabeças, além dos burgueses agirem de acordo com eles mesmos, de acordo com sua vontade. Se você tem uma boa loja e a administra mal, corre o risco de voltar a zero, não acha que verá isso mal? Existe um estilo de vida que você teve e você vê que não tem mais essa vida, sempre permanecerá o mesmo? Você não acha que pedirá a morte a Deus? É por isso que os burgueses se comportam assim [...]. Bem, não estou dizendo que eles são maus, mas eles vivem de uma maneira que mantém seu estilo de vida. (Entrevista n.2)

Ah! O burguês sempre foi o burguês, mas nunca um amigo dos "malere"/ desafortunados, porque o burguês sempre luta por dinheiro, e para que seus filhos e netos não sejam pobres [...], e quando você é pobre, é algo realmente difícil, pobreza, quando você é "malere"/ desafortunado, é realmente difícil, há algumas coisas que você não pode desfrutar. Há certos lugares que você não pode ir porque é "malere"/ desafortunado, mas o burguês, ele sempre luta para que seus filhos e netos tenham dinheiro. Ele não desperdiçará seu dinheiro de forma alguma. Essa pergunta de que ele fica pobre, lembra um dia sem poder comer, para que seus filhos não possam ir à escola, ele não quer, mesmo que ele morra, seu nome deve permanecer. (Entrevista n.6).

Porque eles não gostariam de ficar pobres novamente, eles não gostariam de ficar pobres novamente. A Bíblia diz que os pobres se tornarão mais pobres e os ricos se tornarão mais ricos. Apesar de lutarmos, os pobres se tornarão mais pobres, quem tiver dinheiro sempre terá dinheiro, porque lutará para nunca se desanimar. Ele vai te sugar para conseguir mais dinheiro, para que as coisas corram bem, para seus filhos e sua esposa. Para que, até no dia de sua morte, ele possa partir deixando dinheiro para seus filhos. (Entrevista n.36).

Essas opiniões mostram, por um lado, uma excelente análise com base em uma abordagem compreensiva desses entrevistados, isto é, colocando-se no lugar dos membros da oligarquia para explicar os motivos de suas ações, apesar de que tais comportamentos lhes pareçam individualistas e emprestados da malícia. Por outro lado, como corolário, eles também parecem traduzir um ponto de vista bastante objetivo, considerando a posição social dos membros da oligarquia, ou seja, nenhum motivo subjetivo ou transcendental, como o principal elemento determinante das ações das classes econômicas superiores.

Em um segundo grupo, entrevistados mencionam explicitamente a inexistência do Estado e de verdadeiros líderes com o objetivo de organizar a sociedade a partir de um certo controle das ações das classes econômicas superiores. Este é o principal aspecto que retemos dos extratos a seguir:

Porque não há governo, porque não tem um Estado. Posso dizer-lhe que não temos líderes, porque agora você vota em mim como presidente, eu já sou presidente, o que eu digo deve ser respeitado, você não aceita, então sai do país. Contanto que você impeça o país de seguir em frente, você tem que se mudar. Você ouve que não há gás, o preço dos alimentos está aumentando. Você sai para comprar pão, aqui o preço é de 5 (cinco) gourdes, mais 9 (nove) gourdes, 10 (dez) gourdes, varia [...] os ministros, zero. (Entrevista n.14).

Não considero que haja burgueses no país [...]. Olha como você mora. O burguês, se tiver que ir ao hospital, ele pega um avião e vai para a República Dominicana [...]. Por que se comporta dessa maneira, é porque não há líderes. Ninguém realmente dirige, eles querem se tornar presidente, são presidentes e estão sob a tutela da burguesia, entende? Ele pode optar por comprar um produto a um preço e revende a você a outro preço e ninguém diz nada, não tem ninguém para dizer a ele que não pode fazer isso. (Entrevista n.17).

Porque eles sempre têm o sangue dos colonos em suas veias e também em relação aos líderes do país. Os líderes do país, os líderes que nunca os forçaram a mudar seus princípios. Como seu trabalho funciona? Realmente não há leis trabalhistas. (Entrevista n.18).

[...] é o Estado que os levou a ter esse comportamento porque os dois [a burguesia e o estado] fazem um, porque com esses dois, três milhões que eles (os burgueses) têm no bolso, eles são um (com o Estado) neste momento. O homem que é líder, é obrigado a colaborar com eles. Isso leva à corrupção. Essa é a fonte de toda a corrupção, a corrupção que você vê no país. Como eu disse, François Duvalier não aceitou isso. François Duvalier aceitou [que o preço de um produto aumentasse] se o preço desse produto tivesse aumentado no mercado internacional e também alertou que também o reduziria quando caísse no mercado internacional. Por exemplo, a gasolina aumentou várias vezes, mas permaneceu assim. Eles [os burgueses] são um com o Estado, então o Estado não pode dizer a eles que caiu, os dois se tornaram líderes, como você vê, eles estão brigando entre eles também. (Entrevista n.33).

Como já mencionamos, não faltam críticas dirigidas à burguesia pelas classes populares, e essa apresentação foi para dar conta disso. Os burgueses são claramente vistos, por elementos das classes populares, como: « os que são valorizados, possuem monopólios; são eles que pressionam [estão sugando] os mais pobres e que, apesar de tudo o que já têm, estão dispostos a fazer qualquer coisa para agarrar o que os "*malere*" [pobres desgraçados] que já estão abaixo têm; são eles que não pagam aos trabalhadores o que devem pagar por certos empregos; eles representam outro "problema catastrófico" como os políticos ». No entanto, podemos argumentar de maneira indiscutível, com base unicamente nessas declarações anteriores, que as classes trabalhadoras têm um conhecimento completo dos mecanismos de dominação social? Podemos, portanto, afirmar que essas declarações refletiriam o desejo das classes mais baixas de pôr fim às relações de exploração que as ligam às classes dominantes na sociedade haitiana? Finalmente, que a ordem social deixaria de ser legítima aos seus olhos e as classes populares estariam dispostas a uma mobilização contra as classes superiores por uma transformação total da sociedade? Responder a essas perguntas fundamentais impõe

uma consideração relativamente mais interrogativa das declarações críticas apresentadas anteriormente. Essas respostas foram formuladas em meio à crise econômica, com considerável desvalorização da moeda nacional, onde a população praticamente viu seu poder de compra diminuir grandemente sob o peso da inflação desenfreada. É compreensível, portanto, que a oligarquia haitiana, composta principalmente por grandes importadores de produtos alimentícios, tenha sido percebida nos qualificadores utilizados pelos nossos entrevistados. Além disso, apesar das críticas que mencionam diretamente desigualdades e injustiças, as respostas até agora reproduzidas representam apenas parcialmente, se não superficialmente, as percepções da estrutura das relações sociais entre grupos sociais. Portanto, para uma reconstrução mais ambiciosa de sua visão do mundo e para apreender melhor suas disposições, é necessário questionar ainda mais sobre o que parecem opiniões bastante óbvias já apresentadas, a saber, a lógica da crítica dirigida às classes dominantes. Nesse sentido, apresentaremos e analisaremos o implícito, o não dito dessas críticas. Por outro lado, também apresentaremos e analisaremos as respostas dos entrevistados sobre o que seria, aos seus olhos, o ideal de relações entre classes sociais.

4.3.3.2 Críticas, esquemas comunitários e clamor pelo reconhecimento

« A representação do mundo social não é um dado ou, que equivale à mesma coisa, uma gravação, um reflexo, mas o produto de inúmeras ações de construção que sempre são feitas e sempre refeitas. São depositados em palavras comuns, termos performativos que dão sentido ao mundo social tanto quanto o registram, slogans que contribuem para a produção da ordem social, informando o pensamento deste mundo e produzindo os grupos que eles designam e mobilizam ».

Bourdieu (1977c, p.22).

Bourdieu se engajou em diversas batalhas se opondo a diferentes perspectivas teóricas, escolas de pensamento clássicas e contemporâneas, com vistas à construção de sua visão sociológica e da demonstração da implicação das representações do mundo pelos agentes, o que resulta na produção da realidade deste mundo, seja no sentido de sua reprodução ou de sua transformação. Essa luta e engajamento estão entre os aspectos essenciais de sua obra. Ao se opor ao estruturalismo marxista, ele considera que qualquer abordagem certamente objetivista do social deve integrar fundamentalmente a visão dos agentes na análise sociológica (BOURDIEU, 1984a, p.4-5). Além disso, longe de apoiar uma abordagem puramente subjetivista, o sociólogo concebe essas representações como construções de agentes ativos que não são fruto de uma projeção consciente, por um lado, mas respondem às condições da posição social

de seus portadores, sem ser determinadas mecanicamente (BOURDIEU, p.23). Esse meio termo defendido por Bourdieu, em vista do projeto de superar o que considerava oposição « [...] absolutamente absurda em termos científicos, entre indivíduo e sociedade » (BOURDIEU, [1990] 2004, p.44-45) que o *habitus* deve garantir, expõe a realidade da « [...] constituição recursiva de estruturas sociais e mentais » (BOURDIEU, 2013) na perspectiva dele. Em outras palavras, a relação dialética entre estruturas sociais e estruturas mentais que permite concluir que há sempre social em nosso pensamento sobre o social, através do qual se debita nossa dívida em relação à nossa trajetória social e à nossa posição social imediata (BOURDIEU, 1977c, p.22) que definem nossa maneira de conceber o futuro. E uma das primeiras consequências desse relacionamento é que « por causa do nosso envolvimento no mundo, [...] [sempre] há implícito no que pensamos e dizemos sobre isso » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.23). Consequentemente, em nossa opinião, a revelação dessas idéias implícitas continuaria sendo um dos principais objetivos de todo trabalho sociológico. E para responder às perguntas levantadas ao final de nossa apresentação das opiniões das classes populares haitianas sobre a oligarquia, nas páginas seguintes apresentaremos as inferências identificadas nas opiniões dos entrevistados, como posições socialmente construídas e, portanto, simbolicamente dominadas. Procuraremos destacar tudo o que essas opiniões devem, mesmo as mais críticas, à posição de dominada na sociedade haitiana e ocupada por parte dessa população, consequentemente a relação de dominação e de exploração entre as classes.

4.3.3.2.1 *Críticas e aceitação tácita das desigualdades entre classes*

Nas opiniões das categorias profissionais provenientes das classes populares apresentadas, vimos que essas expressaram suas opiniões sobre os membros da oligarquia haitiana, caracterizando-os como individualistas, exploradores e, finalmente, como obstáculos ao bom funcionamento da sociedade. Mas antes de voltar e analisar o que essas posições refletem nas percepções das relações sociais, gostaríamos de aprofundar um outro aspecto dessas críticas que parece igualmente necessário. Alguns dos que foram questionados, ao responder nossas perguntas, começaram se perguntando se há alguma razão para questionar o comportamento da burguesia no Haiti, postulando, inclusive, a própria existência de uma burguesia haitiana, a exemplo do que aconteceu

quando da formulação da pergunta onde se questionou a existência de uma burguesia no Haiti.

Consideramos necessário cavar esse aspecto da crítica de nossos entrevistados em relação à burguesia por duas razões particulares. Por um lado, é uma questão muito frequente no Haiti se encontrar, em várias facetas, escritos em busca de « uma verdadeira burguesia no Haiti » (DÉSIR, 2018) ou tratando a burguesia existente de "mediocre" (JEAN ALEXIS, 2008), como nas práticas encenadas pelas companhias de teatro que ridicularizam a burguesia haitiana (FRANCE24, 2018), ou quando frequentemente ouvimos pessoas afirmarem que o que está faltando no país é uma burguesia nacional. Basicamente, é uma realidade óbvia no discurso social (CORTEN, 2001, p.24)⁷⁷ de que não existe uma burguesia no Haiti, visão amplamente compartilhada nos círculos populares, bem como em certas frações da classe média baixa. Por outro lado, acreditamos que podemos relacioná-la com a visão de Bourdieu sobre as representações do mundo social, a dominação simbólica inscrita nas relações entre grupos sociais e toda a delicada discussão que suscitaram algumas de suas conclusões sobre o assunto. Bourdieu foi alvo de vários críticos por causa da maneira como problematizou « o escândalo da "*dépossession*" [modos de produção simbólica do mundo] incrustado na dominação social que limita as "possibilidades de pensamento e ação" dos dominados » (NORDMANN, 2006, p.10). No que diz respeito à questão política que nos interessa aqui, Rancière, em particular, o critica dizendo que « a idéia de que a dominação repousa na falta de conhecimento ou, em outras palavras, que os dominados são dominados por causa de sua ignorância sobre a dominação » (NORDMANN, 2006, p.143). Para este último, longe disso, « a emancipação não é a aquisição de conhecimento: não é questão para os dominados remediar uma ignorância que os caracteriza, mas desafiar a hierarquia social que julga sua palavra indigna de ser ouvida » (NORMANN, 2006, p.143). A divergência fundamental das duas posições viria do fato de que, apesar da divisão de posições, funções e qualidades nas sociedades com as quais concordariam, diferentemente de Bourdieu, Rancière sustenta que seria suficiente se opor à ficção da desigualdade de competências a ficção contraditória da igualdade de competências (NORDMANN, 2006, p.144). O principal problema, do nosso ponto de vista, levantado pela proposta de Rancière é que postular a igualdade de

⁷⁷ « O discurso social: tudo o que é dito e escrito em um estado da sociedade; tudo que imprime, tudo que é falado publicamente ou está representado hoje na mídia eletrônica. Tudo isso é narrado e argumenta [...]».

competências é defender uma autonomia relativamente plena das produções culturais dos dominados, o que passaria a negar sistematicamente os efeitos negativos que pode ter sua posição social dominada em suas posições sobre o social. Em oposição a essa posição que Bourdieu chamaria de populismo, a fantasia da autonomia dos dominados (NORDMANN, 2006, p.71), ele argumenta em particular em seu artigo "Vous avez dit 'populaire'?", por exemplo, que as práticas linguísticas comumente apresentadas como "linguagem popular" » (BOURDIEU, 1983, p.100):

[...] por um tipo de redobramento paradoxal, que é um dos efeitos comuns da dominação simbólica, os próprios dominados, ou pelo menos certas frações deles, podem aplicar-se a seu próprio universo social princípios de divisão que reproduzem em sua ordem a estrutura fundamental do sistema de oposições dominantes em termos de linguagem.

Ao reproduzir os princípios dominantes de divisão, essas práticas denominadas populares se traduzem em seu próprio ambiente e, ao mesmo tempo, reproduzem todas as lógicas dominantes a partir das quais as relações sociais também são pensadas.

Qual a relação entre essa problemática da desapropriação dos dominados apresentada por Bourdieu e a análise das percepção das relações sociais pelas classes populares com as críticas dirigidas pelas categorias profissionais questionadas à oligarquia haitiana? Do nosso ponto de vista, em sua maioria, essas críticas e, em particular, as afirmações pelas quais certas frações das classes populares, entre outras, postulam a inexistência de uma burguesia no Haiti, paradoxalmente, apenas atestam do poder simbólico que esta exerce sobre essas classes o que resulta numa representação muito positiva da burguesia, não apenas haitiana, mas global. Em todas as críticas formuladas por nossos entrevistados, a questão que nos parece mais problemática aos olhos deles, e que deve ser compreendida, é a inconcebibilidade do burguês como individualista e explorador. E é a impossibilidade de conceber como *fato normal*, isto é, geral em todas as sociedades, aquela realidade que eles percebem que os leva a não considerar a oligarquia haitiana como uma burguesia. E onde está a dominação nisso tudo? O segundo aspecto que ainda encontramos nas opiniões é o fato de que a percepção de que a burguesia seja individualista e exploradora não resulta em nenhuma tentativa de desenvolver princípios fundadores de relações sociais estranhas à lógica atual, mas, ao contrário demonstra a "imaginação" de uma burguesia que não seria efetivamente o que é e sempre foi, portanto, de acordo com a *ficção social* construída e divulgada pelas próprias classes dominantes. Ou seja, qualquer sociedade precisaria

imperativamente para se desenvolver, resolver os problemas que enfrenta com uma burguesia que deve investir, mas não o faz.

Para nossos entrevistados, não seria legítimo considerar que existe uma burguesia no Haiti, porque:

Quando você é burguês? É quando as pessoas abaixo de você estão trabalhando mais ou menos. Só eles vivem de uma maneira favorecida e 95% das pessoas vivem na miséria e você é burguês? Vejo que você é o mais pobre, você sempre tem um oficial de segurança porque sabe que está apenas explorando [as pessoas] (Entrevista n.12).

Por exemplo, quando você tem um negócio, deseja que o trabalhador lhe dê um bom serviço, mas se ele não puder comer, com que força ele lhe dará um bom serviço? Se houvesse burguesia no Haiti, a burguesia criaria trabalho, moveria a classe média, finalmente estaríamos de pé, mas como os que estão acima estão dominando os que vêm depois [...]. (Entrevista n.37).

A primeira pergunta, se eles têm monopólios em mãos, podemos dizer que eles são os mais valorizados, se são os mais valorizados, se [os líderes] apenas andam com eles, se eles deixarem sofrer aqueles que estão abaixo, você sabe que é um problema? (Entrevista n.31).

Nesses trechos e na maioria das críticas que já reproduzimos, o mais importante, do nosso ponto de vista, não é o que se expressa abertamente, mas o que permanece implícito e aqui a *idealização totalmente positiva do burguesia* que nossos entrevistados carregam. Em outras palavras, a possível existência de uma burguesia que estaria preocupada com as classes mais baixas; uma burguesia que daria trabalho para "ajudar a comunidade", mas que não exploraria e assim permitiria que toda a comunidade seguisse em frente. Basicamente, uma burguesia que não existe em nenhum lugar do mundo por si só, ou seja, de uma maneira totalmente intencional. Por meio do raciocínio que sustenta esses críticos, as pessoas entrevistadas permitiram compreender sua crença na « [...] representação dominante do mundo social como um continuum de indivíduos ou grupos hierárquicos, mas não antagônicos » (BOURDIEU, 1984a, p.13). Por outro lado, uma representação que, em virtude de ser a dominante elaborada pelos dominantes, as descreve de maneira totalmente positiva e ativa, como aqueles responsáveis que dão trabalho e obrigam o Estado a trabalhar para toda a comunidade.

Como sempre foi explicado no pensamento social crítico desde Karl Marx, as classes dominantes não conseguem conquistar e manter-se nessa posição, a menos que consigam fazer com que toda a sociedade adira à visão do mundo mais alinhada com seus interesses. E, de fato, tomar como certo, sem questionar, esses tipos de críticas

muito frequentes dirigidas à oligarquia haitiana é participar intencionalmente ou não do reforço de sua própria dominação da sociedade na medida em que não se faz reproduzir sua própria visão da sociedade. Uma visão que lhes oferece uma posição fundamentalmente pró-ativa na sociedade como aqueles a quem se destina o "dever" de investir, mas, sem perceber, são os que recebem o poder também de decidir o uso dos produtos do investimento. E na mesma lógica, são também aqueles que têm um papel de liderança no modo de operação e na orientação da sociedade, de modo que o resto da sociedade deve sempre seguir o ritmo ditado pelos primeiros. Quanto mais concordamos em repetir, acreditamos que o crescimento das oportunidades de emprego e a construção da riqueza devem advir do investimento daqueles que tiveram sucesso durante a evolução das sociedades para se apropriar dos meios de produção, maior o risco de aceitar que os investimentos sejam feitos de acordo com as condições mais convenientes para eles e não com aquelas que seriam realmente melhores para todas as sociedades. Contudo, quanto mais tentamos imaginar outras maneiras de produzir os bens necessários para o funcionamento das sociedades, mais nos envolvemos de maneiras que pudessem reduzir o poder de tomada de decisão das categorias dominantes atuais na direção a ser dada às sociedades. Para isso, devemos primeiro não dar como certa a maneira como as sociedades são atualmente organizadas; essa posição é completamente ausente das críticas realizadas pelos entrevistados porque é estrangeira às crenças que compartilham sobre as classes dominantes.

É uma visão de mundo que, por sua própria força, limita a possibilidade da maioria pensar por outras lógicas outro modo de organização das relações sociais e operacionais das instituições sociais e políticas que, por exemplo, poderiam dar preferência ao Estado ou aos próprios cidadãos de maneira verdadeiramente autônoma com uma posição fundamentalmente proativa na sociedade, portanto, sobre o seu próprio destino. Consequentemente, essas críticas seriam longe de ser produções estritamente autônomas ou expressões de resistência das classes populares haitianas, pois estranhas ao « [...] *trabalho de representação* [das próprias classes dominantes, como donas dos meios de produção materiais e culturais do mundo] » (BOURDIEU, 1984a, p.5). Apesar de serem aparentemente posições "críticas" em relação à oligarquia haitiana, elas apenas traduzem seu « [...] poder simbólico como poder de fazer as pessoas verem e acreditarem, [que] é exercido somente se for *reconhecido*, ou seja, desconsiderado como arbitrário » (BOURDIEU, 1977a, p.410). Um reconhecimento da

posição privilegiada dos dominantes com base no mal-entendido pelas classes dominadas da arbitrariedade daquelas e que faz com que suas tomadas de posições sejam posições dominadas e condenadas a serem praticamente sem efeitos verdadeiramente significativos para seus interesses específicos. Sem efeitos significativos para os interesses dos dominados, porque formulados de acordo com a visão dos dominantes, na medida em que « o dominante é aquele que consegue impor as normas de sua própria percepção, para ser percebido como ele se percebe, para se apropriar da sua própria objetivação, reduzindo sua verdade objetiva à sua intenção subjetiva » (BOURDIEU, 1977c, p.4), em outras palavras, sempre servir aos interesses do dominante. Este foi o primeiro dos dados contidos implicitamente nas declarações "críticas" dos entrevistados sobre as relações sociais na sociedade haitiana que queríamos enfatizar.

Além dessa alegada inexistência de uma burguesia no Haiti, existem várias outras declarações que demonstram explicitamente, apesar de seu caráter aparentemente "crítico", uma aceitação tácita das diferenças sociais e, portanto, o conformismo por parte dos entrevistados em relação às desigualdades sociais. Em muitas afirmações das classes populares, mesmo naquelas onde se sublinha muito claramente a posse dos monopólios pelas classes dominantes, como o caso de uma entrevista realizada com um guardião de uma escola (Entrevista n.31) cujos trechos foram reproduzidos nesse capítulo, notamos que a crítica não diz respeito ao fato de que essas classes econômicas detêm os monopólios. De fato, a posse dos monopólios para a importação e exportação de certos produtos pelo setor privado haitiano é percebida pelo entrevistado como algo totalmente normal e por isso as autoridades políticas teriam a obrigação de fazer o país avançar, mesmo que em colaboração com os detentores desses monopólios naturalizados pelo entrevistado.

E ele não é o único a ter essa consideração frente a essa realidade, há muitos que mencionaram esse fato sem julgá-lo anormal, inaceitável ou escandaloso. É o caso de um camponês, um padre do Vodou (a religião popular), mais ou menos privilegiado no mundo rural, que entrevistamos em Dekouze (uma região rural do departamento Sudeste, nas montanhas que levam à cidade de Jacmel), onde ele nos relata:

[...] "a parte da burguesia é aquela que apóia a maior parte do que está acontecendo" [no país], investindo nos candidatos e depois apoiando-os a qualquer preço contra a vontade da população. Mas isso é normal, porque ela é a única que importa, ela é a

única com os monopólios. Neste mercado, ela pode decidir, hoje, vai enviar dez (10) mil sacas de arroz [...], mas manda que sejam vendidas por um preço. Mas é ele quem pode importar as 10 mil sacas de arroz. Eu sou um homem "malere" (desgraçado), como eu poderia comprá-las? Eu não posso nem comprar uma saca (Entrevista n. 39).

Ou como em declarações similares formuladas por outro camponês entrevistado em Dekouze que falou assim sobre o burguês:

Eles são aqueles que podem exportar e aqueles que podem importar, eles são os que podem fazer voar aviões ... eles devem ter a consciência de não exagerar, da maneira que eles estão exagerando com as pessoas [o povo]. Eles deveriam ter fraternidade, com fraternidade todos poderíamos viver. **Precisamos de uma burguesia porque não podemos ser todos iguais;** mas a burguesia [...], apoia o presidente da República e o presidente ao chegar ao poder é a burguesia que o enviou, ele não está mais com você, ele está com a burguesia e a burguesia não tem nenhuma consciência em si, é a consciência que poderia fazer as coisas correrem bem [...]. Quando o povo trabalha com um burguês, ele pagaria o que ele tinha que pagar. O "malere" (desgraçado) vai para o trabalho, ele [o burguês] pressiona os desafortunados, ele não paga e seus produtos são caros. Neste caso, não há consciência, o país está neste situação que você vê (Entrevista n. 38).

Por fim, para um polidor de sapato de quarenta anos que havíamos entrevistado em Porto Príncipe, não só a posse dos monopólios pela burguesia não lhe parecia algo a ser questionado como seria, do seu ponto de vista, de fato, base de auxílio para os mais pobres, como podemos observar nos extratos seguintes:

Meu caro, os burgueses são úteis para o país. Se não fossem úteis, 40% das pessoas de baixo não ganhariam nada porque são eles que têm os monopólios, quando compram (importam as mercadorias), você compra (esses bens) nas empresas deles [para vender] e você ganha 50 (cinquenta) gourdes. Se não houvesse o "grannèg" (burguês) na situação em que está o país, ele não cresceria, porque a massa de baixo, que monopólio tem? Ela [a massa] não tem um monopólio. São os burgueses que mantêm o país em pé, têm dinheiro, têm o monopólio, compram (importam), você compra nas empresas deles para vender e ganham 50 (cinquenta) gourdes. Eles são os únicos com o monopólio em suas mãos.

E não é um problema para você que os burgueses tenham monopólios e que sejam os únicos que podem importar os produtos?

Não, mas você não tem os meios, você não tem a franquia de comprar ... E principalmente ultimamente você deve ter muito dinheiro [...].

Seja como for, para mim, os burgueses trabalham bem, têm dinheiro, têm monopólios e é graças a eles que os "malere"[os desgraçados] ganham a vida. Eles funcionam muito bem, porque se não houvesse a burguesa a maioria dos haitianos, a massa, atualmente estaria implorando. Eles teriam se espalhado. Os burgueses são úteis ao povo, são eles que têm os ofícios, criam trabalho para o resto do povo. Os burgueses não fazem nada de ruim para nós (Entrevista n. 1).

Juntamente com essas considerações conciliadoras de certas categorias das classes populares sobre a posse de monopólios pela burguesia haitiana, apesar das

críticas feitas, muitos outros julgamentos igualmente conciliatórios merecem ser sublinhados. Há várias outras maneiras pelas quais alguém poderia explicar uma aceitação tácita das disparidades e desigualdades entre classes sociais por indivíduos das classes mais baixas. Uma delas seria a tendência à naturalização da situação social por parte de alguns indivíduos, como por exemplo no trecho já reproduzido alhures:

Bem, há realmente burgueses no Haiti? Ouvi uma entrevista que Liliane [Pierre Paul] (jornalista) fez ontem. São 5 (cinco) homens que mantêm o país sob suas garras, 5 (cinco) homens! Quando você é burguês? É quando as pessoas abaixo de você estão trabalhando mais ou menos. Só eles vivem de uma maneira fornecida e 95% das pessoas vivem na miséria e você é burguês? Vejo que você é o mais pobre, você sempre tem um dinheiro de segurança atrás de você porque sabe que está apenas explorando. Se no país, 5 (cinco) homens seriam responsáveis por não poder viver, não devemos esquecer, na cesta de laranja contendo 100 (cem) laranjas, se na cesta houver uma que corra o risco de apodrecer as outras, o que queremos salvar? O último ou os 99 (noventa e nove) outros? Os 99 (noventa e nove) outros. Então, para salvar os 99 (noventa e nove), o que precisa ser feito? É por isso que Jean-Claude Duvalier [o ditador] tinha uma perspectiva boa: se você me der o poder pelas armas, quando eu chegar ao poder, eu lhe executo, entende? Se houver apenas uma laranja que possa me fazer perder 99 (noventa e nove) outras, em uma cesta de 100 (cem), nós a eliminamos para salvar as 99 (noventa e nove). (Entrevista n.12).

Claramente, o Haiti é comparado a uma cesta de laranja contendo 1 (uma) laranja podre que pode contaminar outras para falar sobre os 5% de indivíduos privilegiados que impediriam o país de avançar, a solução que ele propõe explicitamente é eliminá-los para salvar o resto do país. No entanto, ainda sobre as classes sociais na sociedade, ele argumenta:

Você não vê nossos dedos, temos cinco dedos, cada um tem um tamanho diferente. O polegar não pode dizer que ele não quer ver o indicador, o indicador não pode dizer que ele não quer ver o dedo médio [assim por diante]. Eles estão todos aqui para viver juntos, eles são todos lá, para viver juntos, nenhum deles pode dizer que não precisa dos outros. Enquanto você faz a exclusão, você constrói inimigos. Todas as pessoas estão aqui, todas elas devem trabalhar do seu próprio jeito.

Por um lado, afirmando que devemos eliminar os burgueses que impedem o país de avançar, estaria assumindo uma posição totalmente revolucionária, se é que podemos dizer. Por outro lado, ele formula uma leitura totalmente conservadora naturalizando e biologizando a estrutura das relações sociais desiguais. Ou seja, apresenta uma apropriação a-histórica resultada de uma comparação com uma realidade natural biológica que, na verdade, não será diretamente alterada pelas ações humanas, especificamente falando das dimensões dos dedos das mãos. É o mesmo olhar sobre as relações entre grupos sociais que encontramos em um artesão entrevistado em Jacmel. Falando de classes sociais quando ele nos diz:

[...] sempre será assim, todos os dedos da mão não têm o mesmo comprimento. Todos os dedos não são do mesmo comprimento, mas quando você levanta uma carga, são todos os dedos que se unem para levar a carga, nenhum deles parece inferior comparado aos outros porque eles cooperam, você tem cinco dedos, e todos os cinco dedos cooperam porque quando todos eles agem juntos, apesar do fato de que há alguns que são menores que outros, mais longos, eles desempenham o mesmo papel (Entrevista n.37).

Portanto, a sociedade, assim como as relações que se desenvolvem entre os diferentes grupos que a constituem, seriam percebidas por eles de maneira análoga a uma mão, onde os dedos representam as classes sociais com todas as suas diferenças naturalizadas e que, apesar de tudo, devem viver em total harmonia. Do seu ponto de vista, é "outra forma de burguesia" que o país precisaria. E questionado sobre essa forma ideal, ele nos responde, falando do burguês: « Outra forma. Você faz o que tem que fazer, o que está em sua possibilidade. [Mas] não me impede de comer. Sua boca está aberta, você tem que comer, minha boca está dividida também, eu tenho que comer também. Não me proíbam de comer [...] » (Entrevista n.12). Nesse sentido, o que é problemático em relação à burguesia haitiana é menos a existência de diferenças, portanto desigualdades entre categorias sociais e os privilégios das classes dominantes, mas o modo como essas classes estariam no processo de gozar de sua posição privilegiada privando, por seu comportamento individualista, os mais pobres de seu direito à alimentação.

Posições similares foram encontradas nas declarações de um camponês, ex-líder político em sua localidade, que pronunciou sobre o tema da burguesia nos seguintes termos:

Mas o burguês [...], eu também os consideraria responsáveis. Qual seria a responsabilidade deles? Os burgueses estão em condições de ganhar dinheiro no país como bem entenderem, porque eles são os que importam e exportam. Não há um momento em que essas pessoas não estão ganhando dinheiro. [...] o que é pior para eles [os burgueses] é quando alguém tem que se tornar chefe de estado ou senador da República, eles nem precisam conhecer a pessoa [...], mas simplesmente porque ele diz que vai ajudá-los a ter franquias [...]. Se é aqui que eles encontram sua vantagem, seus interesses, então é normal que votem na pessoa de quem encontrarão seus interesses, mas não é assim que deve ser feito. Nós, pequenos camponeses, esperávamos que fossem essas pessoas [burguesas] que teriam falado por nós, mas elas mesmas não falam por nós, é uma questão de falar para seu próprio bolso. Eu diria que quando eles apenas ganham dinheiro, eles financiam candidatos, eles lhes dão dinheiro para fazer campanha, para blefar o povo, para realizar sua campanha, e uma vez eleitos, eles funcionários [eleitos] esquecem que eles vêm do povo e neste momento são as pessoas que devem pagar todo o dinheiro que gastaram [...].

Você diz que os burgueses se dão bem com os políticos [...], mas você também diz que eles devem ser a favor do povo?

-Mas, de fato, eles têm a oportunidade de ganhar dinheiro, a qualquer momento, do povo. Eles exportam, importam. Essas pessoas não são pessoas que não ganham dinheiro. O dinheiro que eles estão ganhando, eles podem manter, mas eles não precisariam acabar com as pessoas de uma só vez.

Por que eles deveriam ser a favor do povo?

-Devem ser a favor das pessoas porque elas também são humanos. Eles vivem no meio do povo, e as pessoas são em maioria comparadas com os ricos. Se você observar, você encontrará os burgueses, aqueles que são ricos, a elite econômica, mas, eles não seriam mais do que 5%, e você verá o resto, os 95% são pessoas que vivem em situações difíceis. Você entendeu? Mas por que, se temos todas essas pessoas, e eu não sei se devo protegê-las e quando as protejo, sei que Deus está comigo (Entrevista n.21).

Em outras palavras, seria, por assim dizer, como outro entrevistado havia dito anteriormente, o exagero na exploração e/ou privação dos direitos da classe trabalhadora, que é atribuída à burguesia e não o fato de existirem desigualdades em si que eles estariam questionando.

Por fim, trata-se de uma leitura profética que leva a uma aceitação tácita da realidade social não só desigual, mas também porque a situação social global só se agrava dia a dia. Para vários entrevistados não valeria a pena perguntar sobre os eventos e a evolução da sociedade haitiana porque não seria nada mais do que o puro cumprimento das profecias bíblicas. Foi o caso de um comerciante, entrevistado em Delmas, que nos respondeu assim a uma pergunta: « Na verdade, eu, vejo que depois desses tempos, vejo que não tem mais nada, estamos no último tempo. Estamos no último momento. Não é uma questão do Haiti, é do homem (humanidade), porque o que está aqui, também existe em outros países [...] » (Entrevista n.15). Ou, segundo outro comerciante, entrevistado em Léogâne:

Para algumas coisas, diz-se que são as pessoas de cima, às vezes é verdade, outras vezes não é verdade. E há algumas coisas que devem acontecer. Há coisas que acontecem nestes últimos dias, elas deveriam acontecer, caso contrário a Bíblia estaria mentindo. Enquanto a pessoa estiver no andar de cima e já tiver decidido, as pessoas de baixo não podem fazer quase nada (Entrevista n.25).

A mesma leitura teológica é verificada no único entrevistado que terminou seus estudos universitários, mas que ganhou a vida como motorista nas ruas de Porto Príncipe:

Os líderes não gostam do país [...] que todos agem pelo bolso. A Bíblia disse que eles estão cuidando de suas riquezas, com o objetivo de deixar milhões de milhões para seus filhos e netos. [...] é bíblico, mas não é só sobre o Haiti, isto é, vai acontecer em todo o mundo, onde os líderes não se importam mais com as pessoas, eles verão apenas o seu bolso (Entrevista n.18).

Em suma, a pergunta a ser feita em relação a essa situação que expusemos não seria se as classes trabalhadoras percebem ou não as injustiças, as desigualdades entre os grupos da sociedade, pois as várias declarações que reproduzimos testemunham suas percepções dessas realidades, mas a pergunta a ser feita é preferencialmente a partir de que visão do mundo em geral essas realidades são percebidas? Sua desapropriação do capital cultural necessário leva a um forte mal-entendido da realidade referente aos relatórios de exploração no mundo, o que os fazem acreditar que a situação de exploração e desvalorização vivida no Haiti resultaria de um comportamento totalmente singular da oligarquia haitiana. Ignorância da situação atual no mundo e a lógica específica das relações sociais capitalistas que alimentam a crença em uma imagem totalmente positiva da burguesia como grupo social. As classes populares haitianas parecem certamente críticas em relação à burguesia, mas seus críticos estão longe de tomar o caminho de questionar a posição privilegiada das classes dominantes e a possibilidade que elas mantêm de influenciar significativamente as condições de vida de outras categorias sociais. O conjunto de diferenças, isto é, as desigualdades, a partir de várias lógicas, seria tacitamente tolerado ao ser percebido como normal. O problema, e que é de fato sublinhado de maneira fundamental, é o exagero da burguesia no gozo de seus privilégios que priva as categorias mais pobres do mínimo necessário para sua subsistência, conseqüentemente, o outro elemento ainda implícito e muito significativo nessas críticas, é a ausência de consciência e de fraternidade que caracteriza o comportamento da burguesia em relação às classes pobres cuja ajuda é vista como um dever decorrente da posição burguesa.

4.3.3.2.2 O dever de solidariedade das categorias privilegiadas e a sociedade tradicional haitiana.

Convidadas a expressarem sua opinião sobre como a burguesia deveria agir em relação ao resto da sociedade haitiana, algumas pessoas simplesmente responderam que a burguesia deveria criar trabalho, para outras há um dever para que a burguesia ajude os mais pobres com intervenção direta, com ou na ausência do Estado, para resolver certos problemas sociais enfrentados pelas classes mais desfavorecidas.

Quadro 8 - O comportamento ideal dos burgueses segundo os entrevistados.

- Pergunta: Como eles devem agir (para o resto da sociedade) em sua opinião?	
Percepções	Quantidade de sujeitos
Se houvesse um hospital para construir, acho que eles poderiam ajudar (pedido de solidariedade/ assistencialismo)	1
Se o burguês tivesse escolhido a opção de fazer o bem, ele teria todo o povo com ele (maldade burguesa)	1
Com o resto da sociedade, criar trabalho	3
A burguesia deve valorizar os pobres na sociedade (pedido de reconhecimento)	2
Ele tinha que ter caridade (pedido de solidariedade)	1
Nós nos unimos; Eles deveriam se unir aos de baixo (clamor por união)	5
Você tem mais de uma pessoa abaixo, ajude-a (pedido de solidariedade)	3
Não envergonhe os "malere"/ miseráveis (pedido de reconhecimento)	1
Não impeça os outros de comer	2
Os burgueses deveriam pensar [saber] que a população também é humana (pedido de reconhecimento)	1
Cabe a eles nos ajudar (pedido de solidariedade)	1
Eles não deveriam agir como um colono com os trabalhadores	1
Eles deveriam ser a favor do povo que eles (sic) também são humanos (pedido de reconhecimento)	1
O papel da burguesia é forçar o estado a trabalhar	1
Eles deveriam ter consciência (solicitação de conscientização)	4
Eles deveriam ter fraternidade (pedido de solidariedade)	1

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Os pedidos por solidariedade e reconhecimento são os dois tipos de opinião que dominaram as respostas dos entrevistados. Nas páginas a seguir, expomos e analisamos essas opiniões com o objetivo de aprofundar as representações das relações sociais pelas classes trabalhadoras e uma maior compreensão das disposições que determinam seu comportamento.

Vários entrevistados nos responderam nos seguintes termos:

Eu tenho a impressão que falta alguma coisa à burguesia, falta alguma coisa ... Quem tem os meios deve ajudar o pequeno "malere" (desgraçado) que não tem nada na mão. Eles devem criar trabalho, ajudar as crianças de rua que não podem [...]. Ajudar as famílias que não podem, as crianças que não podem ir à escola [...] ajudar uma série de pessoas, é o que eu poderia ver, crie trabalho; quem está lá embaixo pode trabalhar para viver com sua família. (Entrevista n.4)

Como eles devem agir? Há algo chamado caridade [...], eles deveriam ter caridade. Porque eu te digo..., a caridade? Por exemplo, na área, não há centro de saúde; para consultar um médico aqui, você precisa gastar muito dinheiro para ir a um médico.

Mas se os burgueses fossem pessoas que tivessem caridade e os governos também estivessem entendendo as pessoas, eles conversariam e diriam que existe uma zona que exige tal coisa. E é isso que tornaria capaz de conceder a eles esse privilégio, mas eles não têm caridade, eles não têm. Eles não farão isso. O burguês do seu lado, se agora ele tem US \$ 50.000, gostaria que esses US \$ 50.000 lhe permitissem ganhar US \$ 200.000 no mesmo dia. E para garantir que US \$ 50.000 lhes dê os US \$ 200.000, você é o "malere" (desgraçado) que acordou com US \$ 20, são seus US \$ 20 que ele procurará uma maneira de pegar de suas mãos e adicionar sua parte a dele. Você ficará sem nada (Entrevista n.10).

Meu caro, nós nos unimos. Você que tem mais de uma pessoa abaixo de você, ajude-a. Não o humilhe. Na minha opinião, vejo que as pessoas que estão mais altas do que as que estão abaixo.... Se, por exemplo, você tem uma empresa, eu poderia dizer que vou ver esse senhor para ver se ele não tem um emprego [...].Você deve colocar a cabeça no lugar e dizer que minha mãe era pobre, meu pai era pobre, ela também pode ser pobre, deixe-me dar esse salto para mim e eu darei a ele 50 (cinquenta) gourdes, eu darei a ele 100 (cem) gourdes. (Entrevista n.11).

Ajuda de que maneira? A pessoa não tem muitos meios, terminou seus estudos [clássicos] e não pode se dar ao luxo de ir para a universidade. O que você poderia fazer? Você diria para si mesmo: deixe-me suportá-lo, você que tem mais meios do que ele, deixe-me ajudá-lo. É assim que seria na minha opinião. É assim que seria bom evitar as violências. Porque se os pobres não possuem nada, cabe a quem tem ajudar, certo? Se os pobres não têm nada, devem ser ajudados (Entrevista n.11).

De acordo com um pequeno lojista de 30 anos entrevistado nas ruas da capital haitiana :

ENTREVISTA N. 2
Bem, os haitianos não têm o mesmo temperamento que as pessoas de outros países. Pessoas que têm muito, os burgueses, acho que eles teriam visto os haitianos se unirem e se há um hospital para construir, quando você tem muito, acho que eles deveriam ter um coração também. Eu acho que eles veriam que se o estado está construindo um hospital e eles vêem que há um pequeno problema de ajuda, eu acho que eles poderiam ajudar, mas pelo jeito vejo que até mesmo a justiça que temos não se preocupa com os "malere" (desgraçados), além de não haver hospitais, nem comida.
Por que você acha que a burguesia deve apoiar aqueles de baixo?
Sim, <i>ele [o burguês] deve apoiar aqueles de baixo</i> . Mas isso não significa que os de baixo devem subir ... você sabe que a burguesia nunca deixará os de baixo subir para tomar o seu lugar, <i>mas é perfeitamente normal que os burgueses apóiem os das classes mais baixas</i> , porque se ela nos deixar assim, nós morreremos.
Por que você acha que seria seu papel apoiar as pessoas de baixo?
Oh! Bem, é amor, é por isso que eu te disse que os haitianos não têm amor, se nós tivéssemos amor em nós, não deveríamos ter burgueses e pobres, todos nós devemos ser "egal-ego" [ser o mesmo, ser igual].
Por que você acha que devemos ser iguais?
Se não somos iguais ao ego (semelhante), é porque não há trabalho.
Você disse que se houvesse amor ?
[...]"Nou tout se moun" (somos todos humanos) somos todos iguais, não vejo o que os burgueses possuem o que os "malere" (desafortunados, desgraçados) não têm. Eu não vejo isso, é apenas o dinheiro que eles têm e eles fazem o que querem. É só aquilo que nos diferencia dos burgueses.

Fonte: pesquisa de campo pelo Autor (2019)

Na crítica dirigida à burguesia é implicitamente expressa a condenação por uma violação do dever que equivaleria a sua posição. Isso é o que ainda podemos extrair

de outra entrevista conduzida no Carrefour, com outro pequeno lojista de cinquenta anos que, do seu ponto de vista, o burguês:

[...] *deve se preocupar com quem é menor [o mais pobre, o mais necessitado], quem não tem nada, [...]. Eles devem pensar naqueles que não têm vistos e que não podem viajar, "li se moun tou" (ele também é humano), ele deve ser capaz de viver como "moun" (humano) ... No Haiti, as pessoas são obrigadas a deixar o país para ir para o estrangeiro, porque no exterior eles vivem como "moun" (humano).* (Entrevista n.6).

Finalmente, um vendedor de créditos telefônicos, entrevistado nas ruas de Porto Príncipe, argumenta: « Os burgueses no Haiti, vocês já sabem que os burgueses estão em nossas cabeças. *Cabe a eles ajudar-nos* » (Entrevista n.16).

Como explicar essas representações que as classes populares haitianas fazem da relação que as liga às classes dominantes? Como explicar que, apesar de estarem sujeitos às injustiças da oligarquia haitiana e que criticam, as classes populares não só implicitamente aceitam a existência da estrutura desigual da sociedade, mas também expressam essas posições conciliadoras e cheias de expectativas de uma consciência por parte da burguesia com vista a melhorar o seu dia-a-dia?

Diante das afirmações apresentadas e das respostas às perguntas que formulamos, procuraremos reconstruir, a partir de suas origens, seus padrões de percepção que podem explicar que essas posições sejam « organizadas [...] objetivamente como estratégias, sem que sejam, de modo algum, produto de uma visão verdadeira intenção estratégica (o que implicaria, por exemplo, que eles são entendidos como uma das várias estratégias possíveis) » (BOURDIEU, 2000, p.257). Em outras palavras, qualquer « ciência das representações do senso comum que pretenda não ser reduzida a uma mera descrição tem como pré-condição a ciência das estruturas de comando e práticas e representações concomitantes [...] » (BOURDIEU, 2000, p.237). Portanto, qualquer explicação dessas representações das classes populares das relações sociais na sociedade haitiana hoje impõe encontros e estabelecimentos de conexões entre as estruturas do passado a partir das quais todos os valores específicos da cultura popular e as atuais estruturas objetivas das quais desenvolvem suas práticas cotidianas (BOURDIEU, 2000, p.262-263).

As primeiras instituições específicas do haitiano rural e popular, a partir das quais serão desenvolvidas toda a sua cultura, seus valores e sua relação particular com o mundo, que já foi referido ao analisar seu pedido de unidade entre os políticos foram

formadas durante o século XIX, em um contexto nacional e internacional particular. O Haiti se tornou independente em 1804, o novo Estado está empenhado em resistir às agressões dos poderes colonizadores, pelas quais era inaceitável acomodar a existência desse estado independente perto de suas colônias ainda povoadas por "escravos". Enquanto as classes dominantes da época tentavam construir instituições que garantissem a autodeterminação de um território emergido de uma colonização onde « não havia sistema de educação e saúde pública, e nenhum sistema judicial » (CASIMIR e HECTOR, 2003-2004, p.39), por sua vez, « os africanos vêm de grupos étnicos com hábitos e costumes diferentes [...]. [E eles] devem apresentar soluções ainda mais inovadoras, pois as instituições que apóiam as organizações familiares de onde originam não trabalham em Santo Domingo » (CASIMIR e HECTOR, 2003-2004, p.39-40). É neste contexto, fugindo das plantações do sistema colonial que essas populações de origem africana construíram um sistema completamente diferente, com suas próprias instituições e valores, que Casimir chama de *sistema de contra-plantação*, a partir do *lakou*.

« [...] o *lakou*, sede da família extensa [unidade de assentamento que vai além da família nuclear judaico-cristã] e local de solidariedade da linhagem [é] local de residência e trabalho [...]. É uma comunidade estabelecida a partir de um chefe de família, o proprietário inicial de uma propriedade » (CASIMIR e HECTOR, 2003-2004, p.41).

Ainda mais significativo, « Acima de tudo, a solidariedade de linhagem fornece alguma proteção social, reabsorvendo formas agudas de pobreza, especialmente durante o período de pico da sociedade camponesa » (CASIMIR e HECTOR, 2003-2004, p.41-42). Dizemos mais significativo porque tudo nos leva a crer que o papel protetor desempenhado pelo *lakou*, a partir da lógica de funcionamento de suas relações internas, seria um dos pontos fundamentais dos quais é necessário entender uma parte essencial da visão do mundo das classes populares haitianas. De fato, primeiro, neste sistema, « a igualdade entre os participantes é o corolário do automatismo da regulamentação, porque qualquer desigualdade baseada em um acúmulo significativo de riqueza por um ou outro cidadão leva inevitavelmente sobre um desequilíbrio no controle do poder » (BARTHÉLEMY, 1989, p.29). E segundo, « A família [constituindo] o núcleo coerente, a unidade básica [do sistema], é essencialmente através da educação familiar e do correspondente condicionamento do indivíduo que o sistema garante o estabelecimento dos elementos do jogo auto-regulador » (BARTHÉLEMY, 1989, p.30-31). Finalmente, tudo isso nessa « [...] solidariedade de

fato, essa estratégia de ajuda mútua para garantir a sobrevivência [que] não vai além da estrita troca de serviços, [mas] é um tipo de desenvoltura gerenciada em comum para que todos possam lidar melhor com suas próprias obrigações » (BARTHÉLEMY, 1989, p.41-42). Nesse sentido, temos que enfatizar que não há questão em que o grupo responda plenamente às obrigações e deveres que cada indivíduo deve cumprir. O grupo interviria apenas como apoio.

No final, que norma fundamental deriva desse sistema para as comunidades desfavorecidas? Para responder, seria necessário resumir a análise muito penetrante de Casimir da palavra "malheureux" (pobre) [malere em crioulo] (pobre, desgraçado, desfavorecido) (CASIMIR, 2018, p.336)⁷⁸, que, como vimos, é muito frequente e repetida nas declarações dos indivíduos que entrevistamos. Sublinhar e entender a análise produzida por Casimir, não retorna aqui a uma apropriação total de sua perspectiva, mas ela nos fornece simplesmente uma excelente descrição da lógica estrutural de formação das disposições das categorias sociais populares decorrentes da sociedade tradicional haitiana.

Em primeiro lugar, Casimir observa:

[...] a palavra evoca uma ausência de relação entre o estado ou o status da pessoa (seu livre arbítrio, sua história, seus desejos, sua coragem) e a realidade de sua vida para todos os dias. Supõe um acidente deplorável na origem de uma situação na qual a vítima não tem poder (CASIMIR, 2018, p.337).

Mas esse acidente, apesar de tudo, « não afeta a vítima em sua essência e em sua definição. Não implica uma atitude de resignação. O termo sugere a descoberta de uma situação extraviada e a vontade de lidar com ela em autonomia, dignidade e orgulho » (CASIMIR, 2018, p.337). Portanto, « a vítima conserva o seu direito ao respeito e se torna um objeto de maior admiração se ela se mostra imperturbável pela adversidade. [No entanto], seu esforço pessoal, embora indispensável, não é decisivo na reversão de seu infortúnio » (CASIMIR, 2018, p.337). Em segundo lugar, Casimir nos diz: « Assim como o "guigne", a boa sorte não deve afetar a interface com os outros »

⁷⁸ "A palavra "malere" (miserável) é o termo genérico usado pela linguagem crioula para descrever quem vive em precariedade, do escravo ao fazendeiro, passando pelo trabalhador, o artesão, a viúva, o órfão ou o aleijado. A centralidade desse conceito é sugerida pelo primeiro livro de história haitiano escrito por um haitiano, **Le système colonial dévoilé** do Baron de Vastey (1814), onde ele usa a palavra quase 90 vezes nas 100 páginas de seu texto. Mas, duzentos anos após a publicação deste estudo, o termo ainda identifica a maioria da população e continua sendo um conceito-chave do pensamento e conhecimento popular.

(CASIMIR, 2018, p.337). Em outras palavras, na comunidade dos desfavorecidos, será muito provável, como no tempo da colônia, que exista "*malere*" (desgraçados) libertos, tal qual um dos escravos se libertou do jugo da escravidão, mas, em sua atual posição de homem livre, ou seja, o miserável que a boa sorte tenha protegido da desgraça coletiva, tem uma armadilha que deve ser evitada a todo custo. A armadilha seria mudar, a salvo do infortúnio, "a relação de solidariedade" que o ligava aos companheiros. Não tem, porém, que se abster de tirar proveito dos privilégios de sua posição de liberto, « o que [...] seria absurdo. É uma questão de não internalizar as premissas que podem levá-lo a modificar as relações de solidariedade e reciprocidade com outras pessoas desfavorecidas » (CASIMIR, 2018, p.337-338). Portanto, o que deve ser lembrado é que « fundamentalmente o objetivo da emancipação individual contradiz o interesse da comunidade dos miseráveis » (CASIMIR, 2018, p.337-338). Por fim, « entenda-se que a ação militante dos miseráveis não visa mudar uma situação fora de controle, mas fortalecer a solidariedade nessa situação, ou seja, enfrentar [esse] infortúnio persistente » (CASIMIR, 2018, p.339). Concluindo, diante dessa restrição à comunidade como um todo, a resposta mais lógica, ou seja, a mais razoável, é trabalhar, em primeiro lugar, para a consolidação máxima dos vínculos de solidariedade interno ao grupo.

É seguindo esta linha de raciocínio que, em nossa opinião, é necessário apreender o que poderia ser chamado de *norma fundamental* da sociedade tradicional haitiana ou *regra não escrita*, mas imanente, para citar Gérard Barthélemy, que resume na seguinte frase: « "Você não vai se diferenciar", especialmente em detrimento do grupo » (BARTHÉLEMY, 1989, p.33). Norma básica do mundo rural haitiano, ou regra imanente não escrita que pode ser considerada (para a sociedade como um todo) a expressão de:

[...] "*estratégias éticas*" [de educação familiar] que visam inculcar a submissão do indivíduo e seus interesses ao grupo e seus interesses mais elevados, que, como resultado, cumprem uma função fundamental de garantir a reprodução da família, que é ela própria o "sujeito" das estratégias de reprodução. (BOURDIEU, 1994, p.5-6).

Sendo a regra imanente a garantir a reprodução da sociedade que determina o conjunto de estratégias educacionais que visam instilar em todos os membros da comunidade o "espírito de comunidade", « esse princípio cognitivo de visão e divisão [que] é ao mesmo tempo princípio prático da coesão, gerador de devoção, generosidade, solidariedade e uma adesão vital à existência de um grupo e seus interesses »

(BOURDIEU, 1994, p.11). É a partir dessa norma que a comunidade tradicional haitiana constrói sua « *ficção social* que é instituída na realidade à custa de uma obra que visa estabelecer de maneira duradoura em cada um dos membros da unidade instituída, [...] sentimentos para garantir a integração dessa unidade e crença no valor dessa unidade e sua integração » (BOURDIEU, 1994, p.11). Em outras palavras, que podemos considerar como fonte de constituição *das disposições* das pessoas que foram socializadas nessas estruturas, ou seja, o *habitus* delas.

Na medida em que essas comunidades "tradicionais" são « sociedades sem mercado autorregulado » [BOURDIEU, 1976b, p.122], ou seja, não são com relação como nas sociedades amplamente diferenciadas, « [...] o capital é muito menos objetivado (e codificado) [...] e muito menos inscrito em instituições capazes de garantir sua própria perpetuação e contribuir com sua operação para a reprodução de relações de ordem constitutivos da ordem social » (BOURDIEU, 1994, p.9). Como já apontamos, desde a colonização, uma peculiaridade da metrópole francesa é que ela não estabeleceu, no território colonizado, exceto a polícia, nenhuma das instituições administrativas da "modernidade", seja « educacional, sanitária ou judicial » (CASIMIR e HECTOR, 2003-2004, p.39 citando PLUCHON, 1991)⁷⁹. E mesmo após a independência, o mundo rural haitiano permanecerá completamente desprovido, como observou Gérard Barthélemy, « [...] as estruturas existentes são precárias, personalísticas, ou seja, baseadas mais no indivíduo e em relações de estrita reciprocidade interindividual apenas com a instituição » (1989, p.30). Consequentemente, especialmente no caso dos dominantes, sua posição lhes impôs *estratégias de investimento simbólico* (BOURDIEU, 1994, p.6)⁸⁰, muito particular através das quais, eles tiveram que « [...] dedicar-se a uma obra de criação continuada relações sociais, reduzidas a relações pessoais » (BOURDIEU, 1994, p.9), para sua própria reprodução como dominante.

Esse conjunto de investimentos simbólicos dos dominantes, mesmo que parecesse *a posteriori* ou aos olhos de um observador externo, extremamente

⁷⁹ "Marâtre realizado, a França leva tudo sem nunca dar nada, um caso único na história européia da colonização" (Pierre Pluchon, **Histoire de la colonisation française, T.I. Le premier empire colonial. Des origines à la Restauration**, Paris, Fayard 1991, 1004).

⁸⁰ « *Estratégias simbólicas de investimento* são todas as ações que visam preservar e aumentar o capital de reconhecimento (nos diferentes sentidos), favorecendo a reprodução dos padrões de percepção e valorização mais favoráveis por suas propriedades e produzindo as ações provavelmente que sejam avaliadas favoravelmente de acordo com essas categorias ».

interessado ou inversamente como não necessário, portanto excessivo, seria de fato uma cumplicidade total com o a regra mais rigorosa, embora não escrita, da comunidade rural haitiana. É nesse sentido que o *Kombit* ou *coumbite*, um dos modos de relações coletivas de trabalho entre camponeses, baseado na cooperação, por um lado, tem sido muitas vezes louvável apresentado por diferentes observadores, nos quais, alguns vêm « uma das maiores manifestações de solidariedade na zona rural do Haiti. De fato, essas organizações fundadas com base no comunitarismo pregam ajuda mútua em seu modo de operação. [Ou ainda] uma manifestação óbvia da alma haitiana » (ZIDOR, 2017). No entanto, por outro lado, outros estudos revelaram que a resistência ao trabalho assalariado que foi a fonte dessas relações de trabalho no mundo rural haitiano « só foi possível porque essas estruturas assumiram com o mínimo de contradições, ao mesmo tempo, as relações pré-capitalistas de ajuda mútua e as relações de trabalho assalariado mitigadas pela persistência do clientelismo e das relações de dependência » (SACAD, FAMV, 1993, p.247). Por outro lado, o *Coumbite* responderia a « uma espécie de tradição de prestígio, ruínosa para o pequeno agricultor que, por emulação ou desejo de aparecer, não hesita em envolver boa parte da colheita futura organizando uma tarefa espetacular [...] » (DORVILIER, 2102, p.126, nota 36). Uma *fórmula ruínosa* ou uma *prática antieconômica*, na medida em que se permite não analisá-las efetivamente, mas produzir um julgamento que se baseia na racionalidade moderna. Ainda, do topo de um certo etnocentrismo escolástico que « [...] leva a cancelar a especificidade da lógica prática, assimilando-a, mas de uma maneira fictícia e puramente teórica, [...] tanto referindo-se à alteridade radical, à inexistência e ao não valor do "bárbaro" ou "vulgar" » (BOURDIEU, [1997] 2003, p.77-78). Aqui, nossa preocupação, que deve ter sido uma das reflexões cientificamente pretensiosas, não é julgar por qualquer postulado fundamental da racionalidade ou de uma utilidade estritamente econômica essas práticas do mundo rural haitiano, mas tentar uma representação da origem dos padrões de percepção das relações sociais das classes populares que se socializaram a partir dessas estruturas tradicionais. Como reintegrar tudo isso no contexto de nossa reflexão sobre a percepção das relações sociais pelas classes populares haitianas que as levaram à aceitação tácita das desigualdades, enquanto criticavam abertamente o individualismo das classes dominantes (políticas e econômica) e recordar o dever de solidariedade entre os mais favorecidos em relação aos menos favorecidos?

Achamos que é importante concordar que, estruturalmente, apesar da integração, que é já extremamente marginalizante [ou *une intégration-excluante* (DOURA, 1998, p.13)], da sociedade haitiana na globalização neoliberal, as classes dominantes haitianas (políticas e econômicas) não elaboraram nenhuma política pública de reconhecimento dos direitos⁸¹ da maioria da população que as inserissem em outras relações, com base em outras lógicas de vida, que poderiam ter mudado relativamente suas visões⁸² de mundo. Abordada de maneira totalmente aleatória, a maioria de nossos entrevistados são indivíduos nascidos fora da capital haitiana e que em sua maioria provêm de uma região rural do país. Além disso, ainda em sua maioria, eles nem conseguiram completar o ciclo do ensino médio e nem tiveram a oportunidade de iniciar estudos universitários.

A urbanização vinculou « grupos com diferentes tradições e enfraqueceu as verificações cruzadas, ou a mera "*dépaysannisation*" que determina a generalização das trocas monetárias e a introdução de salários [...] » (BOURDIEU, 1976, p.131, nota 28), ao basear sobre outras fundações os relatórios diários, teria podido mudar alguns elementos fundamentais da lógica da cultura tradicional haitiana. Ela foi um fracasso total. A migração interna através do êxodo rural, que infla a população das cidades haitianas no dia a dia, não resultou de nenhum processo de integração significativa dos cidadãos nas relações formais de trabalho baseadas na industrialização bem-sucedida nas regiões do mundo urbano ou de uma industrialização agrícola. É simplesmente uma questão de « [...] deslocamento setorial em detrimento do ramo agrícola. Esse deslocamento pode simplesmente ser caracterizado por uma mudança na ocupação de grande parte da população » (PAUL *et al*, 2010). Em conclusão, a saída da vida camponesa para a maioria da população só levou a uma integração às margens do mundo urbano. Em relação às atividades econômicas é a informalidade que permanece dominante ou, em termos de condições de moradia, é a vida das favelas.

É nesse sentido que, como nenhuma mudança estrutural resultou em um aumento significativo no padrão de vida da maioria da população haitiana, as relações familiares e de vizinhança continuam sendo os principais pontos de apoio que podem

⁸¹ « Direito à educação formal de qualidade; direito à moradia, direito ao trabalho decente etc. ».

⁸² Aqui, estamos apenas observando o que poderia ter sido realizado, mas que não foi, sem julgar e se posicionar, dizendo que o que deveria ser feito, (DORVILIER, 2011) e afirmar que as classes dominantes teriam perdido uma certa vocação [como "elite"] para inculcar as "luzes da modernidade" à população rural do Haiti para sair da barbárie de sua caverna tradicional.

ajudar para enfrentar o infortúnio da vida cotidiana. A transferência de fundos da diáspora haitiana, por exemplo, no valor de mais de 2 bilhões de dólares americanos por ano durante décadas, é uma das principais fontes de renda para grande parte das famílias haitianas. Como resultado, essas relações também se tornam locais de reativação, onde se perpetuaram os esquemas de visões e ações da cultura tradicional haitiana e em total união com a ilusão contida em seu pensamento simbólico que tende a « colocar a explicação dos mecanismos funcionais das relações com a natureza e as relações sociais, fora de seu campo específico » (HOUTART e RÉMY, 2000, p.166), como foi enfatizado na análise da questão política. Aqui, para pensar nas relações que as unem à oligarquia, as classes trabalhadoras têm apenas, mais uma vez, a *lógica prática*, a regra implícita da sociedade tradicional.

Em conclusão, o que deve ser entendido é que a antiga comunidade de *lakou* e/ou todos os *lakou* do mundo rural teriam se expandido, no imaginário da maioria das classes populares, até a comunidade que a nação haitiana deveria constituir agora. Isso teria a primeira consequência, e como um dos aspectos das disposições das classes populares, de evacuar a possibilidade de pensar o relacionamento entre grupos com base em uma *lógica de conflito*. Principalmente porque é a comunidade nacional como um todo que deve ser questionada e não seus grupos, com suas características particulares, com suas desigualdades de condições, que de outro modo seriam naturalizadas a partir de uma *apropriação doxica* da realidade (BOURDIEU, [1997] 2003, p.332-333)⁸³. Por outro lado, se com essa *apropriação doxica*, as diferenças sociais, a posição social dos membros da oligarquia e de qualquer indivíduo que tenha feito uma certa mobilidade ascendente que os coloque, relativamente, fora da *situação de infortúnio*, não estão diretamente questionadas, ela não dispensa o respeito à regra fundamental. Um respeito pela norma que não os impede de usufruir plenamente dos privilégios de sua posição, mas que condena seu comportamento totalmente individualista, que modifica suas relações com o resto da comunidade, percebido por outros que são ainda prisioneiro do infortúnio, de *não reconhecimento de sua dignidade*, de *sua humanidade*. Esse é todo o significado do chamado *dever de solidariedade* lançado pelas classes populares às classes dominantes haitianas.

⁸³« [...] assegura a submissão incondicional da ordem dominada à estabelecida, implícita na relação doxica com o mundo, uma adesão imediata que torna as condições de existência as mais intoleráveis (do ponto de vista de um habitus constituído a outras condições) a salvo de ser questionadas, de ser desafiadas ».

4.3.3.2.3 Visões comunitárias e pedido de reconhecimento

Um dos primeiros erros que se poderia cometer em tal pesquisa seria acreditar que estruturas mentais moldadas a partir das estruturas objetivas da sociedade tradicional teriam deixado de influenciar totalmente no presente as ações e tomadas de posições das classes populares haitianas, ou seja, essas estruturas não seriam mais uma fonte de *esquemas de percepções* que devem ser mobilizadas. De fato, quando questionados sobre a educação dentro da família, os entrevistados foram numerosos e suficientes para recontar estratégias educacionais através das quais seus pais já estavam tentando afastar de suas mentes todas visões individualistas desde a infância, preocupados em lhes inculcar a regra do cuidado em colocar os interesses da família (da comunidade) à frente dos interesses particulares. Nesse sentido, para alguns entrevistados, essas estruturas subjetivas internalizadas foram explicitamente as referências invocadas para ilustrar suas posições. Finalmente, algumas opiniões descrevem implicitamente o fato de que, devido às suas condições atuais, seja necessária, em suas atividades econômicas e/ou na vizinhança imediata, a prática da vida comunitária.

Em outras palavras, os esquemas de percepção atrelada à visão comunitária foi relativamente perpetuada no imaginário das classes trabalhadoras durante suas trajetórias de vida. Primeiro, porque faziam parte da lógica prática instituída a partir da socialização primária dessas categorias sociais, como na história de um agricultor entrevistado em Fonds Oie (uma seção comunitária de Léogâne) que exterioriza a maneira como sua mãe o ensinou a comer com seus irmãos e irmãs (Entrevista n.22):

[...] *minha mãe sempre nos dizia que devemos conviver (ou seja, viver em solidariedade)*. Quando uma refeição foi preparada, somos quatro [crianças], minha mãe colocou quatro pratos, ela nos fez comer juntos o conteúdo de cada prato, um após o outro. *Minha mãe sempre me disse que precisamos ter o espírito de compartilhar*, como resultado, me tornei um *grand don* [um notável] na área em que moro. Assim que eu pronunciar uma única palavra, toda a família se encontrará. Qual é o motivo? *Eu me comporto bem com eles, tudo o que me pertence é deles, eles podem vir aqui e podem levar isso ou aquilo que me pertence, sem medo de que eu fique zangado com eles depois*. Eles sabem que eu não vou ficar com raiva⁸⁴.

⁸⁴ Não devemos ser ingênuos demais para acreditar totalmente que ele seja verdadeiramente tão generoso quanto afirma. Mas todas essas declarações que relatamos têm o valor de demonstrar, por um lado, não apenas o processo de inculcar a regra da comunidade nos indivíduos, mas também, por outro lado, pelo simples fato de afirmarem uma ação com base nessa lógica, esses cidadãos expressam seu reconhecimento do *capital simbólico*, ou seja, o *prestígio* que pode ser extraído da comunidade, respeitando esses princípios, mesmo que na prática os entrevistados que nos informam se comportariam

Ou como um motorista de transporte público nos contou em Porto Príncipe (Entrevista n.17):

[...] desde a sua infância, com seus irmãos e irmãs, seus pais lhe dão treinamento para aprender a viver com eles. Se um de nós usa calça e outro a tira, você não deve insultá-lo, não pode pedir que ele a tire. Ou seja, essas são formações que seus pais lhe dão para que você possa viver com seus irmãos. Você deve poder viver com seus irmãos e irmãs. Tudo o que você possui pertence a eles também. Você tem cinco (5) gourdes no seu bolso, você pode dar duas (2) gourdes. É assim que você é ensinado a viver. É em sua casa que você precisa aprender a viver para viver com um amigo.

Em ambas as histórias, seja em uma refeição sem personalizar individualmente os pratos ou no uso coletivo de calças, existe a rejeição de uma certa cultura de posse individual e/ou supervalorização dessa propriedade individual à custa do relacionamento que conecta você aos seus colegas e afins que continua sendo questão central.

Segundo, porque a família como primeiro espaço da vida « é o [...] lugar privilegiado da objetivação dos padrões geradores e, através das divisões e hierarquias que estabelece entre as práticas, esse sistema de classificação está inculcando e reforçando continuamente os princípios da classificação constitutiva da arbitrariedade cultural » (BOURDIEU, 1980a, p.129), como disse esse motorista, *"é em sua casa que aprende a viver com os amigos"*. Essas *lógicas de ação* continuam sendo as referências fundamentais de certos indivíduos no contexto de seu relacionamento com seus vizinhos.

Quanto a uma vendedora de roupas usadas que entrevistamos em Porto Príncipe, esta nos contou o significado de suas próprias ações a partir de suas memórias daquelas de seu pai (Entrevista n.5):

Falando de viver [de compartilhar com as pessoas], meu pai gostava de viver tanto com os outros. Quando meu pai estava no campo, durante a época da colheita, em dezembro, meu pai procurava pessoas vulneráveis, ele as chamava e ele lhes dava muitos produtos de seu jardim e dizia aos outros que eles podiam levar seus animais para a terra dele, onde encontrariam comida. Ele lhes deu como presente. Ele sempre nos disse que isso se chama *"savoir-vivre"*. *Quando você possui e um outro não, você compartilha com ele. E eu, é por isso que na maioria das vezes a pessoa, desde que ela não tenha nada, eu compartilho [...] com ela porque é o que se chama vida, entendeu? [...] a pessoa que você ajudou não é quem vai te recompensar, mas*

totalmente contrários a esses valores. Em outras palavras, mesmo se a pessoa estivesse na vida cotidiana mais individualista possível, o fato de estar inclinado a mentir, apresentando-se como um ser muito solidário, reflete seu reconhecimento de que a norma é "ser solidário".

Cristo tem a resposta, tem um olho que te observa, que te controla, *quando você vem ajudar alguém, isso é vida.*

Meus vizinhos onde moro, a qualquer momento, o problema deles é meu, meu problema é deles. Recentemente encontrei na rua alguém que queria me vender uma mercadoria. Quando cheguei em casa, contei a uma vizinha sobre isso, disse a ela que estava pensando em comprar a mercadoria para ela, mas ela me disse que não tinha uma "gourde" (para pagar pelos bens), quando a pessoa me contatou de novo para vender as mercadorias eu paguei, depois fui levá-las para dar a minha vizinha. Eu disse a ela para conseguir vender as mercadorias. Vi que ela realmente não tinha dinheiro. *Eu dei a ela para que ela pudesse se defender porque se chama "savoir-vivre" porque você tem que viver com outras pessoas.*

Em outras palavras, como Bourdieu afirmou, « [...] as esquemas de pensamento e de percepção são a cada momento o produto de escolhas passadas e se tornam coisas » (1980b, p.12-13). São as escolhas e a lógica da vida de seu pai que foram incutidas nela e que se tornaram para ela uma bússola para guiar suas próprias escolhas.

Em terceiro lugar, finalmente, como no passado, diante das próprias restrições da vida cotidiana e das incertezas que pesam sobre o futuro da maioria das classes populares, a persistente situação do infortúnio, as práticas de cooperação a solidariedade se tornaria uma espécie de obrigação dessa vida cotidiana. É nesse sentido que podemos interpretar as declarações de um pescador que entrevistamos em Jacmel, onde ele apresentou suas relações com seus companheiros de pesca.

ENTREVISTA N. 36
Você pode me falar sobre seus princípios para viver com seus amigos e vizinhos ?
-Eu trabalho, acordo e trabalho, colaboramos e nos unimos. Não há ambição [ciúme pelos bens dos outros].
Quando você diz que está junto, não há ambição, o que você quer dizer?
-Não, tem gente em operação, por exemplo, se eu for pescar, eu posso ir hoje e pesco [a pesca era abundante], o outro não pescava [sua pesca não era abundante], isso pode levar a uma certa ambição [inveja], pode acontecer qualquer coisa. Mas não há ambição [entre nós]. Cabe a um cobrir o outro. Se, por exemplo, vamos pescar e o outro não é muito bom, um cobre o outro. Um vai adicionar ao outro, entendeu?
Em que sentido um adicionará à parte do outro?
-Por exemplo, a pesca dele pode resultar num ganho de 1000 gourdes, e a minha pode resultar entre 2500 gourdes a 3000 gourdes. Eu posso aumentar o dele.
E por que você faz dessa maneira?
-Meu caro, <i>devemos nos unir</i> . Por exemplo, nós três vamos para o mar, saímos, se nos perdermos, estaremos todos perdidos juntos, estaremos todos perdidos juntos, porque a pessoa que permanecer sobre a terra não estará conosco. Os três que foram para o mar, serão os únicos desaparecidos, estaremos perdidos juntos. <i>A partir do momento em que estamos no mar, somos todos três, três irmãos.</i> Nos reunimos para fazer nosso trabalho funcionar.

Fonte: pesquisa de campo pelo Autor (2019)

Práticas cooperativas como essas descritas são como impor, evoluindo nas mesmas atividades ou compartilhando o mesmo ambiente. É o que ainda encontramos

nas palavras de um vendedor de bebidas alcoólicas, entrevistado nas ruas de Porto Príncipe, falando sobre seu relacionamento com outros vendedores vizinhos (Entrevista n.3):

[Para] nós aqui, eu posso precisar de alguma coisa, eu vou tomá-la no negócio de [outra pessoa] e depois compro e devolvo a ele, não posso dizer que tenho alguns vizinhos ruins.

Sim, vivemos juntos [vivemos de maneira solidária] porque é uma questão de viver juntos que explica que eu posso pedir emprestado algum negócio deles e eles podem pedir emprestado meus negócios também. Este é o sistema que usamos de qualquer maneira e, às vezes, as pessoas ficam surpresas e dizem: « Senhor, olhe, esses senhores estão fazendo o mesmo negócio e veja como eles vivem juntos [viver cooperativamente], um pode entrar no negócio do outro ». E se eu tentar comprá-lo [o produto emprestado para devolvê-lo] e não encontrar, devolvo o dinheiro a ele. Aqui estamos mantendo o mesmo sistema de vida.

Ou, nas palavras de um costureiro que entrevistamos no Carrefour, que falou sobre seu vizinhança:

Somos cinco pessoas [5 famílias] vivendo no mesmo quintal. Nós, essas cinco pessoas, vivemos, posso lhe dizer como a comida de uma era a comida da outra, é assim que vivemos. Mesmo se eu não tiver o suficiente para comer em casa, e eles comerem, vamos comer juntos, é assim que vivemos (Entrevista n.8).

Essa última revelação ecoa diretamente o modo de vida dos *lakou* nas áreas rurais onde, para o camponês "*vwazinaj se fanmi*" (os vizinhos são a família) » (DOMINIQUE, 2003, p.242, nota 3), uma visão do mundo resumida em um grande provérbio do mundo camponês « que nos leva ao princípio coletivista, a saber, "*manje kwit pa gen mèt*" (a refeição preparada não pertence a ninguém). Todos os presentes devem poder tirar proveito de uma refeição já preparada » (DOMINIQUE, 2003, p.242 nota 3). Além disso, apesar da crise da sociedade tradicional que levou a uma certa desarticulação de suas estruturas fundamentais, incluindo o *lakou*, que afetará a sociedade como um todo (MANIGAT, 1998; MANIGAT, 2009), Dominique Jérôme (2003) em sua tese de doutorado sobre organizações camponesas, apontou que a ideologia do sistema camponês tradicional permanece muito presente. Ele afirma que as razões para organizar « [...] de acordo com as expressões usadas pelos camponeses [viriam do fato de] que sua interdependência é baseada em uma concepção coerente do mundo para eles, referindo-se a valores afetivos que enfatizam preocupações de "fraternidade", "igualdade", vontade de andar de mãos dadas ..., ombros contra ombros" » (DOMINIQUE, 2003, p.242).

Essas declarações como um todo permitem argumentar que o espírito de solidariedade das estruturas comunitárias da sociedade tradicional haitiana foi perpetuado no imaginário da maioria das classes trabalhadoras haitianas. Isso não reflete uma reprodução pura dessas últimas, mas demonstra claramente que na trajetória social das pessoas que integram essas classes, outras estruturas e outras restrições podem ter contribuído para sua reativação, o que leva ao fato de que, para as pessoas que foram socializadas especialmente a partir dessas lógicas da vida, a norma fundamental da sociedade tradicional permanece na base de seus julgamentos, como suas principais disposições, isto é, seu *habitus*, seus esquemas de percepção e apreciação das relações sociais. Consequentemente, não podemos realizar, sem violar seu próprio raciocínio, uma análise das percepções das relações sociais pelas classes haitianas sem nos referir aos valores da sociedade haitiana tradicional. Em outras palavras, posições e afirmações das classes mais baixas, para repetir novamente Bourdieu (1980a, p.84), demonstram que:

[...] se houver uma decisão, e o "sistema de preferências" que, em seu princípio, não depende apenas de todas as escolhas anteriores de quem decide, mas também das condições sob as quais suas "escolhas" foram feitas e das quais todas as escolhas daqueles que decidiram por ele, em seu lugar, prejudicando seus julgamentos e, assim, moldando seu julgamento.

Como essa regra não escrita da sociedade tradicional continua sendo uma das principais referências para maioria das classes trabalhadoras haitianas, não apenas na vida cotidiana, quando elas enfrentam comportamentos que não a respeitam, acabam por experimentar certa frustração, como no que diz respeito às relações entre os governantes e os governados e, também, nas relações entre os diferentes grupos socioeconômicos. Isto é, do nosso ponto de vista, isso destaca o que deve ser entendido das críticas feitas pelas classes populares aos políticos e à oligarquia haitiana.

Achamos que é nesse sentido que podemos analisar, sem violar o modo de produção das opiniões dessas categorias sociais, todas as observações apresentadas anteriormente exigindo o dever de solidariedade dos burgueses com os menos favorecidos. Ou seja, sem se afastar da norma tradicional que impõe uma solidariedade permanente entre os companheiros que vivem no mesmo infortúnio da vida cotidiana. Ou ainda, essas declarações totalmente moralistas sobre as ações dos membros oligárquicos produzidas por um agricultor que entrevistamos em Léogâne, que nos falou assim (Entrevista n.21):

Se aquele rico chegou em uma situação, ele parou de esfolar os mais pobres e começou a se comportar de outra maneira, para mim seria uma revolução. Não precisaríamos de vara, pedras e armas para fazer isso. Seria uma revolução. Todos os burgueses se reuniram e falariam um para o outro: "Senhores, vamos começar a aliviar a miséria do povo. Compramos um saco de cimento a 400 gourdes, com as despesas, vira 450 gourdes, meu caro, não o venderemos 500 gourdes, venderemos a 475 gourdes, ganharíamos 25 gourdes, não perderemos". Cada pessoa começou a tomar consciência: "Compramos um saco de arroz com 400 gourdes ou 500 gourdes [...] tentamos ver se podemos ganhar 100 gourdes e 150 gourdes de lucro, mas não precisamos fazer 100% ou 200% dos lucros, quem pagará? Quem estiver no patamar inferior, quem pagará, apenas será esfolado". Quando você esfolar dessa maneira, endurecerá nossos corações, nos deixará com raiva [...].

Podemos observar com muita clareza que, apesar dessas críticas de que a burguesia haitiana estaria esfolando as classes populares, o alto custo de vida haitiano seria de responsabilidade dos importadores de produtos consumidos internamente, os entrevistados não questionaram a possibilidade de ação dos burgueses sobre as suas condições de vida. Por outro lado, suas afirmações demonstram um completo desconhecimento do antagonismo que o liga à oligarquia e o que também existe entre as diferentes frações do setor econômico, acreditando que eles poderiam, com um simples apelo à burguesia, reunirem-se e tomarem decisões unilateralmente para mudar seu comportamento e reduzir seu processo de acumulação para o bem da maioria.

Partindo da análise do *senso comum* que Jean Casimir descreveu, a *lógica prática* contida na consideração de todas as classes populares da *situação do infortúnio*, que é a extrema miséria a que o país está sujeito, confronta o fato de que essas classes menos favorecidas precisam enfrentar esse problema juntas, ou seja, somente em solidariedade se alcançará toda a racionalidade de tomadas de posição⁸⁵. Com referência à norma fundamental da sociedade tradicional, podemos perceber claramente que nada mais é do que um pedido de *reconhecimento da humanidade, da dignidade* dos desfavorecidos, que está na base dessa chamada lançada às classes dominantes haitianas.

Esse pedido de reconhecimento de sua humanidade foi expresso com muita clareza nas palavras de vários entrevistados que responderam: « Porque "*malere a se yon moun*" [o miserável é um humano] » quando perguntado por que a burguesia deve apoiar [ajudar] os desfavorecidos? Em outras palavras, o comportamento dos membros da oligarquia haitiana seriam percebidos pelas categorias populares como uma

⁸⁵ Uma "homogeneização objetiva do habitus [...] da classe que resulta da homogeneidade das condições de existência [...] que faz com que as práticas possam ser objetivamente concedidas, além de qualquer cálculo estratégico e referência consciente de uma norma e mutuamente ajustado na ausência de interação direta e, a fortiori, de consulta explícita". Racionalidade e referência à norma que não traduz cálculo ou referência consciente a uma norma por todos esses indivíduos.

consideração excessiva de sua posição de libertados do infortúnio, o que internalizaria as premissas de sua posição particular e romperia as relações de solidariedade que os ligou aos outros desgraçados. É o que acreditamos deduzir dos comentários de vários entrevistados sobre suas percepções da oligarquia haitiana que apresentamos nas páginas anteriores. Uma artesã entrevistada no Martissant, sobre a burguesia, fez estas observações, falando:

Continuo convencida de que são todas essas pessoas que devem se unir para que o país possa avançar. Na minha opinião, o comportamento deles, a maneira como eles vivem não é confiável, porque a pessoa burguesa, você que é desfavorecido, ela te humilha. Mas sempre ouvi o provérbio dizer que os burgueses precisam dos pobres e os pobres precisam dos burgueses. Mas o burguês não age dessa maneira. Veja bem, ele não age assim, sempre humilha os pobres, o "le pauvre malheureux" desgraçado nunca é humano aos seus olhos, ele sempre o afasta, se ele está fazendo algo o desfavorecido não deve estar perto dele. Na minha opinião, as coisas não deveriam ser assim, porque antes de se tornar uma pessoa rica, você também era uma pessoa pobre, antes era uma pessoa pobre antes de se tornar uma pessoa rica. Meu caro, devemos nos unir. Você que tem mais de uma pessoa abaixo de você, ajude-a. Não o humilhe (Entrevista n.11).

Um lojista entrevistado no Carrefour nos respondeu:

[...] eu não sei nada sobre os assuntos da burguesia [...], eu não sei nada sobre os burgueses porque os burgueses não conhecem os pobres. Não, o burguês não conhece os pobres. O burguês vê apenas por si mesmo. Eles são os únicos que sabem por que agem dessa maneira, porque somos todos um, não há humano mais humano que outros. Não acho que você precise me humilhar porque é burguesa, porque cada pessoa em seu lugar na sociedade. Não é porque você é burguês que tem o direito de humilhar outra pessoa (Entrevista 9).

No que diz respeito à percepção das relações sociais pelas classes populares haitianas, o que deve ser entendido, portanto, é que a relação assimétrica entre aqueles que possuem considerável posse de bens materiais e os que não os possuem não é ela mesmo a questão problemática. De fato, é como Dominique Vidal apontou sobre as classes populares brasileiras (2014, p.6):

Para este último, o sentimento de ser mantido à distância por aqueles que estão em situação de superioridade é sempre mais fortemente sentido do que a desigualdade de renda e as diferenças de estilos de vida que ele gera. Não é nem riqueza nem um status social mais alto que aqueles que estão em uma situação dominada culpem aqueles que ocupam uma posição mais alta na hierarquia social, mas os comportamentos desdenhosos ou apostas desconfiadas que lhes acontecem para testemunhar [Vidal, 1998]. Eles se sentem então rejeitados em uma alteridade radical que, mais do que a desigualdade de posições, os lembra de quanto são considerados indivíduos à margem da boa sociedade. Ou, para usar uma das palavras que estruturam as observações feitas sobre esse assunto, é denunciado o fato de não ser tratado como "seres humanos" (*gente*).

O que se torna problemático, aos olhos das classes menos favorecidas, é o fato que das classes altas possam tratá-las com desrespeito, ofender sua dignidade ou considerá-las primeiro como "pobres", como "miseráveis" em vez de vê-las principalmente como "humanos". Na medida em que Casimir lembrou que sua condição de "malere" (desgraçado) não afeta sua essência como ser humano, esse direito à transgressão não pode ser concedido às outras classes. Portanto, dadas as opiniões conciliadoras expressas por muitos entrevistados sobre as diferenças de posições sociais e seus privilégios, parece excessivo, para não dizer tendencioso, argumentar que o *apelo à igualdade* das classes populares haitianas seria uma espécie de obsessão onde « os seres humanos são iguais em direito e dignidade e implica em ignorância [no sentido de não aceitação] das diferenças entre indivíduos que vivem em uma comunidade social » (DORVILIER, 2012, p.6). Além disso, se em prol de um melhor desenvolvimento de toda a comunidade, a ética comunitária da sociedade tradicional haitiana tende a minar o desenvolvimento de certo individualismo, mesmo valorizando a iniciativa individual e na base igualitária, é ainda mais absurdo deduzir disso a proibição de qualquer mobilidade social (DORVILIER, 2012, p.24). Muitas intervenções testemunham que o lembrete de sua igualdade está longe de significar uma não-aceitação das diferenças sociais.

A questão principal fica e permanece para essas classes, um pedido de reconhecimento de sua qualidade humana que eles querem lembrar de diferentes maneiras. Um artesão-sapateiro que interrogamos a Léogâne nos disse nesse sentido (Entrevista n.26):

[...] somos todos irmãos, se fôssemos feridos, encontraríamos o mesmo sangue; se não podemos ver que somos irmãos, é porque nos distinguimos. Sim, nós distinguimos. Um quer comer o outro, tudo isso. Você entende, nós não nos unimos, mas se nos unimos, somos irmãos, você veria que não pode fazer nenhum mal comigo, e eu veria que não posso fazer nada de mal para você também.

Ou seja, como dissemos anteriormente, para esse entrevistado, é o fato de existir a distinção entre o "malere" [o desgraçado] e o burguês que se traduz em comportamentos prejudiciais entre os envolvidos. Daí esse desejo de recordar que, além das diferenças na posse de bens materiais, fica e permanece que temos o mesmo sangue. Isso ainda é o que ouvimos de um vendedor de bebidas entrevistado no centro de Porto Príncipe, para quem o burguês teria impedido Jean-Bertrand Aristide de ter sucesso nesses mandatos porque para eles pessoas pobres não devem ter valor:

Jean-Bertrand Aristide como candidato, foi votado em massa [...], *a burguesia disse que não era bom porque ele disse que vem da classe pobre, já que ele veio da classe pobre, nós não vamos deixar ele ter sucesso, se ele vier para ter sucesso, tínhamos certeza de que os pobres teriam valor [...] então, o que fizemos? Eles sustentam que tal homem não pode ter seu lugar no país [...] ora nós somos todos humanos, perfuramos sua pele, perfuramos a pele do outro, é o mesmo sangue.* (Entrevista n.3)

Finalmente, o julgamento feito pelas classes populares em relação à oligarquia haitiana é primariamente um chamado a cumprir, colocar-se em ordem, « [...] *a fim de pagar tributo à regra e aos valores do grupo* » (BOURDIEU, 1986, p.40). Ou seja, *reconhecer a dignidade, a humanidade dos desprivilegiados*, reconhecimento que seria traduzido por ações de solidariedade com eles, mas a partir de uma lógica de percepção das relações sociais que demonstram um total desconhecimento do antagonismo entre classes sociais. Agora, a pergunta a responder é explicar como esses esquemas de percepção e apreciação das relações sociais pelas classes populares interferem nas possibilidades de constituição de um movimento popular para uma transformação da ordem social?

4.3.3.3 Esquemas de percepção das relações sociais e discursos heréticos

« A ação política adequada é possível porque os agentes, que fazem parte do mundo social do mundo social, têm um conhecimento (mais ou menos adequado) deste mundo e que podemos agir no mundo social, agindo com base no conhecimento que eles têm deste mundo. Essa ação visa produzir e impor representações (mentais, verbais, gráficas ou teatrais) do mundo social que são capazes de atuar nesse mundo social, agindo sobre a representação que os agentes fazem dele. Ou, mais precisamente, formar ou quebrar grupos - e, da mesma forma, as ações coletivas que eles podem empreender para transformar o mundo social de acordo com seus interesses - produzindo, reproduzindo ou destruindo as representações que os tornam visíveis esses grupos para si e para os outros, que podem assumir a forma de instituições permanentes de representação e mobilização ».

Bourdieu (1981a, p.69)

De acordo com a perspectiva bourdieusiana, o mundo social se reproduz como um todo, isto é, com essas diferenças e suas relações de dominação porque « é dotado de [...] um *conatus*, de uma tendência a perseverar em ser, de um dinamismo interno, inscrito tanto em estruturas objetivas como em estruturas "subjetivas" [...] » (BOURDIEU, 1994, p.3). Essa capacidade autônoma de reprodução deste mundo viria de uma relação dialética entre as disposições interiorizadas por diferentes categorias sociais que, conseqüentemente, lhes oferecia uma percepção particular de sua posição e das relações que mantêm durante suas atividades com as outras categorias. Pela falta de conhecimento da arbitrariedade em que se basariam essas relações, essa dialética as leva a empregar estratégias de ação que restauram as diferenças sociais em seu estado. E,

portanto, na visão de Bourdieu, « [...] rompendo com o uso dominante do conceito [estratégia], as estratégias de reprodução não se baseariam em uma intenção consciente e racional, mas nas provisões do habitus que tende espontaneamente a reproduzir as condições de sua própria produção » (BOURDIEU, 1994, p.4-6), assim como seus modos de geração, isto é, as estruturas objetivas que o produziram, não teriam mudado significativamente no tempo e no espaço de vida dos agentes.

A partir dessa leitura do social, produzimos dados a partir dos quais conseguimos capturar os padrões de percepção, de apreciação de certas frações das classes populares de sua relação com as classes economicamente dominantes. Esses dados mostraram que a maioria das classes trabalhadoras compartilha uma posição muito crítica dos escalões superiores. Posições críticas determinadas pelo que qualificamos como incapacidade de conceber como existente ou legítimas e gerais, como existem na maioria das sociedades humanas atuais, personagens individualistas e exploradores, entre outros, como membros da oligarquia haitiana. Sua incapacidade de aceitar essa realidade como existente, do nosso ponto de vista, vem do fato de que eles compartilham implicitamente a crença em uma representação muito positiva do que seria uma burguesia. Uma representação que demonstra o *poder simbólico* exercido pelas classes dominantes na sociedade para que essas pessoas acreditem na representação mais alinhada com seus interesses. É importante acrescentar, no entanto, que o sucesso da implantação desse poder simbólico não atingiu todas as posições conciliatórias tomadas em relação à oligarquia que é a produtora desse poder, sendo ele « [...] o produto do acordo entre as estruturas cognitivas que a história coletiva (filogênese) e a história individual (ontogênese) [que os] inscreveram nos corpos e estruturas objetivos do mundo ao qual se aplicam [...] » (BOURDIEU. [1997] 2003. p.254). É essa relação dialética que destacamos desde o estabelecimento da relação entre as estruturas sociais do passado haitiano, a ordem social tradicional e as opiniões expressas por muitos de nossos entrevistados sobre a educação familiar e suas condições sociais contemporâneas de vida. Isto é, antes de qualquer integração direta das classes trabalhadoras nas relações sociais burguesas nas áreas urbanas, a realidade da sociedade camponesa tradicional da qual emergiram, relativamente, predispôs-as a "aceitar" relações sociais estruturalmente desiguais. "Aceitação" de relações assimétricas que não significa aceitação das injustiças sociais.

Como já foi salientado, na sociedade tradicional, face à inexistência de instituições que possam « possibilitar uma dominação impessoal, [a classe dominante] é [...] obrigada a recorrer a essas formas de restrição suave ou eufemística que define a *violência simbólica*, incluindo todos os recursos do paternalismo » (BOURDIEU, 1994, p.9). Uma situação social a partir da qual é construída certa visão do mundo que resume o ditado « nós possuímos para dar. Somos "ricos para dar aos pobres", como dizem os Kabyles » (BOURDIEU, 1976b, p.130). Ou seja, uma concepção comunitária de relações entre grupos sociais. Daí o apelo à solidariedade que, justamente com base nessa concepção comunitária de relações sociais, conduz, para certa maioria, à *apropriação doxica*, isto é, sem discutir as diferenças e desigualdades sociais, apesar de suas críticas às injustiças sociais. É a partir dessa leitura que este trabalho tende a explicar a interferência dos esquemas de percepções das relações sociais na possibilidade de constituição de um movimento popular de transformação da ordem social, analisando a influência dessas percepções na produção das opiniões "políticas" das classes populares haitianas.

Segundo o ponto de vista sociológico de Pierre Bourdieu, contrariando a opinião prevalecente sobre sua obra, essa possibilidade que o mundo social tem de reproduzir não impossibilita sua transformação, isto é, uma desconstrução de suas relações de dominação (BOURDIEU, 1981a, p.73). Esse mundo é, apesar de tudo, o foco de uma *luta* permanente pela *preservação e transformação*. É um dos pontos a partir dos quais Bourdieu considera que devemos romper com a visão marxista da sociedade « [...] por não reconhecer a contribuição que a representação que os agentes fazem da realidade traz para o mundo a construção do real e, também, não consegue entender a contribuição real que a transformação da representação coletiva traz para a transformação da realidade » (BOURDIEU, 1980c, p.71). Por conseguinte, como é também o caso de todos os subcampos que o constituem, o campo social é o espaço de uma « luta entre a ortodoxia e a heterodoxia que têm em comum a distinção da *doxa*, isto é, do não discutível » (BOURDIEU, 1977a, p.411, nota 4). Ou seja, entre os grupos que lutam, nos vários campos da produção simbólica, especialmente no campo político, por uma conservação ou transformação das relações estruturantes, « pelo poder propriamente simbólico de fazer ver e acreditar, prever e prescrever, dar a conhecer e ter reconhecidos » (BOURDIEU, 1981b, p.8) os princípios da visão e divisão legítima do mundo social. É a partir daqui que a luta política é, antes de tudo, uma luta pela

conversão da visão da realidade, uma luta classificatória, a partir da qual se pode formar uma constituição efetiva de grupos para defender seus interesses específicos como grupos, isto é, de seu reconhecimento ou suas disposições para legitimar os princípios de divisões heréticas do mundo contra a *doxa*.

Foi a partir dessa concepção que colhemos as opiniões "políticas" das classes populares haitianas sobre discursos que concebemos como heréticos a respeito da sociedade haitiana em relação à desaprovação que recebem das categorias dominantes, uma vez que formulados em oposição ao discurso ortodoxo que se opõe a eles em vista de uma tentativa de restaurar a *doxa*. Esses discursos heréticos são: "Nèg anwo / Nèg anba" (Pessoas de cima / Pessoas de baixo); "Pitit Dessalines / Pitit Pétion" (Os Filhos de Dessalines / Os Filhos de Pétion), pelos quais seus enunciadores tentaram estabelecer outro *princípio de visão e de divisão* ou outros *esquemas de informação* da sociedade haitiana, colocando de um lado a *oligarquia haitiana* e de outro as *classes desfavorecidas*. É analisando os julgamentos formulados pelas classes populares diante desses discursos que consideramos que podemos demonstrar a interferência das percepções da comunidade nas possibilidades de constituição de um movimento popular para uma transformação da ordem social do período de 1986 a 1990 no Haiti.

A análise dessa interferência é feita em três etapas. Num primeiro momento, expomos e analisamos sua apreciação pelos discursos heréticos. Depois, abordamos seus julgamentos sobre discursos heréticos como elementos de lutas sociais e, por fim, sua apreciação do discurso unitário das categorias dominantes, particularmente da ortodoxia política⁸⁶.

⁸⁶ Não nos foi possível analisar os discursos dominantes que descrevemos como um discurso unitário da ortodoxia que são constantemente formulados em oposição aos discursos heréticos na sociedade haitiana. Mas sabendo que eles sempre foram formulados para influenciar o curso das lutas políticas e sociais, como apontado por vários pesquisadores antes de nós (SÉGUY, 2009, p.189, HECTOR, 2016), e o apelo para a unidade entre os políticos e entre as classes sociais. As classes populares haitianas também atestam isso, ressaltando que tentamos colher os julgamentos das classes populares em relação a esse discurso de ortodoxia.

4.3.3.3.1 *Julgamentos éticos, julgamentos comunitários e rejeição de discursos heréticos*

Quadro 9 - Percepções dos discursos heréticos pelos entrevistados.

Pergunta : O que você acha dos discursos : nèg anba yo (pessoas de baixo) /nèg anwo yo (pessoas de cima) ; Pitit Dessalines yo (os filhos de Dessalines) /Pitit Pétion yo (os filhos de Pétion) ?	
Percepções	Quantidade de sujeitos
Essas coisas existem há muito tempo	2
Estes são "Charabia" (insentados) (discursos insensatos)	3
É uma divisão (discurso de divisão)	6
Eles [discursos] são inúteis (inutilidade)	2
Devemos procurar unir os de cima como os de baixo (apelo à unidade)	6
Não tem "nèg anba yo (pessoas de baixo) /nèg anwo yo (pessoas de cima)", somos todos haitianos (nacionalidade)	2
Não tem "nèg anba yo (pessoas de baixo) /nèg anwo yo (pessoas de cima)", somos todos humanos (humanidade)	2
É uma discriminação (discriminação)	3
Quando observamos a realidade do Haiti, há pessoas de cima e de baixo (correspondência com a realidade)	5
Não, eu não sou desses discursos, eles não são meus discursos (rejeição ao discurso herético)	5
Esses discursos não são bons. Não entendo nada desses discursos, acho que é um desastre (discursos ruins)	4
Nós não estamos em discursos políticos (apolitismo)	3
Sempre haverá homens no topo e homens no fundo (apropriação doxica do mundo)	2
Eles só falam por si, só vêm a si mesmos (individualismo)	3
É um ressentimento, nascemos para viver juntos (inveja)	1
Já não é mais o momento desses discursos (discurso em atraso)	2
Não deveria haver de "nèg anba yo (pessoas de baixo) /nèg anwo yo (pessoas de cima)"	1
Na verdade existe, nós somos mais fracos (renúncia)	1
Bem, o dinheiro é a causa	1
Em todos os países sempre existiu, mas não como no Haiti (apropriação doxica do mundo)	1
Sempre será assim, nem todos os dedos têm o mesmo comprimento (apropriação doxica do mundo)	1
Sempre houve pessoas de cima e de baixo (apropriação doxica do mundo)	3

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Na sua maioria, as categorias profissionais entrevistadas, apesar de terem percebido o simbolismo [político] dos discursos heréticos, expressaram avaliações negativas desses últimos. Daqueles que julgaram os discursos insensatos, passando

àqueles que pedem unidade, àqueles que se entregam à certa renúncia, a maioria de nossos entrevistados não se apropriou os discursos heréticos.

No primeiro grupo, podemos reunir todos aqueles que acham que não têm nenhum sentido apresentar dessa maneira os diferentes grupos da sociedade.

ENTREVISTA N.1
O que você acha dos discursos : nèg anba yo (pessoas de baixo) / nèg anwo yo (pessoas de cima) ; Pitit Dessalines yo (os filhos de Dessalines) / Pitit Pétion yo (os filhos de Pétion) ?
Essas coisas estão lá há muito tempo, são coisas para adormecer. Alguns " <i>charabia</i> " (palavras sem sentido) para colocar as pessoas para dormir, e quando você dorme, você começa a odiar os outros, desde que seja " <i>nèg wouj</i> " (mulato), eu odeio você. São discursos antigos, o país tem [mais] 200 anos desde a independência, o país permanece no mesmo nível. Eu não sei para todos os haitianos, mas para mim é porque somos ousados [...].
Ou seja, você não é a favor desses discursos?
Esses discursos são discursos para nos fazer dormir e nada funciona. <i>Divisão, divisão que eles querem estabelecer, não há dúvida de "nèg anwo / nèg anba", somos todos um. Não existe "nèg anwo / nèg anba", todos fomos criados por um Deus.</i> São eles que querem estabelecer uma divisão entre nós, é uma divisão [...].
Quem eles? De quem você quer falar?
Nossos estados [nossos estadistas], os líderes, nossos políticos, para nos dividir, para garantir que não nos damos bem. <i>Mas somos todos haitianos, todos vivemos no mesmo país.</i> Eu, esse tipo de discurso, não deixo esse tipo de discurso entrar na minha cabeça. A maneira como você me vê sentado na rua não é qualquer um discurso que eu ouço. Ou seja, ouvimos esses discursos há muito tempo, mas são inúteis para o país.

Fonte: Dados coletados durante o campo.

ENTREVISTA N.15
[...] eles estariam ciumentos porque nascemos para viver juntos. [...] <i>existem classes sociais, porque até a Bíblia reconhece classes sociais, mas não devemos nos odiar.</i>
Então você acha que é porque ficamos amargurados quando falamos sobre "moun anwo / moun anba"?
Certamente. <i>Eles são ciumentos dos outros porque somos todos humanos.</i> Nós picamos [o corpo], todos sentimos o mesmo. Nós simplesmente temos vidas diferentes. Não temos o mesmo nível econômico, mas somos todos humanos. <i>Não devemos nos diferenciar.</i>

Fonte: Dados coletados durante o campo.

ENTREVISTA N.16
Não sei explicar tudo sobre o que penso, mas sempre direi que não existe mais a mesma coisa que costumava ser. Não penso em nada desses discursos; se visse que havia algo entre esses homens, eu responderia, mas não há nada. Não entendo nada sobre esses discursos, não entendo nada sobre isso, não sou uma dessas pessoas. Eu não considero essas pessoas, elas não representam nada para mim.
Por quê?
Sobre essas pessoas, posso dizer que elas estão apenas conversando para conversar. Como eles simplesmente falam para falar? Eles sempre querem conversar para tirar outro do poder [...]. Eu considero apenas um homem, se ele não tivesse misturado as coisas, se ele não tivesse incluído más práticas na questão, ele teria sido um grande presidente no país [...], ele é Aristide.
Por que você acha que ele estaria um grande presidente?
Sim, ele teria sido um grande presidente, porque a "massa" da burguesia se uniria a ele. Sim, sim. Por que a burguesia se uniria a ele? Porque eles querem ajudar [...]. Porque eles queriam ajudá-lo [...].

Fonte: Dados coletados durante o campo.

ENTREVISTA N.31
Muitas vezes, quando você encontra os discursos, eles não são realmente profundos, não são profundos, é como um barulho, são usados como uma bateria para fazer barulhos enormes, mas por dentro não há som, nada sério. São todas essas coisas que levam aos seus próprios interesses, aos interesses dos outros e aos últimos também, mas por que eles não pensam se podemos mudar o país? Você é um político, pode sentar-se com todos em geral. Mas quando vocês se sentam juntos, não faça isso com hipocrisia, não finja que está com ele, mas na verdade não está. Às vezes, as pessoas fingem acariciar você, enquanto são elas que mordem você. Ele te acaricia quando está com você [...].
Você diz que esses discursos não têm nada neles?
Não, eles não têm nada no fundo, o motivo é que, se todas essas pessoas quisessem fazer algo, você veria [...]. <i>Temos que nos sentar juntos</i> , temos que nos unir para alcançar certas coisas e você verá que há certas coisas que nunca seriam repetidas, há certas que não aconteceriam novamente e você veria uma verdadeira unidade.
Você não compartilha esses discursos?
<i>Não, eles são barulhos por nada, barulho por nada. Eles não têm fundamento.</i> Se eles tivessem uma base, você teria visto mudanças, você teria visto mudanças no comportamento da parte de todos em geral. É o mesmo para os pais, você mora em uma casa, se você tem três, quatro filhos, deixa que eles ajam como eles querem, eles degeneram totalmente e será impossível mudá-los quando você quiser fazer algo. É o mesmo para esses indivíduos.
Quais indivíduos?
Esses indivíduos, os políticos, os grupos, os mesmos indivíduos, são o seu modo de vida. Ou seja, você é educado de acordo com seus pais. O que eu quero dizer? Você é educado de acordo com a educação de seus pais, se seus pais não o educaram bem, você não será bem educado... é como quando uma criança vai à escola, se existem bons professores, haverá bons alunos, mas se ele não tiver bons professores, não poderá ter bons alunos. É assim e sempre será. Você pôde ver por um longo tempo, viu que cada indivíduo tomava uma parte para si só; cada indivíduo tomava uma parte para si só; a partir daí, nada pode ser feito. <i>Somente Deus pode dizer algo para nós nesse caso.</i>

Fonte: Dados coletados durante o campo.

ENTREVISTA N.35
É algo com que crescemos, é algo para nos enganar.
Em que sentido nos enganar?
<i>"Nèg anwo / Nèg anba" (homens de cima / homens de baixo). Para nos dividir.</i> É uma divisão. Você sabe qual é o problema do país? Eu vou te contar. O ódio. Assim como teremos isso em nosso sangue, o país não vai conseguir. Ódio, ódio, isto é, ódio. Você está fazendo o que faz, eu não consigo. Eu te odeio, eu posso fazer qualquer coisa. Você deve estar no mesmo nível que eu para que eu possa aceitá-lo. O ódio é a questão principal, vamos deixar o ódio de lado e colocar o diálogo em cima da mesa.
Você diz que o discurso "Nèg anwo / Nèg anba" é um discurso para nos dividir. Como isso nos divide? Quem nos dividiria?
Sim, dividir [...].

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Além de julgar os discursos heréticos como insensatos, percebê-los como discurso de ódio e também as expressões individualistas de alguns são outros pontos que podem ser encontrados em muitos desses trechos. Outro aspecto muito importante para enfatizar essas opiniões, é o fato de que, apesar de suas percepções como discursos políticos, a apropriação ética a que estão sujeitos quando, no caso das entrevistas números 15 e 35, os entrevistados os descrevem como discursos de ciúmes/inveja, ressentimento contra os que tiveram sucesso, "os de cima". Além disso, o apelo à unidade que deriva da denúncia desses discursos como discurso de divisão e também

evidência do desconhecimento das relações de dominação e lutas sociais com o entrevistado número 16, mencionando que Aristide teria sido um grande presidente se ele não tivesse tido más práticas durante seu governo, pois a burguesia queria ajudá-lo.

São posições de lógicas totalmente estrangeiras a qualquer apropriação política dos discursos que ainda são encontradas em outras declarações, enfatizando, em primeiro lugar, a nacionalidade haitiana compartilhada por diferentes grupos sociais como a principal razão para a distância dos discursos heréticos. Este é o primeiro ponto de encontro nos seguintes trechos:

Pessoas de cima e de baixo! Nisso, eles não vão sair [...]; raciocinariam bem se julgassem, mas com essa pergunta eles sempre terão um "*Ying / Yang*" (*divisão*), como cães que comem outros [...]. A palavra dita na Guiné (África). Desde então os negros se odeiam e é a mesma realidade, esse sentimento nunca se manifestará neles [...]. Para os burgueses, é o "*malere*" / desgraçado quem é filho de Dessalines, entende? Cabe a eles ceder, nunca é a verdade, somos todos filhos de Deus, e quando Dessalines lutou, ele não lutou apenas pelos burgueses ou apenas pelos "*malere*" / desgraçados, ele lutou pela nação. Você entende? Ele lutou pela nação, ele lutou pela nação. Mas eles não entendem isso. (Entrevista n.5)

Bem, [...] "*Pitit Dessalines* (filho de Dessalines)" é a massa, é o "*malere*" / desgraçado, "*Pitit anlè*" (filho de cima), é o burguês. É isso, é essa discriminação que deveria desaparecer na mente dos políticos. *Eles deveriam saber que não há "Nèg anwo / Nèg anba", somos haitianos.* Temos o mesmo sangue, todos temos boca, todos podemos comer, todos temos que viver, é isso que eles devem remover para se reunir. *Eles deveriam saber que não há "nèg", nem branco, mas que somos todos "moun" (humanos) e que todos devemos ser capazes de viver bem, como todo mundo.* (Entrevista n.6).

Todos se referem à mesma coisa, assim que falam você já pode ver que eles vêm apenas a si mesmos. Não devemos esquecer que existem homens que fazem discursos, eles estão apenas procurando um caminho para que você possa chamá-los para lhes dar um cargo. Você não o verá depois de dar-lhe o cargo, ou seja, todos aqueles que você enxergar dessa maneira, eles realmente não vêm o país. Há algo chamado consciência nacional, mas não há ninguém com consciência. Não deveria ser assim, porque é um país, é um país. *Não há acima, não há lá embaixo. Você ouve que existe um no alto e um no baixo, é quando se fala de coisas, mas a partir do momento em que você fala de um país, você é burguês, desde que seja haitiano, é a mesma coisa.* Quando um americano está em casa, ele pode ser pobre, ele continua sendo americano, seu país é normal, ele ama seu país. (Entrevista n.14).

Nas duas primeiras entrevistas, o fato de perceber discursos heréticos como discursos discriminatórios formulados pela oligarquia pode ser traduzido em uma postura crítica ou recusa em se apropriar da posição dominante como aceitável. Mas, é na configuração que o *discurso ortodoxo* tem sido o esquema classificatório que divide a sociedade em vez de reconhecer sua unidade. No caso que nos interessa, é o contrário. Na situação atual, essa retomada da nacionalidade como elemento suficiente para julgar os *discursos heréticos* como infundados, reflete, ao contrário, o desconhecimento da

relação antagônica entre os grupos sociais e, portanto, a expressão de uma posição que é a mesma da posição ortodoxa. Essa postura, particularmente no caso da entrevista número 6, lembra a demanda de reconhecimento lançada pelas classes populares em relação às classes dominantes e as percepções comunitárias sobre as relações sociais que a sustentam. Particularmente, no caso em que se apresentam explicitamente os discursos heréticos como discurso de lutas, as posições levam mais em conta a interferência dos esquemas comunitários na formulação dos julgamentos sobre as lutas sociais.

Quadro 10 - Percepções da perspectiva de luta entre os grupos sociais.

Pergunta: Eles dizem que as pessoas de baixo (os pobres, os filhos de Dessalines) devem se unir para lutar contra os que estão acima (os "burgueses", os filhos de Petion) para mudar o país. O que você acha? (O que você acha que deveria ser feito ou não?)	
Percepções	Quantidade de sujeitos
É uma política, não é a burguesia diretamente que faz com que o país não funcione.	1
É uma divisão (discurso de divisão)	1
As pessoas de baixo, quando se levantam, fazem bagunça (rejeição do distúrbio)	2
Os negócios da burguesia são prejudicados e ela utilizou dinheiro para apoiar "os de baixo" (rejeição do distúrbio)	1
Há que se ter unidade (apelo à unidade)	1
Não, eu não vejo dessa maneira. Isso levaria a uma guerra (violência)	1
A ressurreição dos "malere" miseráveis, o "malere" se eleva, mas é ele quem será a vítima (repressão)	5
Os "malere" miseráveis serão sempre miseráveis, eles nunca vão te dar valor (renúncia/ conformismo)	3
Eu não estou nesse negócio de movimento, eu conheço uma pessoa que poderia consertar as coisas, é apenas "Bondieu" (Deus) (rejeição de lutas)	5
Eu nunca vou estar nesses protestos, meus filhos também não (rejeição de lutas)	1
Eles exigem que realmente nos revoltamos contra eles porque nunca quiseram que vivêssemos (necessidade de rebeldia)	1
Quem diz isso só precisa do lugar daqueles que estão em cima (falta de confiança nos políticos)	1
Contanto que a pessoa já seja superior a você, faça o que fizer, não será bem visto (naturalização da superioridade dos "de cima")	1
Ele [o burguês] deveria ter uma mentalidade humana	1
São os burgueses que deveriam se unir aos pobres (apelo à unidade)	1
Olhe para os dedos da mão, eles não têm o mesmo comprimento, então você..., os seus são mais longos que os meus, me ajude (apelo à solidariedade)	1
Lutar não nos levará a lugar nenhum (rejeição às lutas/ conformismo)	1
Não se trata dos de cima e dos de baixo (rejeição às lutas)	1

Qualquer revolta deve ser contra os líderes (necessidade de rebeldia)	1
Nunca teve uma solução na luta (rejeição às lutas)	1
São as pessoas de cima, como as de baixo, que deveriam mudar de mentalidade para viverem juntas (apelo à unidade)	2
Nós devemos nos unir (apelo à unidade)	2
Você é uma porta de madeira, sempre dizemos que a porta de madeira não pode lutar contra a porta de ferro (renúncia/ rejeição às lutas)	1
Não, isso não vai mudar as coisas (renúncia)	1
Ele não será capaz de mudar, quem não tem dinheiro sempre estará errado contra quem tem dinheiro (renúncia/ conformismo)	3
É uma consciência geral que deveria ser tomada (conscientização)	3
O burguês já está mais avançado que você, ele nunca vai te ajudar (habitus)	1
O coração do homem é duro, é apenas o amor de Deus que pode entrar no coração do homem para torná-lo macio e a porta para lhe dar algo (habitus)	1
Eu permaneço apenas na vontade de Deus (fatalismo)	1
Mesmo se eles pudessem mudar, seriam a mesma coisa, eles não ouvirão você, eles não ouvirão você (renúncia/ conformismo)	1
Sim, na minha opinião, é isso que deve ser feito. Eles deveriam fazer uma revolução (rebeldia)	1
Somente Jesus Cristo ou, se outro país pudesse reverter, os Estados Unidos.	1
As pessoas estão sofrendo, fazem um discurso, mas não é isso que deve ser, são as pessoas de cima que devem compartilhar (mudança do habitus)	1
Não, eu não concordo com isso, seria violência (rejeição de lutas)	1
Somente com consciência o burguês deve sentar-se com aqueles que estão preparados	1
Somente Deus deve fazer um milagre perdendo todos esses indivíduos no terreno e colocando outro tipo de indivíduo para que este país possa mudar (autodepreciação)	1
É nos Dessalines que eu sou, porque eu já sabia que eles não eram meus amigos (aceitação)	1
Sempre estaremos desgraçados, com o que você vai lutar com eles? (renúncia/ conformismo)	1

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Para explicar a interferência dos esquemas de percepções das relações sociais nas possibilidades de constituição de um movimento popular, não nos contentamos apenas em reunir as opiniões sobre os discursos heréticos, mas também em reconfigurar a realidade real da luta política, a partir de uma representação conflituosa de grupos sociais. Com exceção de uma minoria de entrevistados que demonstrou uma leitura política dos discursos, a maioria, de várias posições, os rejeitou. Em uma primeira categoria, agrupamos certos entrevistados que sublinharam explicitamente a violência das manifestações, ou seja, a violência que os movimentos de protesto podem produzir,

como determinante de sua recusa em aceitar como normal, no sentido de legítimo, a questão da revolta popular.

As pessoas abaixo quando se revoltam fazem bagunça, podem se levantar e fazer isso como cidadão, mas não é isso que realmente fazem. *Se você participa num protesto, não deveria "quebrar e esmagar"*, mas os haitianos, quando participam de uma manifestação, eles quebram [...]. *Além disso, quando você quebra o negócio de um burguês, o dinheiro que ele teve que usar para apoiá-lo, você que está abaixo, pagará esse dinheiro que ele usará para reparar o que você destruiu.* (Entrevista n.2).

[...] *para revoltar, devemos nos unir.* Não, não, para revoltar-se, você deve andar em ordem para revoltar-se. *Na minha revolta, posso destruir os assuntos dos outros? Não posso destruir os assuntos dos outros e falar de revolta.* Se eu destruir suas coisas ... um outro irá me destruir também. Cabe a mim fazer algo [para sobreviver]. Se vejo que não posso fazer algo, pergunto a você e [...] quando você me dá, você não me dá simplesmente, você me dá uma ideia para fazer algo [...]. (Entrevista n.16).

ENTREVISTA N. 22
Sobre sua percepção de discursos heréticos:
<i>Meu caro, do meu ponto de vista, esses homens estão gastando tempo apenas por nada.</i> Por quê? Se eles querem confiar o país, tirar o país dessa situação, sejam os de cima, sejam os de baixo. <i>As pessoas de cima chamariam as de baixo: "- Vamos nos sentar, por que não fazemos isso ou aquilo? - Bem, ok, vamos fazer isso ou aquilo".</i> É nessa situação que são as pessoas de cima que devem trazer as pessoas de baixo para falar sobre como sairemos dessa situação onde estamos.
Sobre o assunto da revolta daqueles de baixo contra os de cima, ele respondeu:
<i>Algumas pessoas pensam que a revolta é quebrar, está destruindo, não. Revoltar-se não é destruir.</i> Você tinha esse carro, eu o destruí, mas um carro não custa 5 (cinco) centavos. Você é de cima, eu saio, encontro sua motocicleta na rua e a destruo. Isso não é bom, por que não é bom? É porque precisamos avançar, quando eu esmago a motocicleta, nós regredimos. <i>O dinheiro que você poderia ter levado para ajudar outra pessoa, você comprará outra motocicleta.</i> Ou seja, <i>é uma unidade que deveria ter. A classe média se unir àqueles mais altos e fazer uma solidariedade para ver se o país sai da situação em que está.</i>
Você diz para fazer uma solidariedade, então você acha que é possível fazer uma solidariedade?
Sim, entre as pessoas de cima e as de baixo. <i>Como acabei de lhe dizer, eles devem fazer uma corrente juntos e dizer: "- Bem, vamos colocar sua mão. Pessoas de baixo vêm, vêm conversar, nós vamos fazer isso ou aquilo". E ele se perguntou: "- O que você acha se fizemos isso ou aquilo?"</i> Mas nas duas idéias, precisamos encontrar uma que esteja correta.
Por quê você acha que é possível uma solidariedade entre os de baixo e os de cima?
<i>Eu acho que um dia Deus falará em seus corações para que eles possam fazer um, para se unirem para que o país possa sair dessa situação porque esse país não pode perecer.</i> Sim, eles devem se unir, porque assim como as pessoas "de baixo" não fazem nada além de se esticarem de um lado; as pessoas de cima dizem a si mesmas que se a parte delas pode ser 30 (trinta), a nossa deve ser 50 (cinquenta), não vamos deixar ir, não desistiremos na frente deles, que eles serão destruídos, que lutarão entre si, nos uniremos depois. Escute, os burgueses se unem, somos nós os "malere"/ desgraçados que não nos unimos. Quando você olha para Brandt, Madsen, Acra etc., (membros da oligarquia), eles se uniram [...]. Da mesma forma, também, entre esses burgueses, há quem, se um deles vive com 1000 dólares, ele não gostaria que o outro chegasse a 1500 dólares, ou seja, que ele gostaria de estar sempre mais alto.
Por que você acha que eles têm esse comportamento?
Bem, sempre foi assim, sempre vi dessa maneira. Quando eu estava na escola, eu tinha a ambição, se eu tirasse uma nota de 7 (sete) e uma outra nota de 7,30 (sete e meia), isso me irritava, perguntou como?

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Eles argumentam que a violência pode estimular atores engajados em movimentos de revolta para explicar sua rejeição ao discurso herético. No entanto, uma análise mais rigorosa nos permite ver implicitamente em seus comentários a expressão de um conjunto de esquemas de percepções comunitárias que eles têm das relações sociais. Os três entrevistados deslegitimaram a violência por acreditarem na chamada relação de solidariedade - ajuda mútua entre a burguesia e outras classes sociais - que a violência poderia prejudicar. O entrevistado 22 também demonstra total ignorância a respeito dos antagonismos sociais, referindo-se à distância física entre as políticas, mas também entre as classes, tratando as lutas sociais como um simples mal-entendido possível de solução através de um simples diálogo em torno de uma mesa. Finalmente, apesar de, segundo suas próprias palavras, sempre ter notado certa luta entre alguns burgueses, despossuídos dos meios de produção cultural do mundo, ele apreende como expressão de ambição semelhante àquela que sentiu quando estudante contra outros alunos que tiveram mais sucesso que ele. Ele se vê incapaz de reconstruir conceitualmente sua percepção do mundo, de modo a traduzir essa luta entre os burgueses como efeitos do campo social, isto é, relações de luta e força que determinam as posições opostas ocupadas no espaço social pelos grupos que eles apreendem em seu aspecto subjetivo, mencionando a ambição que o leva a esperar que Deus um dia comova o coração das pessoas de cima para que possam se unir às de baixo.

Essa presença implícita de esquemas comunitários, nessa primeira categoria de entrevistados, aparece mais fortemente, como o principal elemento explicativo da rejeição de discursos heréticos. Respondendo à nossa pergunta sobre a convocação da revolta dos de baixo em relação aos de cima, esses entrevistados responderam nos seguintes termos:

ENTREVISTA N.5
[...] a insurreição dos "malere" / desgraçados, o "malere" / desgraçado se revolta, mas é ele quem será vítima [...] você entende? É ele quem sofrerá, o burguês é chamado de burguês [...] o que quer que o "malere" / desgraçado faça, eles protestam, destroem seus negócios, o burguês encontrará uma maneira de ter tudo de novo, o "malere" / desgraçado sempre será um homem "malere" / desgraçado, você entende? <i>Porque não apoiá-los, nunca lhes darão valor porque você é "malere" / desgraçado [...].</i>
Então é por isso que você não está na questão de se revoltar?
Não. Bem, deixe-me dizer, para mim a verdade, se pudermos nos controlar e orar para que o Haiti possa mudar, <i>tente ver se podemos nos apoiar e viver em família</i> [de maneira solidária], alguém se submete ao outro, um tentando entender o outro e se apoiar, é assim que deve ser.
Quando você diz que deveríamos viver em família, quer falar sobre todo mundo?

Sim, aqui está o meu exemplo, o haitiano não entende que [...] depois do terremoto⁸⁷, não importa quem seja o burguês, quem seja o "malere" / desgraçado, todos eles querem viver com você, mas agora eles fazem de você um ponto de interrogação... [Risos] ... eles te param [...] eles te colocam à distância.

Então, para você, é como depois do terremoto que você acha que as coisas deveriam ser?

Sim, é uma questão de enquadrar um ao outro, de ajudar um ao outro; dialogue, dê conselhos [...]. É o mesmo que você precisar de informações e, quem quer que seja, você pede conselhos a ele. É assim que eu vejo as coisas [...]. Foi assim que eles tiveram que agir, se enquadrar, viver para que o Haiti pudesse mudar, mas não servem para viver nessas condições [...] hoje um protesto, amanhã uma greve, nada vai mudar.

Fonte: Dados coletados durante o campo.

ENTREVISTA N. 11

Em sua percepção de discursos heréticos, a entrevistada respondeu:

Meu caro, esses discursos, na minha opinião, não são bons. *É unidade, foi o que eu te disse.* É sempre a mesma coisa, se Pitit Dessalines está atirando deste lado e outro está atirando do outro lado, não haverá nada bom, a corda vai quebrar [...]. *Nós não estamos em discursos políticos. Nós não estamos em discursos políticos.*

E sobre a revolta de pessoas de baixo:

Deixe-me dizer, você vê, desde que a pessoa já seja mais alto que você, faça o que fizer, não será bem visto nos olhos dele, faça o que fizer. *Foi ele quem teve que ter uma mentalidade humana para entender que eu sou [minha situação] pior que [a dele], ele não deve me esmagar sob seus sapatos. São os burgueses que devem tentar se unir aos pobres e reconhecer o que eles podem fazer e o que não podem fazer, porque sem os pobres não haveria burguesia e sem os burgueses não haveria pessoas "malerez" / desgraçadas.* Olhe para os dedos da mão, eles não têm o mesmo comprimento, então você, cujo é mais longo que o meu, *me ajude. Por que você não me traz seu apoio? Você tem que me humilhar?*

Fonte: Dados coletados durante o campo.

ENTREVISTA N. 15

Nunca teve uma solução na luta. Nunca teve uma solução na luta. Em todos os países do mundo há pessoas de cima e de baixo, por que estamos nessa situação? Em todos os países do mundo há classes sociais, por que caberia às pessoas abaixo se revoltar para mudar as coisas? *Bem, são as pessoas de cima, como as de baixo, que devem mudar de idéia para viverem juntas.* Por exemplo, se os de cima estão comendo uma colher, eles devem pensar nos de baixo e os de baixo devem respeitar os de cima. É assim que deveria ser. Como em outros países, lá na República Dominicana [o país vizinho], eles se respeitam, devemos nos respeitar.

Você disse: "Se os de cima estão comendo uma colher, deveriam pensar nos de baixo". Como assim? Você acha que estamos nessa situação porque os de cima não pensam nos de baixo?

Eu digo a você que não se trata de pessoas de cima e de baixo. Além disso, a vida de alguém não depende de mais ninguém. Sua vida depende do ser supremo, você entende? *A vida de alguém não depende de ninguém.* Deus lhe disse que você tem que trabalhar para comer, você trabalha e usa o pouco que tem, sem ter que olhar o outro. Eu lhe disse que não há pessoas "malerez" / desgraçados, exceto as que estão doentes. *Nós não nos aceitamos. A vida é uma pirâmide.* A pessoa que é polidor de sapatos é útil para a sociedade, se você é médico, é útil para a sociedade ... você tem que cumprir muito bem sua tarefa como médico e eu meu trabalho como polidora de sapatos e nos unimos para fazer um pacote, é o que não aceitamos, porque temos muitas profissões estúpidas. Se você é médico, o outro é engenheiro e eu sou costureira, preciso estar lá para costurar suas roupas para ir ao hospital. Você deve me respeitar e eu devo respeitá-lo. O que é importante na vida, ganhar dinheiro é uma coisa, mas é a sua maneira de gerenciá-lo. Deixe-me dizer-lhe que já passei por várias etapas, mas no final, estou trabalhando por conta própria. Percebi que trabalhar comigo mesmo é melhor do que trabalhar com os outros. Eu trabalho comigo

⁸⁷ Após o terremoto que atingiu o Haiti, em 12 de janeiro de 2010, evento repentino que ninguém esperava e por causa da fraqueza do Estado haitiano, a ajuda não chegou rapidamente no local do desastre. Consequentemente, foram os vizinhos que se salvaram mutuamente. Do seu ponto de vista, a lógica de relação entre os "de baixo" e os "de cima" deveria funcionar desse mesmo desejo de solidariedade e ajuda mútua entre todos os grupos sociais que vimos após o terremoto, numa época em que certas diferenciações eram menos visíveis, o que poderia resultar na organização da sociedade.

mesma. Eu não me importo se eu sou apenas um comerciante, eu vou vender a você, o que importa para mim é vender e entrar a moeda de dez centavos, é um orgulho para mim. Em uma palavra, é a mentalidade que nos machuca, o outro não deve ter sucesso. Como eu não sou assim, o [...] outro não deve ficar à minha frente, mesmo na família nos comportamos assim.

Então, para você, quando falamos sobre os de cima e os de baixo, é um tipo de ressentimento?

É uma mentalidade ruim. O de cima trabalhou muito. Quem está lá embaixo, por que ele não trabalha também?

Fonte: Dados coletados durante o campo.

ENTREVISTA N. 37
Sobre sua percepção de discursos heréticos:
<i>Em todos os países, sempre tem pessoas de cima e de baixo. Sempre existiu, mas não é como no Haiti. Se você pode comer e eu não posso [...] comer, se você tem 1000 (mil) dólares na mão e dá 5 (cinco) gourdes a alguém, você não tem mais 1000 (mil) dólares porque cedeu 5 (cinco) gourdes, mas é melhor você tirar 5 (cinco) gourdes, se você pode comer e o outro não pode comer, a partir desse momento, a pessoa não ficará frustrada.</i>
<i>Você falou de pessoas de cima e de baixo, sempre será assim. Todos os dedos da mão não têm o mesmo comprimento. Todos os dedos não têm o mesmo comprimento, mas quando você levanta uma carga, são todos os dedos que se unem para levantar a carga. Nenhum deles parece inferior aos outros porque cooperam. Você tem cinco dedos, e todos os dedos cooperam porque, quando todos agem juntos, apesar de haver alguns menores e outros mais, todos desempenham o mesmo papel. Você verá que, se um dos cinco dedos receber um tapa, os outros quatro sentirão, até o seu coração receberá o ataque, porque, mesmo que não desempenhem o mesmo papel, todos estarão em um corpo.</i>
Você acha que deve ser assim entre os de cima e os de baixo?
<i>É assim que deve ser, não deve ter inimigos, mas imediatamente que você pegar, sem dar, levará o de baixo para ter maus pensamentos.</i> Daqui resulta que cada vez que houver protestos, a direção adotada pela classe menos privilegiada [...] acima. Mesmo se os bloqueia [os impede] [...], quando eles decidem quebrar, ninguém pode detê-los.
Então, na sua opinião, os de cima devem ajudar?
<i>É assim que deve ser.</i>
E sobre a insurreição dos de baixo contra os de cima?
<i>Esse discurso, [...] dado que as pessoas estão sofrendo, elas fazem esse discurso, mas não é assim que deve ser, são as pessoas de cima que devem compartilhar, é no compartilhamento que tudo pode mudar.</i>
Como compartilhar?
<i>Pegue o exemplo de um curativo [...], você tem uma dor que te machuca [...], você está machucado, dizemos que quando você está machucado, deveria enfaixar o local [da lesão], mas é preciso enfaixá-lo de forma a evitar mais danos, e é por isso que as pessoas de cima devem trabalhar de maneira que as pessoas de baixo não as vejam como inimigas.</i>
Ou seja, de acordo com você, eles não são seus inimigos, mas devido à sua maneira de funcionar, eles parecem seus inimigos?
<i>Sim, o que você diz é o que parece ser. O de baixo acorda todos os dias e ele não trabalha, e quando ele finalmente encontra um emprego, o trabalho que ele faz é como se ele não trabalhasse [...], quando uma pessoa trabalhar com outro, devemos dar a ele 200 gourdes todos os dias, deixa passar, um mês, dois meses, três meses e não lhe dá nada [...].</i>

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Encontram-se um ponto comum, que é o fato de que sua discordância ou rejeição aos discursos heréticos se baseiam em avaliações muito comunitárias das relações sociais. Visões, como vimos nas percepções sobre a burguesia, baseadas na naturalização das diferenças e das desigualdades das condições de vida dos grupos sociais. Seja comparando grupos sociais aos dedos da mão, como nas entrevistas números 11 e 37, ou inserindo indivíduos em categorias ocupacionais de uma pirâmide

social, como na entrevista número 15, nos dois modos de projeção, as opiniões são dominadas pela crença na possibilidade de construir relações sociais baseadas na solidariedade, cooperação e ajuda mútua. Uma crença em uma sociedade de solidariedade, mas que não questiona a base das desigualdades de posição. Desigualdades naturalizadas, incapazes de conceber objetivamente as lutas entre classes sociais pela ignorância das lutas em andamento em outras sociedades ou lutas que levaram à realização de espaços sociais, talvez menos desigual que a sociedade haitiana, o *discurso antagônico* é considerado desnecessário e repreensível. Os discursos heréticos são considerados deploráveis porque, aos olhos dos entrevistados, são geralmente percebidos como o questionamento de uma realidade que não deve ser questionada por ser natural, ou a expressão de um ciúme/ uma inveja daqueles que não gostam de ver os outros terem sucesso. Sendo a realidade social criada naturalmente para eles, só pode haver duas soluções, um esforço individual para sair da pobreza, como foi dito na entrevista número 15, ou a solidariedade entre os privilegiados e os desfavorecidos. No caso da entrevistada número 15, uma pequena lojista que teve sucesso, ela percebe a questão social de maneira muito individualista, que a torna incapaz de entender as relações de lutas e a condição degradante, toda a *miséria interna* (o sentimento de se sentir socialmente inútil), daqueles que, ao contrário dela, não tiveram a oportunidade de sucesso na vida. Chega a julgar as condições de vida das pessoas como resultado de sua própria culpa, resultado de sua preguiça por não ter trabalhado como os de cima que teriam trabalhado muito. Finalmente, um apelo à solidariedade daqueles de cima com os de baixo que objetivamente dirigiram essas frações dessas classes populares para manter uma atitude absolutamente de esperar para ver uma mudança unilateral de comportamento por parte dos membros da oligarquia, portando uma *posição desmobilizadora*.

Ao conceber relações sociais apenas através de esquemas comunitários de solidariedade, cooperação e ajuda mútua, não tendo as disposições para legitimar as lutas, mesmo percebendo relativamente a situação de privação da maioria da população, como resultado do comportamento da burguesia, as categorias profissionais entrevistadas só podem chamar direta ou indiretamente a conscientização da oligarquia. Como o agricultor entrevistado na localidade rural de Léogâne nos respondeu:

Na minha opinião, o discurso "nèg anwo / nèg anba", sim, existe; são as pessoas de cima que estão pesando sobre as de baixo. Nós somos mais fracos. É por isso que

digo que é uma consciência geral que deve ser tomada. *A burguesia, a maioria da riqueza do país está em suas mãos, mas eles também trabalham, muitos deles são comerciantes, trabalharam para ganhar seu dinheiro, você ganha dinheiro, mas quando você atinge um certo nível, você deve falar pelos outros também.* Se você financia um candidato para que ele possa lhe dar isenção de impostos, mesmo que ele não faça nada pelo país, você dá a ele dinheiro e incentiva as pessoas a votarem nele, fazendo parecer algo sério sendo planejado. *Aí vem a consciência.* Eu que estou embaixo, percebo o modo como costumava me comportar, *o burguês também, ele deveria estar ciente de não pesar muito, não exagerar, porque sem nós (o povo) não existiriam, vocês poucos burgueses, como vão viver em um país assim? Você acabou com a massa do povo, a vida para você seria sem sentido.* (Entrevista n.21).

Ou ainda confiar em Deus que lhes parece a única solução contra o individualismo de alguns ou a cegueira de outros que, pela formulação de discursos heréticos, colocariam em risco a unidade ilusória que eles têm de sociedade.

Nos trechos a seguir, apesar de sempre ser possível perceber uma certa compreensão completa do simbolismo político dos discursos heréticos, os entrevistados acreditam que é apenas a partir de uma intervenção divina que uma mudança pode ser alcançada e de forma alguma através de uma briga.

ENTREVISTA N. 6
<i>Eu não estou nesse negócio de movimento. Conheço apenas uma pessoa que poderia mudar as coisas, é apenas Bondieu que pode entrar no coração dos homens, falar em seus corações...</i> mas, esses assuntos de movimento, "nèg anwo / nèg anba", nunca estive nessas coisas desde a infância. Acordo todos os dias, saio às ruas para ganhar a vida e alimentar meus filhos. Você não vai me ver nas manifestações.
Ou seja, você não vai se manifestar por essas coisas?
<i>Não, nunca, eu nunca estarei lá, meus filhos também.</i> Eu nunca estarei nessas coisas. Eu não sou uma pessoa que estará nessas coisas, nunca. <i>Eu já sei que o burguês não é amigo dos "malere" / desgraçados, já sei que cabe a mim fazer esforços para sair da minha situação, comer e viver.</i> Sim, o burguês é amigo de quem tem meios como ele, já sei que não tenho nada, não tenho relacionamento, então não enfrentarei o burguês.
É porque a burguesia é assim que outros dizem que cabe aos pobres se revoltar para mudar as coisas.
Bem, mesmo se acordarmos, você acha que as coisas vão mudar? <i>Eu, há apenas uma pessoa que acredito ter o poder de mudar as coisas, é o Bondieu, é apenas Deus quem pode fazer uma união entre nós, não é o fato de se levantar para fazer quebrar, para queimar os negócios do outro [...].</i> A revolta seria preferencialmente organizar algo onde discutíssemos, onde todos pudessem estar presentes, até eu poderia ir, se fosse assim organizado [...]. Foi quando Deus garantiu que todas essas pessoas pudessem se unir; juntos vocês [...] são brancos, eu sou preto, e eu não tenho nenhum problema porque você é branco e você não tem nenhum problema porque eu sou preto, mas <i>sabemos que somos do mesmo sangue, que somos todos haitianos e temos uma unidade entre nós, é naquele momento que eu veria algo de bom.</i> Você sabe que, mesmo no nível dos filhos de Dessalines, aqueles que têm dinheiro sempre se destacam daqueles que não têm dinheiro. Não se trata de dizer que são apenas os de cima que são assim [...].

Fonte: Dados coletados durante o campo.

ENTREVISTA N. 24
O país pode mudar se Bondieu [...], de certa forma, bom, Bondieu não vai descer para nos mudar, cabe a nós mudar, cabe a nós permanecer em paz e tomar consciência de nosso estado para que o país possa mudar. Mas se permanecermos orgulhosos, em nosso orgulho, dizemos que é meu, e esse é seu, nunca

mudaremos. Devemos nos unir, para que nossa consciência esteja em paz e nos diga, por exemplo, você diz a si mesmo que fará esse caminho e dizemos que nos juntamos para fazer esse caminho. Mas se você diz a si mesmo que é você quem deve fazê-lo, neste caso, nunca mudaremos, o orgulho sempre permanecerá em nós.
Mas eu lhes digo que as pessoas são a burguesia que é responsável e cabe aos que estão abaixo se levantarem contra elas. O que você acha?
Eu, pelo que entendi, se eles dizem que subirão para que a burguesia possa reduzir [o preço de seus bens], eles nunca o farão. <i>Somente a graça de Deus. Somente a graça de Deus, porque quando alguém lhe dá algo, não é porque ele gostaria de lhe dar verdadeiramente.</i> O coração do homem é duro, mas é apenas o amor de Deus que pode entrar no coração do homem para torná-lo doce e trazê-lo para lhe dar algo.
Então você não vai protestar porque [...]?
Não, eu não irei.
Porque de acordo com você, é o amor de Deus que pode retornar no coração do homem para usá-los [...]?
Sim, para levá-los a mudar seu comportamento.

Fonte: Dados coletados durante o campo.

Esse apelo a Deus também tem a vantagem de demonstrar, pela segunda vez, após a contaminação das posições assumidas sobre a realidade política, a implicação desses mesmos valores cristãos nos julgamentos das lutas políticas e sociais. Privadas de outros meios de apropriação cultural do mundo, essas pessoas apenas produzem julgamentos éticos sobre o comportamento da burguesia, o que torna impossível para eles perceberem as razões objetivas desse comportamento e esperar que Deus apenas possa transformar corações para mudar a situação. Além disso, no caso da entrevistada número 6, ela demonstra mais uma vez, para esses indivíduos, que a pergunta que lhes parece mais problemática sobre as relações com a burguesia não é tanto as desigualdades quanto o sentimento de marginalização pelas classes superiores. O *sentimento de ser desvalorizado como humano*. Ela sabia que os burgueses não são amigos dos pobres e que entre os "filhos de Dessalines", também, há alguns que estão mais bem equipados do que outros, deixando-os de lado, como fazem os burgueses.

Nas opiniões apresentadas, devido à presença mais forte de certas expressões, como a violência produzida por movimentos de protesto, encontramos, por um lado, a necessidade de compartilhamento e cooperação entre grupos sociais, e, por outro lado, a esperança da intervenção divina como única condição de possibilidade de modificação do comportamento individualista da burguesia. O ponto comum, como vimos, é a permanência dos esquemas comunitários ou, para ser mais preciso, *a recusa de todas as lógicas de luta social*. Essa *visão comunitária* da sociedade que leva à rejeição de discursos heréticos que pretendiam *antagonizar* as relações sociais, ou seja, revelar o conflito estrutural que determina as desigualdades de condições, não é primariamente o fruto de qualquer ideologia das classes dominantes. As críticas feitas pelas diversas

categorias profissionais aos membros da oligarquia permitem deduzir que não se trata de *transformar a sociedade* trabalhando para que esses indivíduos possam "*tomar consciência*" de desigualdades, injustiças ou do comportamento individualista e explorador da oligarquia. Não se trata de tentar demonstrar que eles sempre foram manipulados pela burguesia, pois esta sempre os incentivou a votar em indivíduos que apenas serviriam a elas, as classes privilegiadas. Eles já estão cientes de tudo isso. Os dados revelaram que, devido à desapropriação em meios de produções culturais do mundo, há ignorância do processo de construção social, ou seja, há ignorância do caráter histórico e arbitrário das diferenças de condições em todas as sociedades, apesar de perceberem as relações assimétricas entre as classes sociais. O que realmente está na base de sua posição sobre os discursos heréticos é, de fato, a crença de que a única *lógica legítima*, ou seja, sensata, de organização da sociedade continua sendo aquela fundada na *solidariedade, cooperação e assistência mútua* entre aqueles que estão em situação economicamente melhor e aqueles que não estão.

Todas as regularidades de posições que observamos, seja no caso da chamada de união entre políticos, entre classes sociais e no clamor pelo reconhecimento de sua humanidade, dirigida aos membros da oligarquia, nada mais é do que a expressão dessa crença. Uma crença que traduz apenas « as disposições inculcadas de maneira duradoura pelas possibilidades e impossibilidades, liberdades e necessidades, facilidades e interditos inscritos nas condições objetivas » (BOURDIEU, 1980a, p.90). E quando apresentamos e analisamos as declarações das quais nossos entrevistados expuseram as estratégias de educação de seus pais; o comportamento [solidariedade] de seus pais com os vizinhos foram internalizados como um ideal de "savoir-vivre", como um entrevistado nos disse; ou a lógica da vida que eles mantêm com seus colegas de trabalho ou vizinhos; eles apenas expuseram inconscientemente a realidade dessas possibilidades e / ou impossibilidades, das liberdades e necessidades da condição da vida popular no Haiti. Em outras palavras, para recordar, toda a sua « história incorporada, tornada natural e, portanto, esquecida como tal, [é] o habitus [como] presença ativa de todo o passado do qual é o produto [...] » (BOURDIEU, 1980a, p.94).

O que significa as possibilidades e as impossibilidades, as liberdades e necessidades da condição popular haitiana? Nada mais do que o fato de que não se pode ser individualista, ou seja, viver de maneira pessoal, ver apenas a si próprio, na

linguagem popular, como vimos em vários extratos, é a situação da maioria das classes populares haitianas, onde você é inconscientemente forçado a pensar nos outros, a pensar aos seus vizinhos. Não é de modo algum uma bondade popular natural da alma que, para repetir Bourdieu, « de uma submissão imediata à ordem inclinada a tornar a necessidade uma virtude, ou seja, recusar a recusa e desejar o inevitável » (1980a, p.90). Quanto mais pobre você for, mais precisará do apoio de outras pessoas para lidar com suas necessidades, de modo que mais estará condicionado a pensar em viver em solidariedade, em constantes relacionamentos de "*don et contre-don*". Quanto mais você sobe na escalada social, mais se livra dessa necessidade, ou seja, mais consegue pensar apenas em si mesmo e, finalmente, torna-se individualista. E esse também é um dos aspectos em que a moralidade religiosa reforça essa disposição popular, como disse um entrevistado: "Quando você compartilha, quando pensa nos outros, não o faz pela pessoa que o momento é o beneficiário, mas há quem vê tudo, é Cristo quem tem a resposta". (Entrevista n.5).

E é a implicação dessa crença na apreensão da realidade das lutas políticas e sociais, assim, na maneira de julgar a ilegitimidade dos discursos heréticos, que faz dessas posições de posições políticas resultadas de certa inconsciência do ato produzido, sem ser o fato uma ação totalmente mecânica. Isso também explica porque essas posições não são determinadas pela realidade imediata do evento político, seja pela violência produzida pelos movimentos de protesto, como vimos, ou pelo menos pela violência sofrida, ou seja, a repressão que também foi mencionada em outros lugares por alguns entrevistados. A regularidade dos esquemas da comunidade mostra que estamos diante de:

[...] sentido prático, a necessidade social se torna natureza, convertida em padrões motores e automatismos corporais, que é o que faz as práticas, e pelo que elas permanecem obscuras aos olhos de seus produtores [...], são *sensatos*, isto é, habitadas por um senso comum. (BOURDIEU, 1980a, p.116).

Na medida em que esse senso comum se baseia em uma lógica cooperativa, totalmente contrária à lógica formativa dos discursos heréticos, gerada pela realidade do campo político, os indivíduos que foram socializados não tiveram outro recurso senão procurar as alternativas que preservem sua visão particular que, para qualquer outro indivíduo socializado na lógica da vida semelhante à da conflitualidade, possa parecer totalmente insensata / surpreendente, ao acreditar que os membros da oligarquia

poderiam ou deveriam pensar e unirem-se com os de baixo, sendo solidário com eles. E, no caso desses indivíduos (membros das classes populares) não verem as possibilidades reais dessa alternativa, eles a abandonam, se entregam à resignação, uma resignação que se expressa em certa medida na esperança de uma intervenção divina ou outras opiniões, como as seguintes:

Bom, para revoltar, o que você tem? Você é uma porta de madeira, eles dizem que a porta de madeira não pode lutar contra a porta de ferro. Você pode fazer um protesto, eles lhe batem, matam você. Como você será capaz de se revoltar? Quando você se levanta, aqui, [...] assim como você não quebra, não nos ouvem. O que é isso? Ele [o burguês] não conhece sua dor, sempre se diz que as pedras na água não conhecem a dor das pessoas ao sol. Ele está vivendo bem, seus filhos vão para a escola, ele se alimenta, seus filhos ficam doentes, ele os leva para o hospital, ele vive, ele não conhece sua dor. (Entrevista n.17).

Os burgueses continuam burgueses e os "malere" / desgraçados continuam "malere" desgraçados. Essa é a realidade. A porta de madeira não briga com a porta de ferro. Sou uma porta de madeira e a burguesia é uma porta de ferro, você pode brigar com ele? Você não pode. Não, não é meu direito, porque ele já tem os meios em mãos, sou um homem "malere"/ desgraçado. Ele está me ouvindo se eu lhe contar uma coisa? Não, ele não vai me ouvir. É nesse sentido que não é meu direito. Ele não vai me ouvir, meu caro companheiro. Não, sou uma porta de madeira e são portas de ferro. Eles não vão me ouvir. (Entrevista n.26).

Eles não vão te dar nada, eles não vão te dar nada. Mesmo se você estiver "malere" desgraçado, eles não lhe darão nada, eles já são burgueses, esses são seus negócios [suas dificuldades]; viva como você pode viver. Você pode perguntar, mas não lhe daremos nada. Eles poderiam dizer um ao outro: "Você é um desgraçado, não pode, deixe-me ajudá-lo". Mesmo se eles pudessem mudar, seriam a mesma coisa, não seria bom. Bem, de qualquer forma, não vão ouvir você. (Entrevista n.29).

Mudança, a primeira coisa é que devemos tomar consciência. Se você não consegue perceber que o que está fazendo não é bom, nada pode mudar. Você lutará, fará tudo o que depende de você e deveria fazer, mas não terá resultado porque quem tem o monopólio nunca toma consciência de si para refletir [...], mesmo que você se revolte, você pode esmagar e quebrar, todas essas ações serão nulas, porque quem detém o monopólio não o encontra. Ele está tirando sarro de você. (Entrevista n.31).

Há dois pontos a serem observados sobre esses últimos trechos. Primeiro, eles expressam certa resignação dos entrevistados, falta de esperança de poder mudar a injustiça da situação com a qual se confrontam. Essa renúncia é determinada por uma certa impossibilidade das classes populares de lutar contra os burgueses. A primeira é descrita como portas de madeira e os segundos como portas de ferro; portanto, devido a uma vantagem natural, as classes dominantes são dotadas em comparação com outras. Por outro lado, esse desengajamento também surgiria do sentimento de que, como classes "inferiores", elas nunca serão ouvidas. Em segundo lugar, dizer que não se poderia lutar contra a burguesia implicaria implicitamente em um possível

reconhecimento da luta social ou no fato de que a luta seria uma condição para a mudança.

O reconhecimento da luta, diferentemente de outros julgamentos éticos de discursos heréticos, também abre o caminho para a questão de uma certa apropriação política desses discursos. Nossos dados testemunham que algumas pessoas foram capazes de fazer uma leitura claramente política dos discursos e se posicionar ali normalmente a favor ou contra. Esta é a principal dedução que fazemos dos seguintes extratos de entrevistados, respondendo à pergunta de uma possível insurreição dos que estão de baixo em comparação com os de cima:

[...] mas sim, eles pedem que nos levantemos contra eles. Eles pedem que realmente nos levantemos contra eles. Eles pedem que nos levantemos contra eles, por quê? É porque eles nunca quiseram que vivêssemos. Eles receberam o poder, eles tomaram o poder, mas eles nunca fizeram a mudança realmente. Nós vemos como eles fazem as coisas, [...] eles aumentaram o preço de todos os produtos no país. São eles que nos mantêm neste estado, as pessoas de cima. Mas eu, do meu ponto de vista, as mudanças devem acontecer juntas, pessoas de cima, com pessoas de baixo, é assim que me sinto melhor. (Entrevista n.8).

Bem, sim, na minha opinião, é isso que deve ser feito, é o que deve ser feito. Mas seus meios não lhes permitem fazê-lo, eles já estão em baixo. Para subir ao nível desses senhores (os burgueses), eles deveriam fazer uma revolução, mas a revolução não acontecerá dessa maneira. É algo de dias para dias, algo de dias para dias. Se houve uma revolução [...], mas agora, não podemos fazer nada [...]. (Entrevista n.34).

[...] é por isso que gosto muito de "Pitit Dessalines" [o partido político], um homem de cabelos crespos e pretos como eu. É nos Dessalines que eu sou, porque eu já sabia logicamente que eles [os burgueses] não serão meus amigos. Mas para nos elevar, ele deve ter todos homens com cabelos crespos, não deve ter nenhum "sousou" (lèche-bottes: Diz-se de uma pessoa que lisonjeia servilmente). E há uma série de homens com cabelos crespos, a partir do momento em que têm uma vantagem, ele esquecerá que era um homem com cabelos crespos, ele se tornará um homem com cabelos macios. (Entrevista n.40).

Não, eu não concordo com isso. Chama-se violência, chama-se violência [...]. Você não precisa arrancar a pessoa porque ela é burguesa, apenas com consciência o burguês deve vir e sentar-se com pessoas preparadas. Quando voto em um senador, voto em um senador, envio-o para a câmara em Port-au-Prince, um senador é um representante de cada indivíduo do departamento, ele também é meu representante, votei em um deputado, também é meu representante. Anteriormente, um senador resolveria "nossos" assuntos, mas hoje em dia um senador resolverá "seus" assuntos. (Entrevista n.38).

Eu não penso assim. A revolta deve ser contra o Estado, contra os governantes. Esse é o tipo de líder que temos que precisa mudar de mentalidade. Esse é o tipo de líder que temos. Não é sobre os de cima e os de baixo, é sobre não ter líderes. Um país que é dirigido, por exemplo, você tem um lar, você tem quatro filhos [...], quando existe uma divisão, não é você, como pai que traz a união entre eles? Não é? É assim. Ou seja, lá embaixo está o país, acima, ainda é o país, mas há um meio, é o líder que deve colocar a paz, para evitar a deriva. Toda revolta deve ser contra os

governantes. O dinheiro dele é dele (o burguês), o dinheiro dele é dele, mas há líderes para levá-lo a criar trabalho e, para ele criar trabalho, ele deve ver o que fará seu dinheiro. Não basta pedir que ele crie quando não há condições para ele criar. (Entrevista nº 14).

Esses extratos têm a peculiaridade, diferentemente das páginas anteriores, de não ser fruto de um julgamento ético ou de uma referência implícita aos esquemas comunitários que, conseqüentemente, refutem toda a lógica de luta social. Seja nos três primeiros casos, em que seus autores foram favoráveis aos discursos heréticos, ou nos dois últimos, pelos quais nossos entrevistados expressaram suas divergências, os participantes buscam reconhecimento e assumem uma posição política sobre esses discursos. Contudo, especialmente no caso de posições favoráveis, apoiar um discurso político durante um momento de luta social nem sempre significa que o indivíduo em questão tenha uma consciência política completa de sua posição e as disposições necessárias para se envolver efetivamente em uma luta transformadora. Por exemplo, no caso do primeiro trecho (entrevista n.8), o indivíduo expressa com muita clareza que aqueles de baixo devem realmente se revoltar contra os de cima e, ao mesmo tempo, acredita que a mudança deve ser feita em conjunto, pessoas de cima e pessoas de baixo. Essa afirmação é um sinal de que sua primeira posição favorável à luta dos de baixo pode estar muito longe de ser uma posição política real, pois pode ocorrer resistência de sua parte em relação à tomada de posições políticas opostas. Voltaremos a esse aspecto abordando, nas páginas seguintes, a questão da reação ortodoxa, ou seja, conservadora diante dos discursos heréticos.

Em suma, nossa primeira conclusão neste ponto do nosso trabalho é que o *sensu comum*, a partir da qual as classes populares haitianas concebem as relações sociais, subvalorizam ou desconsideram as diferenças sociais como uma realidade estrutural e a conflitualidade como elemento constitutivo dessas diferenças. Como diz Bourdieu, « qualquer sistema de esquemas de percepção e de pensamento exerce uma censura primordial na medida em que não pode dar origem a pensar o que dá para pensar e perceber, sem produzir um impensável e indescritível » (2000, p.305). Em outras palavras, os esquemas comunitários, as lógicas de solidariedade e cooperação, que traduzem o povo haitiano, tornam impensável, aos seus olhos, que a sociedade possa se organizar ou fosse organizada a partir de outras visões além daquelas que eles têm dela. Ou seja, nas lógicas abertamente e puramente conflituosas, como proposto pela economia capitalista neoliberal, todo cidadão é incentivado diretamente ou

indiretamente a ser o mais individualista possível, buscando sua sobrevivência e se comportando como um lobo para com os outros. E é essa censura que o discurso herético pretende romper para tornar pensável, no presente caso, o pensamento da *relação estruturalmente conflituosa* entre grupos sociais.

Em primeiro lugar, para *tornar pensável a relação estruturalmente conflituosa*, o *discurso herético* deve ser capaz de « anular ao mesmo tempo todas as propriedades irrelevantes que alguns ou de todos os membros que possuem outras formas, como uma nacionalidade » (BOURDIEU, 1981a, p. 70), mas o que vimos dominando as declarações das classes populares foi uma verdadeira oposição contra os discursos heréticos pela humanidade e a ênfase na nacionalidade compartilhada entre os burgueses e os desfavorecidos / desgraçados.

Essas oposições em relação aos discursos heréticos possibilitam perceber que a norma implícita da sociedade tradicional é o dever imposto a todos de não se diferenciar em detrimento do grupo, em outros termos, de não se internalizar outras concepções que cancelariam o dever de solidariedade com a comunidade, apresentando a situação da comunidade a partir desses diferentes grupos e não as características que os envolvem (como a nacionalidade), legitimando uma transgressão à regra. É nesse sentido que os discursos heréticos são vistos como uma divisão insensata da sociedade, na medida em que a divisão estrutural ou objetiva é, pelo contrário, pensada como uma divisão subjetiva na posição das classes populares, isto é, uma visão discriminatória ou individualista da burguesia, daí sua propensão, em vez de legitimar discursos heréticos, de exigir unidade para que as classes mais altas tomem consciência. Isso é explicitamente o que outro entrevistado nos disse. Convidado a comentar os discursos heréticos e uma revolta daqueles abaixo, um reparador de pneus, abordado nas ruas de Jacmel, respondeu (Entrevista n.35):

"Nèg anwo / nèg anba" (homens de cima / homens de baixo). É algo com que crescemos. Para nos dividir. É uma divisão. Não existe união no Haiti, é a união que buscamos. O discurso "Nèg anwo / nèg anba" para nos levar a lutar entre nós. Não, não há "Nèg anwo / nèg anba" porque, se houvesse unidade, ela nunca teria existido.

Ele pede unidade em oposição aos discursos heréticos, enquanto afirma que a ausência de unidade decorre das classes altas que não têm sido solidárias com as classes

desfavorecidas. Para ele a divisão da sociedade entre os de cima e os de baixo é algo que não existe estruturalmente, pois não tem base na sua visão do mundo.

4.3.3.3.2 Esquemas de percepção das relações sociais e discurso unitário⁸⁸

Além das *propriedades irrelevantes* (a nacionalidade entre outras) que o discurso herético devia anular, também tem que confrontar o trabalho dos dominantes ou conservadores, pois que « [...] interessados no *laissez-faire*, estão trabalhando para anular a política a partir de uma política de um discurso político despolitizado, produto de uma obra de neutralização ou de negação » (BOURDIEU, 1981a, p.71). Em outras palavras, « é na medida da destruição das falsas evidências da ortodoxia, da restauração fictícia da *doxa* e da neutralização do poder da desmobilização, que o discurso heterodoxo encerra um poder simbólico de mobilização e subversão, para poder atualizar o poder potencial das classes dominadas » (BOURDIEU, 1977a, p.411, nota 7). Isto é, para tornar pensável a *conflitualidade civil*, ou o *antagonismo social* fundamental, nas estruturas mentais das classes populares haitianas, a fim de possibilitar um *movimento popular*, que poderia questionar significativamente a ordem social desigual, o discurso herético também deveria destruir a crença no discurso unitário da ortodoxia, o apelo à ilusória unidade nacional das classes dominantes. Como resultado, também, perguntamos aos participantes sobre suas percepções sobre o discurso unitário, a fim de poder levar em consideração e analisar sua leitura desse discurso.

Quadro 11 - Percepções do discurso unitário pelos entrevistados.

Pergunta : Outras pessoas dizem que é o conjunto de todos os haitianos que devem se unir para retirar o Haiti dessa situação. O que você acha? (Por que você acha que deveria ser feito ou não?)	
Percepções	Quantidade de sujeitos
As pessoas dizem que é isso que deveria ser feito, mas ainda temos uma divisão entre nós que transborda para o país (dúvida/ falta de união)	1
Todos os haitianos deveriam se reunir (acordo)	2
Devemos seguir um único caminho (acordo)	1

⁸⁸ Durante este trabalho, não conseguimos produzir uma análise dos discursos dominantes na sociedade haitiana nos tempos de luta. Mas, por um lado, sabendo que esses discursos sempre foram formulados durante períodos de grande mobilização pelas classes dominantes haitianas (políticas, econômicas e intelectuais), porque isso foi sublinhado por vários pesquisadores que já havíamos citado, pensamos que poderíamos discutir disso. Por outro lado, na medida em que a realidade das estruturas, tanto objetivas como subjetivas, é o resultado de lutas anteriores, como Bourdieu frequentemente nos lembrava, achamos que poderíamos considerar também o apelo à unidade, tão constante nas opiniões dos indivíduos das classes populares haitianas, como resíduo das lutas do passado.

Sim, o que as pessoas dizem é bom (acordo)	3
Sim, é uma ideia, uma ideia que deve ser boa (acordo)	1
Se somos todos haitianos, realmente temos que ter unidade para tirar o país desse sistema (acordo)	2
Sim, é isso, são todas essas pessoas que devem se unir (acordo)	1
Bem, sim, sem exceção (acordo)	3
Somos todos irmãos, irmãs, temos o mesmo sangue (acordo)	1
Somente Deus pode fazê-lo, porque quem tem dinheiro é arrogante, somente Deus pode abaixá-lo e torná-lo humilde.	1
É a mentalidade que eles têm (os burgueses) que não é boa, eles realmente não se importam com a mudança (habitus)	1
Sim, é isso, bem, eu gosto muito mais desse diálogo do que o outro diálogo que diz que são aqueles abaixo que devem se levantar contra os de cima (acordo)	1
Porque cabe a todos nós juntar as mãos para seguir em frente (acordo/ união)	1
Sim, todos devemos pensar da mesma maneira (unidade)	1
Faz sentido porque, por mais que não sejamos unidos, não teremos um país (acordo/ desconfiança)	2
Sim, eu lhe disse que em todas as sociedades existem classes, até a Bíblia reconhece (acordo)	2
Sim, se eles quisessem, se todos quisessem, isso seria bom, mas são Caim e Abel, não querem se dar bem (dúvida)	1
Sim, para avançar, é a palavra, nem rica nem "malere" desafortunado, nos unimos para que o país possa avançar (acordo/ união)	1
É a mesma coisa que eu lhe disse, mas os burgueses nunca se unirão aos "malere" desafortunados (dúvida)	1
Sim, cabe a todos nós ajudar um ao outro para mudar o país (acordo/ solidariedade)	2
Mas é Bondieu quem deveria lavar o coração, Bondieu deveria passar em sua mente (Crença divina)	1
Eles nunca vão conseguir. Este homem, já que ele é dono deste carro, ele já está muito alto, ele não pode mais ser meu amigo (dúvida)	1
Eu ficaria muito feliz, mas isso não vai acontecer. O de cima sempre vai querer subir ainda mais (dúvida)	1
Eles nunca vão colaborar, nunca aceitarão. Eles não vão colaborar porque o burguês nunca aceitará que você atinja a mesma altura que ele (dúvida)	1
A pessoa que te disse isso é porque ele está na classe alta (desacordo)	1
Bom, eu o compreendo do meu jeito. O burguês que já está à frente depende dele ajudar um "malere" miserável a ter espaço (acordo)	1
O burguês nunca vai realmente se unir a você. É algo que já está nele, ele pensa que é superior a você (dúvida)	1

Fonte: Dados coletados durante o campo

Com exceção de um entrevistado que não apoiou o discurso unitário sem discussão, a maioria dos entrevistados, apesar de dividida entre aqueles que duvidam que a sociedade haitiana possa realmente se unir e aqueles que acreditam firmemente

nessa união, apóia o discurso unitário em oposição aos discursos heréticos. Apresentamos esses dados para reconstruir e analisar o raciocínio por trás de cada grupo de afirmações.

A primeira categoria daqueles que apóiam o discurso pedindo unidade nacional, mas duvidam que se possa chegar lá, responderam nos seguintes tópicos:

Sim, o que você diz que as pessoas dizem é bom, mas na situação em que estamos, não há haitianos que se reúnem. Quando você observa o país, no momento, vê que os haitianos estão se reunindo? Você não vê que todos os jovens, todos os acadêmicos vão para outros países. Até eu, que estou falando com você neste momento, se tivesse a possibilidade, teria deixado o país faz muito tempo. Eles encontram mais orientação em outros países do que no nosso país, não deveria ser assim. Os jovens não podem entrar na Universidade, além disso, as pessoas que estão na direção do país são na maioria velhas [...]. Quando você ouve falar sobre parlamentares [...], eles não dão aos jovens a oportunidade de entrar [na política]. Eu acho que existem muitos jovens que são muito competentes, acho que os velhos poderiam encorajar os jovens, ensiná-los o que fazem e quando não seriam mais capazes, ceder-lhes o cargo [...]. No Haiti, não pensam assim. (Entrevista n.2).

Sim, foi o que eu lhe disse, mas para sair disso, depende de Deus fazer isso. Porque existem haitianos, eles têm a cabeça dura [eles são teimosos]. Existem haitianos que, desde que tenham dinheiro, não se sentam com aqueles que não têm. Sim, é Deus quem pode descê-los, porque ele diz que quem que abaixe a cabeça, ele a levantará, mas quem levanta a cabeça, ele a abaixará. Acho que é só Deus que pode fazer isso, porque quem tem dinheiro é arrogante, é só Deus que pode abaixá-lo e torná-lo humilde. (Entrevista n.6).

Sim, se eles quisessem, se todos quisessem, seria bom, mas [o haitiano], desde os tempos de Caim e Abel, eles são Caim e Abel⁸⁹ [...] eles não querem se dar bem, irmãos e irmãs não querem se dar bem, não vale a pena falar de estrangeiros. (Entrevista n.19).

Todos deveriam se unir, eles aceitarão? Sim, se eles se unirem, podem mudar o país, mas eles realmente farão isso? Haitianos? Por exemplo, eu gostaria de fazer uma coisa, a outra disse que não, ele não aceita, será que o que eu quero fazer será feito? É o sistema do país, mas é Deus quem deve lavar seu coração. Deus deve passar em suas mentes, lavar seu coração para trazer uma mudança neles. Mas se são os haitianos que vejo, sou o primeiro a declarar que nos reuniríamos para organizar o país, meu caro, é apenas Deus. Só Deus o pai [...]. Sim, apenas Deus, o pai, que pode dizer uma palavra para o país. (Entrevista n.32).

A participante do primeiro trecho duvida da possibilidade de unidade entre os haitianos por duas razões, primeiro, observando a forte emigração de jovens que saem do país em busca de uma vida melhor. A segunda razão, que de fato pode ser considerada um dos determinantes da primeira, é a falta de planos para integrar os jovens no mercado de trabalho, particularmente na administração pública e na política,

⁸⁹ Caim e Abel, filhos de Adã e Eva, conforme o livro de Gênesis da Bíblia. Segundo a história, Caim assassinou seu irmão por inveja. Esta é a imagem escolhida pelo entrevistado para descrever a relação entre haitianos.

monopolizadas pelas gerações anteriores. No caso do segundo trecho, a dúvida de uma possível unidade nacional vem da preocupação de distinção daqueles que são materialmente mais dotados e "arrogantes", corrigíveis somente pela intervenção divina.

Nos dois últimos trechos, a dúvida seria nutrida pela autodepreciação que já era percebida em muitas outras posições sobre os políticos e a oligarquia haitiana, pelos indivíduos das classes mais baixas. Despossuídos dos meios de produção cultural do mundo, esses indivíduos percebem a realidade social como a expressão de um mal genético dos haitianos, onde, novamente, Deus seria o único detentor do poder de erradicá-lo. Os três últimos trechos, mais uma vez, demonstram os limites de seu nível de conhecimento do mundo e os efeitos de sua crença religiosa que reduzem tudo a uma luta entre Deus e Satanás e que os levam a perceber a intervenção do mal em tudo o que é incompreendido, inexplicável dentro das estruturas de explicitação dos eventos sociais criados por essas crenças. Em resumo, com exceção do primeiro trecho, os três últimos são puramente produto de julgamentos éticos e raciocínios totalmente estranhos à realidade política em questão.

Uma segunda categoria de percepção é identificada nos seguintes comentários:

É a mesma coisa que lhe disse, mas também lhe disse que os burgueses nunca se unirão aos "malere" / desgraçados, os desgraçados não são da sua categoria. O burguês continua sendo um burguês, o "malere" / desgraçado continua sendo um homem "malere"/ desgraçado. Como ele poderia se sentar com os "malere"/ desgraçados? Os burgueses nem gostariam de se sentar no mesmo lugar que os desgraçados. (Entrevista n.26).

Há um problema, ouça bem, o homem "malere" / desfavorecido, você dá a ele 50 (cinquenta) gourdes para limpar um terreno das ervas daninhas para você, ele fará isso, mas a parte que tem o monopólio [...] você não existe aos olhos dele, você é um lixo, ela não vê você. O cidadão de baixo, ele encontra "l'arbre véritable"⁹⁰, ele vai comer, mas quem está acima não. O "malere" / desgraçado deve viver com o que ele tem [ele está satisfeito com o que ele tem], ele vive com o que possui, mas o burguês despreza o "malere" / desfavorecido. A primeira parte, você pode dizer que é a parte da burguesia; a segunda parte é a parte dos políticos; e a terceira parte é a dos "malere" desfavorecidos. Se os burgueses derem aos políticos, o terceiro encontrará algo. Mas se o burguês é quem detém os monopólios, ele bloqueia tudo, você não vê que o político também não encontrará nada e que o desgraçado não exista mais. Ou seja, estamos em um país onde "Chak koukouy klere pou je l" (Todo mundo luta apenas por si mesmo / cada um ilumina apenas seu próprio caminho) [...], quem não vê só pode cair no fogo, e é assim vive o "malere"/ desgraçado. Existem pessoas, assim como há algo disponível, elas nunca ficarão satisfeitas e não se importam com as pessoas de baixo. Se todos os burgueses se unirem em um pacote e decidirem mudar o país, e se encontrarem em torno de uma mesa com os

⁹⁰ "Arbre véritable": fruta tropical, há muito tempo desprezada por boa parte das classes favorecidas, mas amplamente consumidas pelas classes populares haitianas.

políticos, você verá algo. Mas desde que você veja que os que estão acima não o fazem, não haverá nada. (Entrevista n.31).

Não, é uma minoria que conseguirá, eles nunca a alcançarão. Uma pequena minoria que pode viver junto porque as pessoas não podem mais viver juntas. As pessoas já estão infectadas. Este senhor, já que é dono desse carro, ele já está alto demais, não pode mais ser meu amigo. É isso que apodrece o país, esse sistema. A partir do momento em que ele é dono desse carro, ele já se sente alto demais para ser meu amigo. Ele quer como amigo apenas outra pessoa que também possua um carro. (Entrevista n.33).

Eles nunca vão colaborar, nunca aceitarão. Eles não vão colaborar porque o burguês nunca aceitará que você chegue à mesma altura que ele. Ele não quer que você se avance. Ele deve ser capaz de segurá-lo lá para te explorar.

- Por que você acha que ele quer te segurar para te explorar?

Bem! Espíritos malignos que manifestam em seus corações, velhos demônios, porque a Bíblia, que é a Bíblia, diz que você precisa saber como compartilhar. Quem tem compartilha com seu irmão. Há pessoas que têm dinheiro, elas dão para outras que já o têm, mas quando você dá para quem já possui, você não é abençoado, é para quem não tem você tem que compartilhar. (Entrevista n.36).

Na mesma linha dos primeiros trechos, esses indivíduos concordam que é fundamental que os haitianos se unam para tirar o país da situação em que está, mas, como os primeiros, eles também duvidam da realização dessa unidade, no entanto, para eles, o comportamento da burguesia é o motivo desse quadro.

Em todas as afirmações, como já havia sublinhado sobre a percepção da burguesia pelas classes populares, há o sentimento de ser marginalizado, subvalorizado por classes sociais ricas, ou seja, a busca pela distinção entre estas últimas, percebida pelas classes populares como práticas segregativas, o que as leva a não acreditar em uma possível realização da unidade nacional. Por outro lado, especialmente nas entrevistas n.31 e n. 36, fica claro que é o individualismo da burguesia o fator primordial. Nos dois casos, essas afirmações confirmam mais uma vez que as classes trabalhadoras, apesar de observar o comportamento explorador dos membros da oligarquia, não compreendem a relação antagônica que os liga às classes econômicas mais altas. Eles teriam um conhecimento prático da divisão da sociedade entre eles e os burgueses, mas suas estruturas de conhecimento limitam sua capacidade de traduzir sistematicamente esse conhecimento prático em lógicas conceituais. Criticar, ao discutir a unidade nacional, o distanciamento das classes altas de tudo o que se refere às práticas, lugares e gostos das classes menos favorecidas, implica sugerir que a unidade deve significar o fim das práticas distintas, reconhecendo, ao mesmo tempo, um desconhecimento dos verdadeiros fundamentos das diferenças sociais. É também pela ignorância dos antagonismos sociais que eles começam a criticar o individualismo da

burguesia ou, como já apontamos em outros lugares, porque eles não percebem as relações sociais nas lógicas conflitantes do capitalismo e que o individualismo é um assunto de questionamento, uma realidade que não é óbvia para eles.

Para uma terceira categoria de percepção, os esquemas comunitários aparecem de maneira mais explícita como o principal suporte para a concordância dos entrevistados com o discurso unitário. Ao responder à mesma pergunta sobre a necessidade de uma unidade nacional para retirar o Haiti da situação em que se encontra, os entrevistados afirmaram:

Sim é isso. Bem, eu gosto muito mais desse diálogo do que do outro que dizia que é aos de baixo de se revoltar contra os de cima. Quando a pessoa diz que todos temos que nos unir para enfrentar os problemas do país, encontrar a solução para os problemas do país, eu, essa palavra me faz sentir um pouco mais à vontade do que os outros. Nesse diálogo, quando a pessoa diz que todos devemos nos unir, vejo que ele gostaria de seguir Jesus enquanto pregava amor uns aos outros. (Entrevista n.10).

Sim, diálogo, unidade, e todos devemos pensar da mesma maneira. Sim, todos devemos pensar no país. Sim, é assim que as coisas devem ser. Imagine que uma mãe e um pai se unam para pensar nos filhos, eles gostariam de ver o bem deles. É da mesma maneira que todos deveriam se reunir para pensar no país e dizer: "Bem, [que] o país não pode continuar nessa situação", a partir daí colocaríamos tudo em cima da mesa e analisá-los para ver o que seria melhor. Sim, é como uma família. (Entrevista n.13).

Sim, é isso que deve ser feito. Sim, é o que eu disse que todos nos unimos. Há um provérbio que diz: "Yon sèl dwèt paka manje kalalou" / "um dedo não pode comer sozinho a hortaliça". Cabe a todos nós ajudar um ao outro a mudar o país. Se todo mundo se contentar em fazer apenas por si mesmo, isso nunca levará a nada, não trará nada de bom. Eu sou um possuidor e você não, as coisas não devem ser assim, cabe a todos nós nos unirmos para permitir que o país avance. (Entrevista n.29).

ENTREVISTA N.24
Sobre o apelo para a unidade:
Sim, para avançar, é a palavra, nem rica nem "malere" / desgraçado, nos unimos para que o país possa avançar. Por mais que você veja que alguém que subiu uma escada (uma ascensão social), ela diz que não vai se abaixar na minha frente, e eu não vou me abaixar, nunca avançaremos nessa condição. A situação permanecerá como está.
Você disse que ele não deveria ter nem "malere" / desfavorecido nem burguês, poderíamos sentar na mesma mesa?
Sim, na mesma mesa, e compartilharíamos tudo o que temos. Nós discutiremos, é isso que vamos fazer, o país seguirá em frente. Sempre haverá pessoas que terão mais oportunidades do que outras, mas elas permanecerão da mesma forma e os "malere" / desfavorecidos permanecerão da mesma forma. Mas, por mais que eles pegam o que você tem, eles o exploram; não são apenas eles que devem subir, o país não vai mudar. Deus nunca nos livrará.
Mas por que você acha que não deveria ter nem "malere" / desgraçado nem burguês?
Não, eu já disse, sempre haverá pessoas com mais oportunidades que outras, mas a possibilidade, isto é, por exemplo, os dedos não têm o mesmo comprimento [...], mas você não decide pressionar o pequeno desgraçado para que esteja em cima. Você fica da mesma forma, se esse coitado trabalha, você paga a ele

de acordo com o preço do trabalho dele, para que ele possa viver. Quando a pessoa chega em Miami (cidade no sudeste americano onde existe uma grande comunidade haitiana), ela pode respirar um pouco (ele encontra um alívio), mas, quanto permanece no país [Haiti] e trabalha, não realiza nada.
Mas, por que você entende as coisas assim?
Por que eu entendo as coisas dessa maneira? Se eu os entendo dessa maneira, é porque o amor de Jesus Cristo vive em mim, você entende? É porque o amor de Jesus Cristo vive em mim. Porque acho que, enquanto compartilharmos o que temos, Deus seguirá em frente conosco. Nós viveríamos muito bem, é porque nos distinguimos que não avançamos.
Na sua opinião, não deveríamos nos distinguir?
Mas não meu caro. Este homem está puxando a corda de um lado, e este puxa a corda do outro lado também, onde vamos chegar? Não deveríamos puxar a corda. Você deve me encontrar e devemos concordar em fazer isso, ok. Nos unimos para construir a estrada e a partir daí o país seguirá em frente.

Fonte: Dados coletados durante o campo.

No primeiro trecho, o indivíduo concorda com o discurso que pede a unidade nacional para salvar o Haiti porque tais palavras o lembram dos comentários de Jesus que sugeriu que as pessoas se amem, por isso é, sobretudo, sua fé na palavra de Cristo que determinou sua posição para o discurso da ortodoxia contra os discursos heréticos. No caso do segundo trecho, o indivíduo apóia o discurso unitário devido a uma percepção analógica entre o país e a família. De acordo com essa visão, os relacionamentos dentro da família devem servir de modelo para as relações entre políticos e entre os diferentes grupos sociais. A representação de acordo com essa visão das relações entre os atores políticos também demonstra um mal-entendido do antagonismo político, portanto, uma apreensão desse conflito como simples desacordo entre os atores do campo político. O indivíduo do terceiro extrato interpreta o discurso unitário como a expressão de uma denúncia do individualismo que observa ao seu redor, onde todos vivem apenas para si mesmos sem pensar nos outros. Esse apelo à unidade, nesse sentido, estaria em seu quadro de pensamento como uma espécie de sugestão de solidariedade e cooperação em oposição a cada um por si. No último trecho, o entrevistado número 24, semelhante às opiniões anteriores sobre a questão da busca pela distinção das classes altas, do ponto de vista dele, é necessário esse apelo à unidade porque ele o interpreta como um questionamento dessa classificação a partir das posses materiais dos indivíduos, o que é ilógico aos seus olhos. Embora denuncie a exploração nas relações de trabalho, ele concebe de maneira completamente normal as desigualdades naturais, mas não suporta que possa existir uma distinção dos indivíduos com base em sua posse material, e é por causa dessa distinção que o país não teria recebido uma bênção de Deus para poder avançar. Sua posição, também, é outro exemplo de necessidade feita virtude, na medida em que a solidariedade entre os pobres é a maneira mais provável de sobreviver em sua miséria, tornando essa realidade uma

virtude que eles possuem em oposição ao individualismo das classes altas. Essa é uma leitura reforçada por sua fé, pois seu senso de compartilhar traduz aos seus olhos uma manifestação do amor de Deus por ele, ou seja, as forças do bem são o imperativo de ele valoriza essa moral popular e deseja que as classes dominantes (em particular econômicas) possam um dia ser convertidas e assim deixarrem manifestar o amor de Jesus nelas, para que o país possa receber a bênção de Deus que está faltando. Todos esses extratos, por razões particulares, expressam apropriações favoráveis ao discurso unitário dos entrevistados. Posições baseadas, no entanto, nas percepções comunitárias das relações sociais que sempre refletem o desconhecimento dos antagonismos sociais por parte daqueles que as formularam e, portanto, o desconhecimento da luta simbólica em que assumem posições.

Percebemos que o discurso unitário da ortodoxia reativou, de uma maneira ou de outra, todas as visões comunitárias da sociedade entre as classes populares haitianas. Suas visões refletem muito claramente suas percepções das relações sociais em uma concepção não confrontacional e onde o que é problemático para essas classes é, menos as diferenças e as desigualdades, o sentimento de não ser valorizadas e ser separadas pelas classes economicamente superiores por meio de comportamentos dessas últimas que seriam considerados segregativos.

O conjunto de opiniões formuladas, como resposta ao discurso da ortodoxia, demonstra que os esquemas de visões e divisões de que as classes populares haitianas apreendem a respeito das relações sociais são, por um lado, "totalmente ajustados aos valores inculcados pelas condições sociais tradicionais e populares de vida". E, por outro lado, privados dos meios simbólicos de produção do mundo, isto é, do capital cultural para perceber as diferenças fundamentais entre suas lógicas práticas e a racionalidade moderna na base do comportamento das classes superiores, seus esquemas de visões (seu *habitus*) operam quando, em face das relações sociais capitalistas, « "na direção errada", confrontadas com um mundo diferente daquele que o produziu, fazendo com que o *habitus* se transforme em um vácuo, projetando-se em um mundo de onde desapareceu a expectativa das estruturas objetivas das quais é o produto » (BOURDIEU, 1989, p.29). E é esse desalinhamento de suas visões que pelo *efeito da*

allodoxia (BOURDIEU, 1980b, p.14, 1977b, p.77)⁹¹ os torna muito vulneráveis ao discurso político da negação política da ortodoxia. Em outras palavras, uma apropriação, por um mal-entendido, do discurso unitário pelo que não é. Apesar de tudo, esse discurso unitário parece estar em total sincronia com a visão sem confronto da sociedade, na raiz dos *julgamentos éticos* das opiniões políticas das classes populares haitianas.

Como Bourdieu disse, « [...] se a consciência política sem as disposições é irreal e incerta, as disposições sem a consciência são opacas a si mesmas e, portanto, sempre vulneráveis à diversão feita graças aos falsos reconhecimentos ». (1977b, p.72). Em outras palavras, uma posição política é uma posição política verificável apenas na medida em que pode ser vista no indivíduo que usa não apenas uma consciência política completa da posição declarada, mas também a existência das disposições necessárias correspondentes. Nossos dados permitem dizer que as classes populares haitianas, em sua maioria, não têm uma consciência política real do conflito social em sua complexidade e, também, uma ausência total das disposições que seriam fundamentais para uma luta transformadora contra a oligarquia. É na extensão dessas ausências que ocorre a apropriação do discurso unitário, interpretando-o de acordo com sua própria lógica, como respondeu um camponês entrevistado em Dekouze, em uma localidade próxima à cidade de Jacmel:

Bem, eu entendo do meu jeito. O burguês que já está à frente, depende dele ajudar um homem pobre a ter espaço. É ele quem traz as mercadorias, não posso, mas só ele deve ter consciência de não me pressionar demais, porque é ele quem pode importar. Essa é a consciência que você tem que ter, mas é preciso ter homens bons que sentem sobre a consciência com aqueles que estão progredindo; se ninguém disser nada, ele continuará subindo, sem se preocupar com os outros. (Entrevista n.38).

Lógicas de apreciação da questão que não são de todo aquelas da luta simbólica em que tomaram posições, rejeitando discursos heréticos e preferencialmente apoiando o discurso da ortodoxia política.

⁹¹ "[...] o efeito da *allodoxia* resulta do encontro aleatório e ignorado de séries históricas independentes [...] a *allodoxia*, falso reconhecimento baseado na relação não reconhecida entre duas histórias que leva ao reconhecimento em outra história, ou de outra nação ou classe [...]". "[...] agentes, reduzidos ao status de indivíduos isolados, são expostos, e ainda mais por serem economicamente e culturalmente mais pobres, aos efeitos da *allodoxia* que leva o comprador de opiniões [...] para opinar por outra pessoa, para reconhecer sua "opinião pessoal" em uma opinião pronta que não é sua [...]".

É esse aspecto da vulnerabilidade de certas posições políticas que queríamos enfatizar quando, em nossas análises anteriores, mencionamos que o fato de apoiar uma determinada posição política nem sempre traduz uma consciência política da posição política adotada e as disposições necessárias para um compromisso com uma luta transformadora. Observamos que três entrevistados declararam explicitamente que deve haver uma revolta das pessoas de baixo contra as de cima e um deles até falou da necessidade de uma revolução. Convidados a reagir ao pedido de união para tirar o Haiti de sua situação, eis as respostas deles:

Sim, eu te disse, eu te disse. Todos os haitianos devem se unir. Mas gostamos de blefar, eles não querem realmente se unir. Eles se unem a você e depois de fazerem seus próprios negócios, isso não é bom. É essa mentalidade que eles (os burgueses) têm que não é bom, não é bom, eles realmente não têm em mente a mudança. Eles dizem isso, eles realmente não fazem isso. Bem, eles sempre estiveram em todos os governos. Eu, lembro desde 1986 como foi a luta [...]. Havia soldados, eu tinha camaradas entre os soldados, era em todas as ocasiões que eles queriam fazer um golpe de estado. Mas esses homens (os burgueses) são sempre os que apóiam esses golpes, para que possam ganhar dinheiro. Eles não querem nenhuma mudança real. (Entrevista n.8).

O burguês nunca vai realmente se unir a você. É algo que já está nele. Ele realmente não vai se sentar com você. O burguês sempre acredita que ele é alguém superior a você. A superioridade já está nele. Enquanto a pessoa pensa que é superior, ele pode conversar com você por 5 (cinco) segundos [...], essa não é a classe dele, ele tem uma classe de pessoas com quem ele dedica seu tempo. (Entrevista n.40).

Ao duvidar da vontade das classes altas de se unir às classes menos favorecidas, elas não reagem da mesma maneira que as outras opiniões já expostas, no entanto, elas não demonstram e nem percebem essa luta política entre os discursos heréticos a quem eles, no entanto, suportaram numa linha de união nacional, que é apenas uma expressão particular da luta entre classes no espaço social. O próprio modo como expressam suas dúvidas mostra que eles acreditavam nesse discurso e ainda acreditam, enquanto que são os burgueses que teriam enganado essa crença em uma possível união nacional, mas sem perceber que o comportamento desses burgueses apenas traduz a impossibilidade dessa unidade (ou sem uma luta para construí-la). O primeiro critica a burguesia por não ter feito nada no sentido de uma verdadeira mudança na sociedade desde 1986 e, o segundo, o complexo de superioridade da burguesia. A leitura do comportamento burguês que ele considera uma mentalidade de superioridade, revela que compartilha uma percepção de relações sociais semelhantes àquelas que lamentavam a busca pela distinção das classes altas sem questionar os fundamentos sociais dessa vontade de distinção. Em resumo, apesar de se apropriarem

dos esquemas informacionais antagônicos que são discursos heréticos, eles não têm uma consciência política efetiva de sua posição ou um conhecimento completo da relação antagônica que os vincula aos membros da oligarquia.

Nas relações de lutas comunicativas / discursivas entre os ortodoxos e os heterodoxos do campo político haitiano, os ortodoxos sempre entraram na luta vencedores na medida em que seu discurso unitário é simbolicamente mais forte no espaço social, ou seja, dotado de um *capital político* (BOURDIEU, 1981b, p.14)⁹², mais significativo, portando, um *poder simbólico* de mobilização política (que é de fato um poder de *desmobilização* no caso dele), mais importante que os discursos heréticos, por causa da lógica conflituosa deste último (ver BOURDIEU, 1977a, p.408-410). A legitimidade ou o poder simbólico concedido pelas classes populares ao discurso unitário é o resultado de uma expectativa subjetiva de um comportamento solidário, não distintivo (não marginalizador, não discriminatório) dos membros da oligarquia, que é uma inclinação do *habitus* popular e também um atestado de seu desconhecimento dos antagonismos sociais.

Diante da lógica conflituosa dos discursos heréticos, alheios às disposições, ou seja, aos esquemas comunitários de percepções e apreciações das relações sociais das classes populares, o *discurso unitário* de categorias conservadoras acabam por negar a conflitualidade civil, encontrando-se em total *afinidade* com o *ser social popular*. Os padrões comunitários de percepções e apreciações das relações sociais que as categorias profissionais entrevistadas não deixaram de expressar ao longo de nossa investigação são, de fato, apenas uma ilustração pura de uma exteriorização do sentido prático tradicional haitiano. Um sentido prático vivido nas famílias das classes populares, nas relações de vizinhanças e entre colegas de trabalho que elas internalizaram ao longo de suas trajetórias sociais, que nos informa, não sobre uma ideologia, nem sobre uma regra explícita aprendida em algum lugar, menos ainda em uma herança inscrita em seu gene, mas no que foi « aprendido por [seu] corpo, [algo que eles são] » (BOURDIEU, 1980a, p.123). Um *modo de ser*, determinado por possibilidades, impossibilidades; as necessidades e liberdades da sociedade haitiana tradicional, e também as precárias

⁹² « Capital político é uma forma de capital simbólico, *crédito* baseado em *crença* e *reconhecimento* ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa (ou objeto) os mesmos poderes que o reconhecem ».

condições de vida atuais, que estruturaram suas percepções da política, das relações sociais e, assim, funcionaram como esquemas estruturantes de seus julgamentos dos discursos heréticos que eles deslegitimaram no curso das lutas políticas e sociais.

Na sociedade tradicional haitiana e nos círculos populares de hoje, dentro das famílias e instituições religiosas, os agentes foram e são mantidos por um conjunto de disposições comunitárias baseadas em relações de solidariedade, cooperação, troca contínua de doações, na medida em que estas sejam as principais oportunidades de subsistência diante da miséria em que são jogadas. Essa situação tornou impensável as relações econômicas desencantadas do capitalismo. Com o crescente empobrecimento das classes populares, essas lógicas da vida comunitária, uma vez que não houve um colapso das condições sociais com os princípios de seu *habitus*, são impensáveis de serem apreendidas, pois seguem a lógica desse sistema social, onde as relações sociais são implementadas pela oligarquia haitiana, de maneira mais "brutal" possível em uma economia excessivamente dependente da imagem das classes dominantes (BOURDIEU, 1976b, p.131). Como resultado, essas classes populares acabam se projetando permanentemente nas relações sociais burguesas, com seus limites, seus modos particulares de conhecimento do mundo, daí toda a lógica de seu apelo, à conscientização e à solidariedade das classes dominantes e sua total incapacidade de legitimar discursos heréticos que visavam a um questionamento real da ordem social, destacando seu antagonismo. Eles se viram totalmente vulneráveis ao discurso unitário de posições conservadoras que negavam o antagonismo social para manter a ordem social.

Como diz Bourdieu, « as categorias segundo as quais um grupo se pensa e segundo as quais ele representa sua própria realidade contribuem para a realidade desse mesmo grupo » (BOURDIEU, 1981a, p.72). E considerando, portanto, que « a classe nunca é dada nas coisas; [e que] também é representação e [...] » (BOURDIEU e LAMAISSON, 1985, p.100), as classes populares haitianas não podem se representar em classificações que dividem a comunidade, que dividiriam objetivamente a nação haitiana, colocando de um lado a burguesia e de outro as classes desfavorecidas. Em outras palavras, eles não podem permitir a insubordinação aos seus valores. Eles não podem se permitir conflitar as relações sociais, como resultado, e se dar ao luxo de existir como classe contra a oligarquia haitiana para transformar a ordem social haitiana.

Seus esquemas de percepção das relações sociais não permitem que eles se constituam em um "nós" diante do "eles", que seriam os membros da oligarquia haitiana. Em outras palavras, as classes populares haitianas não são capazes de legitimar a lógica pela qual certos atores políticos tentaram destacar os antagonismos sociais, sendo claramente incapazes de se revoltar e se reconhecer como uma classe em luta contra a oligarquia haitiana. É desse ponto de vista que deriva a ausência de um movimento popular ou de um partido político antisistema no campo político haitiano que poderia ter transformado a ordem social durante o período de 1986 a 2018, porque que as classes populares haitianas não puderam legitimar os discursos heréticos que poderiam ter possibilitado esse movimento popular, permitindo-se a existência de uma classe real para defender seus interesses específicos em oposição à oligarquia haitiana.

É nesse sentido que acreditamos que seus esquemas de percepções e apreciações das relações sociais interferiram nas possibilidades de construção de um movimento popular, no período de 1986 a 2018, que pudesse ter transformado a ordem social haitiana, que se perpetua com uma crise multidimensional incontrolável e diante da qual as classes dominantes fossem totalmente subjugadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa enfocou os esquemas de percepções das relações sociais pelas classes populares haitianas, isto é, as visões do mundo a partir das quais essas classes populares concebem as relações entre as classes sociais, a fim de explicar a interferência dessas lógicas nas possibilidades de constituição de um movimento popular que buscasse uma transformação da ordem social haitiana de 1986 a 2018. Após apresentarmos vários pesquisadores que questionaram essa perpetuação do sistema social desigual do Haiti, apesar dos muitos movimentos populares que culminaram no fim da ditadura de Duvalier em 1986, nos perguntamos: Como os esquemas de percepções das relações sociais das classes populares do Haiti interferiram / interferem na constituição de um movimento político, entre os anos 1986 e 2018, que transformasse a ordem social naquele país?

Formulamos a hipótese de que as *classes populares* do Haiti (os pequenos camponeses haitianos, a maioria das categorias urbanas), em sua maior parte, excluídas do mercado formal do trabalho e *sem um capital escolar significativo* apresentam *esquemas de percepções* das relações sociais, herdadas da vida camponesa, reforçadas pela moralidade religiosa - despossuídas da possibilidade de conceber a sociedade como um *espaço de lutas objetivas*.

Nesse sentido, nosso objetivo geral foi compreender como os esquemas de percepção das relações sociais pelas classes populares do Haiti interferiram / interferem na constituição de um movimento popular de transformação da ordem social no Haiti.

Realizamos uma apresentação geral da pesquisa, resumindo o contexto de sua realização, expondo a problemática, nossos objetivos e realizando as precisões metodológicas necessárias, com revisão bibliográfica de trabalhos já realizados sobre o tema da pesquisa, acompanhado pelas considerações que determinaram a orientação particular em termos metodológicos e teóricos que este trabalho teve. Também, explicamos a ordem social e uma apresentação dos movimentos populares que mais impactaram a cena política durante o período estudado no Haiti. Descrevemos a perspectiva teórica que norteou nosso pensamento e esclarecemos as categorias de análise mais importantes desta pesquisa.

Os dados coletados durante nosso trabalho de campo nos forneceram a base para analisar as percepções das relações sociais pelas classes trabalhadoras haitianas, que foi o segundo objetivo específico do trabalho. A partir desses dados, vimos que a maioria das classes populares haitianas formulou seus julgamentos sobre as lutas políticas e sociais a partir de uma dupla evidência. Por um lado, uma apropriação dóxica das relações estruturais, ou seja, uma apropriação indiscutível dos fundamentos da realidade, que, portanto, não tende a questionar diretamente as relações estruturais desiguais entre as classes sociais. Por outro lado, a evidência de sua própria humanidade, ou seja, a necessidade igualmente indiscutível de seu direito a desfrutar de um mínimo de bem-estar material, que deve ser plenamente reconhecido pelas classes altas. Através as afirmações, pudemos perceber que as classes populares haitianas apreendem a realidade social, excluindo de sua lógica qualquer visão conflitante entre classes sociais, isto é, sem levar em conta o antagonismo que os une às classes dominantes.

Analisar suas afirmações sobre suas concepções de relações sociais e políticas nos permitiu perceber que há um *conjunto de afinidades*, isto é, uma *homologia* óbvia entre suas visões do mundo e as percepções de relações sociais que emanam das estruturas da sociedade haitiana tradicional. Essa última, baseada em estruturas sociais comunitárias e domésticas, inculcou em seus agentes uma valorização fundamental da unidade do grupo, a fim de impedir qualquer espírito individualista que colocasse em risco a própria existência da comunidade tradicional. Essa vontade de conservação da comunidade instituiu, conseqüentemente, a necessidade de um dever de solidariedade permanente, como uma norma implícita entre os indivíduos do grupo, ao mesmo tempo em que tolera, relações paternalistas, de dependência, dentro dela, entre os dominantes e os dominados. Desses esquemas herdados dessas estruturas tradicionais viriam, do nosso ponto de vista, por um lado, a recusa de qualquer conflito civil dentro do grupo, como demonstrado pelas afirmações das classes populares. Essa recusa de conflito é bastante evidente também no apelo à unidade entre os políticos lançados pelas classes populares haitianas que analisamos. Ao contrário de certas leituras que concebem esse apelo à unidade como fruto de uma frustração legítima contra a constante multiplicação de partidos políticos ou como uma vontade de resolver o antagonismo entre grupos fora de qualquer luta, nossos resultados mostram que foi mais questão da herança de visões comunitárias de relações dentro da sociedade, onde qualquer conflito deve ser evitado,

em associação à falta de conhecimento da possibilidade real de antagonismos sociais. Há o desconhecimento dos antagonismos sociais que podem não refletir uma falta de conhecimento das injustiças, daí as críticas das classes populares contra as classes dominantes. Por outro lado, há uma aceitação total de relações assimétricas e desigualdades entre as classes sociais, demonstrada na análise das representações das relações sociais pelas classes populares, apesar das críticas formuladas contra a oligarquia haitiana. Nossos resultados permitiram ver que essa crítica das classes populares às classes dominantes foram menos o resultado de um questionamento efetivo das relações de dominação com base na ordem social do que de um pedido de solidariedade e de reconhecimento às classes mais altas.

Os resultados de campo obtidos mostraram que para os indivíduos das classes populares entrevistados, em sua maioria, os esquemas de percepção - herdados da sociedade tradicional haitiana - são mobilizados para apreensão das relações sociais de maneira que leva à formulação de julgamentos com base em lógicas totalmente estranhas às lutas sociais e políticas. Privadas dos meios de produção simbólica do mundo social, as classes populares haitianas formulam fundamentalmente seu julgamento das lutas sociais e políticas com base em seu *ethos de classe*, portanto, valores internalizados dentro de famílias, instituições religiosas e seus locais de trabalho que determinam as experiências de suas relações cotidianas com base em lógicas comunitárias e não conflitante com o mundo social. Esses valores emergiram das necessidades / liberdades, das possibilidades / impossibilidades das condições sociais da vida, das campanhas haitianas, nos bairros populares da periferia das grandes cidades, onde a luta diária pela sobrevivência, contra a pobreza extrema e todas as misérias do mundo, só podem ser conquistadas relativamente com práticas de troca, de doações, resultando em um senso comum totalmente estranho aos campos políticos e econômicos do espaço social global. Esse senso comum com essas lógicas práticas internalizadas por essas populações, portanto, definem seu ser social, ou seja, fundamentalmente inscrito em seus corpos como disposições reunidas a partir dos esquemas de percepções e apreciações do mundo, que os fazem ao mesmo tempo incapaz de apreender, de conceber relações sociais nas lógicas dos campos políticos e econômicos, justamente os campos que as determinaram. Essa incapacidade de apreender o mundo construído pelas classes dominantes (políticas e econômicas) é particularmente visível nas declarações pelas quais alguns entrevistados afirmaram que cabe aos membros da oligarquia ter um

pouco de humanidade e tomar consciência da miséria das classes menos favorecidas, mas não cabe a eles envidar esforços para mudar essa realidade. Na verdade, essas pessoas, por conta de sua visão de mundo, não acreditam que humanos (falando de políticos e membros da oligarquia) podem ser tão individualistas quanto exploradores. Os entrevistados demonstraram não possuir disposições para conflitos sociais, portanto, são preferencialmente inclinados a construir condições de sobrevivência, lutas individuais pela sobrevivência entre si, muitas vezes em uma posição fatalista de renúncia, na medida em que não pensam que a luta serve para um resgate coletivo que não existe nos projetos das classes dominantes.

Incapaz nesse sentido de perceber a distância social que as separa da modernidade capitalista, fundamentalmente individualista, portanto contrário aos seus esquemas comunitários, as classes populares tendem a formular julgamentos éticos e não políticos das lutas sociais. Esses julgamentos éticos os levam a uma recusa de qualquer luta política e qualquer luta contra a oligarquia. Pelo contrário, elas mantêm uma atitude de esperar para ver, em espera perene de uma mudança unilateral no comportamento das classes dominantes que os levaria a reconhecer, além de qualquer luta, sua humanidade, isto é, o direito das classes menos favorecidas de desfrutar, como todos humanos, de uma melhor condição de vida.

Partindo dessa apropriação dóxica do mundo pela qual elas aceitam como óbvio as relações assimétricas entre as classes sociais, as classes populares também foram incapazes de fazer um julgamento político para legitimar os discursos heréticos pelos quais os agentes políticos tentaram questionar a ordem social. Dominadas por essa visão de rejeição de qualquer conflito civil, essas populações se viram totalmente vulneráveis ao *efeito do allodoxia* que produz posições políticas no mundo social. Consequentemente, acabam concedendo inconscientemente um capital político excepcional ao discurso unitário, desmobilizador das posições políticas ortodoxas no campo político. Nesse sentido, podemos dizer que, para a maioria dos entrevistados, nossos resultados confirmaram nossa hipótese de pesquisa na medida em que demonstraram que as classes populares, por causa de seus esquemas comunitários de relações sociais, formularam apenas os julgamentos éticos das lutas políticas e sociais a partir das quais deslegitimaram todos os discursos heréticos que revelariam antagonismos sociais para lutar por uma transformação da ordem social, ou seja, há

deslegitimação dos discursos heréticos, que traduz a impossibilidade de dar vida a uma classe popular efetiva na luta pela defesa de seus interesses particulares contra a oligarquia e transformar a ordem social.

REFERÊNCIAS

ADITAL. Les causes de la chute d'Aristide en 2004. Interview avec Camille Chalmers. 16 novembre 2005. www.rehred-haiti.net/membres/papda/ancien

ALPHONSE, Roberson. "PetroCaribe Challenge", sit-in... et maintenant? **Le Nouvelliste**, 24 août 2018.

AlterPresse. Le Psugo, une menace à l'enseignement en Haïti ? (I). Un processus d'affaiblissement du système éducatif... mercredi 16 juillet 2014. www.alterpresse.org

_____. Le Psugo, une menace à l'enseignement en Haïti ? (III). Un processus d'affaiblissement du système éducatif... lundi 8 septembre 2014. www.alterpresse.org

ANCELOVICI, Marcos. Esquisse d'une théorie de la contestation : Bourdieu et le modèle du processus politique. **Sociologie et sociétés**, v.41, n.2, p.39-61, 2009, Doi:10.7202/039258ar URI: id.erudit.org/iderudit/039258ar

BARTHÉLEMY, Gérard. « Postface », *In*. François Houtart et Anselme Rémy. **Haïti et la mondialisation de la culture. Étude des mentalités et des religions face aux réalités économiques, sociales et politiques**. Paris, L'Harmattan: p.175-204. 2000.

_____. **Le pays en dehors. Essai sur l'univers rural haïtien**. Éditions Henri Deschamps. CIDIHCA. 2ème éditions. Port-au-Prince. Québec. 1989.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. Les classes moyennes : définitions, travaux et controverses. **Éducatifs et sociétés**. v.2, n.14, p.119-134, 2004. <https://www.cairn.info/revue-education-et-societes-2004-2-page-119.htm>

BOURDIEU, Pierre. Condition de classe et position de classe. **European Journal of Sociology**, v.7, p.201-223, 1966, doi:10.1017/S0003975600001417 http://journals.cambridge.org/abstract_S0003975600001417

_____. Genèse et structure du champ religieux. **Revue française de sociologie**, XII: p.295-334, 1971.

_____. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n.2-3, p.88-104, Juin 1976a, doi : 10.3406/arss.1976.3454 http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454

_____. Les modes de domination. *In*: **Actes de la recherche en sciences sociales**. v.2, n.2-3, juin. La production de l'idéologie dominante. pp. 122-132, 1976b. doi : 10.3406/arss.1976.3456 http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3456

_____. Sur le pouvoir symbolique. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, 32e année, n.3. p.405-411, 1977a, doi:10.3406/ahess.1977.293828 http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_039549_1977_num_32_3_29388

_____. Questions de politique. *In*. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v. 16, septembre. Questions de politique. p.55-89, 1977b; http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1977_num_16_1_2568

_____. Une classe objet. In. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v.17-18, La paysannerie, une classe objet. p.2-5, novembre 1977c. https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1977_num_17_1_2572

_____. **Le sens pratique**. Paris : Éditions de Minuit. Le sens commun, 1980a.

_____. Le mort saisit le vif [Les relations entre l'histoire réifiée et l'histoire incorporée]. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.32-33, p.3-14, Avril/juin 1980b. doi : 10.3406/arss.1980.2077 http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_32_1_2077

_____. L'identité et la représentation [Éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région]. In. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v. 35, L'identité. p.63-72, novembre 1980c. doi : <https://doi.org/10.3406/arss.1980.2100> https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1980_num_35_1_2100

_____. Décrire et prescrire [Note sur les conditions de possibilité et les limites de l'efficacité politique]. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.38, mai 1981a, p.69-73 http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1981_num_38_1_2120

_____. La représentation politique [Éléments pour une théorie du champ politique]. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.36-37, février/mars 1981b, p.3-24; http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1981_num_36_1_2105

_____. Vous avez dit "populaire" ? In. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v.46,p.98-105, mars 1983 doi : 10.3406/arss.1983.2179 http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1983_num_46_1_2179

_____. Espace social et genèse des "classes". **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.52-53, p.3-14, Juin 1984, doi : 10.3406/arss.1984.3327 http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1984_num_52_1_3327

_____. et LAMAISSON, Pierre. Nouvelles de... . **Terrain**, v.4. p.93-100, 1985, DOI: 10.4000/terrain.2875 URL: <http://terrain.revues.org/2875>

_____. Habitus, code et codification. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v.64, p.40-44, septembre 1986, doi : 10.3406/arss.1986.2335 http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1986_num_64_1_2335

_____. Reproduction interdite. La dimension symbolique de la domination économique. In. **Études rurales**, n°113114, 1989. Célibats. pp. 15-36; doi : <https://doi.org/10.3406/rural.1989.3231>

https://www.persee.fr/doc/rural_0014-2182_1989_num_113_1_3231

_____. Stratégies de reproduction et modes de domination. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v. 105, p. 3-12, décembre 1994, doi : 10.3406/arss.1994.3118 http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1994_num_105_1_3118

_____. **Razões práticas. Sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Papirus Editora. 9a Edição. São Paulo. [1996] 2008.

_____. La lutte féministe au cœur des combats politiques. De la domination masculine. **Le Monde diplomatique**, p. 24 Août 1998

_____. **Propos sur le champ politique**. Avec une introduction de Philippe Fritsch. France: Presses Universitaires de Lyon, 1999.

_____. **Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédée de trois études d'ethnologie Kabyle**. Paris : Seuil, « Points Essais », 2000.

_____. **Méditations pascaliennes**. Paris : Seuil. « Points Essais », [1997] 2003.

_____. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim ; revisão técnica Paula Montero. - São Paulo : Brasiliense, [1990] 2004.

_____. **A Distinção. Crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern ; Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp. Porto Alegre, RS: Zouk. 1a edição, 2007.

_____. **Questions de sociologie**. Paris: Éditions de Minuit, 2009.

_____. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo , n. 96, p. 105-115, July 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>.

BANQUE DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI (BRH). **Rapport annuel 2000**. Pétiion-Ville, Haïti, juin 2001. <http://www.brh.net>

_____. **Rapport annuel 2003**. Port-au-Prince, Haïti. octobre 2004. <http://www.brh.net>

_____. **Rapport annuel 2008**. Port-au-Prince, Haïti. 2009 <http://www.brh.net>

_____.a. **Rapport annuel 2016**. Port-au-Prince : Haïti, 2019. <http://www.brh.net>

_____.b. **Note mensuelle d'inflation**. Janvier 2019. <http://www.brh.net>

_____.c. **Note mensuelle d'inflation**. Février 2019. <http://www.brh.net>

BRONCKART, Jean-Paul; SCHURMANS, Marie-Noëlle. Pierre Bourdieu - Jean Piaget: habitus, schèmes et construction du psychologique. In. **Le travail sociologique de Pierre Bourdieu. Dettes et critiques**. Paris : La Découverte/Poche. « Sciences humaines et sociales ». p.153-175, 2001.

BUTEAU, Pierre. Le chemin fait. Quel ordre social après le 7 février ? **Trois/Cent/Soixante**. n.1. p.15-19, 2016.

CAMACHO, Daniel. Introducción. In. CAMACHO, Daniel ; MENJIVAR, Rafael (coord). **Los movimientos populares en américa latina**. Mexico : Siglo Veintiuno et Universidad de las Naciones Unidas, p.13-33 [1989] 2005, <https://books.google.com.br/books?isbn=968231528X>

CASIMIR Jean et HECTOR Michel. Le long XIXème siècle haïtien. **Revue de la société haïtienne d'histoire et de géographie**. 78^e année, n.216. Octobre 2003 - Mars 2004.

CASIMIR, Jean. **Haiti et ses élites. L'interminable dialogue des sourds**. Port-au-Prince: Éditions de l'Université d'État d'Haiti. «Haiti-Poche», 2009.

_____. **Une lecture décoloniale de l'histoire des Haïtiens. Du Traité de Ryswick à l'Occupation Américaine (1697-1915)**. Préface de Walter D. Mignolo. Postface de Michel Hector. Les Presses de l'Imprimeur S. A. 2018. CASTOR, Suzy *et al.* Table ronde : Partis politiques et construction démocratique. **RENCONTRE. Revue Haïtienne de Société et de Culture**, n.20-21, septembre 2009, p.7-20

CASTOR, Suzy *et al.* Table ronde : le bilan de la transition. **RENCONTRE. Revue Haïtienne de Société et de Culture**. n.26-27, p.5-24, Septembre 2012.

CELLARD, André. Análise documental. In. POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Trad. Ana Cristina Arantes Nasser. 3. ed. Petrópolis, RJ : Vozes. 2012. p.295-316

CÉLIUS, Carlo Avierl. Le contrat social haïtien. **Pouvoirs dans la Caraïbe**. v.10. URL : <http://plc.revues.org/542> ; DOI : 10.4000/plc.542, p.24-66, 1998

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPALC). **Indicadores sociales básicos de la subregión norte de américa latina y el caribe. Edición del bienio 1998-1999**. LC/MEX/L.387 10 de agosto de 1999. <http://www.eclac.cl/mexico>

_____. **La pauvreté en Haïti : situation, causes et politique de sortie**. Ce document a été élaboré par la consultante Rémy Montas. LC/MEX/R.879 12 Août 2005.

_____. **Indicadores sociales básicos de la subregión norte de américa latina y el caribe. (Edición 2006-2007)**. LC/MEX/L.841/Rev.1, 7 de marzo de 2008. <http://www.eclac.cl/mexico>

_____. **Indicadores sociales básicos de la subregión norte de américa latina y el caribe. (Edición 2008-2009)**. LC/MEX/L.947 10 de diciembre de 2009a. <http://www.eclac.cl/mexico>

_____. **Haiti evolución Económica durante 2008 y perspectivas para 2009**. México, D.F. • Septiembre de 2009b.

_____. **Indicadores sociales básicos de la subregión norte de américa latina y el caribe. (Edición 2012-2013)**. LC/MEX/L.1128. México, D. F. Noviembre de 2013. <http://www.eclac.cl/mexico>

CHARLES, Webert. Dépréciation de la gourde, oui et alors ? Blog: **L'économie haïtienne pour les nuls**. 11 juillet 2015.

CHAUVEL, Louis. Classes et générations. L'insuffisance des hypothèses de la théorie de la fin des classes. **Actuel Marx**, v.2, n.26, p.37-52, 1999. <https://www.cairn.info/revue-actuel-marx-1999-2-page-37.htm>

_____. Le retour des classes sociales. **Revue de l'OFCE**, n.79, v.4, p.315-359, 2001. DOI : 10.3917/reof.079.0315. URL : <https://www.cairn.info/revue-de-l-ofce-2001-4-page-315.htm>

CHAZEL, François. Movimentos sociais. In. **Tratado de sociologia**. Raymond Boudon (dir.). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. p. 283-335, 1996.

CHENET, Jean-Baptiste. **Haïti. Mouvements populaires et partis politiques (1986-1996). La restructuration manquée de l'ordre politique agonisant**. Thèse (Doctorat en Science politique - Ecole doctorale 122. Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine - IHEAL. Université Sorbonne Nouvelle. Paris 3, 2011.

_____. Transition démocratique. **Rencontre**, n.32-33. Septembre 2016.

CHÉRY, Frédéric-Gérald. **Société, économie et politique en Haïti. La crise permanente**. Port-au-Prince: Éditions des Antilles, 2005.

CHOPART, Jean-Noël; CHARBONNEAU, Johanne et RENÉ, Jean-François. Des société sans classes ? **Lien social et Politiques**. n.49, p.5-11, 2003. <https://doi.org/10.7202/007902ar> URI : <https://id.erudit.org/iderudit/007902ar>

COLLOVALD, Annie; SCHWARTZ, Olivier. Haut, bas, fragile: sociologie du populaire. **Vacarme**. v.4 n.37, p.50-55, 2006. <https://www.cairn.info/revue-vacarme-2006-4-page-50.htm>

CONFÉRENCE DES NATIONS UNIES SUR LE COMMERCE ET LE DÉVELOPPEMENT (CNUCED). **Comment s'attaquer à la crise alimentaire mondiale**. n.2, Juin 2008. www.unctad.org

CORCUFF, Philippe. Acteur pluriel contre habitus ? À propos d'un nouveau champ de recherches et de la possibilité du débat en sciences sociales. In. **Politix**. v.12, n.48, p.157-173, 1999. doi : <https://doi.org/10.3406/polix.1999.1812> https://www.persee.fr/doc/polix_0295-2319_1999_num_12_48_1812

CORCUFF, Philippe; MATHIEU, Lilian. Partis et mouvements sociaux: des illusions de "l'actualité" à une mise en perspective sociologique. **Actuel Marx**, v.2, n.46, p.67-80, 2009, DOI 10.3917/amx.046.0404 <https://www.cairn.info/revue-actuel-marx-2009-2-page-67.htm>

CORTEN, André. L'État faible haïtien. Économie et politique. In. HURBON, Laënnec. (dir). **Les transitions démocratiques. Actes du colloque international de Port-au-Prince, Haïti**. Paris: Les Éditions Syros, p.343-369, 1996, <http://classiques.uqac.ca/>

_____. **Misère, religion et politique en Haïti. Diabolisation et mal politique**. Paris, Karthala, 2001

COSTEY, Paul. Pierre Bourdieu, penseur de la pratique. **Tracés. Revue de sciences humaines**. v.7, p.11-25, 2004, URL: <http://traces.revues.org/2773> ; DOI: 10.4000/traces.2773

COUR SUPERIEURE DES COMPTES ET DU CONTENTIEUX ADMINISTRATIF (CSC/CA). **Rapport sur la situation financière de l'État et l'efficacité des dépenses publiques pour l'exercice 2017-2018 (RSFEEDP V)**. Port-au-Prince. 26 mai 2019.

DANDIN, Jean Marvel. Institutionnalisation des rapports entre les partis politiques et leurs élus parlementaires en Haïti. In. IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). **Relations entre partis politiques et parlementaires en Haïti. Perspectives de 18 personnalités politiques**. Hérold Jean-François (dir.). Port-au-Prince, 2015, pp. 41-57.

DARIUS, Danio. Rosny Desroches appelle les acteurs politiques à plus de rationalité. **Le Nouvelliste**, Novembre 2013.

_____. Des "découvertes troublantes" concernant AGRITRANS. **Le Nouvelliste**, Publié le 3 juin 2019.

DÉSIR, Wesner. De la nécessité d'une véritable bourgeoisie en Haïti. **AlterPresse**, dimanche 14 janvier 2018.

DESHOMMES, Fritz. Chapitre III. La sous-traitance peut-elle supporter un salaire minimum de 200 gourdes ? (I). In. **Salaire minimum et sous-traitance en Haïti**. Port-au-Prince, Haïti : Les Éditions de l'Université d'État d'Haïti, 2010, Collection : Pistes, 2010. <http://classiques.uqac.ca/p.54-66>.

_____. Chapitre IV. La sous-traitance peut-elle supporter un salaire minimum de 200 gourdes ? (II). In. **Salaire minimum et sous-traitance en Haïti**. Port-au-Prince, Haïti : Les Éditions de l'Université d'État d'Haïti, 2010, Collection : Pistes, 2010. <http://classiques.uqac.ca/p.67-80>.

DEWERPE, Alain. 1996. La "stratégie" chez Pierre Bourdieu. **Enquête**, 1996, Consulté le 13 octobre 2013, URL : <http://enquete.revues.org/533> ; DOI : 10.4000/enquete.533

DOMINIQUE, Jérôme. **Processus d'action organisée d'un groupe de paysans de Fonds-Jean-Noël, Jacmel, Haïti**. Thèse présentée à la Faculté des études supérieures en vue de l'obtention du grade de doctorat en Sociologie. Faculté des arts et des sciences. Université de Montréal. 2003.

DORSAINVIL, Daniel. **Évaluation du financement public de la politique de protection sociale: Une lecture spéciale du Programme Ede Pèp**. Commission Économique pour l'Amérique Latine et les Caraïbes (CEPALC). LC/MEX/W.11, Mexico, mai 2015.

DORVILIER, Fritz. Par-Delà Créoles Et Bossales: Pour Une Révolution Culturelle En Haïti. In. **Haïti Aujourd'hui, Haïti Demain: Regards Croisés**, by D'Andrea Martinez et al., University of Ottawa Press, 2011, pp.128-143. **JSTOR**, www.jstor.org/stable/j.ctt1ch7815.20

_____. **La crise haïtienne du développement. Essai d'anthropologie dynamique**. Port-au-Prince: Éditions de l'Université d'État d'Haïti, 2012.

_____. Le mouvement social haïtien post-86: logiques et limites sociopolitiques. In. PAUL-AUSTIN Lucie Carmel. (dir). **7 février 1986. Enjeux, problèmes, enseignements**. Pétiön-Ville: C3 Éditions. p.208-230, 2014.

DOURA, Fred. **Mondialisation. Exclusion sociale et marginalisation des pays sous-développés**. Les Éditions CIDIHCA, 1998.

DUBET, François. Que faire des classes sociales ? **Lien social et Politiques**. n.49, p.71-80, 2003. <https://doi.org/10.7202/007906ar> URI : id.erudit.org/iderudit/007906ar

_____. Classes sociales et description de la société. **Revue Française de Socio-Économie**. v.2, n.10, p.259-264, 2012. <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-socio-economie-2012-2-page-259.htm>

DUCHESNE, Sophie. Entretien non-préstructuré, stratégie de recherche et étude des représentations. Peut-on déjà faire l'économie de l'entretien "non-directif" en sociologie? *In. Politix*, v.9, n.35, pp. 189-206; doi: <https://doi.org/10.3406/polix.1996.1964>
https://www.persee.fr/doc/polix_0295-2319_1996_num_9_35_1964

DURKHEIM, Émile. Représentations individuelles et représentations collectives. [L'édition électronique de ce texte a été réalisée à partir du texte publié dans la **Revue de Métaphysique et de Morale**, tome VI, n. de mai 1898.
http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html

DUVAL, Frantz. 18 hauts responsables démis de leurs fonctions, PetroCaribe pousse le président Moïse à faire le ménage au Palais national. **Le Nouvelliste**. Publié le 22 octobre 2018.

FALLON, Gérald; MAZAWI, André Élias. **Le programme de coopération volontaire d'appui à la gouvernance, à l'éducation et au développement économique en Haïti (PCV)**. CECI. Entraide Universitaire mondiale du Canada. SACO-CESO. Fondation Paul Gérin-Lajoie, 2014.

FEDERINI, Fabienne. Prologomènes à une théorie des modes de formation des dispositions politiques. **SociologieS** [En ligne], Théories et recherches, mis en ligne le 15 novembre 2007, consulté le 17 juin 2019. URL : <http://journals.openedition.org/sociologies/1113>

FLECHER, José. 2016. Haïti, une économie de concentration et de centralisation. **Le Nouvelliste**, Lundi 8 et mardi 9 août, p.18-20, 2016.

FRANCE24. Le chanteur Michel Martelly remporte l'élection haïtienne. Dépêche. Actualité Internationale, 5 avril, 2011.

_____. Un "dîner en blanc" dans les ordures pour tourner en dérision l'élite haïtienne. **Les Observateurs**, 13 novembre 2018.

GAUTIER, Claude. La représentation chez Pierre Bourdieu : de la délégation comme décision à la délégation comme dépossession - hypothèses de lecture. **Cités**, v.3 n.51, p. 65-77, 2012, DOI 10.3917/cite.051.0065 <https://www.cairn.info/revue-cites-2012-3-page-65.htm>

GEFFRARD, Francklyn B. Où est l'argent du Fonds national de l'éducation ? **Haïti Liberté**, v.6, n.28, 23, janvier 2013.

GEFFRARD, Robenson. Financement des partis politiques. 58 partis politiques, 146 millions de gourdes de financement public dépensées, aucun rapport remis. **Le Nouvelliste**, 19 décembre 2018.

GERBIER, Bertrand. **Don /contre-don, relations de voisinage dans deux bidonvilles limitrophes de Port-au-Prince : Une étude ethnographique et réflexive menée à citéOkay et citéSiklè (Entre Delmas 19 et 31 et l'avenue Toussaint Louverture), après le séisme du 12 janvier 2010**. Mémoire (Licence en sciences anthropologiques et sociologiques) - Faculté d'ethnologie, Université d'État d'Haïti, 2014.

GERHARDT Tatiana Engel e SILVEIRA Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GILBERT, Randolph. **Haïti: antécédents économiques y sociales**. CEPAL, México, D. F., julio de 2004.

GILLES, Alain. Mouvement populaire et développement politique. In. HECTOR Cary et JADOTTE Hérard (dir). **Haïti et l'après-Duvalier: Continuités et ruptures**. Montréal: CIDHICA. Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps, p.99-117, 1991.

GOIRAND, Camille. Penser les mouvements sociaux d'Amérique latine. Les approches des mobilisations depuis les années 1970. **Revue française de science politique**. v.60, n.3, p.445-466, 2010, <http://www.cairn.info/revue-francaise-de-science-politique-2010-3-page-445.htm>

GOUSSE, Hugues. Ne jouons plus avec le feu. **Le Nouvelliste**, n.39814. Du lundi 3 au jeudi 6 octobre, 2016.

GRIGNON, Claude; COLLOVALD, Annie; PUDAL, Bernard; STAWICKI, Frédéric. Un savant et le populaire. Entretien avec Claude Grignon. In: **Politix**. v. 4, n. 13, Premier trimestre. **Le populaire et le politique - Les usages populaires du politique**. pp. 35-42, 1991, https://www.persee.fr/doc/polix_0295-2319_1991_num_4_13_1435

GRAWITZ, Madeleine. **Méthodes des sciences sociales**. Éditions Dalloz. 11ed. 2001

HECTOR, Michel. Mouvements populaires et sortie de crise (XIXe - XXe siècles). **Pouvoirs dans la Caraïbe**. n.10. p.68-93, 1998, URL: <http://plc.revues.org/557> ; DOI: 10.4000/plc.557

_____. **Crises et mouvements populaires en Haïti**. Port-au-Prince: Presses Nationales d'Haïti. 2^{ème} édition, 2006.

_____. Mouvements sociaux et intégration nationale en Haïti. **Revue de la Société d'Histoire, de Géographie et de Géologie**. p.104-125, 2011.

_____. L'effritement des courants politiques: un autre trajet pour un autre projet. **Le Nouvelliste**, 1 juin, 2016.

HÉRAN, François. La seconde nature de l'habitus. Tradition philosophique et sens commun dans le langage sociologique. In. **Revue française de sociologie**. n.28, v.3. p.385-416, 1987 http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfsoc_0035-2969_1987_num_28_3_2423

HERZLICH, Claudine. Chapitre 9. La représentation sociale. In. MOSCOVICI, Serge. **Introduction à la psychologie sociale. Tome I. Les phénomènes de base**. Paris : Librairie Larousse, 1972, Collection : Sciences humaines et sociales. p.303-323 <http://classiques.uqac.ca/>

HONORAT, Jean-Jacques. Droits de l'homme et transition démocratique. In. HECTOR Cary et JADOTTE Hérard (dir). **Haïti et l'après-Duvalier: Continuités et ruptures**. Montréal: CIDHICA. Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps. p.29-47, 1991.

HURBON, Laënnec. **Culture et dictature en Haïti. L'imaginaire sous contrôle**. Paris: Les Éditions L'Harmattan, 1979, <http://classiques.uqac.ca/>

_____. (dir). **Les transitions démocratiques. Actes du colloque international de Port-au-Prince. Haïti**. Paris: Les Éditions Syros, 1996, <http://classiques.uqac.ca/>

_____. **Pour une sociologie d'Haïti au XXI^e siècle. La démocratie introuvable.** Paris: Les Éditions L'Harmattan. Collection: "Monde caribéen", collection dirigée par Henry Tourneux, 2001, <http://classiques.uqac.ca/>

_____. De la perception des partis politiques. *In*. IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). **Les partis politiques dans la construction de la démocratie en Haïti.** p.113-119, 2014a.

_____. Survol de l'histoire des partis politiques en Haïti. *In*. IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). **Les partis politiques dans la construction de la démocratie en Haïti.** p.36-44, 2014b.

_____. Les partis et l'indifférenciation idéologique. *In*. IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). **Les partis politiques dans la construction de la démocratie en Haïti.** pp. 49-51, 2014c.

HURBON, Laënnec ; GILLES, Alain. Pour comprendre les partis politiques en Haïti. *In*. IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). **Les partis politiques dans la construction de la démocratie en Haïti.** p. 19-35, 2014.

HOUTART, François et RÉMY Anselme. **Haïti et la mondialisation de la culture. Étude des mentalités et des religions face aux réalités économiques, sociales et politiques.** Postface de Gérard Barthélemy. Paris: L'Harmattan, 2000.

IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). 2014. **Les partis politiques dans la construction de la démocratie en Haïti.** MediaCom. Port-au-Prince, Haïti, 2014.

IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). **Relations entre partis politiques et parlementaires en Haïti. Perspectives de 18 personnalités politiques.** Hérold Jean-François (dir.). Port-au-Prince, 2015.

INSTITUT HAÏTIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMATIQUE (IHSI). **L'enquête sur l'emploi et l'économie informelle (EEEI): Premiers résultats de l'enquête emploi.** Phase 1. Juillet 2010.

JEAN, Wilner. #PetroCaribeChallenge des émeutes au mouvement social ? **Le National.** 11 septembre 2018.

JEAN ALEXIS, Placius. La bourgeoisie haïtienne, une bourgeoisie médiocre. **Blog: Forum Haiti: des idées et des débats sur l'avenir d'Haïti.** Mardi 5 février 2008.

JEAN-BAPTISTE, Marckenson. Le secteur textile haïtien est-il victime d'un grand nom? **Le Nouvelliste,** 26 juillet 2017.

JEAN-FRANÇOIS, Hérold. 21 mai 2000 - 29 février 2004, 1350 jours de crise. La démission d'Aristide s'applique à tous les organes issus du 21 mai 2000. **AlterPresse.** Jeudi 25 mars 2004. www.alterpresse.org

_____. Dessalines/Pétion, pour le meilleur. **Le Nouvelliste.** 15 novembre 2013 (Ce texte a été diffusé initialement à l'émission Questions/Réponses sur Radio IBO 98,5 FM Stéréo, le vendredi 15 novembre 2013). JEAN MICHEL, Hervé. Salaire Minimum: une honte au Parlement! **Haïti Liberté.** v.3, n.5, p.4, du 19 au 25 Août 2009.

JÚNIOR, Oriomar Skalinski. Técnicas de entrevista e sua aplicação em pesquisas científicas. *In*. ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar e GONZAGA, Maria Teresa Claro. (Org.). **Metodologia e técnicas de pesquisa na áreas de ciências humanas**. Prefácio Peter Johann Mainka. Maringá : Eduem, 2011, pp. 173-202

JEANTY, Gérard Junior. Fritz Jean: "l'Etat est prisonnier de quelques opérateurs économiques. **Le Nouvelliste**, 2018.

LAHIRE, Bernard. Champ, hors-champ, contrechamp. *In*. **Le travail sociologique de Pierre Bourdieu. Dettes et critiques**. Paris : La Découverte/Poche. «Sciences humaines et sociales». p. 23-57. 2001.

LALIME, Thomas. PSUGO- Corruption: qui sont les vrais coupables? **Le Nouvelliste**, Publié le 2013-05-20.

LAMAUTE-BRISSON, Nathalie. **Protection et promotion sociales en Haïti. La stratégie nationale d'assistance sociale (SNAS/EDE PEP), enjeux stratégiques et institutionnels**. Commission Économique pour l'Amérique Latine et les Caraïbes (CEPALC). LC/MEX/W.12, Mexico, 2015.

LEBARON, Frédéric. L'éternel retour du retour des classes. **Revue Française de Socio-Économie**. v.2, n.10, p.281-287, 2012. <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-socio-economie-2012-2-page-281.htm>

LE LAY, Stéphane. Individuation, individualisation, atomisation. Malentendus de classes. **Mouvements**, n.26, v.2, p.27-32, 2003. <https://doi.org/10.3917/mouv.026.0027>

Le Monde. Haïti: les "émeutes de la faim" gagnent les rues de Port-au-Prince. Publié le 09 avril 2008.

LEMOINE, Maurice. Bourreau ou victime ? Retour sur la chute du président haïtien. **Le Monde diplomatique**. Septembre 2004, pages 16 et 17.

LE MONITEUR. Journal officiel de la république d'Haïti. Loi portant formation, fonctionnement et financement des partis politiques. 169^e Année n.10, Jeudi 16 Janvier 2014.

_____. Budget général de la république, l'exercice 2014-2015. 169^e Année - Spécial n.3. Port-au-Prince, Mercredi 1er Octobre 2014.

_____. Loi de Finances rectificative, l'exercice 2016-2017. 172^e année - Spécial n. 20, Port-au-Prince, lundi 26 juin 2017.

_____. Loi de Finances, l'exercice 2017-2018. Numéro spécial, 172^e année, n. 27. Port-au-Prince, mardi 19 septembre 2017.

_____. Arrêté fixant le salaire minimum à compter du premier octobre 2018. Journal officiel de la République d'Haïti. n.18, 2018.

LENOIR, Rémi. Espace social et classes sociales chez Pierre Bourdieu. **Sociétés & Représentations**. v.1, n.17, p.385-396, 2004, DOI 10.3917/sr.017.0385 <https://www.cairn.info/revue-societes-et-representations-2004-1-page-385.htm>

LESPINASSE, Colette. Quels partis politiques pour Haïti ? In. IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). **Relations entre partis politiques et parlementaires en Haïti. Perspectives de 18 personnalités politiques**. Hérold Jean-François (dir.). Port-au-Prince, 2015. pp. 85-97

Loi de Finances, l'exercice 2018-2019. Télécharger à partir du site du ministère de finances : <http://www.mef.gouv.ht/index.php?page=Budget1819>

LOUIS, Ilionor. **La capacité d'action collective des populations marginalisées dans le cadre des stratégies de lutte pour la reconnaissance. Le cas de Cité de l'Éternel à Port-au-Prince (Haïti) et de la Sierra Santa Catarina à Iztapalapa (Mexico)**. Thèse (Doctorat en sociologie) - Faculté des arts et sciences. Université de Montréal, 2009.

_____. Pourquoi les pauvres ne se soulèvent-ils pas en bloc en Haïti? Première partie. **Le National**, 9 août, 2017a.

_____. Pourquoi les pauvres ne se soulèvent-ils pas en bloc en Haïti? Deuxième partie. **Le National**, 9 août, 2017b.

_____. 6 et 7 juillet 2018: ce n'était qu'un rêve, un cauchemar. **Le National**, 16 juillet 2018.

MANIGAT, Leslie Francois. Au coeur complexe de la société traditionnelle haïtienne. Problématique et destins d'Haïti-Thomas. **Les Cahiers du CHUDAC**. v.2, n.11. Janvier-Septembre. 1998.

_____. **La crise haïtienne contemporaines. (Retrospective et perspective dans la saisie du Point critique d'aujourd'hui)**. Port-au-Prince: «Collection CHUDAC». 2009.

MANIGAT, Sabine. **Les partis politiques en Haïti**. Port-au-Prince. Ham. CRESPIP. 1990.

_____. Haïti: un mouvement social entre dérives et confiscation. **Alternatives Sud**, v.18, p.179-184, 2011.

MANNONI, Pierre. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France. «Que sais-je ?», 1998.

MAUGER, Gérard. 2012. Sur la domination. **Savoir/Agir**. V. 1, n. 19, p. 11-16, 2012, DOI 10.3917/sava.019.0011 <https://www.cairn.info/revue-savoir-agir-2012-1-page-11.htm>

MIDY, Franklin. "Il faut que ça change!" L'imaginaire en liberté. In. HECTOR Cary et JADOTTE Hérard (dir). **Haïti et l'après-Duvalier: Continuités et ruptures**. Montréal: CIDHICA; Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps. p.75-98, 1991a.

MIDY, Franklin. Le mouvement social haïtien pour le changement: les ONG haïtiennes et l'aide canadienne. **Nouvelles pratiques sociales**, v.4. n. 1, p. 65-80, 1991b.

_____. Partis politiques aux élections en Haïti: représentation, légitimité et métier politique. In. IDEA (Institut International pour la Démocratie et l'Assistance Electorale). **Les partis politiques dans la construction de la démocratie en Haïti**. p. 53-80, 2014.

_____. "Transition démocratique" en Haïti! - mais démocratie dans quel état ? **Chemins critiques**. [En ligne], v.6, n° 1, 2017, Mis en ligne le 05 avril 2018, consulté le 14 septembre 2018. URL: <https://www.cheminscritiques.org/374>

MINISTÈRE DE L'AGRICULTURE DES RESSOURCES NATURELLES ET DU DÉVELOPEMENT RURAL (MARNDR). **Synthèse nationale du recensement général de l'agriculture (RGA) 2008-2009**. Unité d'étude et de programmation/composante de statistiques agricoles. Damien, Port-au-Prince, Haïti, (W.I). Octobre, 2012.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE ET DE LA FORMATION PROFESSIONNELLE (MENFP). **Plan Décennal d'Éducation et de Formation (PDEF). Planifier l'éducation, préparer le futur**. Port-au-Prince. Haïti, 2018.

MORIN, Edgar. **Sociologie**. Paris: Fayard. « Points-Essais », 1994.

MÜLLER, Hans-Peter. Action et structure. La praxéologie de Pierre Bourdieu. In. Hans-Peter Müller et Yves Sintomer. **Pierre Bourdieu, théorie et pratique**. La Découverte «Recherches», p.47-62, 2006. <http://www.cairn.info/pierre-bourdieu-theorie-et-pratique---page-47.htm>

NICOLAS, Mireille. Préface de LEHMANN, Gérard. **Haïti 2004. Radiographie d'un coup d'Etat**. Paris : L'Harmattan, 2007.

NICHOLLS, David. Race, couleur et indépendance en Haïti (1804-1825). In. **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, tome 25 N°2, Avril-juin 1978. pp. 177-212; doi: <https://doi.org/10.3406/rhmc.1978.1015> https://www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1978_num_25_2_1015

NORDMANN, Charlotte. **Bourdieu/Rancière. La politique entre sociologie et philosophie**. Paris: Éditions Amsterdam. « Poches », 2006.

OLIVIER, Louis-Joseph. L'OCID analyse les programmes de Jude Célestin, Jean Charles Moïse, Jean Henry Céant et Jovenel Moïse. **Le Nouvelliste**. 2016.

OLIUS, Gary. Haïti-Économie : Dévaluation spectaculaire de la Gourde, ultime confirmation de la décadence de l'être haïtien... ? **AlterPresse**. Mercredi 14 novembre 2018

ORGANISATION DES NATIONS UNIES POUR L'ALIMENTATION ET L'AGRICULTURE (FAO). **Haïti Plan de réponse humanitaire 2019-2020**. Haïti, 2019.

PAUL, Bénédicte, DAMEUS, Alix y GARRACHE, Michel. Le processus de tertiarisation de l'économie haïtienne. **Études caribéennes** [En línea]. 16 | Août 2010, Publicado el 15 agosto 2010, consultado el 04 julio 2018. URL : <http://journals.openedition.org/etudescaribeennes/4757> ; DOI : 10.4000/etudescaribeennes.4757

PAULCÉNA, Francisco. **Le "Mouvement populaire haïtien" des années 1980-1990: pratiques et perspectives analytiques**. Mémoire (Maîtrise en Sociologie) - Université du Québec à Montréal, 2007.

PÉAN, Leslie. Les émeutes de la faim et l'impératif d'une nouvelle approche. **Le Nouvelliste**. Publié le 18 avril 2008.

_____. Haiti-Salaire minimum : Les 200 gourdes et l'État de droit. "La menace de pertes d'emplois (...) relève d'un mauvais chantage". *AlterPresse*. Lundi 22 juin 2009a, www.alterpresse.org

_____. Haïti: Les industries de sous-traitance et le salaire minimum de 200 gourdes. *AlterPresse*. Lundi 29 juin 2009b, www.alterpresse.org

_____. Haïti : Va-t-on étouffer les procès PetroCaribe ou les mener à terme ? (2 de 2). *AlterPresse*, jeudi 27 juin 2019a, www.alterpresse.org

_____. Haïti : Va-t-on étouffer les procès PetroCaribe ou les mener à terme ? (2 de 2). *AlterPresse*, jeudi 27 juin 2019b, www.alterpresse.org

PIERRE, Joseph Harold. Résultats des élections du 25 octobre en Haïti: Le peuple haïtien, acteur ou spectateur? *AlterPresse*, Octobre, 2015, <http://www.alterpresse.org/>

PIERRE-LOUIS, Berthony. Haïti-Politique : Pourquoi Dessalines s'entête-t-il à visiter Pétion ? *AlterPresse*, Novembre 2013.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, n.114, p.179-195, novembro/2001

POESCHL, Gabrielle Anny ; RIBEIRO Raquel e OLIVEIRA, Natércia. Princípios organizadores, habitus e práticas familiares. *Cadernos de pesquisa*. v.48, n.167, p.70-99, jan./mar. 2018. <https://doi.org/10.1590/1980531434280>

RENONCOURT, Erno. Haïti/Mobilisation PetroCaribe 2.0 : Fulgurance virtuelle ou résurgence citoyenne ? *AlterPresse*, vendredi 31 août 2018, www.alterpresse.org

ROTFUS, Michel. 12 décembre 1995 : Discours de Pierre Bourdieu aux cheminots grévistes, Paris. *Médiapart. Le blog de Michel Rotfus*, 28 février 2018

SACAD (Systèmes Agraires Caribéens et Alternatives de Développement) et FAMV (Faculté d'Agronomie et de Médecine Vétérinaire). **Paysans, systèmes et crises. Travaux sur l'agrarie haïtien**. Tome II. Stratégies et logiques sociales. Pointe-à-Pitre, Guadeloupe ; Port-au-Prince, Haïti, 1993.

SAINT-ARMAND, Géraldo. Partis politiques et comportement électoral des masses populaires dans les présidentielles haïtiennes de 1990 à 2011. *Haïti Perspectives*, v.4, n.3, Automne 2015.

_____. L'incapacité du comportement électoral post-86 des masses populaires haïtiennes à garantir une société émancipatrice. *Le National*, 11 juillet 2017.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie ; DOMINGOS DE ALMEIDA, Cristóvão ; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SAVOIE-ZAJC Lorraine. L'entrevue semi-dirigée. In. GAUTHIER, Benoît. (Dir.) **Recherche sociale: de la problématique à la collecte des données**. 5 e éd. Presses de l'Université du Québec. 2009, pp. 337-360.

SCHWARTZ, Olivier. Peut-on parler des classes populaires ? Publié dans *laviedesidees.fr*, le 13 septembre 2011.

SEGUY, Franck. **Globalização neoliberal e lutas populares no Haiti: Crítica à modernidade, sociedade civil e movimentos sociais no estado do crise social haitiano**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Serviço social, 2009a.

_____. Près de cinq millions pour un chien de garde. **Haïti Liberté**. v.3, n.5, p.8 et 16, du 19 au 25 Août 2009b.

SÉNAT Jean Daniel. Mieux vivre en Haïti. Ce qu'on doit savoir sur l'impôt locatif. **Le Nouvelliste**, 24 mars 2017.

SINGH, Raju Jan and BARTON-DOCK, Mary. **Haïti : Des opportunités pour tous. Diagnostic-pays systématique**. Washington, DC : La Banque mondiale. Licence : Creative Commons Attribution CC BY 3.0 IGO. 2016. www.worldbank.org

SMARTH, Luc. **Les organisations populaires en Haïti. Une étude exploratoire de la zone métropolitaine de Port-au-Prince**. Port-au-Prince, Haïti: CRES DIP et Montréal: CIDIHCA, 1998 <http://classiques.ugac.ca/>

SNYDER, Daniel. Outsider Politics in a Troubled Nation: Haiti. **Panoramas Scholarly Platform**. 24 janvier 2017.

SOUKAR, Michel. Economie et Finances d'Haïti en 2004. **Le Nouvelliste**. Publié le 6 janvier 2005.

TARDIEU, Charles. **Le PSUGO et l'obligation de scolarisation universelle. Catastrophe programmée et violation des droits de la nation et de ses enfants**. Port-au-Prince juin 2016. www.berrouet-oriol.com

THÉODAT, Jean-Marie. Haïti : le bon grain et l'ivraie du commerce mondial des produits vivriers. **L'Information géographique**. n.1, v.73, p. 65-81, 2009. <https://www.cairn.info/revue-l-information-geographique-2009-1-page-65.htm>

THERME, Pierre. Haïti 2003-2012: les mouvements de contestation populaire face aux logiques de l'aide. **Cahiers des Amériques latines**. n.75, 2014, Consulté le 30 septembre 2016. URL: <http://cal.revues.org/3175> ; DOI: 10.4000/cal.3175

THOMAS, Frédéric. Haïti, le scandale du siècle [1/3]. Le dossier PetroCaribe. **AlterPresse**. Vendredi 1er mars 2019a. www.alterpresse.org ; <https://www.cetri.be/>

_____. Haïti, le scandale du siècle [2/3] : Corruption et politique néolibérale. **AlterPresse**. Vendredi 1er mars 2019b. www.alterpresse.org ; <https://www.cetri.be/>

_____. Haïti, le scandale du siècle [3/3] : Corruption et politique néolibérale. **AlterPresse**. Jeudi 7 mars 2019c. www.alterpresse.org ; <https://www.cetri.be/>

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Les racines historiques de l'État duvaliérien**. Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps, 1986.

_____. Démocratie et société civile. In. HURBON, Laënnec. (dir). **Les transitions démocratiques. Actes du colloque international de Port-au-Prince, Haïti**. Paris: Les Éditions Syros. p. 272-280, 1996, <http://classiques.ugac.ca/>

ULYSSE, Ricardo. Budget 2017-2018, Jovenel Moïse a calmé l'ardeur des maires. **Le Nouvelliste**. 28 septembre 2017.

VIDAL Dominique. Urbanisation, contraintes de l'espace et défi démocratique au Brésil. **Espace populations sociétés** [Online], 2-3 | 2015, Online since 01 December 2014, connection on 29 June 2019. URL: <http://journals.openedition.org/eps/5760> ; DOI: 10.4000/eps.5760

VLIET, Geert van *et al* (dir). **Une étude exhaustive et stratégique du secteur agricole/rural haïtien et des investissements publics requis pour son développement**. CIRAD (Centre de coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement). Convention CO0075-15 BID/IDB, 2016.

WACQUANT, Loïc. Notas para esclarecer a noção de habitus. **Revista brasileira de sociologia da emoção**. v.6, n.16, Abril de 2007, pp. 6-16.

WACQUANT, Loïc et AKÇAOĞLU, Aksu. Pratique et pouvoir symbolique chez Bourdieu vu de Berkeley. **Revue de l'Institut de Sociologie** [En ligne], 86 | 2016, mis en ligne le 23 juillet 2019, p.35-50 consulté le 24 juillet 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ris/380>

WARGNY, Christophe. Anarchie politique, gel de l'aide internationale. En Haïti, la drogue comme substitut au développement. **Le Monde diplomatique**. Juin 2001, p.20 et 21.

WARGNY, Christophe. Après le départ forcé d'Aristide. Haïti, un Etat à reconstruire. **Le Monde diplomatique**. 4 mars 2004

WORLD BANK GROUP. OBSERVATOIRE NATIONAL DE LA PAUVRETE ET DE L'EXCLUSION SOCIALE (ONPES). MINISTERE DE LA PLANIFICATION ET DE LA COOPERATION EXTERNE (MPCE). **Haïti. Investir dans l'humain pour combattre la pauvreté. Éléments de réflexions pour la prise de décision informée**. Washington. 2014. www.worldbank.org

World Bank Group. **Pauvreté et exclusion sociale en Haïti. Gains sociaux à petits pas**. ECVMAS 2012 et ECVH 2001. 1818 H Street, N.W. Washington, DC 20433, 2014.

ZIDOR, Kendi. Le déclin du coumbitisme ou l'âme haïtienne en péril. **Le National**. Juillet 2017.

APÊNDICE

Apêndice I : Guia de Entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

Instrumento de pesquisa - Guia de Entrevista – Para entrevistar diferentes categorias de classes trabalhadoras haitianas (desempregados, pequenos artesãos, pequenos comerciantes, pequenos agricultores e membros de algumas organizações populares).

Tema de pesquisa : Esquemas de visão das classes populares e do movimento popular.

Sujeito: Esquemas de percepção das relações sociais pelas classes populares e a ordem social no Haiti de 1986 - 2018. Uma explicação da inexistência de "um Movimento Popular" no campo político haitiano.

1) O formulário que acompanha o guia de entrevista inclui questões gerais de identificação (idade, sexo, ocupação, lugar de nascimento, lugar de residência, etc.).

2) O roteiro de entrevista reúne perguntas destinadas à compreensão dos esquemas de percepção das classes populares no Haiti e apreensão das relações sociais, lutas sociais e políticas.

Descrição:

Trata-se de um projeto de pesquisa elaborado por Louis-Jacksonne Lucien, aluno do programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Mato Grosso.

Temas da entrevista :

0. Questões de identificação
1. Leitura da realidade social global e trajetória social do entrevistado.
2. Leitura das relações sociais: leitura das lutas políticas e sociais.
3. Perspectivas de solução: caminhos de solução dos entrevistados e os discursos na linguagem popular.

Parte I –

I.I. Leitura da realidade social global e trajetória social do entrevistado.

- | |
|--|
| - Como você vê a situação atual do Haiti ? |
|--|

- Na sua opinião, qual é o maior problema do país? O que e quem determina a situação atual?

I.II.

- Você pode me contar um pouco sobre você, sobre suas experiências? (Você é de uma cidade do interior ou da capital "Porto Príncipe"?)
- Você pode me falar sobre sua educação familiar? (Os princípios de seus pais e a maneira como você vive com seus amigos e vizinhos).

Parte II –

II. Leitura das relações sociais: leitura das lutas políticas e sociais..

- O que você acha dos políticos haitianos? O que determina, na sua opinião, o comportamento dos políticos haitianos?
- O que você acha das lutas entre os políticos? (Lutando entre governos e oposições?)
- O que deve mudar no comportamento dos políticos? (Como eles devem agir entre eles?)
- O que você acha dos "burgueses" (haitianos, grandes comerciantes) ?
- Por que você acha que os "burgueses" (ricos e grandes comerciantes) haitianos se comportam como eles?
- Como eles devem agir (para o resto da sociedade) em sua opinião?

Parte III.

III. Perspectivas de solução: caminhos de solução dos entrevistados e os discursos na linguagem popular.

- O que deve ser feito para que o Haiti possa sair da situação atual?

- O que você acha dos discursos : nèg anba yo (pessoas de baixo)/nèg anwo yo (pessoas de cima) ; Pitit Dessalines yo (os filhos de Dessalines)/Pitit Pétion yo (os filhos de Pétion) ?
- Eles dizem que as pessoas de baixo (os pobres, os filhos de Dessalines) devem se unir para lutar contra os que estão acima (os "burgueses", os filhos de Petion) para mudar o país.
- O que você acha? (O que você acha que deveria ser feito ou não?)
- Outras pessoas dizem que é o conjunto de todos os haitianos que devem se unir para retirar o Haiti dessa situação. O que você acha? (Por que você acha que deveria ser feito ou não?)

